



**Associação Brasileira de História Oral
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
XIII Encontro Nacional de História Oral**

**História Oral,
Práticas Educacionais
e Interdisciplinaridade**

Caderno de Resumos





Associação Brasileira de História Oral
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
XIII Encontro Nacional de História Oral

**História Oral,
Práticas Educacionais
e Interdisciplinaridade**

Caderno de Resumos

01 a 04 de maio de 2016
UFRGS – Porto Alegre – Rio Grande do Sul

ISSN 2316-5219



2016

© Associação Brasileira de História Oral – ABHO
Fundação Getúlio Vargas – CPDOC
Praia de Botafogo, 190 – 14º andar
22253-900 Rio de Janeiro/RJ

Organização e revisão: Arthur Luiz Grechi de Carlos
Carla Simone Rodeghero

Capa: Marlise Frotscher Milbratz

Imagem da capa: Soft pressure, Kandinsky

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Gráfica da UFRGS

Associação Brasileira de História Oral – ABHO
Fundação Getúlio Vargas – CPDOC
Praia de Botafogo, 190 – 14º andar
22253-900 Rio de Janeiro/RJ

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
Caixa Postal 1081
93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / 3568.7965
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

| | |
|-----|---|
| E56 | Encontro Nacional de História Oral (13. : 2016: Porto Alegre, RS) História oral, práticas educacionais e interdisciplinaridade: caderno de resumos. Porto Alegre, 01 a 04 de maio de 2016 / Organizadores Arthur Luiz Grechi de Carlos e Carla Simone Rodeghero. – São Leopoldo: Oikos – 2016. 240 p. ISSN 2316-5219 1. História oral. 2. Educação – Interdisciplinaridade. 4. Prática educacional. 4. História oral – Memória. I. Título. II. Carlos, Arthur Luiz Grechi de. III. Rodeghero, Carla Simone. IV. Associação Brasileira de História Oral. CDU 930.1(048.3) |
|-----|---|

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Associação Brasileira de História Oral – ABHO – Gestão 2014-216

Presidente: Carla Simone Rodeghero (UFRGS)

Vice-Presidente: Méri Frotscher (UNIOESTE)

Tesoureiro: Pablo Porfirio (UFPE)

Secretaria Geral: Lucia Grinberg (UNIRIO)

2ª Secretária: Temis Parente (UFT)

Diretorias Regionais

Diretoria Regional Norte: Julio Cláudio da Silva (UEA)

Diretoria Regional Nordeste: Sara Oliveira Farias (UNEB)

Diretoria Regional Centro-Oeste: Eloísa Pereira Barroso (UnB)

Diretoria Regional Sudeste: Juniele Rabêlo de Almeida (UFF)

Diretoria Regional Sul: Fernando César Sossai (Univille)

Conselho Fiscal

Cléria Botelho da Costa (UnB)

Marcos Montysuma (UFSC)

Mauro Passos (UFMG)

Conselho Científico

Airton dos Reis Pereira (UEPA)

Ana Maria Mauad (UFF)

Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)

Ângela Maria de Castro Gomes (UNIRIO)

Antonio Torres Montenegro (UFPE)

César Karpinski (UNILA)

Maria Elena Bernardes (Unicamp)

Marcia Ramos de Oliveira (UDESC)

Teresa Almeida Cruz (UFAC)

Vitale Joanoni Neto (UFMT)

Comitê Científico do Evento

Ângela de Castro Gomes (Unirio)

Antônio Torres Montenegro (UFPE)

Benito B. Schmidt (UFRGS)

Carla Simone Rodeghero (UFRGS)

Cléria Botelho (UnB)

Cornélia Eckert (UFRGS)

Eurípedes Funes (UFC)

Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)

Joana Maria Pedro (UFSC)

Lúcia Grinberg (Unirio)

Lucília Neves Delgado (UnB)

Maria Celina D'Araújo (PUCRio)

Maria Helena Câmara Bastos (PUCRS)
Maria Teresa Santos Cunha (UDESC)
Méiri Frostcher Kramer (Unioeste)
Olga Von Simson (Unicamp)
Pablo Porfírio (UFPE)
Roseli Boschilia (UFPR)
Temis Parente (UFTO)
Zeila de Brito Fabri Demartini (Universidade Metodista de São Paulo)

Comissão Organizadora do Evento

Ângela Flach (IFRS)
Arthuro Grechi de Carlos (UFRGS)
Benito B. Schmidt (UFRGS)
Carla Simone Rodeghero (UFRGS)
Caroline Silveira Bauer (UFRGS)
Cláudia Musa Fay (PUCRS)
Claudira do Socorro Cirino Cardoso (UFSM)
Everton Quevedo (MUHM)
Dóris Bittencourt Almeida (UFRGS)
Gerson Fraga (UFFS)
Leandro Pereira Gonçalves (PUCRS)
Lorena Gil (UFPEl)
Lucina Graziottin Sgarbi (Unisinos)
Lúcia Grinberg (Unirio)
Méiri Frostcher Kramer (Unioeste)
Marluza Marques Harres (Unisinos)
Marisângela Teresinha Antunes Martins (UFRGS)
Nádia Maria Weber Santos (Unilassalle)
Pablo Porfírio (UFPE)
Regina Weber (UFRGS)
Roberta da Silva Moraes (UFRGS)
Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)
Têmis Gomes Parente (UFTO)
Vera Lúcia Maciel Barroso (CHCSC)

Realização: Associação Brasileira de História Oral – ABHO; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Programa de Pós Graduação em História – PPGH UFRGS

Financiamento: CNPq, Capes (Ministério da Educação) – Governo Federal

Apoio: Centro Histórico Cultural da Santa Casa, Instituto Federal Rio Grande do Sul, Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, Memorial da Justiça do Trabalho – 4ª Região, Pró Reitorias de Extensão e de Pesquisa da UFRGS

Sumário

| | |
|--|----|
| Apresentação | 9 |
| Programação | 10 |
| Locais das Atividades | 10 |
| Conferências | 14 |
| Mesas Redondas | 14 |
| Apresentações Artísticas | 15 |
| Fórum de Coletivos de História Oral | 16 |
| Oficinas | 16 |
| Mostra de Documentários | 19 |
| Programação das Comunicações | 23 |
| 01 – A História das Cidades no Brasil Republicano | 23 |
| 02 – Cidade: histórias, memórias e história oral: limites e possibilidades | 24 |
| 03 – Diálogos entre a História Ambiental e a História Oral: cultura e memória | 26 |
| 04 – História Oral, Justiça do trabalho, lutas e direitos dos trabalhadores | 27 |
| 05 – Fontes orais, memória e cultura na Amazônia do século XX: usos da oralidade como recurso na produção de conhecimento | 28 |
| 06 – História Oral & Etnografia: Indigenismo e outras zonas de contato | 29 |
| 07 – História Oral e Culturas Visuais | 31 |
| 08 – História Oral e Educação Matemática | 32 |
| 09 – História oral e ensino | 34 |
| 10 – História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade | 36 |
| 12 – História Oral e processos de escolarização | 37 |
| 13 – História oral, práticas corporais e esportivas | 39 |
| 14 – História Pública, Ética, Política e Oralidades: um debate necessário | 41 |
| 15 – História Oral: entre memórias e patrimônios | 42 |
| 17 – Juventudes e formação profissional: usos da história oral na perspectiva interdisciplinar | 44 |
| 18 – Memória, Ditadura Civil-Militar e Direitos Humanos | 46 |
| 19 – Memórias, Identidades e Lutas Sociais | 47 |
| 20 – Migrações, Exílios e Diásporas em Narrativas Oraís | 48 |
| 24 – Povos, Comunidades Tradicionais e Grupos Populares: oralidades, memórias e imagens | 50 |
| 25 – Práticas de História Oral: narrativas de memória e a pesquisa em História da Educação | 52 |
| 26 – Na luta por direitos: memória e história de trabalhadores, movimentos e organizações sociais | 54 |

| | |
|--|-----|
| 27 – Trajetórias “invisíveis”: experiências de mulheres nas migrações transnacionais | 55 |
| 28 – Narrativas biográficas e esporte olímpico | 56 |
| 29 – História oral e os estudos sobre memória, heranças sociais e usos do patrimônio cultural em contextos latino-americanos | 58 |
| 30 – Memórias de imigrantes e de seus descendentes | 59 |
| | |
| Resumos dos Trabalhos dos Simpósios Temáticos | 61 |
| 01 – A História das Cidades no Brasil Republicano | 61 |
| 02 – Cidade: histórias, memórias e história oral: limites e possibilidades | 66 |
| 03 – Diálogos entre a História Ambiental e a História Oral: cultura e memória | 74 |
| 04 – História Oral, Justiça do trabalho, lutas e direitos dos trabalhadores | 79 |
| 05 – Fontes orais, memória e cultura na Amazônia do século XX: usos da oralidade como recurso na produção de conhecimento | 84 |
| 06 – História Oral & Etnografia: Indigenismo e outras zonas de contato | 89 |
| 07 – História Oral e Culturas Visuais | 95 |
| 08 – História Oral e Educação Matemática | 100 |
| 09 – História oral e ensino | 110 |
| 10 – História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade | 118 |
| 12 – História Oral e processos de escolarização | 124 |
| 13 – História oral, práticas corporais e esportivas | 132 |
| 14 – História Pública, Ética, Política e Oralidades: um debate necessário | 140 |
| 15 – História Oral: entre memórias e patrimônios | 146 |
| 17 – Juventudes e formação profissional: usos da história oral na perspectiva interdisciplinar | 156 |
| 18 – Memória, Ditadura Civil-Militar e Direitos Humanos | 163 |
| 19 – Memórias, Identidades e Lutas Sociais | 168 |
| 20 – Migrações, Exílios e Diásporas em Narrativas Orais | 174 |
| 24 – Povos, Comunidades Tradicionais e Grupos Populares: oralidades, memórias e imagens | 179 |
| 25 – Práticas de História Oral: narrativas de memória e a pesquisa em História da Educação | 189 |
| 26 – Na luta por direitos: memória e história de trabalhadores, movimentos e organizações sociais | 198 |
| 27 – Trajetórias “invisíveis”: experiências de mulheres nas migrações transnacionais | 206 |
| 28 – Narrativas biográficas e esporte olímpico | 210 |
| 29 – História oral e os estudos sobre memória, heranças sociais e usos do patrimônio cultural em contextos latino-americanos | 215 |
| 30 – Memórias de imigrantes e de seus descendentes | 219 |
| | |
| Índice Onomástico | 229 |

Apresentação

O *XIII Encontro Nacional de História Oral: Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade* dá continuidade à prática de encontros bianuais promovidos pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO), entidade criada em 1994. O evento, que foi organizado em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através do seu Programa de Pós Graduação em História, reunirá em torno de oitocentos participantes provenientes de diferentes disciplinas nas quais se pratica a História Oral, vinculados a instituições de todo o Brasil e de alguns países da América Latina e que atuam em campos variados (escolas, centros de memória, academia, museus e arquivos etc).

Sobre a programação, é relevante destacar que cerca de 600 participantes se inscreveram para a apresentação de trabalhos ou de pôsteres de Iniciação Científica nos Simpósios Temáticos. Mais de dez por cento desses apresentadores são professores do Ensino Fundamental e Médio. Ao mesmo tempo em que se consolida uma das atividades centrais nos eventos da ABHO, amplia-se o espaço de diálogo com profissionais que atuam fora da academia. Em relação às Mesas Redondas e às Oficinas, atente-se para a pluralidade de instituições de origem dos pesquisadores convidados, bem como para o leque de disciplinas contempladas. Esse último aspecto é indicativo dos esforços da Comissão Organizadora e da Diretoria da ABHO no sentido de reforçar o caráter interdisciplinar da metodologia e da Associação. Vale, ainda, lembrar que entre as novidades do evento, estão o Fórum de Coletivos de História Oral e a Aula Pública, iniciativas que visam alargar o campo de atuação dos praticantes de História Oral e da Associação, bem como dialogar com os dilemas que marcam o tempo presente.

Gostaria de destacar e agradecer o inestimável apoio recebido de diferentes instituições (Centro Histórico Cultural da Santa Casa, Instituto Federal Rio Grande do Sul, Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, Memorial da Justiça do Trabalho – 4ª Região), da UFRGS, através das Pró Reitorias de Pesquisa e de Extensão bem como do Governo Federal, por meio de recursos da Capes e do CNPq.

Desejamos que todos e todas tenham experiências e vivências significativas durante o evento e que ele seja fecundo nos encontros que proporcionar e nos projetos que impulsionar.

Profa. Dra. Carla Simone Rodeghero

Presidente da Associação Brasileira de História Oral (2014-2016)
Professora Associada do Departamento e PPG em História da UFRGS

Programação

| 01.05 – Domingo | 02.05 – Segunda-feira | 03.05 – Terça-feira | 04.05 – Quarta-feira |
|--|--|--------------------------------------|---|
| 10:00 – 17:00 Credenciamento | 8:45 – 9:15 Mostra de Documentários III | 09:00 – 12:00 Oficinas | 08:45 – 9:15 Mostra de Documentários IV |
| | 09:15 – 12:00 Mesa Redonda I Mesa Redonda II | | 09:15 – 12:00 Mesa Redonda III Mesa Redonda IV |
| 14:00 – 17:00 Mostra de Documentários I e II | 14:00 – 18:00 Simpósios Temáticos | 14:00 – 18:00 Simpósios Temáticos | 14:00 – 16:30 Simpósios Temáticos |
| 15:00 – 17:00 Fórum de Coletivos de História Oral | | | 17:00 Conferência de Encerramento e Apresentação Artística |
| 17:00 – 18:30 Lançamento de livros | | | |
| 18:30 Solenidade de Abertura e Apresentação Artística | 19:00 Aula Pública e Apresentação Artística | 18:30 Assembleia da ABHO | |
| 19:30 Conferência de Abertura | | | |

Locais das Atividades

Centro Histórico Cultural da Santa Casa – Av. Independência, 75, Bairro Independência.

Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul – Av. Independência, 270, Bairro Independência.

IFRS – Campus Porto Alegre – Rua Cel. Vicente, 281, Bairro Centro Histórico.

Salão de Atos da Reitoria da UFRGS – Av. Paulo Gama, 110 – Campus Central UFRGS, Bairro Farroupilha.

O **credenciamento** iniciará no dia 01, no foyer do Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa. A partir do dia 02, ele poderá ser feito, também, no saguão do IFRS – Campus Porto Alegre.

A **Mostra de Documentários** terá sessões no Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa e no Auditório da Torre Sul – IFRS – Campus de Porto Alegre.

O **Lançamento de Livros** será no Centro Histórico Cultural da Santa Casa.

O **Fórum dos Coletivos de História Oral** será realizado no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

Os **Simpósios Temáticos**, as **Oficinas** e a **Assembleia Geral** da ABHO acontecerão no IFRS – Campus Porto Alegre.

A **Aula Pública** será realizada no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS.

Os locais das **Conferências** e **Mesas Redondas** estão discriminados abaixo.

| Salas dos Simpósios Temáticos IFRS – Campus Porto Alegre | 02.05 Segunda-feira 14 horas | 03.05 Terça-feira 14 horas | 04.05 Quarta-feira 14 horas |
|---|---|---|--|
| 01 - A História das Cidades no Brasil Republicano - <i>Profa. Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles e Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto</i> | 13 | 13 | |
| 02 - Cidade: histórias, memórias e história oral: limites e possibilidades - <i>Prof. Dr. José Jorge Andrade Damasceno</i> | 14 | 14 | 14 |
| 03 - Diálogos entre a História Ambiental e a História Oral: cultura e memória - <i>Prof. Dr. Eudes Fernando Leite e Profa. Dra. Ilyane do Rocio Kmitta</i> | | 1012 | 331 |
| 04 - História Oral, Justiça do trabalho, lutas e direitos dos trabalhadores - <i>Profa. Dra. Angela Maria de Castro Gomes, Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt, Prof. Dr. Márcio Ananias Ferreira Vilela e Prof. Dr. Pablo Francisco de Andrade Porfirio</i> | 207 | | 207 |
| 05 - Fontes orais, memória e cultura na Amazônia do século XX: usos da oralidade como recurso na produção de conhecimento - <i>Prof. Dr. Julio Claudio da Silva</i> | 101 | | 101 |
| 06 - História Oral & Etnografia: Indigenismo e outras zonas de contato - <i>Prof. Dr. Jeronimo da Silva e Silva, Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco, Profa. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy e Prof. Dr. Walmir da Silva Pereira</i> | 102 | 102 | 102 |
| 07 - História Oral e Culturas Visuais - <i>Profa. Dra. Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus e Profa. Dra. Ana Carolina de Moura Delfim Maciel</i> | | 106 | 106 |
| 08 - História Oral e Educação Matemática - <i>Prof. Dr. Diogo Franco Rios e Profa. Dra. Ivete Maria Baraldi</i> | 107 | 107 | 107 e 108 |

| | | | |
|---|------|---------------------|------|
| 09 - História oral e ensino - <i>Profa. Dra. Marieta de Moraes Ferreira e Profa. Dra. Verena Alberti</i> | 202 | 202 | |
| 10 - História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade - <i>Prof. Dr. Ricardo Santhiago e Profa. Dra. Míriam Hermeto</i> | 201 | 201 | |
| 12 - História Oral e processos de escolarização - <i>Prof. Dr. José Edimar de Souza e Profa. Dra. Caroline Machado Cortelini Conceição</i> | 203 | 203 | |
| 13 - História oral, práticas corporais e esportivas - <i>Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner</i> | 204 | 204 | 204 |
| 14 - História pública, ética, política e oralidade: um debate necessário - <i>Prof. Dr. Luiz Henrique dos Santos Blume, Prof. Dr. Leno José Barata Souza, Profa. Dra. Juniele Rabêlo de Almeida e Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai</i> | 211 | 211 | |
| 15 - História Oral: entre memórias e patrimônios - <i>Prof. Dr. Elison Antonio Paim e Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães</i> | 1014 | 1014 | 1014 |
| 17 - Juventudes e formação profissional: usos da história oral na perspectiva interdisciplinar - <i>Profa. Dra. Marlene Almeida de Ataíde e Prof. Dr. Jayson Azevedo Marsella de Almeida Pedrosa Vaz Guimarães</i> | 1015 | 1015 | 1015 |
| 18 - Memória, Ditadura Civil-Militar e Direitos Humanos - <i>Profa. Dra. Cleria Botelho da Costa e Profa. Dra. Maria Helenice Barroso</i> | 1017 | 1017 | 1017 |
| 19 - Memórias, Identidades e Lutas Sociais - <i>Profa. Dra. Alejandra Luisa Magalhães Estevez e Prof. Dr. Marco Aurelio Santana</i> | 329 | 329 | 329 |
| 20 - Migrações, Exílios e Diásporas em Narrativas Oraís - <i>Profa. Dra. Méri Frotscher e Profa. Dra. Roseli Boschilia</i> | 330 | 330 | |
| 24 - Povos, Comunidades Tradicionais e Grupos Populares: oralidades, memórias e imagens - <i>Prof. Dr. Carmo Thum e Prof. Dr. José Walter Nunes</i> | 333 | 333 | 333 |
| 25 - Práticas de História Oral: narrativas de memória e a pesquisa em História da Educação - <i>Profa. Dra. Doris Bittenocurt Almeida e Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior</i> | 206 | 207 | 206 |
| 26 - Na luta por direitos: memória e história de trabalhadores, movimentos e organizações sociais - <i>Prof. Dr. Samuel Carvalheira de Maupeou, Prof. Dr. Rodrigo de Azevedo Weimer e Profa. Dra. Marluza Marques Harres</i> | 208 | Auditório Térreo | 332 |

| | | | |
|---|------|-----|-----|
| 27 - Trajetórias “invisíveis”: experiências de mulheres nas migrações transnacionais - <i>Profa. Dra. Syrléa Marques Pereira e Profa. Dra. Maria Cristina Dadalto</i> | | 101 | 100 |
| 28 - Narrativas biográficas e esporte olímpico - <i>Profa. Dra. Kátia Rubio e Profa. Luciana Ferreira Angelo</i> | 106 | 212 | |
| 29 - História oral e os estudos sobre memória, heranças sociais e usos do patrimônio cultural em contextos latino-americanos - <i>Profa. Dra. Ilanil Coelho e Profa. Maria Laura Gili</i> | 1012 | | 203 |
| 30- Memórias de imigrantes e de seus descendentes - <i>Profa. Dra. Cláudia Musa Fay e Prof. Antonio de Ruggiero</i> | 212 | 108 | 201 |

| Salas das Oficinas – 03.05 – Terça-feira - 9 às 12 horas | |
|---|------------------|
| 01 - História Oral e Fronteiras - Prof. Dr. Eudes Fernando Leite | 100 |
| 02 - Oralidade e afroindigenismo - Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco | 13 |
| 03 - História Oral e Etnicidades – Profa. Dra. Regina Weber e Prof. Mestre Francisco Marcos Nogueira | 14 |
| 04 - História Oral: narrativas de memória, acervos e pesquisa em História da Educação - Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida | 101 |
| 05 - História oral e história comunitária - Prof. Dr. João Carlos Tedesco e Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini | 1014 |
| 06 - Imigração e História Oral: passos de uma pesquisa - Profa. Dra. Alice Beatriz S. G. Lang | 106 |
| 07 - História Oral e experiências de pesquisa em História Social do Trabalho - Profa. Dra. Ângela de Castro Gomes | 107 |
| 08 - História e Memória da ditadura civil-militar no Brasil – Profa. Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto e Prof. Dr. Antônio Torres Montenegro | 202 |
| 09 - História Oral, Museus e Educação Patrimonial - Profa. Dra. Aúrea da Paz Pinheiro | Auditório Têrreo |
| 10 - Gênero e História Oral - Profa. Dra. Joana Maria Pedro e Profa. Dra. Temis Gomes Parente | 201 |
| 11 - Acervos de História Oral na atualidade: desafios e perspectivas – Profa. Mestre Vanessa Matheus Cavalcante | 203 |

Conferências

01.05.16 – 19 horas e 30 minutos – Conferência de Abertura – Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

Back to the Future: The Political Power of Oral History Education – Profa. Dra. Kristina R. Llewellyn – Waterloo University, Canadá

Mediador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt – UFRGS

02.05.16 – 19 horas – Aula Pública – Salão de Atos da UFRGS

História Oral e temas “sensíveis” em sala de aula – Profa. Dra. Verena Alberti – CPDOC e UERJ

Mediador: Prof. Dr. Pablo Porfírio – UFPE

04.04.15 – 17 horas – Conferência de Encerramento – Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

A História Oral e os desafios da educação e da interdisciplinaridade – Profa. Dra. Carla Simone Rodeghero – UFRGS

Mediadora: Profa. Dra. Lúcia Grinberg – Unirio

Mesas Redondas

02.05.16 – 9:15 às 12 horas

MR I – História Oral e Práticas Educacionais – O Universo Escolar

Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

História da Educação: possibilidades de pesquisa em acervos de memória oral – Profa. Dra. Luciane Sgarbi Grazziotin (Educação) – Unisinos

Ensino de História e História Oral – Profa. Dra. Marieta de Moares Ferreira (História) – Profi História – UFRJ

História Oral e ensino de história: experiências e debates – Profa. Dra. Isabel Guillen (História) – UFPE

Mediadora: Profa. Dra. Sara Farias (História) – UNEB

02.05.16 – 9:15 às 12 horas

MR II – História Oral e Novas Linguagens

Auditório da Torre Sul – IFRS – Campus Porto Alegre

Memórias em movimento, usos e funções das imagens em História Oral – Profa. Dra. Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus (História) – UFF

La Historia Oral y la comunicación multimidiática – Prof. Dr. Juan Andrés Bresciano (História) Univesidad de La Republica – Montevideu

Etnomusicologia dialógica, os registros audiovisuais e as implicações éticas no uso das novas tecnologias – Profa. Dra. Luciana Prass (Etnomusicologia) – UFRGS

Mediadora: Profa. Dra. Eloísa Pereira Barroso – (Sociologia) – UnB

04.05.16 – 9:15 às 12 horas

MR III – História Oral e Práticas Educacionais – A Educação Não Formal

Auditório da Torre Sul – IFRS – Campus Porto Alegre

Memória, cultura e educação não formal: experiências de pesquisa – Profa. Dra. Olga Von Simson (Antropologia) – Unicamp

A coisa e a voz ou do amor no museu histórico. A construção de uma exposição sobre o amor a partir do depoimento dos doadores de objetos – Profa. Dra. Kênia Souza Rios (História) – UFC

Paixão, vingança, poesia e morte em performances de crianças narradoras – Profa. Dra. Luciana Hartmann (Artes Cênicas) – UnB

Mediador: Prof. Dr. Júlio Cláudio da Silva (História) – UEA

04.05.16 – 9:15 às 12 horas

MR IV – História Oral e Interdisciplinaridade

Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

Polissemia de um bordado: depoimentos de trabalhadores – Profa. Dra. Lucília Neves Delgado (História) – UnB

História Oral, Educação e Matemática: aproximações, apropriações, pesquisa – Prof. Dr. Antônio Vicente Garnica (Educação Matemática) – Unesp

Garimpendo memórias: esporte, lazer e Educação Física – Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner (Educação Física) – UFRGS

Mediadora: Profa. Dra. Juniele Rabêlo de Almeida (História) – UFF

Apresentações Artísticas

01.05 – Domingo

19:00 – *Histórias de um canto do mundo chamado Sul* – Déborah Finocchiaro – Local: Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

02.05 – Segunda-feira

13:15 – *Histórias ameríndias e africanas* – Grupo Quem conta um conto – contadores de histórias – Instituto de Letras da UFRGS – Local: Hall de entrada IFRS – Campus Porto Alegre

20:30 – Orquestra Villa Lobos e Raul Ellwanger – Local: Salão de Atos da Reitoria da UFRGS

03.05 – Terça-feira

13:15 – Projeto Prelúdio – Local: Hall de entrada IFRS – Campus Porto Alegre

04.05 – Quarta-feira

13:15 – Grupo de Danças Tradicionais Tchê – ESEFID – UFRGS – Local: Hall de entrada IFRS – Campus Porto Alegre

18:30 – Trio Três Marias – Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

Fórum de Coletivos de História Oral

Coordenadores: Profa. Dra. Méri Frotscher (Unioeste), Profa. Dra. Cláudia Musa Fay (PUCRS) e Prof. Dr. Antônio De Ruggiero (PUCRS)

O Fórum de Coletivos de História Oral visa reunir coordenadores de laboratórios/núcleos de História Oral, centros de documentação e arquivos responsáveis por projetos de História Oral, guarda e preservação de fontes orais, sócios ou não da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Seu objetivo é constituir um espaço de interlocução entre os coletivos para a troca de experiências, o levantamento de problemas comuns e de propostas de encaminhamento para os mesmos, a divulgação dos trabalhos desenvolvidos por esses coletivos. Ao mesmo tempo, o Fórum pretende agregar um número maior de coletivos às atividades da ABHO. Ele acontecerá no dia 01 de maio de 2016, das 15 às 17 horas, no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

Oficinas

01 – História Oral e Fronteiras

Coordenador(a): Prof. Dr. Eudes Fernando Leite – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Resumo: Definição de História Oral. Teoria e procedimentos metodológicos relacionados ao uso da história oral. Projeto de Pesquisa com Fontes Oraís. Técnicas: a produção da fonte oral. Fonte oral e registro sonoro. História oral e memória. História oral e narrativa. História oral e oralidades. Fronteiras do discurso: o oral e o escrito. Fronteiras e fronteiricos. Narrativas de fronteira.

02 – Oralidade e afroindigenismo

Coordenador(a): Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco – Universidade Federal do Pará – UFPA

Resumo: A oralidade constituiu-se desde os tempos mais antigos num poderoso e atualizado campo de transmissão de saberes e herança patrimonial das sociedades humanas, com destaque para populações formadas nas bordas do letramento ocidental. Na Amazônia brasileira, desde o período colonial, as zonas de contato gestadas por índios e negros e as mesclas socioculturais e identitárias oriundas desses encontros, deixam ver trocas e empréstimos de expressões de oralidade como modos de vida praticados e compartilhados em

diferentes ambientes. Nas arte(manhas) da existência, esses grupos étnicos agenciaram significados de lutas culturais estabelecidas astuciosamente contra a dominação de seus pensares, corpos e saberes-fazer por grupos hegemônicos em diversos tempos históricos. Utilizando-se do poder da oralidade, índios e negros vieram continuamente reafirmadas suas cosmologias e tradições por meio da recriação de saberes, danças, performances, cantos, falares, religiosidades e outras sociabilidades como expressões de patrimônio material e imaterial afroindígena. Por esse enredo, a oficina pretende debater a importância, o lugar da tradição oral e o patrimônio cultural construído por populações indígenas e africanas em zonas de contatos culturais afroindígenas no mundo amazônico.

03 – História Oral e Etnicidades

Coordenador(a): Profa. Dra. Regina Weber – UFRGS e Prof. Mestre Francisco Marcos Nogueira – UFRGS

Resumo: A oficina discute de forma introdutória o estudo de diferentes grupos étnicos brasileiros, tomando como base a discussão de etnicidade apresentada por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, em *Teorias da Etnicidade* (São Paulo: Ed UNESP, 1998). Como uma das formas de organização e de divisão do mundo social, trabalhar com etnicidade consiste em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma certa situação de interação étnica. Neste sentido, aborda a fecundidade e a operacionalidade da história oral no estudo das marcas e das escolhas táticas que os sujeitos acionam e mobilizam para se identificarem e se diferenciarem no jogo das relações sociais, bem como, das formas como os referenciais étnicos são usados não só como definidores de modos de ser e de viver mas, também, de personalidades e de comportamentos individuais.

04 – História Oral: narrativas de memória, acervos e pesquisa em História da Educação

Coordenador(a): Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo: A oficina propõe uma discussão ancorada em estudos de um conjunto de autores contemporâneos que examinam a complexidade da memória produzida pela História Oral em suas interfaces com os domínios da História da Educação. Seguindo os postulados da História Cultural como corrente historiográfica, busca-se problematizar a História Oral e sua legitimidade em pesquisas inscritas no campo das práticas educativas, escolares ou não. Neste sentido, são abordadas diferentes perspectivas de investigações, considerando o processo de produção do documento oral, mas também percebendo as possibilidades de trabalhar com acervos orais anteriormente organizados por outros. A partir de narrativas de experiências de pesquisa em História Oral, são exploradas diversas questões que se interpoem no evento da entrevista e em suas posteriores análises.

05 – História oral e história comunitária

Coordenadores: Prof. Dr. João Carlos Tedesco (Universidade de Passo Fundo – UPF) e Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)

Resumo: Esta proposta tem por objetivo ampliar a reflexão acerca das práticas metodológicas da história oral em situações comunitárias, bem como introduzir ao diálogo com a teoria histórica que sustenta tal possibilidade de pesquisa. Fazendo um paralelo com o método etnográfico da Antropologia, pretende-se apresentar e dialogar com possibilidades de estudo

e de análise em que a oralidade se apresenta como fonte. Desta forma, promover a reflexão acerca de questões éticas e de técnicas de obtenção de narrativas, é algo fundamental.

06 – Imigração e História Oral: passos de uma pesquisa

Coordenador(a): Profa. Dra. Alice Beatriz S. G. Lang – Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU/USP

Resumo: Trato de Portugueses que chegaram a São Paulo entre os anos 1950 e 1963. Era uma imigração econômica de famílias. A discussão proposta tem por base os diferentes passos e procedimentos da pesquisa, que serão apresentados em três blocos: 1) A proposta, referencial teórico, delineamento do projeto; 2) Metodologia de história oral, quadro de entrevistados, preparo do material, entrevistas, complementaridade de fontes; e 3) Análise, construção dos documentos, reflexões para responder às questões da proposta com apoio no referencial teórico, devolução aos entrevistados, formação do arquivo, publicação.

07 – História Oral e experiências de pesquisa em História Social do Trabalho

Coordenador(a): Profa. Dra. Ângela de Castro Gomes – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Resumo: Esta oficina tem como objetivo compartilhar resultados de pesquisas realizadas na área história social do trabalho, em diferentes momentos e com diferentes atores (trabalhadores, auditores fiscais; magistrados do trabalho, por exemplo). Trata-se, fundamentalmente, de pensar como a metodologia de História Oral permite uma reflexão mais acurada sobre: como os sujeitos históricos lidam com o tempo, a partir da periodização de suas próprias experiências de vida/trabalho; de como discutem a utilização de categorias presentes em seus discursos, em função dos usos que delas fazem em sua atuação profissional/pessoal; de como elegem “histórias dentro da história” que estão narrando para dar sentido e “sintetizar” o que desejam “dizer”, quer no momento do relato, quer para seus destinatários do futuro.

08 – História e Memória da Ditadura Civil-Militar Brasileira

Coordenadores: Prof. Dr. Antônio Torres Montenegro – UFPE e Profa. Dra. Regina Beatriz Guimarães Netto – UFPE

Resumo: Esta oficina irá operar uma reflexão historiográfica acerca deste período de intensos conflitos políticos da história do Brasil, estabelecendo conexões com as fontes documentais e as abordagens metodológicas. No interior dessa análise reflexiva será privilegiada a história oral como fonte documental sobre o regime civil-militar e o significado que estas fontes adquirem na interface com outras coleções de documentos. Vale destacar que o trabalho historiográfico com as fontes orais ao privilegiar os relatos de entrevistas em suas diversas modalidades potencializa a inserção do vivido como testemunho para a história. O debate teórico e metodológico deverá propiciar análises que permitam uma interface com a atualidade da história presente do Brasil.

09 – História Oral, Museus e Educação Patrimonial

Coordenador(a): Profa. Dra. Aúrea da Paz Pinheiro – Universidade Federal do Piauí – UFPI

Resumo: O ICOM *International Council of Museums* (1974) destaca que o museu deve expressar sua relação com seus públicos, tendo em vista que “[...] é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, para fins de estudos, educação e lazer, evidên-

cia material das pessoas e de seu meio ambiente”. Na oficina, apontam-se vários caminhos de investigação, estudos e intervenção: a função social dos museus, as ações educativas, a diversidade cultural, a participação comunitária, o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial; as concepções de Patrimônios, Museus e Museologia, os métodos e técnicas, o que inclui diretamente a História Oral e a produção de material didático interativo, a exemplo o filme documentário, levando em consideração as especificidades de cada museu e patrimônios, bem como o perfil e os anseios de seus usuários/públicos; a importância na elaboração do Projeto Político-Pedagógico para orientar o planejamento, a execução e a avaliação das ações educacionais oferecidas pelos museus e escola; as ações educativas, sua documentação, identidade, vocação e memória.

10 – Gênero e História Oral

Coordenadores: Profa. Dra. Joana Maria Pedro (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) e Profa. Dra. Temis Gomes Parente (Universidade Federal do Tocantins – UFT)

Resumo: Nesta oficina pretendemos discutir relações de gênero e memória focalizando a maneira como o/a pesquisador/a aborda a entrevista, a relação que se estabelece entre entrevistado/a e entrevistador/a. Pretendemos questionar a existência de uma memória específica das mulheres e/ou de homens, as possibilidades e dificuldades das mulheres falarem de si mesmas, as interferências do gênero na narrativa. Focalizar os cuidados, perceber o ambiente onde se dá a entrevista, sugerir metodologias, interpretar as narrativas utilizando abordagem de gênero é o que se pretende nesta oficina.

11 – Acervos de história oral na atualidade: desafios e perspectivas

Coordenador(a): Profa. Mestre Vanessa Matheus Cavalcante – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – FGV

Resumo: O objetivo desta oficina é apresentar os procedimentos referentes à gestão, preservação e divulgação de acervos sonoros e audiovisuais tendo como ponto de partida a experiência do Programa de História Oral do CPDOC. Tendo em vista que diversas instituições de guarda estão vivenciando a era digital e seus dilemas, serão abordadas questões relacionadas à influência da tecnologia nos acervos de entrevistas, a saber: o processo de digitalização, seus desafios e perspectivas; a preservação digital; a disponibilização de fontes orais na era digital.

Mostra de Documentários

Coordenadora: Profa. Dra. Marluza Marques Harres (Unisinos)

Sessão 1

Local: Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

01/05 – Domingo (14:00)

As casas da Santa Casa: fragmentos de memórias

Resumo: As chamadas “Casinhas da Independência” compõem o conjunto histórico de sobradinhos, situados em uma avenida tradicional da cidade de Porto Alegre, que conduz ao bairro Moinhos de Vento. Hoje, esses sobrados abrigam o Centro Histórico-Cultural

Santa Casa (CHC). Construídas entre 1906 e 1907, elas abrigaram ao longo do século XX a Faculdade de Enfermagem Ana Moeller, a creche para filhos dos funcionários da Santa Casa, diversos bares, loja de conserto de máquinas de costura, sapataria, loja para venda de móveis, além de moradia para inúmeras famílias. As lembranças dos que nela moraram, trabalharam ou conviveram, estão sendo registradas pelo CHC, através do Laboratório de História Oral, uma vez que essas interessantes histórias de vivências e relatos do cotidiano descortinam cenários da trajetória da Santa Casa e do seu entorno. Compondo a exposição “Centro Histórico-Cultural Santa Casa: da ideia à concretização”, quando da comemoração de um ano de inauguração do CHC, o Laboratório de História Oral produziu o documentário “As casas da Santa Casa: fragmentos de memórias”, contendo fragmentos dessas entrevistas, que já somam mais de 29 horas de gravação. Link: <https://goo.gl/ac6fLe>

Autores: Edna Ribeiro de Ávila (Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre), Véra Lucia Maciel Barroso (FAPA e Centro Histórico-Cultural Santa Casa de POA)

Memórias femininas da luta contra a ditadura militar

Resumo: Pesquisa e montagem: equipe do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (IH/UFRJ) Este documentário foi produzido a partir dos depoimentos concedidos ao acervo “Marcas da Memória: história oral da anistia no Brasil,” projeto de pesquisa realizado no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em parceria com a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça. Mulheres que lutaram contra a ditadura e que foram vítimas de violência política narram suas experiências na perspectiva de contribuir para um processo histórico de memória, verdade e justiça, ainda não concluído pela sociedade brasileira.

Autores: Maria Paula Nascimento Araujo (Instituto de História – UFRJ)

Sessão 2

Local: Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

01/05 – Domingo (15:30)

Mulheres Mangabeiras

Resumo: Documentário realizado pelo Movimento das Mulheres Catadoras de Mangaba sobre os processos de compreensão da identidade e do modo de vida a partir das narrativas do fazer relacionados com o processo extrativista da coleta da Mangaba e processos de geração de renda. Narrativas e Cantigas. Aborda aspectos do cotidiano do grupo, as dificuldades encontradas na relação de coleta e os processos organizacionais do Movimento Social. <http://www.catadorasdemangaba.com.br/cd-documentario.asp>

Autores: Carmo Thum (FURG), Alicia Morais (Associação das Catadoras de Mangaba MCM)

Territórios do Torcer

Resumo: Editado pela equipe do Núcleo de Audiovisual do CPDOC, “Territórios do Torcer” acompanha os depoimentos de líderes de torcidas organizadas da cidade de São Paulo. O enredo articula três tópicos do universo associativo dos torcedores de futebol: 1. As torcidas e sua territorialidade, com referências à presença dos subgrupos nos bairros e nas

diferentes regiões da cidade, o ritual de reunião nos dias de jogo, os deslocamentos urbanos, as caravanas, a passagem pela sede e os itinerários até o estádio; 2. As torcidas e a violência, tema incontornável do debate público, em que se aborda a dinâmica das brigas, a lógica das rivalidades, as amizades, as alianças, a relação com a polícia, os casos mais graves de incidentes fatais, além do impacto do estigma e a possibilidade de sua reversão na ótica dos entrevistados; 3. As torcidas e o associativismo das Escolas de Samba, onde os depoentes narram como as torcidas se tornaram atuantes no carnaval de São Paulo – caso único no Brasil –, sua organização, o histórico das agremiações carnavalescas derivadas de torcidas de futebol, a sociabilidade acionada para além do mundo futebolístico.

Autores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda (CPDOC-FGV)

Sessão 3

Local: Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

02/05 – Segunda-feira (08:45)

Sobrevivências

Resumo: Este documentário foi elaborado a partir de um projeto de extensão intitulado “patrimônio cultural, memória e identidade: o desenvolvimento local do município de Quebrangulo-AI, no período de 2010 a 2013. A proposta teve como objetivo fazer uma análise das práticas culturais existentes no município e como elas estão presentes no cotidiano da comunidade. O objetivo consiste em identificar como as representações simbólicas das práticas culturais dos antepassados sobrevivem aos encantos da modernidade. O despertar do trabalho se deu a partir da observação de atuação efetiva do Folgado Nega da Costa: uma expressão que tem 100 anos de sobrevivência naquela região, assim como, outras manifestações do patrimônio material (construções arquitetônicas) e imaterial (a partir das expressões do candomblé, do vaqueiro, da rezadeira e da benzedeira). Portanto, o resultado final desse documentário é de que além de oferecer às escolas de ensino básico um material complementar para compreender as peculiaridades locais, sirva também, como forma de divulgação da cultura alagoana através do espaço midiático.

Autores: Francisca Maria Neta (Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL)

Local: Auditório da Torre Sul – IFRS – Campus Porto Alegre

02/05 – Segunda-feira (08:45)

Projeto Memória Viva

Resumo: O Projeto Memória Viva foi realizado em Cosmópolis (www.projetomemoriaviva.com.br), também disponível em DVD, reúne dez curtas-metragens de história oral. Benzedeiros, que relatam esse ofício ancestral de práticas de curas não tradicionais e que possuem como base a oralidade na transmissão de saber; imigrantes e migrantes e seus relatos; narrativas sobre diferentes ofícios, como a cortadora-de-cana e suas memórias da lida sob o sol. O alfaiate e seu alinhavar de caudos, o fotógrafo que através de sua lente registrou a vida na cidade, o casal e suas histórias sobre um modo de viver rural. Todos juntos, tecendo uma história plural.

Autores: Carina da Silva Bentlin (Secretaria de Cultura de Cosmópolis)

Sessão 4

Local: Teatro do Centro Histórico Cultural da Santa Casa

04/05 – Quarta-feira (08:45)

Cidadania na Fé

Resumo: O documentário Cidadania na Fé disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I6Si0vgOwEg> é resultado das atividades do PIBID/História desenvolvido pela Universidade Regional do Cariri e E.E.F.M José Alves de Figueiredo, em Crato-CE. Através desta produção a equipe de bolsistas, supervisora e alunos buscaram materializar os resultados de conhecimentos desenvolvidos a partir das discussões nas oficinas que tinham como temática central os conceitos de História, Memória, Identidade e Cidadania, os quais estão presentes nas orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de História. Foi utilizada como fonte a oralidade. Após estudos em grupo sob a orientação dos bolsistas, os alunos foram a campo entrevistar adeptos do catolicismo, protestantismo, umbanda, candomblé, Vale do Amanhecer e rezadeiras, uma vez que se objetivava atender a uma das preocupações da escola, no intuito de conhecer as diversas religiões mais presentes no bairro no intuito de desconstruir preconceitos e atos de intolerância. Diversidade religiosa e direito à memória foram relacionados à cidadania, o que resultou numa rica experiência de ensino aprendizagem e a compreensão de conceitos.

Autores: Antônia Lucivânia da Silva (Universidade Regional do Cariri)

Local: Auditório da Torre Sul – IFRS – Campus Porto Alegre

04/05 – Quarta-feira (08:45)

Vozes e percepções: narrativas de trabalhadores têxteis cearenses

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões e práticas decorrentes de uma pesquisa sobre trabalhadores têxteis cearenses, com a metodologia da história oral. É importante a experiência do estudo e pesquisa histórica alargando o campo relacionado às fontes, objetos, sujeitos, levando em conta a própria realidade que é pulsante. Vale desenvolver diferentes olhares sobre os fatos históricos com ‘amplo repertório de fontes variadas e diversificadas linguagens’. Assim abraçamos o desafio de fazer um documentário no sentido de revelar ainda mais a natureza interdisciplinar da pesquisa sobre a temática do mundo do trabalho no processo do VISUALIDADES (atividade de formação promovido pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME – na difusão de pesquisas desenvolvidas por professores com linguagem visual, articulando filmes (documentários), fotografia, artes plásticas, instalações. Desta forma o documentário “A vida entre tecidos, fios e nós” é um avanço do debate e prática metodológica com novas linguagens e envolvimento com estudantes e professores. Disponível em: vimeo.com/81130179 Brasil –2011 –14' 38.

Autores: Telma Bessa Sales (Universidade Estadual Vale do Acaraú)

Programação das Comunicações

Local: Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Porto Alegre

01 – A História das Cidades no Brasil Republicano

Coordenadores: Cláudia Cristina Da Silva Fontineles (UFPI), Marcelo De Sousa Neto (UESPI)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Diversidade étnica nas comemorações do 25 de Julho, em São Leopoldo/RS

Roswithia Weber (Feevale)

O Renascer de uma Cidade Iluminista: São Luiz do Paraitinga após a inundação de 2010

Celso Diniz Nobre (PUC-SP)

Migração de paraibanos para Boa Vista/RR e a produção Territorial através da atividade comercial (1980-2014)

David Dantas Targino (Barão de Mauá)

A Cidade Nova do Campeche: uma perspectiva histórica dos projetos de futuro para Florianópolis a partir das memórias dos moradores do bairro

Carolina do Amarante (UDESC)

Cidades visíveis, sujeitos invisíveis: pescadores em Parnaíba nas décadas de 1970 e 1980

Pedro Vagner Silva Oliveira (UNIFESP)

Minha Casa, Sua Casa: memória urbana e história oral em Fortaleza-Ce (Séc. XX)

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos (UFRJ)

Cidade, memórias e identidades: Boa Vista e memorialistas – 1970/1980

Raimundo Nonato Gomes dos Santos (UFRR)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A cidade e as ruas de recreio: compreendendo apropriações e usos dos espaços urbanos

Jennyfer Thais Alves Ferreira (UFMG)

Manguinhos: espaço de sociabilidade institucional – o caso da Fiocruz

Tania Maria Fernandes (Casa de Oswaldo Cruz)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Entre o Relato e a Escrita: oralidade e textualidade em O. G. Rego de Carvalho

Pedro Pio Fontineles Filho (UFC)

Do Concreto ao Contar: memória e patrimônio na cidade de Piracuruca-PI

Paulo Tiago Fontenele Cardoso (UCAM)

A cidade medita: Teresina na década de 1970 pelo discurso de cronistas d'O Liberal
Alessandra Lima dos Santos (UFPI)

“Esquadrão da Central”: os ferroviários e o futebol em Parnaíba (PI)
Maria Dalva Fontenele Cerqueira (Secretaria Estadual de Educação e Cultura – PI)

Com poucos tijolos e muitos votos: o Conjunto Habitacional Itararé e as eleições de 1978
Marcelo de Sousa Neto (UESPI)

Instituições Escolares e Cidade: a história de uma escrituração mútua
Claudia Cristina da Silva Fontineles (UFPI)

02 – Cidade: histórias, memórias e história oral: limites e possibilidades

Coordenadores: José Jorge Andrade Damasceno (UNEB)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Desvendando os territórios de memória: festas, expressões e sociabilidade em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, na construção do patrimônio cultural
Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ)

Brincadeiras, lugares e modos de vida na memória de antigos moradores dos Distritos da Penha e do Cangaíba no Município de São Paulo
Daniela Signorini Marcilio (Associação Ipa Brasil), Madalena Pedroso Aulicino (Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP)

História de Vida nas ex Colônias de Hanseníase do Estado de Minas Gerais
Sidney José do Carmo (Fundação Ezequiel Dias)

A polifonia maranhense sobre o uso e a produção territorial na cidade de Boa Vista/RR (1991-2010)
Francisco Marcos Mendes Nogueira (UFRR), Carla Monteiro de Souza (UFRR)

Memórias de Lugares de Morar na Cidade do Salvador
Charles d'Almeida Santana (UNEB/UEFS)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Memórias de Professores das Disciplinas de Artes e Educação Física: Desafios de não ser apenas “decorador” e “recreador” no contexto escolar.
Aline Pereira de Holanda (UFGD), Genivaldo Antonio Alves (UFGD)

Vilas de Itaipu: vivências e espacialidades (1974-2003)
Renato Muchiuti Aranha (UDESC)

A cidade de Porto Alegre e sua Santa Casa: memórias que se entrecruzam
Véra Lucia Maciel Barroso (FAPA e Centro Histórico-Cultural Santa Casa de POA)

O cotidiano das mulheres trabalhadoras na cidade-fábrica de Rio Tinto-Paraíba (1950-2014)
Letícia de Carvalho Santos (UFPE)

Modos de fazer jardins em Joinville: Um estudo a partir do patrimônio imaterial
Débora Richter Cicogna (UNIVILLE)

A criança e a cidade
Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot (UFPEl)

Cruz das Almas-BA: Memória da festa junina na cidade
Adriana da Silva Oliveira (Docente)

História e memórias da juventude teresinense dos anos sessenta: sociabilidades e vivências estudantis
Lucélia Nárjera de Araújo (Secretaria Estadual de Educação e Cultura – PI)

Sobre narrar, construir e desconstruir: reflexões a cerca das transformações físicas e sociais, decorrentes da mineração, na cidade de São João del Rei.
Ana Flávia Nascimento Paes (Fundação Clóvis Salgado)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A história da educação municipal de Seropédica/RJ a partir de suas primeiras gestoras: limites e narrativas de memória
Matheus Monteiro Feitosa (UFRRJ)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O uso da história oral para a escrita da história da hotelaria em Pelotas.
Larissa Plamer Teixeira (UFPEl), Caroline Beskow Quintana (UFPEl)

Narradores urbanos: Antropologia Urbana e Etnografia nas Cidades Brasileiras
Cornelia Eckert (UFRGS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A Capital dos Vaqueiros: um estudo sobre cadeias de aproximação e apropriação de identidades entre os vaqueiros e a cidade de Curaçá-BA
Vanessa da Luz Oliveira (UNEB)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memória e discursos: diferentes olhares sobre a história de Maringá
Yuria Santamaria Pismel (UFPR)

A caminhada do Mastro de São Sebastião em Caxias: entre a memória e o patrimônio
Joana Batista de Souza (UEMA), Salânia Maria Barbosa Melo (UEMA)

03 – Diálogos entre a História Ambiental e a História Oral: cultura e memória

Coordenadores: Eudes Fernando Leite (UFGD), Ilsyane do Rocio Kmitta (Doutorando(a) – PPGH/UFGD)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Os ‘Cheiros do Pará’ como cultura de Belém: Memórias, trabalhos e apropriações dos ambientes por comunidades e empresas na globalização

João Marcelo Barbosa Dergan (UFPA)

Memória, Histórias de Vida e Saúde Coletiva nas Cidades: construção intergeracional de conhecimentos dos usuários diabéticos e hipertensos sobre práticas culturais de alimentação, nutrição e atividade física em Pernambuco

Alexsandro dos Santos Machado (Docente)

Paisagem e Memória do Cariri – Histórias de Vida e de Lugares

Leandro Maciel Silva (UFSC)

Memória das Inundações em Buenos Aires: experiências de pesquisa em história oral na construção da história ambiental urbana

Andréa Casa Nova Maia (UFRJ)

A História de “Pedrinha”: impactos da barragem de Estreito e a resistência das arpilleras no Tocantins

Marina Haizenreder Ertzogue (Docente)

Uma história ambiental do turismo na representação dos barqueiros atingidos por barragem em Babaçulândia-TO

Ana Daisy Araújo Zagallo (UFT)

História Oral e Memórias para Construção do Saber Ambiental

Fernando Afonso Nunes Filho (UFT)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Transformações na paisagem do Oeste de Santa Catarina: colonização e memória

Andressa Krieser Bauermann (UFFS)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

A Introdução e cultivo da soja no Noroeste Gaúcho através da História Oral

Rhuan Targino Zaleski Trindade (Secretaria Estadual de Educação – RS)

Memórias da fumicultura: construindo uma história ambiental da produção de tabaco a partir de relatos orais de agricultores

Ana Carolina de Oliveira Dionísio (UFSC)

Sentidos socioambientais de trabalhadores da Associação dos Recicladores de Porto Amazonas (Porto Amazonas, Paraná)

Robson Laverdi (UEPG)

Juventude rural e tabaco: percepções a partir da História Oral

Tarcila Kuhn Alves de Paula (PSS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Sobre a saudade de um rio: perdas simbólicas dos ribeirinhos do Tocantins

Bruno Mendes de Jeus (UFT)

A história ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari/RS

Janaine Trombini (UNIVATES)

04 – História Oral, Justiça do trabalho, lutas e direitos dos trabalhadores

Coordenadores: Angela Maria de Castro Gomes (UNIRIO), Benito Bisso Schmidt (UFRGS), Márcio Ananias Ferreira Vilela (UFPE), Pablo Francisco de Andrade Porfírio (UFPE)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Justiça do Trabalho e memória: o agenciamento do comunismo por setores empresariais de Pernambuco em 1964

Márcio Ananias Ferreira Vilela (UFPE)

Como tudo começou: os primeiros protagonistas da luta operária no Amazonas

Milton Melo dos Reis Filho (Faculdade Maurício de Nassau – UNINASSAU)

Fazer política e ser promotor público: dimensões do ethos profissional pelas memórias dos agentes do Ministério Público do RS atuantes nos anos 1940 a 1964.

Marcelo Vianna (PUCRS)

As vozes das profissionais do sexo e dos juizes do trabalho

Maria Teresa Cauduro (UNISINOS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Uma reflexão sobre as memórias dos ex-alunos de ciências humanas da PUCRS na crise do governo ditatorial e ascensão da democracia: o centro acadêmico em questão

Gabriela Mathias de Castro (PUCRS)

Série Registros

João Paulo Lucena (Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região)

Antônio

Camila Martins Braga (UFPEl)

Acordos trabalhistas: relatos de magistrados.

Antonio Torres Montenegro (UFPE)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Trabalhadores rurais e golpe civil-militar de 1964: memórias, imagens e releituras.
Pablo Francisco de Andrade Porfírio (UFPE)

Os advogados de presos políticos gaúchos e o campo jurídico
Dante Guimaraens Guazzelli (UFRGS)

A Funabem e a “pedagogia do trabalho”: memórias da assistência às crianças abandonadas (1964-1990)
Humberto da Silva Miranda (UFRPE)

A ditadura militar contada através das memórias
Carmen Beatriz Pereira Leal (UFPEl)

Memória e exílio: os trabalhadores do Nordeste do Brasil na obra “Sete de Palmos de Terra e um Caixão”
Helder Remigio de Amorim (UFPE)

O drama da Sarmento: memória e resistência operária (São João Nepomuceno, 1960-1971)
Stéffano Muniz Figueiredo Costa (UFF)

Memória, testemunho e luta por direitos: trabalhadores/as rurais na Amazônia
Regina Beatriz Guimarães Neto (UFPE)

“Para não ver só a letra”: interrogatórios e relatos orais em tempos de ditaduras militar (1964-1968)
Erinaldo Cavalcanti (UNIFESSPA)

05 – Fontes orais, memória e cultura na Amazônia do século XX: usos da oralidade como recurso na produção de conhecimento

Coordenadores: Júlio Cláudio da Silva (UEA)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

“Filhas do Andirá”: ancestralidade, memória e cultura nos processos de resignificação Étnica no rio Andirá, quilombolo Matupiri, Barreirinha-AM
João Marinho da Rocha (UEA)

Escutando a deusa: Prática educacional em narrativa Iorubá
Nilson Campos Saldanha (UEPA)

A cidade e o encontro: a formação do movimento indígena em Manaus (1980-2015)
Amilcar Aroucha Jimenes (UNISINOS)

O Sairé como expressão sociocultural dos povos indígenas do Baixo Amazonas/PA: uma experiência dos descendentes dos povos Borari
João Aluizio Piranha Dias (UFAM)

Ser Mulher em Sociedades Indígenas: A Festa do Mingau como Rito De Passagem da Menina para Moça em Aldeias Tembê Tenetehara

Venize Nazaré Ramos Rodrigues (UEPA), Joelciléa de Lima Ayres (UEPA)

A mística e os mitos da floresta na benção Amazônica.

Deilson do Carmo Trindade (UFAM)

Tradição e Memórias amazônicas: o cotidiano das mulheres tacacazeiras de Parintins –AM

Romilda Belchior da Costa (Secretaria Municipal de Educação de Parintins), Julio Claudio da Silva (UEA)

História Política, Memórias e Discursos na Amazônia do Tempo Presente

Pere Petit (UFPA)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Comunidade Ribeirinha, cotidiano, juventude e cultura: interfaces de um diálogo em História Oral no Amazonas

Claudio Gomes da Victoria (UFAM)

A representação do imaginário amazônico no cinema paraense.

Alexandra Castro Conceição (UFPA)

Historia e Memória: ourives de Belém do Pará, no tempo presente e nos trilhos da história oral

Rosângela da Silva Quintela (UFPA)

Experiência e memória: a escuta sobre o fazer-se pescador

Bianca Santos Bento da Silva (UFAM)

Memória de mulheres em processo de formação política nos Reassentamentos rurais na Amazônia Legal

Temis Gomes Parente (UFT)

06 – História Oral & Etnografia: Indigenismo e outras zonas de contato

Coordenadores: Agenor Sarraf Pacheco (UFPA), Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS), Jeronimo da Silva e Silva (UNIFESSPA), Walmir da Silva Pereira (UNISINOS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Percursos de aprendizagem de músicos multi-instrumentistas: uma abordagem a partir da história oral

Gustavo Luís Rauber (UFRGS)

Da precariedade à autorrepresentação nas criações ameríndias ao sul do Brasil

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS), Eliana Inge Pritsch (UNISINOS)

Patrimônio cultural imaterial: um olhar sobre os saberes da medicina tradicional Kaingang

Fabiane da Silva Prestes (UNIVATES), Luís Fernando da Silva Laroque (UNIVATES)

Cultura e tradição Guarani na Linha Limeira, Terra Indígena Xaçecó, SC – um desafio contemporâneo
Helena Alpini Rosa (UFSC)

Compreendendo a agência das coisas através da etnografia e história oral
Sílvia Margarita Reyes Corea (UFPA)

Trajetórias de meninas que pintam: memórias de grafiteiras em Belém do Pará
Thayanne Tavares Freitas (UFPA)

Carregando a Aldeia dentro de Si: O Caminho de Volta de Concita Sompré
Hiran de Moura Possas (UNIFESSPA)

Cartografia da arte afroindígena: História Oral & Etnobiografia em Intersecção na Pesquisa Histórica
Agenor Sarraf Pacheco (UFPA), Analaura Corradi (UNAMA/PA)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Bruno de Menezes: fragmentos de memórias (des)construindo histórias de vida de um literato-etnógrafo
Rodrigo de Souza Wanzeler (UFPA)

História Oral e Etnografia: Convergências e contribuições em uma pesquisa sobre o Outro e suas demandas de políticas públicas em Breves-PA
Ana Maria Smith Santos (UFPA)

Os Kaingang no RS: Uma trajetória de subsistência
Danilo Braga (UFRGS)

A narrativa oral como lugar de encontro: a prática de ouvir e contar histórias na aldeia
Luciene Rivoire (UFRGS), Sofia Robin Ávila da Silva (UFRGS)

Etnografia e História Oral: evidências de uma comunidade remanescente de quilombo
Ruberval Rodrigues de Sousa (UFT)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Educação-Trabalho-Família na Terra do Sol Nascente do Pará: Memórias de Catadoras de pimenta do reino em Tomé-Açu/PA (1960-80)

Heliana da Silva Gabriel Velarde (Secretária Estadual de Educação – PA), Jaime Cuellar Velarde (Secretária Estadual de Educação – PA)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O outro na narrativa de Heródoto: a representação do território dos citas como um espaço degradado (séc. V a.C.)

Gabriela Contão Carvalho (UFES)

Memória, Cavalos dos Encantados: Oralidade e Incorporação no terreiro Oxalá Xapanã, Bragança-PA
Jeronimo da Silva e Silva (UNIFESSPA)

Rizomas do Retorno na Vida de Professoras Migrantes
Ilca Pena Baia Sarraf (Secretaria Estadual de Educação – PA)

07 – História Oral e Culturas Visuais

Coordenadores: Ana Carolina de Moura Delfim Maciel (Centro de Memória UNICAMP),
Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus (UFF)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A cultura oral das rezadeiras no Vale do São Francisco e sua representação no cinema brasileiro

Patricia da Silva Barbosa (UNEB), Neucimeire Santos de Souza (UNEB)

Transformação urbana e vida de bairro no 4º distrito de Porto Alegre: um estudo através de e com imagens imagens sobre o processo de transformação do bairro Floresta

Fabricio Barreto Fuchs (UFPel)

Imagens públicas: cultura visual, cinejornais e propaganda no governo Geisel (1974-1979)

Tatyana de Amaral Maia (PUCRS)

Memória, gênero e representação: o caráter discursivo do problema da memória nas produções culturais.

Flávia da Rosa Melo (UFPR)

Fragments da memória: tempos e espaços de Vila Seca

Katani Maria Nascimento Monteiro (UCS), Lara Moncay Reginato (UCS)

Memórias da Ditadura tecidas entre oralidade e imagem: quando o público e o privado se encontram

Juliana Muylaert Mager (UFF)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Fotojornalismo em IstoÉ: memórias de Hélio Campos Mello e Juca Martins (1976-1980)

Caio de Carvalho Proença (PUCRS)

Entre confissões e testemunhos na web: reflexões sobre os blogs de moda e beleza como fontes para o historiador

Patrícia Carla Mucelin (UDESC)

São Paulo e a arte urbana em seu alvorecer: um mapa de memória afetiva do artista Jaime Prades (1970-1980)

Camila Goulart Narduchi (UFU)

Fotojornalismo e manifestações contra a ditadura no final da década de 1970 no Rio Grande do Sul

Gabriel Dienstmann (UFRGS)

Ateliê Photographico Guilherme Glück: culturas escolares e a fotografia

Ederson Prestes Santos Lima (Instituto Federal do Paraná)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Fotografia Pública e Fontes Orais na Sociedade Fluminense de Fotografia

Marcus Vinicius de Oliveira da Silva (UFF)

08 – História Oral e Educação Matemática

Coordenadores: Diogo Franco Rios (UFPEl), Ivete Maria Baraldi (UNESP)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Uma narrativa sobre um possível movimento de constituição de um espaço formativo

Ana Claudia Molina Zaqueu Xavier (UNESP – Rio Claro)

Entre desvios e perigos: a mobilização de narrativas de vida em uma pesquisa em Educação Matemática

Filipe Santos Fernandes (Colégio Salesiano Santa Teresinha)

Os Ginásios Vocacionais Estaduais: algumas considerações iniciais acerca desta proposta educacional da década de 1960

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura (UNESP – Rio Claro)

Tem Matemática aí? Alfabetização Matemática e o uso de histórias para crianças em sala de aula – possibilidades

Marcia Costa Graichen Murbach (UFPR)

Conhecimentos dos “desconhecidos”: os saberes, dizeres e fazeres de professores da Unidade Integrada Hipólito da Costa, em São José dos Basílios – MA

Claudiomiro Ferreira de Oliveira (UFMA)

Narrativas de alfabetizadores sobre as contribuições em relação à Matemática no PNAIC

Seila Alves Pugas (UFT)

A Importância dos Jogos na Alfabetização Matemática: reflexões sobre as práticas do PNAIC

Carla Marcela Spanenberg Machado dos Passos (UFPR)

Narrativas de Professores Alfabetizadores sobre o PNAIC de Alfabetização Matemática: Possibilidades e Desafios

Edicléia Xavier da Costa (Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais – PR)

Alfabetização Matemática: contas e contos, em vozes, encontros

Anna Carolina Galhart (Prefeitura Municipal de Campo Largo – PR)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Um histórico para a formação de professores de matemática em Cuiabá

Bruna Camila Both (UNESP – Rio Claro), Ivete Maria Baraldi (UNESP)

História Oral na sala de aula: estratégias para a formação de professores que ensinam matemática

Heloisa da Silva (UNESP/Rio Claro), Vinicius Sanches Tizzo (UNESP/Rio Claro)

A UFMT em Barra do Garças – MT: Uma história da formação de professores de Matemática
Eliete Grasiela Both (Instituto Federal de Mato Grosso)

Surdez e Alfabetização Matemática: o que a escola tem para contar
Lizmari Crestiane Merlin Greca (Secretaria de Estado da Educação – PR)

História oral e Educação Matemática para Surdos: Memórias de Ex-Alunos
Daniel Duarte Silveira (UFPel), Diogo Franco Rios (UFPel)

Uma articulação entre fontes orais e escritas em um estudo sobre a Constituição do Curso de Graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP)
Renata Aparecida Zandomenighi (UFMS)

Da escrita à implementação das DCE/PR de Matemática: um retrato feito a cinco vozes e milhares de mãos
Viviane Aparecida Bagio (UEPG), Emerson Rolkouski (UFPR)

Representações sobre o ensino de Matemática em um curso de suplência
Ana Rafaela Correia Ferreira (UFMG), Maria Laura Magalhães Gomes (UFMG)
Entrevistas de História Oral: releituras
Maria Ednéia Martins Salandim (UNESP/Bauru)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Movimentos de um movimento: signos de como o conceito de formação de professores de matemática muda no Rio Grande do Norte
Marcelo Bezerra de Moraes (UNESP)

A oralidade como disparador para constituição de uma narrativa sobre a História da Formação de professores de Matemática.
Fabio Bordignon (UNESP)

História Oral na história da formação de professores de matemática: o caso da Escola Normal Joaquim Murtinho de Campo Grande/MS
Ana Carolina de Siqueira Ribas dos Reis (UFMS)

La escritura acerca de si mismo como estrategia para la formación inicial de profesores de matemática
Fredy Enrique González (Núcleo de Investigación en Educación Matemática “Dr. Emilio Medina” UPEL Maracay, Venezuela)

Narrativas da formação de professores de matemática: um estudo da implementação dos cursos de licenciatura no estado do Ceará (1960-2000)
Alexsandro Coelho Alencar (UNESP/Rio Claro)

Estudo histórico da SBEM-MS: um olhar para a história oral e sua multiplicidade de histórias
Nathalia Teixeira Larrea (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Luzia Aparecida de Souza (UFMS)

Projeto Inajá e Licenciaturas Parceladas: formação emergencial de professores (de Matemática) no Médio Araguaia

Williane Barreto Moreira (UNESP/ Rio Claro)

A História Oral e seu papel na problematização de uma licenciatura em matemática em regime modular em Campo Grande/MS

Ana Maria de Almeida (Secretaria Municipal de Campo Grande – SEMED)

Construção de versões históricas sobre as Licenciaturas Parceladas do Mato Grosso do Sul

Kátia Guerchi Gonzales (UNESP)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Resgatando Medidas Não-formais por meio de Memórias e Histórias de Moradores de Gonçalves-MG

Bruno Sérgio de Andrade (UNIFEI)

09 – História oral e ensino

Coordenadores: Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ/FGV), Verena Alberti (CPDOC/FGV)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

História oral e memória: possibilidades do uso de depoimentos no ensino da ditadura militar no Brasil

Maria Paula Nascimento Araujo (UFRJ)

O uso da História Oral no ensino de História: Uma experiência no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Acre (UFAC)

Carlos José de Farias Pontes (UFAC)

Oralidade e Ensino de História: Uma experiência Pibidiana na Escola José Alves de Figueiredo

Antônia Lucivânia da Silva (URCA)

Fontes orais e ensino de história: potencialidades e limites de uma ferramenta metodológica

Alexandre Alves (UNISINOS)

Histórias de velhos: o que os idosos podem ensinar a jovens estudantes do ensino médio

Daniela de Campos (Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha)

Ensino e Oralidades em Ambientes Plurais: possibilidades de pesquisa em História Local e Regional.

Ivonete Cristina Silva Campos (SEMED/BR / UNIABEU)

Narrativas sobre escravizados e imigrantes em Petrópolis-RJ – usos da História Oral em uma experiência de sala de aula

Juliano Custódio Sobrinho (UNINOVE)

Educação do campo e oralidade: repensando o ensino de história.

Magno Michell Marçal Braga (IFAL)

Ciclo de memórias e história de vida no campo: reflexões na disciplina de história de vida no curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins – UFT/TOCANTINÓPOLIS

Witembergue Gomes Zaparoli (UFT)

Trabalhando com fontes Oraís e Memória em sala de aula: uma experiência de extensão universitária
Claudete de Sousa Nogueira (UNESP)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

História Oral e Ensino de História: do tradicional às novas abordagens

Manoel Caetano do Nascimento Júnior (UFPE), Graziella Fernanda Santos Queiroz (UFPE)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

A História Oral como método para se pensar uma sociabilidade pedagógico-musical em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960

Lilia Neves Gonçalves (UFU)

Compreendendo relações de sociabilidade quando se ensina/aprende música na Banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo-MG

Murilo Silva Rezende (UFU)

História Oral e Arquivologia: reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem da metodologia da História Oral e o acervo de fontes orais

Gisele Bochi Palma Moser (UFSC), Marcos Fábio Freire Montysuma (UFSC)

Relatos orais de historiadoras brasileiras, vida e prática histórica

Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik (UFPR)

Fontes orais para o ensino superior de História: memórias sobre o curso de História e Geografia da USP

Aryana Lima Costa (UFRJ)

“Liberdade pequena”: memórias no Colégio Júlio de Castilhos do período da ditadura civil-militar (Porto Alegre/RS)

Luciana Vivian da Cunha (UNISINOS)

História Oral e o Programa Mais Educação: sujeitos e espaços.

Ana Cláudia Martins de Oliveira (UFT)

História oral e Ensino: relatos de experiência no Pafor-Tocantins

Jocyleia Santana dos Santos (UFT)

Inquietações cotidianas de professoras da educação infantil: memórias de práticas educativas com crianças com problemas e comportamento

Daniela Patricia Ado Maldonado (UFT)

Dom e Docência em Histórias de Vida de Professores (as) de História em Atuação
Bruna da Silva Cardoso (UFT)

Lições da farsa para a história
Cláudio Pereira Elmir (UNISINOS)

10 – História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade

Coordenadores: Ricardo Santhiago (UNICAMP)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Teatro Oficina: um teatro de grupo imerso na construção de eventos na cultura brasileira (1961-1974)
Daniel Martins Valentini (PUC-SP)

História Oral e Retroalimentação Poética: Experiências de Criação Dramatúrgica a Partir de Relatos Sobre o Teatro em Porto Alegre
Clóvis Dias Massa (UFRGS)

Carteira de Artista: Memórias da Associação de Artistas Plásticos de Pernambuco (1968 –1970)
José bezerra de Brito neto (UFPE)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Em busca de uma coleção e seu colecionador: a trajetória da Coleção Renato Miguez de Arte Popular
Carolina Rodrigues de Lima (UFRJ)

Sou o que lembro ou que decido esquecer: fotografia, memória e identidade.
Bruna Wandekoken (UFES)

“Pelas ruas de minha cidade”: análise de uma entrevista de Valdir Agostinho, um artista da Barra da Lagoa (Florianópolis – SC), entrevistado por Cláudia Alvim Barbosa.
Luciano Py de Oliveira (UDESC)

Memórias de artista: Mestre Nêgo e a cultura popular do médio São Francisco
Carolina Reichert Andres (UFOB), Rafael Sancho Carvalho da Silva (UFOB)

Narrativas, memórias e saúde na Umbanda no Rio de Janeiro/RJ
Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello (FIOCRUZ / FAETEC)

Nas veredas do sagrado – O Congado no interior de Minas Gerais: tradição, educação e trocas simbólicas
Mauro Passos (UFMG)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Cinebiografias e memória musical
Márcia Ramos de Oliveira (UDESC)

“Ele foi meu muro”: A arte da história oral, em público
Ricardo Santhiago (UNICAMP)

“Um Sr. Talento”: Trajetória, Engajamento e Esquecimento na Obra de Sérgio Ricardo
Daniel Lopes Saraiva (UDESC)

Reflexões sobre a canção Pare de tomar a pílula e as representações sobre o feminino e o amor na obra de Odair José
Cristiane Pereira Martins (UDESC)

Representações da cidade de Santo Amaro da Purificação nas memórias da cantora Maria Bethânia
Marcelo Flório (Universidade Anhembi Morumbi – UAM)

Festivais de Coros do Rio Grande do Sul (1963-1978): múltiplas vozes, diferentes práticas músico-educativas
Lúcia Helena Pereira Teixeira (UNIPAMPA)

Sob o toque do tambor. Mulheres caixeiras em Barão Geraldo, Campinas-SP
Maria Elena Bernardes (UNICAMP)

Músicos búlgaros na Amazônia: arte, imigração e história oral
Jusamara Vieira Souza (UFRGS), Maria Grigorova Georgieva (UFRGS)

12 – História Oral e processos de escolarização

Coordenadores: Caroline Machado Cortelini Conceição (UNIOESTE), José Edimar de Souza (UFFS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Memória de alunos egressos da faculdade de Direito de Pelotas-RS/Brasil e da faculdade de Direito de Coimbra/ Portugal (1960-1970): contribuições da história oral
Valesca Brasil Costa (UNISINOS)

Vivência de professores no Ensino Superior
Maisa Alves dos Santos (UNG)

Entre a docência, a escrita e a pesquisa: notas do processo de escolarização de Juracy Marques
Marlos Bezerra de Mello (UFRGS)

Processos de escolarização: educação confessional no Instituto Nossa Senhora de Lourdes em Arraias (TO)
Thiago Ferreira dos Santos (UFT)

O processo de escolarização e sua relação com o constituir-se docente: história oral e fragmentos de uma história de vida ocupacional
Jordana Wruck Timm (PUCRS)

História oral de vida: a docência e o jovem em conflito com a lei.

Willian Lazaretti da Conceição (UNICAMP), Áurea Maria Guimarães (UNICAMP)

A história dos egressos do PROEJA: desafios na conciliação entre família, trabalho e estudo

Regina Magna Bonifácio de Araújo (UFOP)

Entrevistas Docentes na escola de Tempo Integral: O tempo do trabalho.

Nayjla Lane Ramos Gonçalves (UFT)

A história oral e as contribuições do programa GESTAR II para a formação continuada de professores de matemática, na Bahia

Helaine da Silva Souza (UFBA)

Memórias de professores, a voz do conhecimento – PNAIC/Palmas

Sádia Maria Soares Azevedo Rocha (UFT)

Ensino religioso confessional no Rio de Janeiro incompatibilidade entre a lei 3.459/00 e a realidade na administração escolar.

Evandro Francisco Marques Vargas (Secretária de Estado de Educação – RJ), Leandro Garcia Pinho (UENF)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Interfaces da escolarização a teoria e a prática: análise do plano de estudo na Escola Família Agrícola de Porto Nacional – TO

Maria de Lourdes Leoncio Macedo (UFT)

Formação de Professores Leigos: Elô conta-me agora?

Arquivo completo:

Nara Nörnberg (UNISINOS)

Narrativas de duas mulheres da zona rural do Município de Piratini/RS

Darlene Rosa da Silva (Instituto Estadual de Educação Assis Brasil), Elisane Ortiz de Tunes Pinto (Colégio Municipal Pelotense), Daiana Corrêa Vieira (Secretaria da Educação – RS)

Memórias da infância nas colônias italianas de Campo Largo, Paraná

Fabio Augusto Scarpim (UFPR)

Memórias de uma trajetória formativa na Escola Normal de Sapiranga/RS – Brasil (1963-1975)

José Edimar de Souza (UFFS)

Memórias e Trajetórias de Normalista: uma reflexão sobre a formação de professoras primárias, nas décadas de 1950 e 1960, em Pelotas/RS

Maria Cristina dos Santos Louzada (UFPel)

Memórias da instituição escolar

Renata Brião de Castro (Universidade Federal de Pelotas), Patrícia Weiduschadt (UFPel)

Memória docente: Uma representação do cotidiano escolar do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS

Gisele Belusso (UCS)

Memória e formação docente: estudantes do Colégio Dom Feliciano – RS

Artur Diego da Silva Alexandrino (DOCENTE)

História de vida e prática docente em História: a interface tempo e memória

Renan Rubim Caldas (UFF)

13 – História oral, práticas corporais e esportivas

Coordenadores: Silvana Vilodre Goellner (UFRGS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Pelas Fronteiras sem fim da Dança: a Escola de Dança João Luiz Rolla (1951-1986)

Maria Luisa Oliveira da Cunha (UFRGS)

Ginástica rítmica “desportiva” em Belém do Pará: lembranças do “tempo” de professoras e ginastas

Carmen Lilia da Cunha Faro (UEPA)

Pilates no Brasil: o relato de suas pioneiras

Christiane Garcia Macedo (UFRGS)

Memórias das práticas corporais dos encontros comemorativos do dia da consciência negra em comunidades rurais quilombolas de Poconé/MT.

Bruna Maria de Oliveira (UFMT)

O tempo e a prática corporal: narrativas do envelhecer

Leticia Castilho Alvares (Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia)

Memórias dos “JOPAGICOS”: esporte estudantil no Pará (1964-1970).

Anderson Rodrigo Tavares Silva (Secretaria de Estado de Educação – PA)

Coleção História Oral do Cemef: suscitando temas para novos estudos

Maria Cristina Rosa (UFMG)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Ruas de Recreio: Questões de gênero

Laura Livia da Fonseca (UFMG)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Univeriade de 1963, a voz dos organizadores contribuindo com a pesquisa.

Maristel Pereira Nogueira (Centro de Educação Integrada-CEI)

Considerações sobre as condições histórico-sociais dos atletas paralímpicos medalhistas de 1976 a 1992.
Michelle Aline Barreto (Faculdade Presbiteriana Gammon)

Mulheres no Universo Cultural do Boxe: um estudo sobre relações de gênero através do discurso de atletas da Federação Rio-Grandense de Pugilismo
Isabela Lisboa Berté (UFRGS)

Do equestre ao paraequestre: representações sociais nas memórias de um salto hípico
Ester Liberato Pereira (UFRGS), Rafaela Bertoldi (URI – Campus de Erechim)

Mulheres em quadra: narrativas sobre o processo de profissionalização de jogadoras de Handebol
Suélen de Souza Andres (Instituto Federal do Rio Grande do Sul)

A Prática Esportiva e a Mídia: O Handebol na Sociedade Baiana
Leila Maria Prates Teixeira Mussi (UNEB), Ricardo Franklin de Freitas Mussi (UFSC)

Histórias orais do basquetebol na cidade do Rio Grande-RS: memórias contadas pelos atores da modalidade (1960-1980)
Mateus Trevisan França (UFPR)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Alguns Fragmentos da Transição Judô/ Jiu-Jitsu no Rio Grande do Sul
Alexandre Luz Alves (UFRGS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Garimpando Memórias: Fragmentos da história da natação competitiva em Caxias do Sul
Gustavo Henrique Rasia (UCS)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Futebol sem fronteiras: histórias de jogadores brasileiros na Europa
Everton de Albuquerque Cavalcanti (UFPR)

As impressões sobre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) nas construções memorialísticas de duas ex-atletas da seleção brasileira de futebol
Maria Thereza Oliveira Souza (UFPR)

Nem só grêmio, nem só festa: experiências de dois torcedores na Coligay
Luiza Aguiar dos Anjos (UFRGS)

Léa Campos: as interdições e o protagonismo da primeira árbitra de futebol do mundo
Igor Chagas Monteiro (UFJF), Ludmila Mourão (UFJF)

Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: História de Vida de Educada Luizelli (Duda)
Suellen dos Santos Ramos (UFRGS)

Futebol e Mulheres no Brasil: A experiência de Aline Pellegrino com treinadora
Pamela Siqueira Joras (UFRGS)

14 – História Pública, Ética, Política e Oralidades: um debate necessário

Coordenadores: Juniele Rabêlo de Almeida (UFF), Leno José Barata Souza (Faculdade Sumaré), Luiz Henrique dos Santos Blume (UESC), Marta Gouveia de Oliveira Rovai (UNIFAL)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

História Oral, Ética e política: diálogo com os sujeitos e alguns impasses teórico-metodológicos
Luiz Henrique dos Santos Blume (UESC)

Vozes e percepções: narrativas de trabalhadores têxteis cearenses
Telma Bessa Sales (UVA)

Relações de poder nas entrevistas em história oral: refletindo sobre os limites da colaboração e seus aspectos éticos
Ana Carolina Reis Pereira (UNICAMP)

HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: as barreiras impostas pela lógica de revisão ética de pesquisas no país
Rafael Orlando de Oliveira (Universidade Federal do Paraná) (UFPR), André Mendes Capraro (UFPR)

Memórias do partejar narradas na velhice
Eduarda Borges da Silva (UFPel)

Comunidade quilombola de Tijuçu: luta e vivências cotidianas
Carmélia Aparecida Silva Miranda (UNEB)

Contando Ana Montenegro: usos e limites da História Oral na construção do biográfico
Fernanda Lédo Flôres (UFBA)

A trajetória política de Dercy Furtado: história e memória da ARENA
Eduardo dos Santos Chaves (UFRGS)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Mulheres mestres: o papel feminino na organização religiosa e na visibilidade da comunidade congadeira no sul de Minas Gerais
Marta Gouveia de Oliveira Rovai (UNIFAL)

Memórias na Mídia: Reflexões sobre a história de uma organização pública.
Paula Ritter (Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro)

Experiências e oralidades: o caso do grupo de trabalho sobre o papel das igrejas na ditadura militar brasileira
Leandro Seawright Alonso (Faculdade Sumaré)

A associação dos “ex-alunos” do CEFET-RJ e a produção de uma memória escolar
Samuel Silva Rodrigues de Oliveira (Centro de Educação Tecnológica Celso Sukown
(CEFET-RJ)

História oral de quilombolas: processos de identificação, tradição e ensino de História em Mato Grosso do Sul
Lourival dos Santos (UFMS), Maria Aparecida Lima dos Santos (UFMS)

Os usos da memória e oralidade na representação (tele)jornalística de migrantes e refugiados contemporâneos no Brasil
Samira Moratti Frazão (UDESC)

Visões de historiadores e de profissionais responsáveis pela gestão de instituições culturais, acerca da utilização da Lei Rouanet a partir de depoimentos orais.
Claudira do Socorro Cirino Cardoso (UFSM)

15 – História Oral: entre memórias e patrimônios

Coordenadores: Elison Antonio Paim (UFSC), Maria de Fátima Guimarães (USF)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Memórias e patrimônios da oralidade na obra de Simone Schwarz-Bart
Vanessa Massoni da Rocha (UFF)

Recordando a inauguração do Centro de Preservação da História Ferroviária no Rio Grande do Sul através das memórias dos seus funcionários
Cinara Isolde Koch Lewinski (UNISINOS)

O Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre e a memória médico-social da cidade
Éverton Reis Quevedo (UNISINOS)

O projeto “Médicos do Rio Grande do Sul: faço parte dessa história” e a ampliação das fontes orais do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul
Angela Beatriz Pomatti (Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Nosso Bairro: a Cidade Baixa na história
Vinicius Marcelo Silva (FAPA), Bárbara Silva Coelho (FAPA), Luciana Alves Mentges (FAPA)

Memórias do Teatro Guarany em Pelotas
Dalila Müller (UFPel), Dalila Rosa Hallal (UFPel)

Santa Casa de Porto Alegre: memória e pertencimento
Edna Ribeiro de Ávila (Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre)

A patrimonialização do sofrimento em Timor-Leste: conexões entre os relatos da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação e o Memorial de Balide
Gabriela Lopes Batista (UDESC)

Quem restaurou Anhatomirim? Memórias em disputa no processo de patrimonialização da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim (SC)

Pedro Mülbersted Pereira (UFSC)

O Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPEL) contado através da história oral

Chéli Nunes Meira (UFPel)

Memórias urbanas

Maria Sílvia Duarte Hadler (Centro de Memória-UNICAMP)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Ferramentas teórico-metodológicas da História Oral: recompondo trajetórias de arquivos no Cedoc-Fae
Marina Almeida Martins (UFMG), Thais Kalile Zschaber Nogueira (UFMG) , Karla Magda Rodrigues Ferreira (UFMG)

Esquecidos escolares e suas vozes: A sensibilidade do olhar narrativas e experiências como formadoras de conhecimentos históricos na modernidade em Chapecó de 1970 a 1980

Marina Luz Rotava Paim (USF)

História Oral em universidade pública: Entre ensinar, produzir, preservar e disseminar

Elizângela Carrijo (UnB)

Memória(s) de professores(as) (re)construídas: uma escuta necessária (1966-1986, SC e BA)

Célia Santana Silva (UDESC), Yomara F. C. de Oliveira Fagionato (UDESC)

Representações da Guerra do Contestado: as identidades caboclas nas exposições de longa duração
Letíssia Crestani (UNIVILLE), Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes (UNIVILLE)

A atuação do guia de turismo como educador patrimonial.

Guilherme Dunchatt Zettermann (UFSC)

Museu Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória e Uso de Fontes na Educação Escolar

Nair Sutil (Secretaria Estadual da Educação – PR)

Construir fontes com história oral na EaD

Suzana Bitencourt (UEPG)

Mapeamento cultural: registro de saberes

Carla Cristina Barbosa (UNIMONTES)

Das congregações religiosas aos jardins de infância: narrativas sobre a emergência da educação infantil em Tubarão/SC.

Marlise de Medeiros Nunes de Pieri (Prefeitura Municipal de Tubarão)

História Oral e Patrimônio Cultural no Sul da Ilha de Santa Catarina. Experiências formativas do PIBID História

Mônica Martins da Silva (UFSC)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

A bicentenária Jardim/CE: evocações históricas e memórias de acontecimentos sociopolíticos

Maria Jorge dos Santos Leite (FACHUSC)

Incelenças de Barbalha/CE: usos da memória oral na invenção do patrimônio cultural

Emmanuela Harakassara (UECE)

O Grupo Folclórico Os Lusíadas do Centro Português de Maringá/PR como elemento de preservação da memória imigrante portuguesa através do folclore: um estudo de caso.

Márcio José Pereira (UFPR)

Centro Histórico de Natal/RN (1978-2013): memórias em disputa e patrimonialização

Arlene Lucena de Medeiros (UFRN)

Narrativas de uma comunidade: O caso da região do Anglo – Pelotas

Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEl)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O léxico partilhado em comunidades quilombolas do semiárido

Augusto Jackson de Jesus (UNEB)

17 – Juventudes e formação profissional: usos da história oral na perspectiva interdisciplinar

Coordenadores: Jayson Azevedo Marsella de Almeida Pedrosa Vaz Guimarães (UFPR),

Marlene Almeida de Ataíde (UNISA)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Memórias de professores sobre o uso dos laptops do Prouca em sala de aula

Deusirene Magalhães de Araújo (UFT)

Narrativas autobiográficas de jovens trabalhadores do Ensino Fundamental da EJA

Simone da Silva Simões (Prefeitura de São Paulo)

Trabalho e Imigração: A vinda dos jovens haitianos pós-terremoto para a cidade de São Paulo

Marcelo José dos Santos (UNIESP – União das Instituições Educacionais de São Paulo), Maria Rosa Barros (Centro de Ação Cristã)

Pensando a formação profissional a partir do olhar de jovens autores de ato infracional

Robson Vasconcelos Garcia (CLT)

História Oral e a produção científica nos programas de Pós-Graduação Stricto Sensu: um estudo a partir do Banco de Teses Capes 2011-2012.

Márcia Maria da Graça Costa (UNISA), Gabrielli Anny Carniello de Oliveira (UNISA)

A profissionalização de jovens filhos de imigrantes latino-americanos: costurando outra história

Fabiana Aparecida da Silva (PUC-SP)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

A postura do educador perante as manifestações da sexualidade e relações de gênero na educação infantil.

Adele de Miguel Marques (Faculdade Tijuçussu – UNIESP), Rafael do Nascimento Lima (EMEI Jacob João Lorenzini)

Formação Profissional: a pedagogia empresarial e sua inserção nas Organizações

Wilma Aparecida de Castro Ribeiro Alves de Melo (UNIP)

Os desdobramentos do abandono na construção social do jovem: o trabalho interdisciplinar nas casas de acolhimento em São Bernardo do Campo-SP

Jéssica Leine de Souza (Fundação Criança de São Bernardo do Campo), Tais Alves de Souza (Fundação criança de São Bernardo do Campo)

Trabalho e autonomia dos jovens recém desacolhidos nas casas de acolhimento de São Bernardo do Campo

Andréia Rosa Alves (Instituto Vida Palmares), Isis Martins de Oliveira (Faculdade Tijuçussu – UNIESP)

A visão de jovens que residem na região do ABCDMRR-SP detém sobre cursos profissionalizantes

Camile Biscola do Vale (Faculdade Tijuçussu –UNIESP)

Grupos dialógicos: possibilidades formativas a partir da história oral

Tânia Cavalcante Pires (UNEB)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

O mundo do trabalho: alguns desafios e obstáculos para a juventude contemporânea frente à formação profissional

Danilo Mendes Gomes (Residência Multiprofissional), Bruna Fernanda Barros de Moraes (UNISA)

A Imigração Angolana para o Brasil: O Trabalho como Principal Fator da Imigração de Jovens Angolanos em São Paulo.

Mayara Cunha da Conceição (Instituto de Previdência de Santo André)

Formação em Serviço Social: O Jovem Negro na Academia e as Manifestações da Questão Racial

Heloá Cristina Bueno dos Santos (UNIESP)

Juventude e formação superior: mudanças e possibilidades na vida dos sujeitos

Paulo Roberto Rodrigues Simões (Prefeitura Municipal de São Paulo – SP)

Formação musical de crianças e jovens no espaço socializador de uma orquestra: diferentes caminhos e olhares para a profissionalização

Adriana Bozzetto (UNIPAMPA)

18 – Memória, Ditadura Civil-Militar e Direitos Humanos

Coordenadores: Cleria Botelho da Costa (UnB), Maria Helenice Barroso (Secretária de Estado de Educação – DF)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Concepções de memória, história e verdade em relatos de perseguidos da ditadura brasileira

Roberta da Silva Morais (UFRGS)

Memória e representações dos romeiros da festa de Nossa Senhora da Abadia do Andrequicé(MG)

Maria Célia da Silva Gonçalves (UnB)

Para conocer la otra historia: historias de vida de la militancia aprista (1932-1980)

María Inés Valdivia Acuña (UFRGS)

Memória e Biografia: As representações de uma guerrilheira no período da Ditadura Militar Brasileira

Eloísa Pereira Barroso (UnB)

A geração estudantil da transição democrática: entre memória e esquecimento

Gislene Edwiges de Lacerda (UNINOVE)

Falar e calar a dor: sobre silêncios e lembranças do “tempo da ditadura” de 1964 em entrevistas com professores e estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Jaime Valim Mansan (FURG)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Therezinha Zerbini: protagonismo e ação política na luta das mulheres contra a Ditadura

Ana Rita Fonteles Duarte (UFC)

Narrativas sobre a vida na clandestinidade: gênero e memória

Joana Maria Pedro (UFSC)

“Eu passei a vida contando essa história.” As elaborações de si e dos seus na narrativa de Flávia Castro

Mariluci Cardoso de Vargas (UFRGS)

Memórias de uma desilusão: os Grupos de Onze Companheiros

Marli de Almeida (UPF)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O Estado da Bahia, Memória e Resistência à Ditadura Militar: Intelectuais e Resistência à Ditadura na Bahia

Júlio Ernesto Souza de Oliveira (UFBA)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

A escuta dos familiares dos desaparecidos políticos da ditadura civil-militar brasileira
Silvania Rubert (UFRGS)

Ditadura e política local: a trajetória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em Alegrete a partir da história oral

Diego Garcia Braga (Magistério do Estado do Rio Grande do Sul)

A trajetória política de Marcélio Bonfim no PCB de Sergipe (1964-1976)
Célia Costa Cardoso (UFS)

Comissão Estadual da Verdade do Paraná (Brasil): trabalho e desafios após a apresentação do Relatório
Claudia Cristina Hoffmann (Ministério Público do Estado do Paraná)

19 – Memórias, Identidades e Lutas Sociais

Coordenadores: Alejandra Luisa Magalhães Estevez (CPDOC/FGV), Marco Aurelio Santana (UFRJ)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Barragens, imagens e história oral: a luta por direitos na comunidade de Brejo de Fora-BA e no filme Narradores de Javé (2004)

João Pedro Ramalho Martins (UNEB)

Do direito a memória histórica: o processo de desapropriação de terras para a instalação do CIMH – Campo de Instrução Marechal Hermes no planalto Norte Catarinense.

Soeli Regina da Silva Lima (E.E.B. General Osório)

Gênero e movimento social do campo: Narrativas de mulheres dirigentes do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no sudeste do Pará

Idelma Santiago da Silva (UNIFESSPA)

Migrações internas, gênero e geração em movimentos de luta por moradia na Grande Florianópolis (Brasil, 1989-2015)

Francisco Canella (UDESC)

Ela por ela! O relato de uma prostituta frente à noções oficiais

Jovelina Lenir Carlini da Rocha (UDESC)

Ações Coletivas e Participação Social na área da Saúde para os moradores de Manguinhos (1990/2010): narrativas de atores sociais em perspectiva.

André Luiz da Silva Lima (Fundação Oswaldo Cruz)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Narrativas e Histórias de uma Mulher Negra Quilombola: A trajetória de vida da Secretária Municipal de Educação do Município de Poconé/MT

Luciano da Silva Pereira (UFMT)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Candomblé: A resistência no Médio São Francisco

Danilo Borges e Silva de Araújo (UNEB), Irenilda Maria da Silva (UNEB)

A memória Terena e a luta pelo território tradicional

Lindomar Lili Sebastião (PUC-SP)

Entre a invisibilidade e a visibilidade: o protagonismo dos ciganos Calon do bairro de São Gabriel, Belo Horizonte – MG, por um projeto histórico de liberdade

Priscila Paz Godoy (UnB)

A poética negro-brasileira recitada: bocas, ouvidos e mãos que (se) formam

Rita de Cássia Almeida Santos (ACEB/BA), Robenilson Nascimento dos Santos (UFBA)

Adolescentes e jovens negros e negras em Garanhuns: relatos de vida da escola da comunidade quilombola à escola da cidade em múltiplas (In) diferenças

Maria Giseuda de Barros Machado (UPE)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Começaria tudo outra vez: identidade e memória da Ala Vermelha nos testemunhos de seus militantes

Adriana Maria Ribeiro (UFRRJ)

Hieróglifos e Enigmas: Reflexões sobre a construção e o enquadramento da memória da esquerda clandestina

Lucas Andrade Sá Corrêa (CPDOC/FGV)

Fábrica Willys-Ford em Jaboaão –PE: trabalhadores e memórias do cotidiano fabril

Karlene Sayanne Ferreira Araújo (UFPI)

A mobilização de moradores da região da Cidade Industrial de Contagem/MG contra a poluição da Companhia Cimento Portland Itaú durante a ditadura militar

Carolina Dellamore Batista Scarpelli (UFMG)

História Oral da participação feminina no Movimento Estudantil entre 1966 e 1968

Vanderlei Machado (Colégio de Aplicação – UFRGS)

20 – Migrações, Exílios e Diásporas em Narrativas Orais

Coordenadores: Méri Frotscher (UNIOESTE), Roseli Boschilia (UFPR)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Práticas da história oral na pesquisa de migrações e imigrações: produzindo conhecimento sobre identidades coletivas

Regina Weber (UFRGS)

Memórias do processo de migração de retorno entre os estados da Amazônia Legal e o Paraná: disputas identitárias e questões ambientais (1990-2014)

Jorge Pagliarini Junior (UNESPAR)

Trajetórias femininas: as experiências de imigrantes haitianas em Curitiba

Fátima e Silva de Freitas (UniBrasil)

Mulheres haitianas na periferia de Curitiba: sobrevivência através das redes de sociabilidade e do apoio dos (poucos) serviços de acolhimento.

Ana Lúcia de Lima Pazos Vasquez (UNESPAR)

O refúgio no Brasil: primeiras impressões – relatos de experiência

Arquivo completo:

Helenice Pereira Sardenberg (UNILASALLE)

Um coração armado: o percurso migratório Aldo Lubes

Rodrigo Cribari Prado (UFPR)

Entre estar aqui e lá: Memórias e Nostalgias de (i)migrantes em Caxias do Sul – RS no Tempo Presente

Assis Felipe Menin (UDESC)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

“Eu não tenho uma história tão longa quanto do meu avô, por exemplo, que saiu da guerra”: memórias de netos de refugiados da Segunda Guerra Mundial no Brasil

Méri Frotscher (UNIOESTE), Marcos Nestor Stein (UNIOESTE)

Músicos uruguaios no exílio: para uma ideia de América Latina

German Adolfo Ocampo Sterling (Universidad de Salamanca), Geni Rosa Duarte (UNIOESTE)

O indivíduo como valor: errâncias de um militante político no exílio europeu.

Marcos Gonçalves (UFPR)

Colônia Bella Vista: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos – A alimentação como prática de identificação étnica.

Cleusi Teresinha Bobato Stadler (Secretaria de Estado da Educação – PR)

Aposentadoria e vida na cidade: memórias de mulheres em Marechal Cândido Rondon – PR

Gladis Hoerlle (UNIOESTE)

Entre pontes e muros: experiências urbanas de estudantes universitários imigrantes na UNILA (2007-2015)

Thiago Reisdorfer (UDESC)

Memórias femininas sobre a experiência da diáspora haitiana
Roseli Boschilia (UFPR)

24 – Povos, Comunidades Tradicionais e Grupos Populares: oralidades, memórias e imagens

Coordenadores: Carmo Thum (FURG), José Walter Nunes (UnB)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Oralidade e práticas educacionais: o caso da etnoeducação musical Apinayé
Walace Rodrigues (UFT)

Granja do Salso: Cultura, Histórias, Saberes e Escolarização no contexto dos Campos Neutrais
Eneusa Mariza Pinto Xavier (EMEF Brasilino Patella)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul
Juliana Fernandes Lorenzoni (UFRGS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Autobiografia na infância pomerana: a narrativa como processo de autoreferência na cultura
Isabella Ferreira Cardoso (FURG) e Gabriela Corrêa Lopresti (FURG)

Conhecendo as Comunidades, Fortalecendo Saberes
Noris Beatriz Costa Ney (Docente), Marcia Regina Bierhals (Docente)

O Protagonismo da infância campesina: a fotografia em diálogo com as narrativas infantis
Jeruza da Rosa da Rocha (FURG)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Agô: cultura e resistência no candomblé brasileiro.
Aline Baliberdín (Faculdade Sumaré)

Devoções e práticas religiosas no vale do Iguape – Recôncavo Sul da Bahia
Alaize dos Santos Conceição (UNIRIO)

Entre lugares e falas: oralidade/s de mulheres quilombolas na Bahia
Silvana Santos Bispo (Secretaria da Educação do Estado – BA)

Comunidades negras no Rio de Janeiro: identidade quilombola e religiosidade
Ione Maria do Carmo (UNIRIO)

As linguagens de liderança evangélica na Comunidade Gólgota de Curitiba/PR na contemporaneidade
Maralice Maschio (UFPR)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Entre o medo e a glória: oralidade e memórias de lutas cabanas no campo

Ana Renata do Rosário de Lima Pantoja (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará)

Trabalhadores extrativistas: memória e história da luta pela terra na Amazônia

Rafaele Costa Flexa (UNIFAP)

Patrimônio e memória: a história oral e a compreensão das práticas culturais no agreste alagoano

Francisca Maria Neta (UNEAL), José Adelson Lopes Peixoto (UNEAL)

Povo Tradicional Pomerano: Diálogos Interculturais

Erineu Foerste (UFES)

Língua Pomerana: Da oralidade para a escrita – Trajetória da EMEF Martinho Lutero

Cristiane Siefert Neuenfeldt (Docente)

Narrativas Femininas do Ensino Superior Indígena na UNIFESSPA

Tatiana de Oliveira Santana (UFSC)

Uma Mulher Pomerana no Brasil: Culturas, Línguas Germânicas e Educação

Mônica Nickel (UFES)

Sob o avental das cozinheiras, outros saberes em torno da merenda escolar: oralidade e imagem na interpretação de experiências de mulheres em escolas rurais – Paranoá/Distrito Federal

Virginia Litwinczik (Servidora pública)

Educação: Memórias de Uma Comunidade Descendente de Pomeranos no Espírito Santo — Brasil

Edineia Koeler (UFES)

Aspectos memoriais e históricos de Giruá: a festa do Butiá na fala de sua população

Adriana Aparecida Felini (UNILASALLE)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

No frenesi de uma vila operária: histórias de vida, cultura e sociabilidades em Fernão Velho (Maceió-AL, 1940-1950)

Marcelo Góes Tavares (UFPE)

Guilherme Weingärtner: um sujeito presente na memória coletiva de uma região

Carla Rejane Barz Redmer Schneid (Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul – RS)

Trançado e tramas na Terra Indígena Foxá: O comercializar do artesanato na Cidade de Lajeado/RS

Emelí Lappe (UNIVATES)

O encontro entre a história de vida de Mestre Alcides, a memória e a cultura oral na luta por uma educação partilhada

Roberta Navas Battistella (USP)

A atuação de padre Alfredo Dâmaso e suas contribuições para o reconhecimento étnico de povos indígenas no Nordeste contemporâneo.

Deisiane da Silva Bezerra (Associação Educacional Francisca Lechner)

25 – Práticas de História Oral: narrativas de memória e a pesquisa em História da Educação

Coordenadores: Cláudio de Sá Machado Júnior (UFPR), Dóris Bittencourt Almeida (UFRGS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Ouvir/Contar: Memórias de alunos negros do curso técnico em Química do Cefet de Minas Gerais, 1964-1978

Laura Nogueira Oliveira (CEFET-MG)

Matizes e laços que se cruzam ao badalo dos sinos do ensino religioso do curso primário do Colégio Farrroupilha/POA-RS (1940-1970)

Alice Rigoni Jacques (PUCRS)

Memórias de professores: traçando carreiras e redes profissionais

Eduardo Cristiano Hass da Silva (PUCRS)

Representações da Educação Rural em Pelotas (1930-1960): a professora Raquel Mello

Magda de Abreu Vicente (UFPeI)

A cultura escolar através da memória dos autores escolares.

Anna Beatriz Ereias Ensslin (UFPeI)

Narrativas de memória de ex-moradores da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida – CEUACA (1960-1970): uma reflexão sobre o uso de fontes orais em História da Educação

Marcos Luiz Hinterholz (UFRGS)

Os bastidores de uma pesquisa em história da educação e o uso da história oral: entre as memórias e histórias da criação de um museu histórico universitário

Tatiane Vedoin Viero (UFPeI)

O ensino de História e a invenção de uma tradição cultural: o caso do açorianismo em Garopaba-SC

Rosiane Marli Antonio Damazio (UDESC)

História Oral e memória: novas abordagens nas narrativas de memórias no processo da escolarização de pessoas surdas em Teresina-PI, 2015

Veruska Lauriana da Silva de Carvalho (Instituto de Ensino Alegria do Saber)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Ginásios Vocacionais: ensino renovado ou subversivo?

Suely Ramos da Silva (Secretaria da Educação do Estado – SP)

O processo seletivo para ingresso no Colégio de Aplicação da UFRGS: lembranças de professoras (1954-1983)

Valeska Alessandra de Lima (UFRGS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias de Educação: narrativas de mulheres judias guardadas em um Acervo de História Oral

Manoela de Calazans Gonçalves (UFRGS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memória Oral: apreensões históricas do processo de criação da Faculdade de Educação da UFMG e seu projeto de formação docente.

João Victor da Fonseca Oliveira (UFMG), Larissa Verônica Martins Jeber (UFMG)

Entre memórias: A criação do Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal

Fabiana de Moura Maia Rodrigues (UFRJ)

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: memória e patrimônio do artista

Raquel Santos Schwonke (UFPEL)

A Escola Técnica de Mineração e Metalurgia de Ouro Preto no processo de consolidação do modelo de educação profissional da rede federal: registros de história oral

Arthur Versiani Machado (Instituto Federal de Minas Gerais)

Relatos Sensíveis: Prédios e espaços escolares nas narrativas de estudantes de Porto Alegre (1920-1980)

Lucas Costa Grimaldi (UFRGS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias de benzedoras no Leste de Mato Grosso do Sul

Edna Silva Simões (UEMS)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Narrativas de professores acerca do Sistema Educacional Família e Escola (Florianópolis, 2009-2012)

Claricia Otto (UFSC), Raquel de Melo Giacomini (EEM Antônio Paschoal Apóstolo)

O que a História Oral pode nos revelar? Memórias de docentes e História da Educação

Elaine Lourenço (UNIFESP)

Qual patrimônio imaterial escolar? Iniciação à pesquisa e narrativas de memórias na constituição de acervos orais por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná

Cláudio de Sá Machado Júnior (UFPR)

Representações sociais da alimentação escolar: quem é a merendeira?
Francine Nogueira Lamy Garcia Pinho (Faculdade Redentor de Campos)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Pavilhão Pereira Filho ou “apenas Pavilhão”: relatos de memórias de um ícone científico e hospitalar da Santa Casa de Porto Alegre (1965-2015)
Leonardo Braga Borowski (FAPA)

26 – Na luta por direitos: memória e história de trabalhadores, movimentos e organizações sociais

Coordenadores: Marluza Marques Harres (UNISINOS), Rodrigo de Azevedo Weimer (Fundação de Economia e Estatística), Samuel Carvalheira de Maupeou (UECE)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

“De repente a roça vai virar cidade”: A Formação do município de Novo Horizonte do Sul-MS (1985-1992)

Nelson de Lima Junior (UFGD)

Memórias sobre os movimentos de ocupação de terra na Zona Canavieira de Pernambuco (1986-1998)
Samuel Carvalheira de Maupeou (UECE)

Militâncias, barragens e memórias: o Movimento dos Atingidos por Barragens no Rio Grande do Sul através da memória de seus jovens militantes

Gérson Wasen Fraga (UFFS)

A ilha que se repete: a luta pelo território entre os deslocados pela Usina Hidroelétrica de Estreito.
Dernival Venâncio Ramos Júnior (UFT)

Território dito e território vivido: a memória e a história na luta pela terra no Assentamento Formosa Urupuca no Município de São José do Safira – MG

Diego Jeangregório Martins Guimarães (UNIVALE)

A influência do cooperativismo na estrutura agrária da região Sudoeste do Paraná
Tiago Arcanjo Orben (PUCRS)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

O movimento sindical bancário e o ingresso das mulheres nos bancos (1960-1980)
Luciana Carlos Geroleti (UFSC)

“Eu pensei que filho era bom, mas filho não é bom não”: articulações entre gênero, maternidade e pobreza ou a história de Eni

Tânia Maria Gomes da Silva (UNIFAMMA)

Através da memória, um democrata cristão: notas a respeito da formação do homem público Plínio de Arruda Sampaio (1959-1962)

Raphael Chaves Ferreira (UFJF)

Narrativas de trabalhadores da antiga Fábrica Laneira (Pelotas-RS)
Lorena Almeida Gill (UFPel)

O tradicionalismo gaúcho em Caxias do Sul entre trabalhadores de empresas metal-mecânicas da década de 1980 à de 2000.

Bolívar Kieling Júnior (Prefeitura Municipal de Caxias do Sul – RS)

“Hoje vou falar dos meus direitos”: Memórias do Bloco Carnavalesco Chupicopico, Belém-PA (1988-1993)
Daniella de Almeida Moura (Secretária Estadual de Educação – PA)

O testemunho de trabalhadores autônomos sobre a relações de trabalho para as malharias de Montesionenses

Gregório Belinato (UNESP/Marília)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

“Povo esclarecido pode mudar a vida.” O Movimento de Educação de Base na Bahia (1961-1966)
Sara Oliveira Farias (UNEB)

A dinâmica da resistência à ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul: reflexões a partir das fontes orais
Felipe Vargas da Fonseca (UNISINOS), Cleverton Luis Freitas de Oliveira (UFPel)

História e memória do movimento de ocupação urbana no final da ditadura militar-civil em Recife-PE
Luziano Pereira Mendes de Lima (UNICAMP)

Movimentos sociais e a luta pela participação popular na Constituinte de 1988: memórias da abertura política
Ozias Paese Neves (UFPR)

Sindicalismo docente: a trajetória dos trabalhadores da educação pública do Tocantins.
Silvanio Coelho Mota (UFT)

A pedagogia multirracial e popular em Santa Catarina: trajetórias históricas e lutas sociais do Movimento Negro
Ivan Costa Lima (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Memórias de uma escola em tempos de greve: reminiscências de professoras do I.E. Gen. Flores da Cunha Porto Alegre(1979/1997).

Maria Beatriz Vieira Branco Ozorio (PUCRS)

27 – Trajetórias “invisíveis”: experiências de mulheres nas migrações transnacionais

Coordenadores: Maria Cristina Dadalto (UFES), Syrléa Marques Pereira (UFES)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Vozes Femininas: Memórias e histórias de mulheres migrantes em Manaus
Patricia Rodrigues da Silva (UFAM)

Brimas na capital carioca: as imigrantes sirio libanesas no contexto da Imigração Árabe para o Rio de Janeiro

Munah Maleque Felicio (UERJ)

Memórias do futuro: a trajetória de uma alemã judia no Rio de Janeiro

Patricia Reinheimer (UFRRJ)

Mulheres de Icatu: resistência e protagonismo social.

João Paulo Alves Costa (Universidade Federal do Pará (UFPA))

O silêncio a respeito de Luz del Fuego

Silvana Maria Gomes da Rocha (UFES)

Narrativas em torno da imigração de mulheres italianas e seus familiares no Rio Grande do Sul no final do século XIX e décadas iniciais do século passado

Leonor Carolina Baptista Schwartzmann (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Mulheres da imigração portuguesa: o papel das imigrantes madeirenses em São Paulo

Nelly de Freitas Moreli Rocha (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Maria Izilda Santos de Matos (PUC-SP)

As Senhoras da Casa dos Açores de São Paulo: compartilhando saberes na comemoração do Bicentenário da Imigração Açoriana no Espírito Santo

Fabiene Passamani Mariano (UFES)

Historias de vida de mujeres latinas migrantes hacia Nueva York: ¿Deconstrucción de la razón androcéntrica?

Maria da Gloria Marroni (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla)

Narrativas orais e migrações contemporâneas: experiências de mulheres cricumenses nos fluxos migratórios para os Estados Unidos

Michele Gonçalves Cardoso (UDESC)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias e Histórias da Lepra no Espírito Santo: história oral, micro-história e tempo presente

Brenda Soares Bernardes (UFES)

28 – Narrativas biográficas e esporte olímpico

Coordenadores: Kátia Rúbio (USP) e Luciana Ferreira Angelo (Instituto Sedes Sapientiae)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Olimpismo e Política: os Jogos Olímpicos de 1968 na perspectiva dos atletas olímpicos brasileiros

Dhênis Rosina (USP)

Dor e narrativa biográfica em atletas: uma história da ginástica rítmica brasileira
Gabriela de Carvalho Monteiro Gonçalves (USP)

Do desejo verdadeiro às falsas memórias: representações narrativas de cenas não vividas
Katia Rubio (USP)

A coragem na narrativa de um atleta olímpico brasileiro
Carlos Rey Perez (USP)

Valores olímpicos: conscientes ou inerentes no discurso de um atleta olímpico brasileiro?
Maria Alice Zimmermann (Prefeitura Municipal de São Paulo), Natália Kohatsu Quintilio (Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul – SP)

Ser e deixar de ser atleta em tempos de amadorismo: a transição de um bicampeão mundial de basquetebol
Neilton de Sousa Ferreira Junior (Grupo de Estudos Olímpicos (USP)

Maria Nelly: memórias de uma pianista do tiro esportivo
Luciana Ferreira Angelo (Instituto Sedes Sapientiae)

Os atletas naturalizados no esporte olímpico brasileiro
William Douglas de Almeida (Gestor em comunicação pública)

Tempos vivos: A reconstrução da memória do trajeto de um ciclista olímpico brasileiro até os jogos olímpicos de Berlim em 1936
Rafael Campos Veloso (USP)

Tempo: Quero ser Mãe
Gislane Ferreira de Melo (USP)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Construindo memórias paralímpicas: A História de Vida da nadadora Susana Schnarndorf
Luciane Maria Micheletti Tonon (Associação Brasileira de Jornalismo Literário)

Uma história oral das mulheres pioneiras no atletismo paralímpico brasileiro
Tuany Defaveri Begossi (UFRGS), Janice Zarpellon Mazo (UFRGS)

Um pioneiro do basquete em cadeira de rodas brasileiro: o percurso esportivo de Cláudio Araújo
Josiana Ayala Ledur (UFRGS), Alice Beatriz Assmann (UFRGS)

Entre Nisseis e Sanseis: Uma Genealogia dos Medalhistas Olímpicos do Judô
Alexandre Velly Nunes (UFRGS)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

ESEFFA: em cena a formação do primeiro corpo docente
Raí Medeiros Veiga (UEPA)

29 – História oral e os estudos sobre memória, heranças sociais e usos do patrimônio cultural em contextos latino-americanos

Coordenadores: Ilanil Coelho (UNIVILLE) e Maria Laura Gili (Universidad Nacional de Villa Maria)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

A intergeracionalidade na memória de professores velhos
Jocirley de Oliveira (UFT)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Manifestações Religiosas e Profanas no Sairé (1973-1996)

Nádia Lorena Sousa de Moraes (Instituto de Ciências da Educação)

“Narrativas da terra, ancestralidade e ruralidade”: o uso das memórias no inventário do patrimônio imaterial afro-brasileiro em Santa Catarina

Fernanda Mara Borba (UDESC)

Memórias Polifônicas de Espaços Dissonantes: Histórias entrecruzadas do Theatro Nicodemus e Sociedade Harmonia Lyra – Joinville/SC

Pedro Romão Mickucz (UNIVILLE)

O rock como estilo vida: cenas joinvilenses dos anos 90

Augusto Luciano Ginjo (UNIVILLE)

Os museus sob o olhar das educadoras negras em Florianópolis: identidade, vivências e experiências nos espaços museais.

Valdemar de Assis Lima (UFSC)

O dito e o escrito, o imaginado e o partilhado: Oswaldo Rodrigues Cabral nas memórias de atores do patrimônio cultural em Santa Catarina

Janice Gonçalves (UDESC)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

As vozes dissonantes no processo de tombamento dos Roteiros Nacionais de Imigração de Santa Catarina
Daniela Pistorello (UNICAMP)

“Quando a cigarra começava a cantar”: nostalgia nos lugares de agruras

Alisson Sousa Castro (UDESC)

Versões sobre o patrimônio cultural

Bibiana Werle (UDESC)

Em amparo às marcas do passado: os profissionais do patrimônio e a construção de uma ordem patrimonial em Joinville-SC

Diego Finder Machado (UDESC)

30 – Memórias de imigrantes e de seus descendentes

Coordenadores: Antonio de Ruggiero (PUCRS), Cláudia Musa Fay (PUCRS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Mulheres imigrantes e o desejo de outro mundo para os filhos
Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)

Alemães na Zona Sul de Porto Alegre: o veraneio de Helga Piccolo Landgraf (1940 – 1960)
Janete da Rocha Machado (PUCRS)

O Ethos imigratório e a moral imigrante: relatos da imigração judaica sefarad para o sul do Brasil
Larissa Maria de Almeida Guimarães (UFRGS)

Memória e identidade de mulheres imigrantes artista.
Sidentalva Maria dos Santos Wawzyniak (UNESPAR)

Aspectos e repercussões da II Guerra Mundial nas “memórias” das imigrantes italianas Porto Alegre (1945-1955)
Egiselda Brum Charão (PUCRS)

Slava: Uma viagem narrativa do Oriente ao Ocidente
Jaqueline da Silva de Oliveira (PUCRS)

A construção de um instituto Roche de idiomas em Porto Alegre
Martha de Leão Lemieszek (PUCRS)

Os reflexos da Segunda Guerra Mundial na população do Vale do Itajaí através dos relatos orais de imigrantes alemães.
Geneci Guimarães de Oliveira (PUCRS)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Reflexões sobre a memória e as representações sociais de imigrantes japoneses na Colônia Pirianito (Uraí-Pr)
José Junio da Silva (UFPR)

Imigração italiana do Final do Sec XIX :o grande marco da vitivinicultura Rio-Grandense e Brasileira.
Valdiney Cesario Ferreira (Vinisa Projetos Treinamento e Desenvolvimento), Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ)

Permanências e abandono da língua ucraniana em Prudentópolis-PR
Lourenço Resende da Costa (UFPR)

O “apagamento repressivo” dos traços culturais de teuto-brasileiros em São Lourenço do Sul (1937-1945)
Cristiano Gehrke (UFPeI)

A História Oral como possibilidade: memórias de imigrantes japoneses em Dourados-MS
Vivian Iwamoto (UFGD)

Encantos e desencantos na migração Portugal/Brasil
Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira (PUC-PR)

De Portugal para o Brasil: aspectos da trajetória de Maximiano Pombo Cirne através da oralidade (Século XX)
Biane Peverada Jaques (UFPEl)

Memórias de imigrantes: uma fonte para o estudo das estratégias de deslocamentos e integração nos núcleos de colonização do Rio Grande do Sul
Maíra Ines Vendrame (UNISINOS)

Memórias de infância e educação: civilização de imigrantes japoneses
Joice Camila dos Santos Kochi (UFGD), Míria Izabel Campos (UFGD)

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Carroceiros tropeiros e a moeda ambulante em uma colônia de imigração nas primeiras décadas do século XX no Paraná
Lucimara Koss (UFPR)

As Atividades Empresariais do Grupo Logemann
Margareth Anne Camargo Contessa

O uso do italiano como língua litúrgica e de culto nas comunidades metodistas da região de colonização italiana do nordeste gaúcho (1887-1939)
Vicente Martins Dalla Chiesa (Tribunal Regional Federal – RS)

Memória, narrativa, história oral: um ensaio sobre identidade (étnica e religiosa) entre jovens luteranos de Imbituva-PR
Wanderley Maycon Lange (UEPG)

Os trabalhadores súditos do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas através da memória de seus descendentes.
Tamires Xavier Soares (PUCRS)

Resumos dos Trabalhos dos Simpósios Temáticos

01 – A História das Cidades no Brasil Republicano

Coordenadores: CLAUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES (Doutor(a) – UFPI),
MARCELO DE SOUSA NETO (Doutor(a) – UESPI)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Diversidade étnica nas comemorações do 25 de Julho, em São Leopoldo/RS

Roswithia Weber (Universidade Feevale)

O trabalho analisa as discussões sobre a diversidade étnica da cidade de São Leopoldo/RS no contexto da passagem do 25 de Julho, data esta, que marca a chegada da primeira leva de imigrantes alemães, em 1824, ao Rio Grande do Sul (Província de São Pedro do Rio Grande), na então fundada Colônia de São Leopoldo. Na construção da identidade local de São Leopoldo, a origem étnica alemã apresentava-se numa reprodução recíproca entre território e identidade. No entanto, esta correspondência passa a ser questionada quando o Partido dos Trabalhadores assume, em 2015, a administração do município. A contrariedade frente às manifestações que identificavam a cidade apenas com a história ligada aos descendentes de alemães, ou seja, não considerando a diversidade étnica local, manifestava-se especialmente nas comemorações da festa denominada São Leopoldo Fest. Para tal, utilizam-se fontes orais, da imprensa e da folheteria turística, considerando-se discursos de diversos agentes sobre a visibilidade de diferentes etnias da cidade, no contexto das comemorações da São Leopoldo Fest, sob a administração do Partido dos Trabalhadores.

O Renascer de uma Cidade Iluminista: São Luiz do Paraitinga após a inundação de 2010

Celso Diniz Nobre (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

O presente estudo constitui parte da pesquisa de doutorado que é realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cujo objetivo é analisar o renascer da cidade de São Luiz do Paraitinga, cidade Patrimônio Cultural Nacional que no 1º dia do ano de 2010, foi palco do maior desastre em área protegida do território brasileiro. Dos 426 imóveis tombados no município, 65 foram danificados e 16 deles, arruinados. Dentre os destruídos estão os símbolos da cidade: a Igreja Matriz, do século XIX; uma Capela, do século XVIII; e o Grupo Escolar, do século XIX; conjuntos arquitetônicos representativos do planejamento ilustrado no País. Os conceitos “cidade iluminista” ou “planejamento ilustrado” são utilizados pelo historiador português José Eduardo Horta Correia desde 1982 e referem-se aos núcleos urbanos fundados no Brasil e Portugal no governo do Marques de Pombal, núcleos que eram previamente desenhados, onde se ressaltava o traçado das vias estruturantes e os seus principais edifícios. Têm-se a História Oral, como procedimento metodológico para a pesquisa, o qual permitirá entender os momentos de subjetivismo dentro da história da cidade e o seu processo de renascimento.

Migração de paraibanos para Boa Vista/RR e a produção Territorial através da atividade comercial (1980-2014)

David Dantas Targino (Barão de Mauá)

A migração se insere em contextos específicos e desse modo o presente trabalho busca compreendê-la através dos relatos orais dos migrantes paraibanos entre 1980 à 2014. Para tanto, levar-se-á em consideração as Territorialidades produzidas por estes sujeitos na cidade de Boa Vista, Roraima, dentro do contexto da atividade comercial. Cumpre salientar que articulação conceitual e analítica se dar a partir dos campos de estudo da Geografia e da História. Assim, além da História Oral utiliza-se como recurso metodológico o estudo de campo na cidade associado com pesquisa bibliográfica e documental o que nos permite a identificação dos estabelecimentos de proprietários paraibanos bem como a obtenção de informações nos levaram a compreender muitos aspectos atrelados à vivência e ao cotidiano no lugar de destino por parte do migrante, bem como a construção de territorialidades a partir de empreendimentos comerciais presentes na cidade que fazem referência direta à Paraíba.

A Cidade Nova do Campeche: uma perspectiva histórica dos projetos de futuro para Florianópolis a partir das memórias dos moradores do bairro

Carolina do Amarante (Universidade do Estado de Santa Catarina)

Diante do contexto da expansão urbana na cidade de Florianópolis (SC – Brasil), para o bairro do Campeche a partir do final da década de 1980, este artigo visa problematizar questões ambientais, culturais e urbanas ocorridas neste processo. A praia do Campeche, localizada no sul da Ilha de Santa Catarina, até o início do primeiro plano diretor para o bairro, em 1989, possuía características rurais, ou seja, esta localidade apresentava um lento processo de urbanização e carência de serviços públicos de um município. Contudo, na década de 1990, a partir da perspectiva de transformar Florianópolis na “Capital turística do MERCOSUL” o Campeche passa a se modernizar pela ideia d’ A Cidade Nova do Campeche. A escolha da temática deste artigo está fundamentada na abordagem da História do Tempo Presente e na metodologia da História Oral, com a proposta de buscar apresentar as várias contradições e matizes a respeito do contexto histórico do desenvolvimento do Campeche que é para confrontar mais de um discurso. Pois, esta análise se propõe a utilizar as várias visões parciais dos moradores do bairro para a compreensão da conjuntura histórica a respeito do contexto analisado.

Cidades visíveis, sujeitos invisíveis: pescadores em Parnaíba nas décadas de 1970 e 1980

Pedro Vagner Silva Oliveira (Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP)

Este trabalho analisa as relações dos pescadores de Pedra do Sal com a cidade de Parnaíba, no Piauí, entre os anos 1970 e 1980. O texto aqui apresentado é parte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do mestrado em História da Unifesp, sobre as experiências e o cotidiano de pescadores da região de Pedra do Sal, no litoral do Piauí. Nos anos 1970, o turismo no Brasil ganhou notoriedade enquanto “setor” que poderia trazer desenvolvimento. A partir dessa década, é possível observar nos periódicos parnaibanos a defesa da atividade turística e a valorização da paisagem natural, inclusive de Pedra do Sal, única praia do município. Objetivando analisar as vivências dos pescadores de Pedra do Sal em meio a esse contexto de valorização da paisagem praiana, usamos a metodologia da história oral temática, a fim de captar as experiências desses sujeitos, tanto na praia, quanto na cidade. As narrativas desse grupo são importantes

para entendermos uma parte da cidade pouco estudada pela historiografia regional, bem como compreender a dinâmica e sociabilidades desses indivíduos que moravam longe do centro de Parnaíba.

Minha Casa, Sua Casa: memória urbana e história oral em Fortaleza-Ce (Séc. XX)

Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos (UFRJ)

Na atualidade, as experiências urbanas marcam e demarcam homens e mulheres, que, usualmente, ao se adequarem ao ritmo frenético da vida citadina enxergam o espaço e as construções urbanas como obstáculos a serem transpostos. Todavia, com o advento da experiência temporal por parte dos moradores ao envelhecerem ou mediante de um lado a perda da dinâmica social ou, ainda, a eventual aceleração dessa área, desencadeia nos moradores distintas formas de viver e estar na cidade. Assim, frente ao fluxo dinâmico das mudanças, a casa passa a ser o espaço privilegiado do viver, estimulando a preservação das construções e manutenção dos hábitos culturais de outrora. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo problematizar a ação de manutenção e “preservação” feita por moradores da cidade de Fortaleza – Ceará de suas respectivas casas. Ação essa que não se circunscreve apenas a manutenção material, mas perpassa e envolve o modo de vida e suas lembranças pessoais como argumentos legitimadores de suas ações, como é possível verificarmos nas entrevistas realizadas com os moradores da capital cearense para a confecção da pesquisa.

Cidade, memórias e identidades: Boa Vista e memorialistas – 1970/1980

Raimundo Nonato Gomes dos Santos (UFRR)

Este texto faz uma reflexão sobre os relatos de Antônio Ferreira de Souza e de Dorval de Magalhães, ambos memorialista e autores das duas primeiras obras produzidos pelos moradores de Boa Vista sobre a história de Roraima e, conseqüentemente, dessa cidade: “Roraima fatos e lendas” e “Roraima: informações históricas” respectivamente, obras produzidas entre a segunda metade da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980. Atento a observações de autores como: Joël Candau, Michel de Certeau, Stuart Hall, Jacques le Goff, Michael Pollack, Tomaz Tadeu da Silva e, empregando metodologicamente os conceitos de “memória” e “identidade”, procura-se neste trabalho revelar a dinâmica da construção das memórias fundantes da cidade de Boa Vista e suas implicações nas relações poder.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A cidade e as ruas de recreio: compreendendo apropriações e usos dos espaços urbanos

Jennyfer Thais Alves Ferreira (UFMG)

As ruas de recreio foram formas de intervenção, no âmbito de lazer, utilizadas por prefeituras, instituições de ensino superior e outros órgãos, públicos e privados. Este estudo buscou compreender a constituição das ruas de recreio realizadas em Minas Gerais, entre 1950 e 1980, analisando os espaços que as acolhiam, dando ênfase à cidade de Belo Horizonte, pioneira na sua realização. Apesar do nome, as ruas de recreio não aconteciam somente nesse local, mas também em praças de esporte, parques, jardins, campos de futebol e escolas, abrangendo diferentes cidades, como Pedro Leopoldo, Ouro Preto e Ibirité, e vários bairros da capital, como Ouro Preto, Gameleira e Vista Alegre. Incluindo diversas atividades como o esporte, a ginástica e a recreação.

Manguinhos: espaço de sociabilidade institucional – o caso da Fiocruz

Tania Maria Fernandes (Casa de Oswaldo Cruz)

O presente trabalho traz para o debate o processo de construção de uma parte do subúrbio carioca conhecido como Manguinhos que circunda a Fundação Oswaldo Cruz. Os cem anos de ocupação da área que hoje é habitada por cerca de 70.000 pessoas deram ao lugar um formato diferenciado do que se observava no início do século XX. Inicialmente delimitado por fazendas produtoras de alimentos que supriam a cidade, cortado por rios e margeado pela Bahia de Guanabara, o espaço deu lugar à densa ocupação populacional com grupos distintos de comunidades. A relação estabelecida com várias instituições que fizeram parte da história do local, se deu por conquistas e perdas de espaço diante da tomada da área pelo tráfico de drogas e pela disputa e confrontos entre grupos rivais e a polícia. A Fiocruz, na área desde 1900, compõe este quadro da história das comunidades narrada por vários moradores que nos possibilitaram traçar uma parte desta história. Nos detemos aqui ao significado da instituição para alguns moradores desde uma extensão de suas casas (para lazer e trabalho) até a utilização de seus serviços na área de saúde (atendimento médico, controle de vetores, organização social e emprego).

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Entre o Relato e a Escrita: oralidade e textualidade em O. G. Rego de Carvalho

Pedro Pio Fontineles Filho (Universidade Federal do Ceará)

O presente estudo tem o objetivo principal de compreender os relatos do escritor O. G. Rego de Carvalho acerca das cidades de Oeiras e Teresina, PI. As discussões chamam a atenção para o entrecruzamento entre o rural e o urbano, em suas memórias. Além disso, as questões ligadas aos vieses da memória, da biografia e da autobiografia constituem ponto importante para o entendimento das narrativas do escritor sobre os espaços. Metodologicamente, o estudo se utilizou da leitura analítico-interpretativa do livro *Como e por que me fiz escritor* (1994), a *Revista da Academia Piauiense de Letras* (edição de 1994) e de entrevistas publicadas em jornais e revistas entre as décadas de 1970 e 1980. Como arcabouço teórico-metodológico, para pensar as ligações entre história, memória e cidade, recorreu-se às proposições de Bourdieu (2010), Chartier (2002), Le Goff (2012), Ferreira (2006), Meihy (1996) e Sennet (1997). Considera-se que a narrativa ficcional do literato apresenta inúmeras possibilidades para as discussões e análises acerca da produção e recepção das memórias dos espaços urbanos, contribuindo, ainda, para as reflexões sobre as aproximações entre história, literatura e memória.

Do Concreto ao Contar: memória e patrimônio na cidade de Piracuruca-PI

Paulo Tiago Fontenele Cardoso (Universidade Cândido Mendes)

O presente estudo tem o objetivo principal de compreender o patrimônio histórico da cidade de Piracuruca, Piauí, a partir das memórias de seus habitantes, por meio dos relatos orais e as ações políticas e legislativas de preservação patrimonial. O patrimônio, assim, é tomado como uma instância da própria cidade, refigurando experiências, sensibilidades e práticas múltiplas sobre os espaços. Metodologicamente, o estudo fez uso das fontes orais, construídas por meio dos relatos de diferentes agentes, que vivenciam o

patrimônio de forma particular e singular. Assim, moradores antigos, lideranças comunitárias, professores e estudantes compõem os sujeitos que contam suas histórias em relação ao concreto. Além disso, fez-se uso de leis que tratam do patrimônio da cidade. Como arcabouço metodológico, recorreu-se a autores como Albert (2013), Bitencourt (1989), Brito (1922), Britto (2002), Choay (2006), Funari (2006), Soares (2007), Le Goff (2012), Ricoeur (2012). Considera-se, em boa medida, que o contar reconstrói o concreto, pois a cada memória, uma nova cidade se desenha no cenário urbano, onde o contar remodela o concreto.

A CIDADE MEDITA: Teresina na década de 1970 pelo discurso de cronistas d'O Liberal

Alessandra Lima dos Santos (Universidade Federal do Piauí)

Durante a década de 70, inúmeras cidades brasileiras passaram por distintas e variadas intervenções espaciais e arquitetônicas. Teresina (PI) passou por atividades similares que levaram a modificações não só no âmbito estrutural, mas também no social de sua população. Essas interferências ocorridas principalmente nos anos da administração governamental do Engenheiro Alberto Tavares Silva e do prefeito Joel Ribeiro (1971-1975), foram palcos de discursos em diversos meios da imprensa local. O objetivo desse trabalho é verificar as experiências dos principais cronistas do bissemanário teresinense *O Liberal* acerca do processo de modernização pelo qual a cidade de Teresina passou na década de 1970. Utilizamos como aporte documental as práticas discursivas de colonistas do referido periódico – entendemos que a cidade era parte principal de escrita não só de seus redatores, mas também de seus poetas e cronistas. Teresina era o plano de fundo de suas reportagens, de suas críticas e o objeto de seus desejos. Dessa forma, dentro da escrita sobre a cidade se via embutida a análise política do período que vivia sob o signo do Regime Militar.

“Esquadrão da Central”: os ferroviários e o futebol em Parnaíba (PI)

Maria Dalva Fontenele Cerqueira
(Secretaria de Educação do Estado do Piauí)

O futebol encantou e despertou entre os parnaibanos o gosto e o prazer pela sua prática nas primeiras décadas do século XX. Rapidamente o gosto pelo futebol contagiou os ferroviários piauienses que organizaram na década de 1940 o Ferroviário Atlético Clube, respeitado e com prestígio entre os demais times existentes na cidade. O respeito diante dos adversários da bola foi conquistado pelas vitórias nos campeonatos organizados entre as décadas de 1940 e 1960 na cidade de Parnaíba-PI. A presente comunicação tem como objetivo evidenciar a participação dos ferroviários no futebol parnaibano, conhecer o cotidiano dos ferroviários e sua participação no futebol, buscou-se, também identificar os espaços da cidade ocupados pelos times durante os treinos. Utilizou-se a metodologia da história oral, tendo como gênero adotado nas entrevistas a história temática. Além das fontes orais, foram utilizados jornais, revistas, livros de memorialistas para compreender as questões propostas. Na análise e interpretações das fontes foram importantes as contribuições de: Assmann (2011) Nora (1997), Benjamin (1994), Certeau (2003), Fontineles (2009), Franco Júnior (2007), Thompson (2002).

COM POUCOS TIJOLOS E MUITOS VOTOS: o Conjunto Habitacional Itararé e as eleições de 1978
Marcelo de Sousa Neto (UESPI)

No contexto do processo de ocupação e expansão das cidades brasileiras, durante o período dos governos militares, representam o interesse central da presente pesquisa que visa discutir o processo de ocupação populacional da cidade de Teresina (PI), bem como as estratégias de acesso à moradia, privilegiando problemáticas que envolvam histórias, memórias e as maneiras de se envolver e se relacionar com o cenário urbano. Dessa forma, procuramos analisar os mecanismos de ocupação e disputas políticas existentes no Conjunto Habitacional Itararé, em um recorte que se estende de 1976 a 1978, analisando as estratégias de aproximação utilizadas por políticos junto aos moradores do conjunto e as táticas de resistência e reivindicações que estes assumiam em relação aos primeiros, tendo como cenário o pleito eleitoral de 1978, evento onde se pode perceber o alinhamento político dos moradores com os grupos políticos que motivaram a construção do residencial. Visamos discutir a história e memória desses moradores, destacando o seu protagonismo no cenário político partidário da cidade em um ambiente que segregava de forma velada parte da população empobrecida de Teresina.

Instituições Escolares e Cidade: a história de uma escrituração mútua

Claudia Cristina da Silva Fontineles (UFPI)

A expansão urbana em Teresina, durante a década de 1970, ocorreu predominantemente em direção à zona leste (atual zona sudeste da cidade), sobretudo em razão da política de financiamento imobiliário promovida pelos Governos Militares. Mas houve grande resistência dos primeiros moradores para se fixarem no conjunto habitacional Itararé – região carente de serviços públicos. Isso demandou ações estratégicas dos governos locais, entre as quais a criação de três escolas e de um Centro Social Urbano – que foram decisivos para a fixação dos moradores e para o desenvolvimento da região. É sobre a história desta configuração histórica e como ela foi sentida e interpretada pelos primeiros moradores da região que trata a presente pesquisa, que pretende analisar como se estabeleceram as negociações e tensões sociais em torno das instituições educacionais, cujos frutos repercutiram na história da cidade de Teresina.

02 – Cidade: histórias, memórias e história oral: limites e possibilidades

Coordenadores: JOSÉ JORGE ANDRADE DAMASCENO (Doutor(a) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB))

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Desvendando os territórios de memória: festas, expressões e sociabilidade em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, na construção do patrimônio cultural

Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Este artigo trata da construção do patrimônio de Nova Iguaçu, com o intuito de interpretar as formas de pertencimento social, por meio de suas histórias, memórias, lugares e depoimentos na confluência da herança cultural e do turismo na região. Merece destaque a carência de estudos que contemplem o universo da cultura, das manifestações e dos

saberes populares, circunscritos nos diversos territórios destas práticas. Como encaminhamentos metodológicos foram usados instrumentos abertos de pesquisa por meio da História Oral, como referências empíricas sobre a cultura popular na cidade, inscrita em monumentos, saberes e sabores da terra e das “gentes” ora representadas. As festas, as celebrações religiosas, e lugares, ao serem concebidos, favoreceram entender os sentidos criados pelo seu povo, e, ao privilegiar essas direções, também foi possível pensar na formação do patrimônio, reconhecendo os olhares e o pertencer de grupos permeados pelas construções de sociabilidade, de formação de territórios e de suas próprias identidades.

Brincadeiras, lugares e modos de vida na memória de antigos moradores dos Distritos da Penha e do Cangaíba no Município de São Paulo

Daniela Signorini Marcilio (Associação Ipa Brasil),
Madalena Pedroso Aulicino (Escola de Artes, Ciências e
Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP)

A lembrança depende do grau de envolvimento que o indivíduo tem com a sociedade, sendo uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Por isso, este trabalho procurou identificar como era a infância, brincadeiras e também modos de vida de crianças que viviam em duas regiões no Município de São Paulo, no período de 1930 e 1960. O objetivo principal foi reconstituir memórias da Cidade e de brincadeiras, com atenção aos lugares e modos de vida no passado, refletindo sobre essas experiências e construindo uma história a partir dos relatos. Ancorando-se na história oral, uma técnica de coleta de dados interdisciplinar e uma forma de produzir conhecimentos históricos (HAGUETTE, 2013; LOZANO, 2006), foram entrevistados 13 idosos que brincaram nesses lugares. Os depoimentos permitiram identificar uma memória coletiva dos entrevistados, lembrando sua história e trazendo evocações de seu cotidiano. Constatou-se também que as brincadeiras eram transmitidas pelos grupos de amigos da rua e tinham lugar nesse mesmo espaço público: a rua, esse imenso “quintal”, espaço de convivência de crianças e de adultos, em que pessoas eram identificadas como “donos da rua”, e com as quais os carros não competiam.

História de Vida nas ex Colônias de Hanseníase do Estado de Minas Gerais

Sidney José do Carmo (Fundação Ezequiel Dias)

O trabalho teve como foco contar as histórias de vida dos moradores das colônias de Hanseníase de Minas Gerais que ao longo do tempo tiveram seus registros como doentes, não como pessoas. As colônias de Hanseníase ou leprosários como eram conhecidos surgiram em Minas Gerais a partir a década de 1930, e tinham como propósito abrigar os leprosos, tirando-os do contato da sociedade. Esta atitude era baseada na Lei de Internação Compulsória publicada em 27 de dezembro de 1926; pela égide da então Diretoria de Higiene Pública. Neste período o discurso civilizador e higienista eram preponderante no país e na jovem capital Belo Horizonte. O argumento desta lei era recolher os leprosos que vagavam pelas ruas e estradas ou que tivessem em seus domicílios sem nenhum tipo de assistência. Em todo o percurso da existência destas colônias o registro dos moradores doentes ocorriam a partir do viés médico, ou seja, abordavam a doença e não o sujeito. A partir deste contexto propomos registrar a história de vida destes moradores não da doença, propondo assim uma ressignificação do sujeito e sua re inserção social. Ao final do trabalho foi produzido banners para exposição itinerante.

A polifonia maranhense sobre o uso e a produção territorial na cidade de Boa Vista/RR (1991-2010)

Francisco Marcos Mendes Nogueira (Universidade Federal de Roraima – UFRR),
Carla Monteiro de Souza (Universidade Federal de Roraima)

A migração para Roraima teve diversas fases e faces, em particular a partir da Década de 1990. Dentro os diversos sujeitos que rumaram para o Extremo Norte do País, destaca-se a presença significativa dos maranhenses. Registra-se que através da migração há rupturas socioculturais e afetivas por meio da desterritorialização. Entretanto, a nosso ver, a des-territorialização não significa o desenraizamento territorial, mas, o contrário, entendemos a des-re-territorialização como processo concomitante, o qual o sujeito é capaz de acumular experiências territoriais, possibilitando-o criar, destruir e reconstruir territorialidades, em especial as simbólicas-culturais. Assim, em linhas gerais, o presente trabalho busca analisar a territorialização maranhense pelo viés analítico do uso e da produção territorial a partir do Arraial dos Maranhenses. Para tanto, nos apoiamos na metodologia da HO a fim de constituirmos as fontes orais e, assim, a pontar a polifonia em torno do uso e da produção do território (i)material por parte dos maranhenses, levando em consideração, a existência de múltiplas territorialidades e múltiplas formas de apropriação territorial na cidade de Boa Vista/RR.

Memórias de Lugares de Morar na Cidade do Salvador

Charles d’Almeida Santana (UNEB/UEFS)

O artigo refere-se a uma pesquisa sobre memórias de trabalhadores rurais acerca de suas vivências na capital da Bahia, entre nas décadas de 1960 a 1980. São lembranças de enfrentamento com a realidade urbana, sob um olhar que procura articular experiências diversas com as questões relativas à moradia. Os depoimentos orais indicam uma luta permanente em busca de melhor adaptar-se ao viver urbano, ao tempo em que criavam estratégias que pudessem permitir a conquista de uma moradia digna. Muitos dormiam, durante seus primeiros anos na cidade, em pensões baratas, na casa de parentes, em depósitos de armazéns de bairros pobres. Entre as alternativas encontradas destacam-se conjuntos residenciais construídos por órgãos públicos e loteamentos privados em bairros distantes do centro da cidade e invasões que se multiplicavam por todo o tecido urbano. As memórias gravadas dizem de invasões no Calabar e no Alto de Ondina, nas proximidades de áreas nobres de Salvador; outras tratam de improvisados lugares de morar em terrenos na periferia da época: São Cristóvão, Sete de Abril, Alagados.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Memórias de Professores das Disciplinas de Artes e Educação Física: Desafios de não ser apenas “decorador” e “recreador” no contexto escolar.

Aline Pereira de Holanda (UFGD), Genivaldo Antonio Alves (UFGD)

A disciplina de Educação Física e Artes vem ao longo de sua história passando por inúmeras transformações conceituais e estruturais, leis foram criadas para que fosse instrumentalizada sua prática de ensino. A pesquisa realizada por meio de memórias de Professores que atuam no ensino regular de escolas de Ponta Porã e Dourados Mato Grosso do Sul, de como sua atuação docente é em muitos momentos desvalorizados e limitados à “recreadores” e “decoradores”. No contexto escolar em muitos momentos essas duas disciplinas são tidas como não essenciais, permitindo que seus professores sejam subjugados e

menosprezados diante as demais disciplinas do currículo escolar. Trazemos em nossa pesquisa relatos desses professores, seus principais desafios e a busca constante pela valorização dessas disciplinas. Os métodos de coleta de dados é um questionário semiestruturado, organizado com perguntas norteadoras. Nosso referencial teórico é pautado na História Oral. Acredita-se que a realização da pesquisa trará significativa contribuição para entender o processo de formação e a atuação dos professores de Educação Física no estado de Mato Grosso do Sul-MS no período estudado.

Vilas de Itaipu: vivências e espacialidades (1974-2003)

Renato Muchiuti Aranha (Universidade do Estado de Santa Catarina)

No processo de construção da usina hidrelétrica de Itaipu Binacional foram construídos conjuntos habitacionais voltados para os trabalhadores da obra, sendo três vilas do lado brasileiro e cinco do lado paraguaio. O objetivo deste trabalho é pensar na construção dos espaços e nas vivências dos sujeitos que residiram nas Vilas “A”, “B” e “C”, isto é, do lado brasileiro. Estes conjuntos habitacionais eram voltados para os trabalhadores casados ligados ou as empreiteiras ou a Itaipu, já que os solteiros moravam nos alojamentos no interior do canteiro de obras. Com uma quantidade de quarenta mil trabalhadores entre 1979 e 1982, tais conjuntos totalizavam 5216 moradias divididas nos três conjuntos habitacionais, que por sua vez dividiam-se novamente em diferentes modelos de casas visando à separação das pessoas por enquadramento funcional, e da mesma forma nas instituições que existiam no interior das vilas, como colégios, clubes e hospitais. Utilizo os nomes dos entrevistados em vez de pseudônimos tendo como objetivo uma designação da voz destes sujeitos, apresentando um tom mais pessoal destes para com o lugar e as relações sociais que permeiam estes espaços.

A cidade de Porto Alegre e sua Santa Casa: memórias que se entrecruzam

Véra Lucia Maciel Barroso (Centro Histórico-Cultural Santa Casa de POA)

Desde 1986, um grupo de profissionais de História e Arquivologia vem desenvolvendo ações de salvamento, organização e disponibilização de fontes documentais geradas ao longo da trajetória da mais antiga Santa Casa do Rio Grande do Sul: a de sua capital. Os acervos em diferentes suportes que custodia revelam como que a história de Porto Alegre e a do seu Estado são indissociáveis da história da Misericórdia porto-alegrense. Nesta direção, o Laboratório de História Oral do Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC) conta com um acervo de aproximadamente 300 entrevistas, na sua quase totalidade já tratadas. A partir de algumas destas entrevistas, vai se apresentar traços da história da Santa Casa entrelaçada com a história da cidade e a do Rio Grande do Sul. Trata-se de registros de memórias de médicos e dirigentes da Instituição, cujos relatos reafirmam os laços de pertença das comunidades interna e externa com a Misericórdia de Porto Alegre.

O cotidiano das mulheres trabalhadoras na cidade-fábrica de Rio Tinto-Paraíba (1950-2014)

Letícia de Carvalho Santos (Universidade Federal de Pernambuco)

A cidade-fábrica Rio Tinto, localizada no estado da Paraíba, nasceu por iniciativa da família Lundgren, já conhecida pelo seu empreendimento têxtil na cidade de Paulista, em Pernambuco. Em busca de expandir seus negócios, a família busca no Rio Grande do Norte, terras e acordos com o governo para a construção de sua segunda fábrica. Sem

sucesso, partem para a Paraíba e lá conseguem adquirir uma vasta quantidade de terras e estabelecem acordos de isenção de impostos com o governo. Famílias foram recrutadas e outras chegaram espontaneamente. Os primeiros edifícios foram construídos, básicos para o início do funcionamento da fábrica e da vida na vila operária. As mulheres eram essenciais para que suas famílias fossem na cidade-fábrica. O cotidiano, dividido entre trabalho na fábrica e trabalho doméstico, marcou a vida dessas mulheres que foram pesquisadas para contar sobre o seu dia a dia desde a chegada em Rio Tinto até a rotina de trabalho na Fábrica de Tecidos Rio Tinto.

Modos de fazer jardins em Joinville: Um estudo a partir do patrimônio imaterial

Débora Richter Cicogna (Univille)

A pesquisa surgiu através da percepção de vestígios da prática do cultivo de jardins domésticos, na cidade de Joinville, Santa Catarina. A tradição do cultivo de jardins particulares tornou-se uma qualidade associada à cidade, ao ponto de esta ganhar epítetos como Cidade Jardim e Cidades das Flores. Esta característica é percebida e admirada desde os primeiros anos de ocupação dos imigrantes europeus, a partir de 1851, conforme relatos de viajantes estrangeiros e historiadores. Os jardins a que a pesquisa se refere são os resultantes de “práticas tradicionais” de implantação e cultivo, produto da relação direta ou mais próxima do proprietário com o seu jardim e diferenciam-se dos outros jardins particulares que terceirizam todo o processo. Analisado pelo viés do patrimônio imaterial a pesquisa teve como objetivo principal identificar e documentar as técnicas tradicionais de jardinagem em Joinville e os detentores deste saber. Com a produção deste inventário dos saberes e das práticas tradicionais de jardinagem em Joinville, esperamos possibilitar a transmissão deste saber e produzir subsídios para o reconhecimento do cultivo de jardins como patrimônio cultural da cidade.

A criança e a cidade

Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot (UFPEL)

A priori, esse trabalho trata da percepção da cidade através do ponto de vista de duas crianças, o que lhes chama atenção na paisagem e como elas conseguem expressar o que enxergam, sentem, experimentam no espaço. No entanto, a metodologia inicial encontrou um obstáculo quando uma das crianças passou a silenciar-se acerca da experiência. A partir de então, uma nova estratégia foi traçada: em vez de anotações e entrevistas sobre a percepção da criança a respeito do espaço ao redor, utilizar a História Oral, ou seja, recorrer a memória da percepção, a memória da criança acerca do espaço. Nessa nova configuração, novos desafios também são traçados: como fazer entrevistas com crianças usando o método da História Oral? Será que o silêncio não será recorrente? Como a reconstrução da memória se dá em crianças tão pequenas? Que dificuldades, facilidades poderão aparecer? E de que maneira a criança pode ser um protagonista no “processo de construção do conhecimento histórico da cidade”?

Cruz das Almas-BA: Memória da festa junina na cidade

Adriana da Silva Oliveira (Docente)

Contemplando um universo vasto de experiências sociais as cidades se tornam além de espaço físico, ambientes de construção de vivências que abrangem a construção da memória de sujeitos, que inseridos nesse lugar os tornam elementos de apropriação das práticas sociais. O presente trabalho propõe uma análise sobre a percepção que os moradores da

cidade de Cruz das Almas-BA construíram, construções histórias pautadas e alinhadas com a comemoração junina da cidade e como os espaços que foram apropriados em função do festejo. Desta forma um leque de variados elementos da história da cidade e da festa se imbrica e possibilita uma análise historiográfica que com o auxílio das fontes orais permitem desvelar elementos das memórias que os moradores da cidade teceram sobre suas experiências de vida e transformações que o município passou. Os lugares, como ruas e praças da cidade, remetem a experiências que, juntamente com ações dos sujeitos acumularam elementos de vida, cotidiano e história da cidade. Neste sentido, as diversas memórias dos lugares festivos são importantes para nortear a perspectiva de mudanças e transformações pelas quais a cidade de Cruz das Almas vivenciou.

História e memórias da juventude teresinense dos anos sessenta: sociabilidades e vivências estudantis

Lucélia Nárjera de Araújo (Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Piauí – SEDUC)

Os anos de 1960 foram propícios à subversão das normas disciplinares e à (re)significação de valores pela juventude. Os jovens foram protagonistas na modificação de comportamentos que marcou uma geração. O ambiente em fins dos anos 1960, que foi o momento em que as mudanças vivenciadas nessa década começam a se fazer presentes em Teresina, foi favorável aos jovens empreenderem táticas a fim de burlar as normas disciplinares e fugir às estratégias de controle empreendidas pela família e sociedade, visando usufruir de novos espaços de sociabilidade e de outros comportamentos. Considerando a história oral como abordagem metodológica que permite o registro de representações da memória e que consiste, conforme Verena Alberti (2010), na realização de entrevistas com indivíduos que participaram, ou testemunharam acontecimentos do passado, possibilitando o conhecimento dos modos de vida de atores de uma geração, nesta perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar como os sujeitos que vivenciaram sua juventude na década de 1960 em Teresina (re)significam suas experiências e vivências estudantis da cidade, buscando perceber como Teresina é representada em suas memórias.

Sobre narrar, construir e desconstruir: reflexões a cerca das transformações físicas e sociais, decorrentes da mineração, na cidade de São João del Rei

Ana Flávia Nascimento Paes (Fundação Clóvis Salgado)

Propomos uma reflexão sobre parte da história da cidade de São João del Rei, localizada no estado de Minas Gerais. A cidade em questão surgiu em decorrência da mineração aurífera no século XVIII e que durou até o século passado. No entanto as informações e estudos sobre a prática mineradora abrangem apenas o início da atividade mineral. Para conhecer um pouco mais sobre a extração recente recorreremos à memória de alguns moradores da cidade. A construção de conhecimento histórico utilizando fontes orais no intuito de construir, desconstruir e reconstruir histórias do constante processo de transformação da cidade de São João del Rei, nos permitiu vislumbrar questões sociais e as transformações no espaço físico do município. Através desses relatos podemos perceber que muitos dos que foram atraídos pelo mito do El-Dorado tornaram-se parte inseparável da história da cidade. As Betas, que hoje estão nos quintais das casas, são parte da vida e da tradição sanjoanense. Estudar essa tradição é estudar personagens trancados no subterrâneo de suas memórias e dissociados pela história dita oficial, do arranjo político, social, econômico e cultural do meio em que vivem ou viveram.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A história da educação municipal de Seropédica/RJ a partir de suas primeiras gestoras: limites e narrativas de memória

Matheus Monteiro Feitosa (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Este trabalho faz parte de uma pesquisa que se propõe a construir a história da educação municipal de Seropédica, localizada na baixada fluminense, região do Rio de Janeiro, desde sua emancipação. Narrativas de memória das vivências e atuação das três primeiras gestoras da Secretaria de Educação, de 1997 até 2007, que mostram uma educação municipal conduzida diante de algumas dificuldades tais como falta de recursos, perseguições políticas, questões quanto à administração de verbas, contratação de professores e participação de recursos advindos do Governo Federal. Além da problematização das tentativas falhas de aproximação entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e o município, que apesar de estarem tão próximos, apresentam um grande distanciamento.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O uso da história oral para a escrita da história da hotelaria em Pelotas.

Larissa Plamer Teixeira (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS),
Caroline Beskow Quintana (Universidade Federal de Pelotas)

O objetivo deste trabalho é apresentar dados preliminares sobre a história da hotelaria em Pelotas na primeira metade do século XX, a partir da história oral. São utilizadas quatro entrevistas. Trabalha-se com as lembranças dos entrevistados. Bosi (1987) afirma que lembrar é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Identificou-se os hotéis, suas características, atividades, hóspedes e fatos importantes, como o “quebra-quebra” de 1942, citado por duas entrevistadas. Conclui-se que a história oral é importante para os estudos da história da hotelaria, por meio dela encontram-se informações relevantes que não são encontradas na história escrita, assim, facilitando o estudo da história destes hotéis.

Narradores urbanos: Antropologia Urbana e Etnografia nas Cidades Brasileiras

Cornelia Eckert (UFRGS)

Esta pesquisa etnográfica foi desenvolvida no âmbito do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, coordenado por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. A partir da narrativa da trajetória intelectual de G Velhio, R Cardoso, E Durand, R Oliven, A Zaluar, JG Magnani, T Caldeira, A Arantes, Helio R S Silva, a coleção etnográfica traz as vozes da comunidade interpretativa da pesquisa de antropologia urbana e da etnografia da e na cidade brasileira.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A Capital dos Vaqueiros: um estudo sobre cadeias de aproximação e apropriação de identidades entre os vaqueiros e a cidade de Curaçá-BA

Vanessa da Luz Oliveira (Universidade do Estado da Bahia)

O trabalho acadêmico com narrativas orais, em conjunto com outras fontes, tem possibilitado a compreensão do social e suas transformações no processo de formação identitária (HALL, 2013) e às ressignificações por quais elas passam ao longo da história. Objetivando reconhecer cadeias de aproximação e apropriação de identidades entre os vaqueiros e a cidade de Curaçá-BA, denominada “Capital dos Vaqueiros”, a partir das descrições do nordestino presente na obra “Os Sertões” (CUNHA, 1995), buscaremos averiguar, através da oralidade (BOSI, 1994) desses vaqueiros, a legitimação ou não do homem sertanejo frente a essas representações construídas sobre o Nordeste, seu ofício e o cotidiano na referida cidade.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memória e discursos: diferentes olhares sobre a história de Maringá

Yuria Santamaria Pismel (Universidade Federal do Paraná – UFPR)

Apresentaremos uma possível análise da construção da memória da fundação de Maringá, cidade situada no norte do Paraná, e inserida em um contexto de valorização econômica e política da região a partir da década de 1950. Pretendemos analisar três entrevistas selecionadas do programa “Maringá Histórica”, da Rádio Universitária Cesumar, com indivíduos considerados pioneiros na cidade. Discutiremos, com base na análise dos diferentes olhares para a história oferecidos pelas especificidades do perfil de cada entrevistado, como se constituíram os discursos de formação de Maringá, considerando que a partir da década de 50, a bibliografia sobre a história da cidade destaca o projeto colonizador e pioneiro de seus agentes, relacionado aos ideais de civilização e progresso.

A caminhada do Mastro de São Sebastião em Caxias: entre a memória e o patrimônio

Joana Batista de Souza (Universidade Estadual do Maranhão),
Salânia Maria Barbosa Melo (Universidade Estadual do Maranhão)

A pesquisa pretende investigar as transformações da “Caminhada do Mastro de São Sebastião em Caxias-MA”, através das memórias dos participantes da festa e o sentido desse evento no imaginário popular dos caxienses. O evento é tradicional e comemorado anualmente no mês de janeiro pela comunidade local. Para alcançar este objetivo utilizou-se para a construção do referencial teórico-metodológico, textos de Sandra Pesavento, Marieta Ferreira, Peter Burke, Maria Cecília Fonseca, Fernando Catroga, Françoise Choay, Michel Pollak e Le Goff. Estudar sobre patrimônio assim como estudar a memória é importante porque o primeiro se constitui como algo que recebemos do passado, vivenciamos no presente e transmitimos as gerações futuras, segundo esta intimamente ligada à construção da identidade. O patrimônio é historicamente construído e conjuga o sentimento de pertencimento e a memória vem sendo considerada como algo importante no que se refere à construção de identidades. Será utilizada a História Oral, na qual se apresenta como metodologia potente de investigação dessas memórias, já que permite conhecer diferentes olhares e sentidos sobre os patrimônios e seus usos na vida cotidiana.

03 – Diálogos entre a História Ambiental e a História Oral: cultura e memória

Coordenadores: EUDES FERNANDO LEITE (Doutor(a) – Universidade Federal da Grande Dourados), ILSYANE DO ROCIO KMITTA (Doutorando(a) – PPGH/UFGD)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Os 'Cheiros do Pará' como cultura de Belém: Memórias, trabalhos e apropriações dos ambientes por comunidades e empresas na globalização

João Marcelo Barbosa Dergan (UFPA)

Os cheiros fazem parte materiais e simbólicas dos ambientes e paisagens. As sementes de pracaxi, ucuuba, andiroba e as raízes de pripioca das ilhas estuarinas do Combu, Grande, Cotijuba, Jutuba e das Onças da cidade de Belém, são considerados como cultura do cheiro da cidade de Belém, por compor o tradicional 'cheiro do Pará'. Através da história oral sobre as coletas e 'preparo' das sementes e raízes e no cruzamento e diálogo com fontes escritas, como relatórios das empresas, atas e planos de governo, foi possível compreender os múltiplos saberes e interesses sobre a flora estuarina das ilhas amazônicas e a manipulação e apropriação desses saberes por ilhéus e empresas na produção de perfumes ao mercado e na busca da sustentabilidade. Os tipos de coletas e armazenamentos das sementes e raízes foram refeitos, em função das exigências das empresas, mas os 'tempos' de coletas foram entendidos pelas empresas como 'tempo' das comunidades das ilhas amazônicas. A natureza na cultura na produção de biocosméticos na Amazônia guarda relação com as concepções de cultura e natureza na rede de relações na globalização com buscas a sustentabilidade ambiental.

Memória, Histórias de Vida e Saúde Coletiva nas Cidades: construção intergeracional de conhecimentos dos usuários diabéticos e hipertensos sobre práticas culturais de alimentação, nutrição e atividade física em Pernambuco

Alexsandro dos Santos Machado (Professor)

O Brasil passou por diversas mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais nas últimas décadas que tiveram como consequências alterações substanciais nos modos de vida nas cidades. De maneira especial, destaca-se uma rápida transição demográfica, epidemiológica e nutricional, resultando em um aumento na expectativa de vida, mas também modificações no perfil nutricional, especialmente representadas pela diminuição da prevalência de deficiências nutricionais e aumento populacional do binômio sobrepeso/obesidade (excesso de peso) e de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT). Para melhor compreender os efeitos dessas transformações o Laboratório de Avaliação, Monitoramento e Vigilância em Saúde (LAMSaúde) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) vem desenvolvendo diversas pesquisas. No escopo desses achados, a presente pesquisa objetiva compreender a construção intergeracional de conhecimentos dos usuários diabéticos e hipertensos sobre práticas culturais de alimentação, nutrição e atividade física em Pernambuco. Para tanto, estão sendo entrevistados, por meio da metodologia da História Oral, usuários diabéticos e hipertensos de três gerações, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) das quatro macroregiões de Pernambuco (Recife, Caruaru, Serra Talhada e Petrolina).

Paisagem e Memória do Cariri – Histórias de Vida e de Lugares

Leandro Maciel Silva (Univ. Federal de Santa Catarina)

A Paisagem é o elemento central dos discurso que apontam o Cariri cearense como oásis do sertão. As características naturais proeminentes, como a Chapada do Araripe e suas fontes de água, promovem à região aspectos distintos daqueles encontrados a alguns quilômetros dali. Essa paisagem distinta do sertão confere uma identidade ambiental e também cultural aos seus habitantes. Uma identidade marcada fortemente pela alteridade que lhe é decorrente, alteridade ambiental, social e cultural. A homogeneização dos espaços em forma de paisagem torna uno elementos diversos que compõe o Cariri Cearense. São esses aspectos da paisagem que estão e enraizados e estão fundamentados nas memórias de seus habitantes. A pesquisa, ora desenvolvida, tem como objetivo investigar como a paisagem do Cariri é construída e representada pela memória de seus moradores/as, tentando entender como as pessoas representam o espaço e significam a própria vida através dessa relação.

Memória das Inundações em Buenos Aires: experiências de pesquisa em história oral na construção da história ambiental urbana

Andréa Casa Nova Maia (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

A comunicação pretende discutir os percursos das pesquisadoras ao trabalhar com entrevistas de histórias de vida com recorte temático em Buenos Aires para um projeto sobre a história das enchentes na cidade. Procuraremos pensar os percalços e as possibilidades metodológicas da experiência e problematizaremos o uso da História oral e das imagens coletadas durante o processo tendo em vista a construção do conhecimento histórico sobre a urbe contemporânea e as respostas que os sujeitos por nós entrevistados deram e dão ao problema cotidiano das inundações na cidade com ênfase na questão da história ambiental urbana.

A História de “Pedrinha”: impactos da barragem de Estreito e a resistência das arpilleras no Tocantins

Marina Haizenreder Ertzogue (Professora)

Esta pesquisa tem por objetivo analisar os impactos ambientais da barragem de Estreito (TO) através das arpilleras, técnica de bordado em tecido com retalhos coloridos. O estudo da dessa linguagem e da memória produzida em tecido tem especificidades que foram objeto de investigação nesse estudo. O bordado é uma forma de resistência das mulheres do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem) para denunciar esses impactos e as violações de direitos humanos. A técnica da arpillera foi desenvolvida no Chile durante a ditadura. Nesse sentido, as mulheres atingidas usam a mesma técnica para costurar histórias de vida e preservar a memória (antes/depois) da construção das Usinas Hidroelétricas. Para elas, o ato de bordar é também um ato de empoderamento. Nesse trabalho recortamos a história de “Pedrinha”, atingida pela barragem de Estreito (TO). Realizamos entrevistas (história de vida) e a interpretação da arpillera produzida em oficinas do MAB. Além de impactos ambientais, os temas abordados são: impactos simbólicos, perda do contato com o rio e dissolução dos laços familiares e de vizinhança.

Uma história ambiental do turismo na representação dos barqueiros atingidos por barragem em Babaçulândia-TO

Ana Daisy Araújo Zagallo (Universidade Federal do Tocantins)

Este trabalho expõe os resultados preliminares de uma tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da UFT que discute o

desenvolvimento turístico em área de barragem na representação dos atingidos pela UHE Estreito, em Babaçulândia-TO. Com a descaracterização do ambiente natural, o turismo sazonal no rio Tocantins perde a capacidade de sustentar a economia local e se esgota como fonte de sobrevivência dos barqueiros, excluindo-os do novo projeto turístico local. Considerando que o turismo sustentável requer o envolvimento da comunidade para alcançar níveis satisfatórios de desenvolvimento, sem comprometer o ambiente, entende-se imprescindível conhecer a recente história do turismo nesse contexto. E, acreditando que o ambiente conta a história dessas pessoas e que a recíproca é verdadeira, busca-se compreender sua representação do turismo na expectativa de vislumbrar meios de reintegrá-las à nova dinâmica turística local. Nesse intento, foram entrevistados 16 barqueiros da Associação dos Barqueiros de Babaçulândia-TO, por meio da técnica de conversas qualificadas que revelam como os barqueiros se veem nessa nova história ambiental do turismo.

História Oral e Memórias para Construção do Saber Ambiental

Fernando Afonso Nunes Filho (Universidade Federal do Tocantins)

Este trabalho constitui um registro de aspectos da vida e das experiências dos velhos moradores sobre sua vida, que serve de convite não só para reflexões sobre o lugar, e sobre as mudanças ambientais ocorridas ao longo das últimas quatro décadas, como um documento que pode ser utilizado para identificar temáticas contextualizadas, com significado social e histórico. Partindo do princípio de que a educação ambiental deve ser uma prática assumida por todos os cidadãos, a memória dos idosos possui importância fundamental nessa modalidade educativa. Buscando um diálogo, no sentido original, de troca e reciprocidade, foram realizadas entrevistas com alunos da disciplina de Educação, Meio Ambiente e Qualidade de vida da Universidade da Maturidade – UFT, em Palmas, Tocantins no segundo semestre de 2015. Ao se recordarem do passado os velhos problematizam o presente em sua dimensão socioambiental, apontam caminhos para a discussão e aprofundamento de temas que levem a concretização de experiências de educação ambiental positivas, com a participação de todos.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Transformações na paisagem do Oeste de Santa Catarina: colonização e memória

Andressa Krieser Bauermann (Universidade Federal da Fronteira Sul)

A pesquisa tem por objetivo analisar, através da memória de antigos moradores da região, o processo de transformações da paisagem advindos da colonização que se inicia a partir da década de 1920. Até o início da colonização, o Oeste catarinense era ocupado por diversas famílias de origem cabocla, na maioria sob o regime da posse. A baixa ocupação demográfica e o uso da floresta com poucas intervenções eram as principais características da paisagem regional. A colonização trouxe novas concepções de uso e posse da terra, dando origem, a partir de então, a um processo de intervenção humana e transformação da paisagem cada vez mais profundo, devastando a floresta para a formação de lavouras e a exploração de seus recursos madeireiros.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

A Introdução e cultivo da soja no Noroeste Gaúcho através da História Oral

Rhuan Targino Zaleski Trindade
(Servidor Público – Secretaria Estadual de Educação)

O tema deste trabalho é a introdução e cultivo da soja em Guarani das Missões, através da figura do agrônomo polonês Ceslau Biezanko, partindo da perspectiva da História Oral. A cidade de Guarani tem sua identidade vinculada com a imigração polonesa e com o início do cultivo da soja nos primeiros anos da década de 1930. Os vínculos da leguminosa com os poloneses no sul do Brasil são relativamente coincidentes em diferentes colônias rurais, mas em Guarani (RS), estes vínculos ajudam a constituir a identidade da cidade frente às cidades vizinhas, num espaço de disputas em torno do pioneirismo do cultivo da planta. Baseado em Ricoeur e seu trabalho sobre a rememoração e comemoração, analisamos a construção oral dos habitantes da cidade, balizado na noção de História Oral método-fonte-técnica de Alberti. As disputas em torno do pioneirismo do cultivo da leguminosa, construção da memória local e as temáticas relacionadas à polonidade são igualmente importantes no desenvolvimento do nosso texto. Partimos de entrevistas com políticos, colonos, professores, empresários e outras figuras que tiveram contato com a introdução da soja e sua história em Guarani.

Memórias da fumicultura: construindo uma história ambiental da produção de tabaco a partir de relatos orais de agricultores

Ana Carolina de Oliveira Dionísio (Universidade Federal de Santa Catarina)

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o uso de fontes orais na abordagem de impactos socioambientais da agricultura. Na pesquisa sobre o estabelecimento e expansão do sistema integrado da fumicultura em Santa Catarina que engendra esta reflexão, os relatos orais de 19 agricultores de três municípios do Alto Vale do Rio Tijucas (SC) foram não só o ponto de partida para a discussão, mas o elo entre documentações diversas, tais como fontes governamentais e documentos da indústria. Na lida com estes depoimentos, deparamo-nos com as seguintes questões, que buscaremos discutir neste artigo: como perceber os relatos orais de memória e qual o papel deles na construção do conhecimento historiográfico e na compreensão do impacto socioambiental das atividades humanas – neste caso, da agricultura? O que os casos a contrapelo nos contam sobre a difusão do uso de agrotóxicos no contexto da expansão da fumicultura? Quais percepções sobre o meio ambiente e os impactos socioambientais da fumicultura podemos apreender a partir dos relatos destes agricultores? Para respondê-las, contaremos principalmente com o aporte dos autores Antônio Torres Montenegro, Alessandro Portelli e Paul Thompson.

Sentidos socioambientais de trabalhadores da Associação dos Recicladores de Porto Amazonas (Porto Amazonas, Paraná)

Robson Laverdi (Universidade Estadual de Ponta Grossa)

Esta comunicação tem como propósito discutir uma prática de história oral de vida realizada com trabalhadores(as) participantes da Associação dos Recicladores de Porto Amazonas, da cidade de Porto Amazonas (ARPA), região dos Campos Gerais do Paraná. A ARPA, fundada em 2007, é um coletivo assistido pela Incubadora de Empreendimento Solidários, IESol, um programa de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A

análise delinea as dimensões de vida e trabalho cotidiano p reches de preconceitos; e a inscrição de sensibilidades da sustentabilidade socioambiental. Analisa experiências socio-culturais que modulam trajetórias entre dois tempos: o da solidão, quando se mostram apartados na vida social e, do presente, cuja sociabilidade os conectam a um futuro qualquer possível, onde resignificam as relações de trabalho, ao mesmo tempo com prospecções de outra consciência das relações natureza e cultura. Mais do que tudo, investe o olhar acerca dos valores que emprestam sentido às suas participações numa realidade de apartação dramática. Para isso, recorre-se ao modo como articulam suas histórias pessoais ao universo presente de obrigações socioambientalistas em que deixam suas marcas.

Juventude rural e tabaco: percepções a partir da História Oral

Tarcila Kuhn Alves de Paula (PSS)

Esta pesquisa analisa a partir da História Oral as percepções de jovens que trabalham na produção de tabaco no interior do estado do Paraná sobre este tipo de atividade agrícola. É necessário evidenciar que estes jovens estão inseridos no que entendemos por agricultura familiar, ou seja, aquelas famílias agrícolas que tiram 80% (ou mais) de sua renda da agricultura e que contam com a mão de obra de todos os membros da família para desenvolverem os serviços em suas propriedades. Nesse contexto da agricultura familiar o trabalho é entendido pelos membros da família como elemento fundamental, porém o trabalho na fumicultura é interpretada de formas diferentes entre adultos fumicultores e jovens rurais em situação de trabalho. Optou-se por utilizar como metodologia norteadora desta pesquisa a História Oral, pois acredita-se que esta metodologia seja capaz de dar cabo ao objetivo do trabalho. Outro motivo da utilização da História Oral diz respeito a este tipo de fonte ser considerada como identitária de um povo, ou seja, capaz de resgatar e evidenciar os modos de vida de determinadas comunidades em cada tempo, nos fazendo entender os pormenores das microrelações.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Sobre a saudade de um rio: perdas simbólicas dos ribeirinhos do Tocantins

Bruno Mendes de Jeus (Universidade Federal do Tocantins)

Para execução de empreendimentos hidrelétricos de grande impacto ambiental e social, as famílias em terras atingidas por barragens são removidas, independente da titulação que possuem. O deslocamento forçado provoca, sobretudo, mudanças no modo de viver, e de se relacionar com a natureza, afetando não somente a comunidade que perde do passado um imenso valor afetivo. As perdas vão além dos lugares, são também perdas simbólicas e culturais. A pesquisa pretende, através de fragmentos da memória de antigos ribeirinhos do Tocantins, registrar as perdas simbólicas das comunidades tradicionais que viviam e tiravam sua subsistência às margens do rio, antes dos impactos causados pela Unidade Hidrelétrica do Lajeado – UHE.

A história ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari/RS

Janaine Trombini (UNIVATES)

Os imigrantes italianos chegaram a partir das últimas décadas do século XIX no Rio Grande do Sul e no Vale do Taquari instalaram-se na porção territorial situada na encosta superior do planalto, entre os vales do rio Caí e do rio das Antas. Este trabalho insere-se em

parte da pesquisa de mestrado que está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES e tem como objetivo analisar a história ambiental dos imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari. A metodologia da pesquisa será qualitativa e os procedimentos metodológicos consistem na revisão bibliográfica, realização de entrevistas com base na história oral, elaboração de diários de campo com famílias de produtores rurais descendentes de italianos os quais serão analisados por meio de aportes teóricos da história ambiental e da cultura. As informações levantadas têm demonstrado que os imigrantes italianos e seus descendentes desde a instalação no território estabeleceram relações de maior ou menor impacto com a natureza e tanto mantiveram como atualizaram suas práticas culturais dos antepassados.

04 – História Oral, Justiça do trabalho, lutas e direitos dos trabalhadores

Coordenadores: ANGELA MARIA DE CASTRO GOMES (Livre-Docência – UNIRIO), BENITO BISSO SCHMIDT (Doutor(a) – Departamento e PPG em História da UFRGS), MÁRCIO ANANIAS FERREIRA VILELA (Doutor(a) – UFPE), PABLO FRANCISCO DE ANDRADE PORFÍRIO (Doutor(a) – UFPE)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Justiça do Trabalho e memória: o agenciamento do comunismo por setores empresariais de Pernambuco em 1964

Márcio Ananias Ferreira Vilela (UFPE)

Esta pesquisa analisa como determinados setores produtivos, na década de 1964 em Pernambuco, principalmente após o golpe civil e militar, procuraram construir para alguns trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, uma imagem negativa, acusando-os de comunistas. Essa filiação dos trabalhadores com o comunismo encontra-se presente em alguns processos trabalhistas das Juntas de Conciliação e Julgamento localizados no Arquivo do TRT 6ª, na Universidade Federal de Pernambuco. Investigando essa documentação, podemos afirmar que essencialmente o seu objetivo é deslegitimar/desqualificar uma série de direitos garantidos aos trabalhadores por lei. Além dos processos, as memórias desses trabalhadores, de testemunhas, de juízes e de advogados nos possibilitam entender a eficácia ou não dessa estratégia por parte dos patrões.

Como tudo começou: os primeiros protagonistas da luta operária no Amazonas

Milton Melo dos Reis Filho (Faculdade Maurício de Nassau – Uninassau)

O centro deste debate é a busca de elucidação das primeiras evidências de classe em Manaus. Ou seja, como ocorreu o início do processo de manifestação da luta classista com os primeiros trabalhadores portuários e outros que foram surgindo a partir do final do século XIX. O nosso propósito é, sobretudo, recuperar o passado individual e coletivo por meio da memória, é um dos instrumentos para a redescoberta dos processos de desenraizamento social e cultural e, por conseguinte, para a definição dos projetos que articulam passado, presente, futuro. A entrada dos trabalhadores na luta política remonta à penúltima década do século XIX, época em que o sindicalismo se apresenta de maneira irregular

e inconsistente, embora tenha melhorado a partir de 1890, período organizado, coerente e combativo no sindicalismo. O início de sua organização sindical é fruto de uma incipiente classe operária da primeira década do século passado, que se concretizou na criação da Confederação Operária Brasileira (COB), de inspiração anarquista e recebendo forte influência dos imigrantes, principalmente espanhóis e italianos.

Fazer política e ser promotor público: dimensões do ethos profissional pelas memórias dos agentes do Ministério Público do RS atuantes nos anos 1940 a 1964.

Marcelo Vianna (PUCRS)

O período entre o Estado Novo e o Golpe Militar caracterizou-se por transformações institucionais do Ministério Público do Rio Grande do Sul (MPRS) fundamentais para construir sua autonomização do campo jurídico e político atuais. Um elemento ligado a esse processo estava na crescente especialização da atividade dos promotores públicos, beneficiada pela organização de uma carreira e garantia de outros direitos (estabilidade funcional, melhores salários) e acompanhada pela construção de um ethos que iria orientar a atuação dos agentes do MP. Porém, a instituição ainda se ressentia de certa ingerência do Poder Executivo, especialmente pós-Estado Novo: o cenário de polarização político-partidária (PTB versus anti-PTB) envolveu e afetou a atuação dos promotores pelo interior do RS. Suas memórias do período trazem a ambivalência da questão, no qual não havia uma fronteira definida entre as atividades do Parquet e a militância partidária. Assim, pretendemos discutir algumas dessas memórias tomando-as não como meras estratégias para progressão funcional, construções particulares sobre o papel social que o promotor deveria desempenhar na comunidade.

As vozes das profissionais do sexo e dos juízes do trabalho

Maria Teresa Cauduro (UNISINOS)

O estudo trata da proposta de regulamentação das profissionais do sexo, abordada pelo Projeto de Lei nº 98/2003. Aborda um breve contexto histórico sobre a prostituição, função social, princípio Constitucional da Dignidade Humana. O objetivo foi investigar o que pensam os juízes do trabalho e as representantes das profissionais acerca da regulamentação da profissão, bem como descobrir as implicações sociais e jurídicas, no âmbito trabalhista. Caracteriza-se numa abordagem qualitativa, descritiva, de estudo de caso, com entrevistas orais. Os colaboradores foram seis juízes do trabalho que atuam ou atuaram em um município próximo a Porto Alegre, bem como de um Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, além de uma representante das profissionais do sexo e uma representante de uma ONG. A análise e interpretação dos dados permitiram encontrar três grandes categorias, que levaram a concluir que o Projeto de Lei foi ampla e profundamente analisado pela Câmara e pelas Comissões do Senado, sendo rejeitado. As implicações sociais e trabalhistas foram explicitadas pelos juízes, apontando tanto os pontos positivos quanto os negativos, caso o projeto fosse aprovado.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Uma reflexão sobre as memórias dos ex-alunos de ciências humanas da PUCRS na crise do governo ditatorial e ascensão da democracia: o centro acadêmico em questão

Gabriela Mathias de Castro

(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Nas décadas de 1970 e 1980 o cotidiano do Centro Acadêmico São Tomás de Aquino (CASTA), que abarca os cursos de história, geografia, sociologia e filosofia, era permeado por grupos de esquerda que enxergavam no espaço a oportunidade de serem ouvidos e promoverem debates. Passados alguns anos as heranças de um espaço político de reivindicação frente à universidade e a sociedade como um todo permanecem, todavia há um esquecimento e/ou desconhecimento acerca da história de formação política deste espaço. Dessa forma, a pesquisa busca preencher esta lacuna. Compreendendo como metodologia a fonte oral, integrada às fontes teórico-literárias e o acervo presente no próprio Diretório Acadêmico. O estudo analisa a construção de um ideal político e sua reverberação na comunidade estudantil.

Série Registros

João Paulo Lucena (Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região)

A Série Registros é um projeto do Memorial da Justiça do Trabalho do TRT/RS que resgata a memória oral dos principais atores da cena trabalhista gaúcha: advogados, magistrados, membros do Ministério Público do Trabalho e servidores, no período de 1935 a 2000, recorte temporal do acervo de processos do TRT/RS, recentemente gravados como Memória do Mundo da Unesco. Este projeto já resultou na exposição da Advocacia Trabalhista Gaúcha: origem e trajetória e na exposição Magistratura Trabalhista Gaúcha: origem e trajetória. Para os próximos dois anos, estão previstas as exposições alusivas à trajetórias dos membros do Ministério Público do Trabalho, dos Juízes Classistas e dos Servidores da JT. As mostras já realizadas contaram com a apresentação de um trailer dos depoimentos, painéis que retratam a história da classe e objetos do acervo do Memorial, das Associações e dos entrevistados. Com esta iniciativa, o Memorial do TRT/RS visa a reconhecer a dimensão histórica desses atores e a resgatar das fontes orais, elementos humanos que constroem, unem, emocionam, sensibilizam e atuam como fator de aproximação da JT com seus operadores e com a sociedade.

Antônio

Camila Martins Braga (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho se refere a atuação profissional de Antônio F. Martins, primeiro advogado pró trabalhador de Pelotas/RS que viu no Direito do Trabalho um novo campo a ser explorado profissionalmente. Além de possibilitar um retorno financeiro, esse novo campo permitia que Martins, integrante do Partido Comunista Brasileiro, conciliasse sua profissão com seus ideais de justiça social. O intuito de analisar o papel desempenhado por Martins é devido ao leque de informações que sua atuação traz sobre trabalhadores e operadores do Direito no período nascente da Justiça do Trabalho. Apesar desta pesquisa não ser um estudo biográfico de Martins, a autora se apoia em algumas ferramentas que esta metodologia oferece. Diferentemente da biografia tradicional, objetiva-se fugir do modelo apologético considerando o advogado Martins como uma via de acesso para a compreensão das

lutas entre operários e patrões pelotenses dentro do âmbito jurídico. Para obter mais informações sobre este personagem, foram realizadas entrevistas baseadas na metodologia da H.O. Temática com o próprio advogado (realizada pela prof. Dra Beatriz Loner em 1997) e seus filhos, Daniel Martins e Aires Martins.

Acordos trabalhistas: relatos de magistrados.

Antonio Torres Montenegro (Universidade Federal de Pernambuco)

Nas pesquisas com processos trabalhistas movidos por trabalhadores da zona canavieira de Pernambuco, na época do regime civil e militar de 1964, contra os patrões tenho encontrado grande variedade de estratégias de exploração: jornadas de mais de 12 horas diárias sem pagamento de horas extras; cultivo de áreas maiores, mas pagamento por uma área menor; trabalho infantil; o não pagamento de 13º salário, férias e aviso prévio. Outra estratégia patronal de exploração, são os acordos realizados nas JCJ. Os relatos orais de magistrados e de líderes sindicais apontam que muitas vezes os trabalhadores são coagidos a realizarem acordos com valores muito inferiores ao que teriam direito de receber. Meu objetivo neste simpósio é refletir acerca desses relatos orais, e analisar as diferentes formas de coação exercidas pelos advogados patronais e, mesmo, por alguns patrões para burlar a legislação trabalhista.

04/05 – Quarta-feira (08:45 às 09:30)

Trabalhadores rurais e golpe civil-militar de 1964: memórias, imagens e releituras.

Pablo Francisco de Andrade Porfirio (UFPE)

Este trabalho analisa memórias e imagens de/sobre trabalhadores rurais no período imediatamente anterior e posterior ao golpe civil-militar de 1964 em Pernambuco. Procuramos investigar como esses indivíduos, que viviam do corte da cana, foram caracterizados como um dos inimigos a serem combatidos por setores das Forças Armadas e da elite política nacional. Interessa-nos estudar ainda como esses trabalhadores rememoram essa experiência histórica e suas trajetórias no golpe de 1964. Esta pesquisa, iniciada como projeto de pós-doutorado, objetiva repensar a narrativa histórica sobre esses trabalhadores à luz das revisões historiográficas produzidos no marco dos 50 anos do golpe de 1964.

Os advogados de presos políticos gaúchos e o campo jurídico

Dante Guimaraens Guazzelli (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Esta comunicação abordará a trajetória dos advogados gaúchos de perseguidos políticos Eloar Guazzelli, Omar Ferri e Werner Becker durante a ditadura civil militar brasileira. Um dos objetivos do grupo que tomou o poder no Brasil em 1964 era ter uma fachada democrática, mantendo em funcionamento o legislativo e o judiciário. Por esta razão, pode surgir com força no Brasil a figura do advogado de presos políticos, que muitas vezes tinha êxito em seus casos na Justiça Militar. Partindo de relatos feitos pelos advogados e outros colegas, buscar-se-ão os sentidos dados a esta atuação ao longo dos anos. Por não constituírem um grupo coeso, estes advogados articulam suas experiências de forma diferenciada. Da mesma forma intenta-se reconstituir os campos nos quais estes advogados atuaram, mostrando como eles se inseriam no campo jurídico durante este período.

A Funabem e a “pedagogia do trabalho”: memórias da assistência às crianças abandonadas (1964-1990)

Humberto da Silva Miranda

(Universidade Federal Rural de Pernambuco)

A Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor – Funabem foi inaugurada no ano do Golpe Civil-Militar, em 1964; representando o projeto político de assistência social às crianças e adolescentes viviam em situação de abandono dos sucessivos governos militares. Este trabalho objetiva analisar o discurso da Funabem sobre as práticas institucionais de acolhimento aos meninos e meninas atendidos nas unidades de internação estaduais, denominadas Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor – Febem. Nessas unidades eram desenvolvidas ações de assistência à luz da “pedagogia do trabalho”, onde os internos participavam de oficinas profissionalizantes. Nessas oficinas de trabalhos manuais, diferentes experiências foram construídas, tendo o trabalho como instrumento pedagógico voltado para crianças internas. Desse modo, pretendemos discutir a “questão do abandono”, buscando problematizar o discurso dos governos militares sobre as políticas sociais do “bem-estar”, voltadas para as crianças e adolescentes, consideradas, pela Funabem, “menores abandonados”.

A ditadura militar contada através das memórias

Carmen Beatriz Pereira Leal (Universidade Federal de Pelotas)

Os governos militares no Brasil (1964-1985), deixaram marcas profundas na memória da população do nosso país, devido a violência e a repressão exercida pelo Estado. Este trabalho, tem por objetivo mostrar como aconteceram estas vivências durante o Regime Militar, por parte de um grupo de professores de história que desempenharam suas atividades docentes na época acima mencionada. Resumindo, procura interpretar como estes professores vivenciaram este momento, principalmente nos conteúdos de História do Brasil, onde de um lado estava a vivência em um país repressor e autoritário e de outro, nas escolas, os conteúdos a serem desenvolvidos eram restritos ao Programa de Ensino, os quais não poderiam mostrar a realidade do país. O trabalho buscou através das entrevistas, identificar o perfil dos docentes a frente do momento político. A metodologia da história oral, foram utilizados trabalhos de Morael (1996), Portelli (1996, 1997, 2004), Alberti (2004), para entender as questões relacionadas a Ditadura Militar, obras de Lourenço (2010), Napolitano (1998), Pellanda (1986), Gasparini (2002, 2003, 2014).

Memória e exílio: os trabalhadores do Nordeste do Brasil na obra “Sete de Palmas de Terra e um Caixão”

Helder Remigio de Amorim (UFPE)

A proposta dessa comunicação é problematizar alguns trechos da obra intitulada “Sete Palmas de Terra e um Caixão” de Josué de Castro, publicada em 1965 quando o autor vivenciava o exílio na França. Teremos como foco de análise a releitura do autor sobre as questões políticas e sociais que envolviam os trabalhadores do Nordeste, no período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964, bem como as reflexões entre memória, exílio e narrativa. O nosso trabalho está amparado por uma historiografia que irá nos auxiliar na problematização da obra e do momento histórico em que foi produzida, entrecruzaremos as informações obtidas a partir da leitura de trechos do livro com a documentação pesquisada, relatos orais de memória, jornais, correspondências e revistas. A partir desses fragmentos iremos percorrer a obra que considerava o “Nordeste uma área explosiva”.

O drama da Sarmento: memória e resistência operária (São João Nepomuceno, 1960-1971)

Stéffano Muniz Figueiredo Costa (Universidade Federal Fluminense)

Pretende-se, problematizar as narrativas de operários e apreender suas formas de resistência e como experimentaram o cotidiano de crise da fábrica têxtil Companhia Fiação e Tecidos Sarmento, na cidade de São João Nepomuceno (MG) entre 1960 e 1971. Neste sentido, lançar-se-á mão de fontes orais, cotejadas com registros em atas do sindicato têxtil das décadas de 1960 e 1970, bem como jornais que cubram o período proposto. O estudo seguirá princípios metodológicos qualitativos, privilegiando a relação dialógica entre compreensão histórica e as perspectivas dos sujeitos envolvidos. Esse tipo de abordagem é importante para se evitar generalizações e melhor compreender as relações sociais no mundo do trabalho. Para tal, considera-se a contribuição de Paul Ricoeur para problematização das narrativas e Alessandro Portelli e sua experiência em História Oral. A análise das narrativas dos operários revela o potencial de “lugares de memória” desse tipo de fonte.

Memória, testemunho e luta por direitos: trabalhadores/as rurais na Amazônia

Regina Beatriz Guimarães Neto (Universidade Federal de Pernambuco)

Entre o passado e o futuro, o presente dispõe de palavras e testemunhos que revelam múltiplas histórias e experiências relacionadas às iniciativas políticas e sociais que reivindicam direitos. Nesta apresentação vou problematizar relatos-testemunhos que analisam experiências de trabalhadores e trabalhadoras rurais, com destaque para lideranças sindicais, nas situações de conflito pela terra na Amazônia brasileira, após a década de 1970. As análises particularizam os relatos orais que se dão no tempo e no espaço, em suas várias dimensões, observando sua historicidade, a fim de contribuir com o debate sobre as relações entre memória, testemunhos orais e direitos. É fundamental o lugar e o tempo do historiador e a sua relação com o lugar e o tempo do testemunho, que institui para a história um lugar de permanente mediação crítica.

“Para não ver só a letra”: interrogatórios e relatos orais em tempos de ditaduras militar (1964-1968)

Erinaldo Cavalcanti (Universidade Deferal do Sul e Sudeste do Paraná)

A presente comunicação se propõe a analisar, por meio de entrevistas realizadas com ex presos políticos, a dinâmica constitutiva de alguns interrogatórios realizados pela Comissão de Investigação Sumária durante os meses iniciais da ditadura militar instaurada em 1964. Nesse sentido os relatos orais de memórias oferecem indícios que permitem problematizar certas nuances acerca do processo constitutivo dos documentos produzidos por aquele órgão e concomitantemente tematizam suas possibilidades de usos na pesquisa historiográfica especializada.

05 – Fontes orais, memória e cultura na Amazônia do século XX: usos da oralidade como recurso na produção de conhecimento

Coordenador: JULIO CLAUDIO DA SILVA (Doutor(a) – Universidade do Estado do Amazonas)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

“FILHAS DO ANDIRÁ”: ancestralidade, memória e cultura nos processos de resignificação Étnica no rio Andirá, quilombo Matupiri, Barreirinha –AM

João Marinho da Rocha
(Universidade do Estado do Amazonas – UEA – Campus Parintins)

O texto acena para as potencialidades da utilização da História Oral nas Amazônia para iluminar experiências de sujeitos envolvidos em processos sociais de construção de afirmações Étnicas, afim de positivar acesso a direitos historicamente negados a tais grupos sociais. Partimos da análise das experiências vivenciadas no quilombo matupiri, rio Andirá, fronteira Amazonas/Pará, de onde cinco comunidades (Ituquara, Boa Fé, Trindade, São Pedro e Santa Terezinha) tituladas como remanescente quilombolas em 2013, construíram/constroem suas identidades coletivas como tais, articulando-se, a partir de suas realidade de reivindicantes, à uma ancestralidade do cativo, reelaborada pelas memórias dos mais velhos e, constantemente materializada nas festas populares (re)organizadas no quilombo nos últimos anos. Assim, a cultura, a memória e a ancestralidade aparecem articuladas e são acionadas sempre que possível no quilombo Matupiri para marcar/formatar territorialidades específicas quilombolas naqueles espaços do rio Andirá.

Escutando a Deusa: Prática educacional em narrativa Iorubá

Nilson Campos Saldanha (Universidade do Estado do Pará)

Este estudo apresenta ideias e reflexões sobre o teor educativo ligada às narrativas da Orixá Oxum contidas na voz de sacerdotes afro-amazônida. Optou-se pelo trato com este objeto, porque segundo a tradição nigeriana teria sido aquela Deusa a criadora do Candomblé de Ketu, o qual foi transposto ao Brasil e, por conseguinte à Belém, por comerciantes negreiros. A nascente desta investigação é um estudo anterior realizado em pós-graduação lato sensu, no qual se desvelou o teor literário daquelas narrativas. Assim, esta pesquisa pretende abarcar objetivos específicos como: identificar os processos educativos presentes nas narrativas orais sobre a Orixá Oxum; descrever como se dá a educação praticada no terreiro de Candomblé em Belém; demonstrar as contribuições desses saberes para educação escolar paraense. De tal modo, o estudo vem sendo realizado por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, sob uma abordagem qualitativa. O percurso metodológico eleito tem por base a Etnometodologia e o método Social-antropológico, com traços fenomenológicos e Etnográficos. Espera-se com este trabalho contribuir com a produção do conhecimento científico na Amazônia voltado para o campo educacional.

A cidade e o encontro: a formação do movimento indígena em Manaus (1980-2015)

Amilcar Aroucha Jimenes (Universidade do Vale do Rio Sinos – Unisinos)

Este trabalho tem como foco o estudo sobre a história do movimento indígena em Manaus, a partir da década de 1980, considerando dois aspectos fundamentais: o processo de articulação dos grupos indígenas na cidade e as suas transformações vivenciadas ao longo das últimas décadas. De um ponto de vista mais abrangente, pretendemos discutir o papel da atuação desses indígenas, suas relações com outros protagonistas em nível regional e nacional, no mesmo período. As reflexões aqui levantadas resultam de pesquisa realizada junto aos sujeitos (indígenas) protagonistas do movimento em Manaus. O esforço se dá, portanto, em unir o trabalho de campo a alguns procedimentos preconizados pela História Oral, destacando as memórias e narrativas, referentes às experiências vivenciadas pelos sujeitos ao longo desse processo histórico.

O Sairé como expressão sociocultural dos povos indígenas do Baixo Amazonas/PA: uma experiência dos descendentes dos povos Borari

João Aluizio Piranha Dias (Universidade Federal do Amazonas)

O presente trabalho faz parte dos estudos e pesquisa que se encontram em andamento no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). O objetivo é verificar que elementos religiosos (para além do cristianismo) se entrelaçam na cultura dos descendentes dos povos indígenas do Baixo Amazonas/PA, representados na festa do Sairé na vila de Alter do Chão/PA. Para isso, procurei analisar o processo de constituição histórica do Sairé como expressão sociocultural dos povos indígenas do Baixo Amazonas paraense, em especial, dos povos Borari, na tentativa de perceber em que sentido os elementos religiosos presentes nas ladainhas, procissão e demais rituais da festa do Sairé se entrelaçam com aspectos regionais de relação com a natureza, dando ênfase ao politeísmo como expressão cultural. Para tal empreitada contei, para além das fontes escritas, fundamentalmente com a contribuição dos colaboradores (intérpretes) com suas informações preciosas e atuais, coletadas pelo método da história oral e uso intenso das entrevistas, caracterizando-se como estudo de cunho qualitativo.

Ser Mulher em Sociedades Indígenas: A Festa do Mingau como Rito De Passagem da Menina para Moça em Aldeias Tembê Tenetehara

Venize Nazaré Ramos Rodrigues (Universidade do Estado do Pará),
Joelciléa de Lima Ayres (Universidade do Estado do Pará)

Esta comunicação relata o ritual de passagem da menina para moça na sociedade indígena Tembê Tenetehara, na Aldeia Frasqueira, localizada no Alto Rio Guamá, nordeste do Estado do Pará. Momento denominado Festa do Mingau, em que se reúne esta etnia de diferentes aldeias e convidados, para festejar a nova condição da menina-moça. A cerimônia celebra a primeira menstruação, o que significa torná-las aptas para a complexidade da vida adulta, ser forte para enfrentar provações e até possibilidade de constituir família. A pesquisa fez parte de uma disciplina do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, da Universidade do Estado do Pará, onde indígenas efetuaram pesquisa, com base na metodologia da história oral, que permitiu compreender aspectos dos ritos, técnicas, saberes e práticas contidos no ritual de passagem da vida de menina para a vida adulta, do ponto de vista das pessoas que vivem na aldeia e estão imersas naquela cultura, onde foi observada e registrada a festa em seus distintos momentos, seu planejamento, sua concretização e significados que dela as pessoas fazem. Palavras-Chave: História Oral; Sociedade Tembê; Festa do Mingau; Memória; Tradição.

A mística e os mitos da floresta na benção Amazônica

Deilson do Carmo Trindade (Universidade Federal do Amazonas)

Em Parintins, o universo das benzedeadas que dizem respeito a crença e a magia estão intrinsecamente ligados a floresta. Não se trata aqui de uma discussão sobre o determinismo ecológico, mas de uma estreita ligação que existe entre elas e a natureza no campo do sagrado, fazendo com que se diferenciem em parte, das benzedeadas de outras regiões do Brasil. A proximidade com a natureza fez surgir uma característica nessas benzedeadas, pois além de intermediarem o contato com a divindade no processo de cura do quebranto, cobreiro, desmintiduras e outras enfermidades de ordem psicossocial, elas ainda possuem conhecimentos capazes de reter os malefícios causados por seres sobrenaturais que habi-

tam as matas e os rios, surgindo uma característica que as distinguem de muitas outras benzedeadas na maneira de benzer e dar significado ao ato da benção. Esta característica também é compartilhada pelas pessoas que as procuram e conhecem a linguagem da benção local. Benzer é o ofício das benzedeadas. Mas, benzer contra a malinesa do boto ou para tirar a panema de uma pessoa, remete a uma prática Amazônica que tem uma grande influencia na atuação das benzedeadas de Parintins.

Tradição e Memórias amazônicas: o cotidiano das mulheres tacacazeiras de Parintins –AM

Romilda Belchior da Costa (Secretaria Municipal de Educação de Parintins),
Julio Claudio da Silva (Universidade do Estado do Amazonas)

A presente comunicação versará sobre o cotidiano das mulheres tacacazeradas de Parintins. Analisaremos suas experiências em torno da prática da comercialização do tacaca, bem como a inserção desta atividade no circuito econômico da Cidade de Parintins – Amazonas. Analisaremos como se transmite os saberes que caracterizam este ofício, como se estrutura esta atividade econômica e a função desta para a inserção das mulheres no mundo do trabalho, do Baixo Amazonas. Adotamos como fio condutor para a tessitura dessas narrativas a História de vida de Dona Maria do Carmo da Silva, uma profissional com significativo tempo no ofício de tacacazeira e disposição para construir uma narrativa de si. A realização deste trabalho apoiou-se na metodologia da história oral.

História Política, Memórias e Discursos na Amazônia do Tempo Presente

Pere Petit (FHIS-UFPA)

Esta comunicação pretende contribuir ao estudo dos discursos e práticas políticas de militantes e lideranças que exerceram ou não responsabilidades de governo durante e após o fim da ditadura militar no Brasil (1985), especialmente as destinadas a defender ou questionar as políticas públicas (projetos, ações e discursos) do governo federal e governos estaduais – preferencialmente do governo paraense – nos territórios da Amazônia Legal no recorte do tempo histórico que definimos como História do Tempo Presente. As fontes orais e a análise crítica dos discursos foram os principais recursos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Comunidade Ribeirinha, cotidiano, juventude e cultura: interfaces de um diálogo em História Oral no Amazonas

Claudio Gomes da Victoria
(Universidade Federal do Amazonas – Faculdade de Educação)

O presente trabalho apresenta reflexões a partir de alguns temas que navegam pelos rios da pesquisa de doutorado que tem como objetivo analisar os sentidos que os jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas, atribuem à escola. Parta tanto, escolhemos como campo de pesquisa uma comunidade, localizada no município do Careiro, Amazonas. Na colaboração da pesquisa contaremos com a participação de seis jovens. Como caminho metodológico optamos pela História Oral de vida por acreditar ser este o que melhor nos auxilia na inserção do cotidiano vivido e construído por esses jovens ao longo de suas vidas

e suas relações com o universo escolar e comunitário. Nesse diálogo com a realidade ribeirinha da Amazônia, trazemos a concepção de cultura enquanto relação social, construída no embate permanente, onde diferentes visões de mundo, de vida, de homem, e de sociedade são posta na arena do jogo das diferenças. Encarando o cotidiano enquanto espaço de produção de conhecimento.

A representação do imaginário amazônico no cinema paraense.

Alexandra Castro Conceição (Universidade Federal do Pará)

O presente trabalho tem como objetivo geral demonstrar a representatividade do imaginário amazônico no cinema paraense, a partir das memórias do crítico cinematográfico Pedro Veriano, que nos conta sobre a história do cinema paraense, o seu surgimento; da visão acadêmica e das experiências do Professor Doutor João de Jesus Paes Loureiro, que nos apresenta os seus conhecimentos sobre imaginário e imaginário amazônico, além de seu conhecimento e experiência sobre as artes, especialmente amazônicas; e o empirismo, vivências e memórias do artista Vicente Cecim, e sua obra cinematográfica dos anos 70: os filmes: “Matadouro”, “Rumores”, “Sombras”, “Malditos Mendigos” e “Permanência”.

Historia e Memória: ourives de Belém do Pará, no tempo presente e nos trilhos da história oral

Rosângela da Silva quintela (UFPA)

Trata-se de um trilhar pela história da Amazônia, em que são apresentadas e analisadas dinâmicas individuais, socioculturais e econômicas de ourives do Polo Joalheiro do São José Liberto, situado em Belém do Pará, a fim de esmiuçar experiências do mundo do trabalho entrelaçadas com trajetórias de vida, num contexto de artífices fazedores de joias artesanais. Neste sentido, sigo pelas veredas metodológicas e teóricas, principalmente, de Edward Thompson, Walter Benjamin, Paul Ricoeur, e Jacques Le Goff; com a pretensão de configurar um voo acadêmico em que a teoria não se impusesse ao objeto, mas dialogasse hermeneuticamente com os “rastros”, as “pegadas” que reuni para a pesquisa de meu doutoramento, em que a atenção dada foi para a relação entre história, memória, lembrança e esquecimento, tendo como cenário os desafios da história do tempo presente. Usei, para tanto, na maioria das vezes, fontes orais, indo, com estas bagagens, pelo terreno move-dido e pelas trilhas fincadas da história oral.

Experiência e memória: a escuta sobre o fazer-se pescador

Bianca Santos Bento da Silva (Universidade Federal do Amazonas)

A pesca artesanal é a principal fonte de subsistência e de renda dos povos ribeirinhos do Amazonas, sendo desenvolvida, em grande parte, pelo modo de produção familiar. Esta apresentação busca, por meio das histórias e memórias do cotidiano e de trabalho, discutir a construção e constituição do ofício de pescadores/as artesanais da Comunidade Nossa Senhora das Graças do Remanso, interior do município de Parintins/AM. Pretende-se refletir sobre como o trabalho destes/as pescadores/as é atravessado por suas próprias experiências e, como estes sujeitos enxergam-se na construção do que é ser pescador/a artesanal, considerando o que elegem como significativo em suas narrativas de vida e de trabalho. PALAVRAS-CHAVE: Memória; experiência; trabalho; pescadores/as artesanais.

Memória de mulheres em processo de formação política nos Reassentamentos rurais na Amazônia Legal
Temis Gomes Parente (Universidade Federal do Tocantins)

O presente trabalho tem como objetivo buscar entender o papel do ativismo político das mulheres das organizações sociais, neste caso em particular o Movimento de Atingidos por Barragens – MAB, que lutam para defender os direitos dos atingidos pelas construções de grandes hidrelétricas. O nosso estudo vai analisar o processo de formação de lideranças locais nos reassentamentos criados em detrimento da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito na divisa do Estado do Tocantins e Maranhão no contexto da Amazônia Legal brasileira. É através das memórias dessas lideranças que analisaremos as mudanças ocorridas nas comunidades locais e tentaremos identificar se essas mudanças levaram ao um processo de empoderamento ou não dessas mulheres e suas comunidades.

06 – História Oral & Etnografia: Indigenismo e outras zonas de contato

Coordenadores: AGENOR SARRAF PACHECO (Doutor(a) – Universidade Federal do Pará), ANA LÚCIA LIBERATO TETTAMANZY (Doutor(a) – UFRGS), JERONIMO DA SILVA E SILVA (Doutor(a) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), WALMIR DA SILVA PEREIRA (Doutor(a) – UNISINOS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Percursos de aprendizagem de músicos multi-instrumentistas: uma abordagem a partir da história oral
Gustavo Luís Rauber (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O trabalho intitulado “Percursos de aprendizagem de músicos multi-instrumentistas: uma abordagem a partir da história oral” remete-se a projeto de pesquisa em andamento. O interesse pelo tema surgiu a partir de pesquisas relacionadas ao curso de bacharelado com ênfase em Música Popular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pelas práticas multi-instrumentistas realizadas como músico, professor de música em escolas de educação básica e regente de orquestra de sopros em estilo big band. Tendo como objetivo geral compreender os percursos de aprendizagem dos músicos multi-instrumentistas, a pesquisa espera através da metodologia da história oral identificar os instrumentos musicais que os músicos tocam, o contexto que promoveu a escolha destes instrumentos, analisar objetivos, interesses, oportunidades, expectativas do aprendizado de diferentes instrumentos musicais e descrever práticas musicais desenvolvidas por músicos multi-instrumentistas. Apesar de estar relacionada a ação de tocar que é praticada hoje, a pesquisa quer recuperar as memórias e lembranças sobre experiências de aprendizagem desses instrumentos que constituem os percursos de aprendizagem dos músicos.

Da precariedade à autorrepresentação nas criações ameríndias ao sul do Brasil

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS), Eliana Inge Pritsch (Unisinos)

A literatura gaúcha (e a cultura) tem representado o índio periféricamente, ora como um pária melancólico, ora como um mítico herói épico em canções e poemas ligados a uma tradição folclorizada. Nesse contexto, porém, encontra-se uma fértil representação, a do tatu, cantiga popular que mostra a irrelevância do homem simples (e por que não do indígena) ligado à terra, de onde emerge o pensamento situado na “América Profunda” (KUSCH,

2007). Os conhecimentos presentes em atos, gestos e discursos só podem ser compreendidos concretamente tendo em vista as práticas das comunidades e as suas funções sociais (GASCHÉ, 2010), o que começa a ser melhor abordado tanto pelo esforço intercultural e pelo pensamento de fronteira de não-indígenas como por categorias êmicas. A supervalorização da escrita e da lógica formal e a distorção na representação dos letrados vem sendo desconstruídas a partir das vozes e criações Kaingang e Guarani no sul do país. Essas autorrepresentações transitam para a escrita e outros suportes mantendo a visão de um cosmos animado e vocal, regulado pela força do pensamento simbólico (mito) e do sagrado.

Patrimônio cultural imaterial: um olhar sobre os saberes da medicina tradicional Kaingang

Fabiane da Silva Prestes (UNIVATES),
Luís Fernando da Silva Laroque (Centro Universitário Univates)

Os saberes tradicionais indígenas consolidam-se em patrimônio cultural imaterial sendo essenciais para a manutenção do meio ambiente e diversidade cultural. Tratando-se dos Kaingang pertencem ao Grupo Lingüístico Jê, totalizam atualmente mais de trinta e sete mil indivíduos e ocupam territórios nos quatro estados sul-brasileiros. Este trabalho insere-se na pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates que estuda os Kaingang em áreas urbanas no Rio Grande do Sul. O objetivo é refletir sobre a transmissão dos conhecimentos tradicionais indígenas associados à saúde, a partir da perspectiva Kaingang que se encontram em territórios da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas e Sinos. A pesquisa é qualitativa, de cunho interdisciplinar e os procedimentos metodológicos consistem em revisão bibliográfica, entrevistas orais e elaboração de diários de campo com os indígenas que serão analisados com base em teóricos da etnicidade, cultura e cosmologia. Considera-se os saberes tradicionais Kaingang, analisando-os frente ao uso sustentável do ambiente e as práticas da medicina que são transmitidas entre as gerações.

Cultura e tradição Guarani na Linha Limeira, Terra Indígena Xapecó, SC – um desafio contemporâneo
Helena Alpini Rosa (Universidade Federal de Santa Catarina)

O presente artigo visa perceber como é possível garantir, preservar e fortalecer elementos culturais tradicionais na educação dos filhos e filhas diante da história e do cotidiano vivenciado pelos Guarani que vivem na Comunidade de Linha Limeira, Terra Indígena Xapecó/TIX. A comunidade tem uma população predominantemente Guarani e consta como uma das 16 aldeias da TIX, localizada no município de Entre Rios, SC. Visa o entendimento da educação tradicional guarani, as permanências e ressignificações diante das circunstâncias contemporâneas. Na concepção da educação tradicional Guarani, a aprendizagem ocorre de forma contínua, nas atividades, nas brincadeiras, no modo de vida, nos diferentes espaços dentro da aldeia. Os complexos processos de ensino e aprendizagem, são práticas pedagógicas que compõem estratégias próprias de vivência cultural possibilitando que mantenham sua alteridade, autenticidade e subsistência enquanto grupo cultural e social, com língua, costumes e saberes. Os desafios se apresentam a medida que na atualidade, os Guarani vivem fronteiras que perpassam a luta pelo território à garantia de seus processos próprios de vida, de aprendizagem, de educação.

Compreendendo a agência das coisas através da etnografia e história oral

Silvia Margarita Reyes Corea (Universidade Federal do Pará)

O objetivo do presente artigo é mostrar como a história oral contribui na pesquisa em andamento sobre as formas de agenciamento dos Guardas de Nossa Senhora de Nazaré, de Belém do Pará. A história oral é uma técnica complementar da pesquisa para estudar especificamente a relação que tem os guardas com as coisas, particularmente com a imagem da virgem. Se a história oral é a proposta de pensar que o vivido é lembrado de forma diferente por cada indivíduo, se considera valioso, conhecer alguns acontecimentos experimentados pelo guarda Fernando Everes, quem atribui à Santa um papel ativo, com a capacidade de afetar o comportamento, transformar as pessoas, gerando respostas emocionais e inclusive novas ideias. Além disso, trazer a percepção de um guarda com 16 anos de atividade permite de forma deliberada recuperar aquilo que não é encontrado em documentos de outra natureza, mas permite articular diálogo com outros documentos e outras fontes de coleta.

Trajatórias de meninas que pintam: memórias de grafiteiras em Belém do Pará

Thayanne Tavares Freitas (Universidade Federal do Pará)

Este texto é resultante da minha pesquisa de mestrado em andamento sobre mulheres do graffiti na Grande Belém, juntamente com as integrantes do coletivo Freedas Crew. Este grupo foi criado após a realização de uma oficina chamada de “Vivências só para mulheres” oferecida pela artista Michelle Cunha em 2014. Neste contexto verifiquei a possibilidade de realizar uma pesquisa-experimento participando da vivência, juntamente com as outras mulheres compartes da oficina, adentrando desta forma ao universo do graffiti como antropóloga e aprendiz dessa arte. Sendo assim, proponho uma etnografia que dialoga com a história oral por meio do estreitamento das relações entre pesquisadora e interlocutoras, as quais vivenciam conjuntamente o graffiti. Partindo desse pressuposto, buscarei desvelar trajetórias de duas mulheres da arte urbana, afim de encontrar o que elas vivenciaram nas décadas em que o graffiti era majoritariamente masculino comparando com a “cena” atual, levando em consideração que hoje mulheres artistas tem reivindicado seu espaço na arte de rua, aumentando o número de mulheres praticando essa arte, o que pode trazer contrapontos e complementos à literatura do graffiti em Belém.

Carregando a Aldeia dentro de Si: O Caminho de Volta de Concita Sompré

Hiran de Moura Possas (UNIFESSPA)

Sob a voz embargada das lembranças, Concita Sompré, indígena e professora da Comunidade Kyikatêjê, Amazônia Oriental brasileira, mergulha nas turbulências de “sua” vida, avizinando fatos da infância com os preconceitos visceralmente experimentados “a seu maior desafio”: transformar vergonha em resistência. Presentificar essas confidências vem sendo um exercício de escuta e aprendizagens lentos se mensurados por algumas ampulhetas centro-ocidentais, mas ressignificante, antes de tudo, par os limites da sociologia do conhecimento e, sobretudo, da epistemologia. Sendo ou não já um princípio simétrico, a pesquisa busca urdir por essa voz embargada, reconhecendo seus momentos oblíquos, mas desejando que o caminho de volta dessa também etnógrafa seja desenhado por um processo relacional de equivalência, ou melhor, da busca “teóricometodológica” por isso.

Cartografia da arte afroindígena: História Oral & Etnobiografia em Intersecção na Pesquisa Histórica
Agenor Sarraf Pacheco (Universidade Federal do Pará),
Analaura Corradi (Universidade da Amazônia Unama/PA)

A Amazônia Marajoara, no Pará, constituiu-se, desde o período colonial, em importante zona de contatos entre nativos, diaspóricos, migrantes, aventureiros, colonizadores, entre outros sujeitos históricos que habitaram a região. Se não é possível esquecer que a convivências entre esses diferentes agentes sociais gestaram disputas, conflitos e produziram hierarquias sociais, trocas e sociabilidades se fizeram ver, de diferentes formas, no cotidiano regional. Nesse entendimento, fundamentados na escrita da História com base na metodologia da História Oral e nas pistas da Etnobiografia, exploramos expressões das artes visuais e orais marajoaras, objetivando reconstituir expressões de patrimônios, saberes e fazeres indígenas e africanos em conexão entre campos e florestas. Deste modo, podemos dizer que experiências intersticiais entre nativos e diaspóricos nos “Marajós”, seja no passado longínquo, seja em tempos mais recentes, possibilitaram produzir leitura intercultural da realidade em tela, porque valorizou cruzamento de influências socioculturais diversas, visualizadas em sociabilidades e relações de poder.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Bruno de Menezes: fragmentos de memórias (des)construindo histórias de vida de um literato-etnógrafo
Rodrigo de Souza Wanzeler (Universidade Federal do Pará)

O literato-etnógrafo Bento Bruno de Menezes Costa ou, simplesmente, Bruno de Menezes (1893-1963), nascido e criado em Belém do Pará, viu emergir em seus territórios de vida a imagem das contradições de uma cidade rica para poucos e miserável para muitos. Bruno, reconhecido enquanto introdutor do Modernismo na Amazônia, obteve destaque no cenário cultural desde a primeira metade do século XX, não apenas pela qualidade de suas obras literárias, mas também por sua liderança em grupos de intelectuais e pelo seu engajamento político-social. Desta maneira, interessa-me aqui observar, sob perspectivas antropológicas e históricas, de que maneira, a partir de entrevistas realizadas com familiares do intelectual, traços da história de vida de Bruno são (des)construídos com base nos fragmentos de memórias por mim recolhidos, destacando as diversas representações do cotidiano da cidade advindas de suas experiências de vida, suas andanças pelas ruas da Cidade Velha, Jurunas, pelo Ver-o-Peso, entre outros espaços, nos quais uma ampla gama de vozes emergia, denotando uma pluralidade de falas, cores e sabores provenientes dessa imensa e caótica zona de contato intercultural.

HISTÓRIA ORAL E ETNOGRAFIA: Convergências e contribuições em uma pesquisa sobre o Outro e suas demandas de políticas públicas em Breves-PA

Ana Maria Smith Santos (Universidade Federal do Pará)

A pesquisa etnográfica é uma preocupação da antropologia desde sua gênese. Assim, neste artigo, enfatizarei a importância do Outro no processo de investigação e como, ao longo dos trabalhos antropológicos, foi retratado. A história oral, por sua vez, tem sido alvo de debates entre os historiadores sobre a sua validade e importância. Portelli (1997) por exemplo, afirma que o narrador é colocado para dentro da narrativa e faz parte da mesma. Nesse sentido, este artigo também refletirá a forma pela qual a etnografia e a história oral têm sido utilizadas nas ciências humanas e sociais para apresentar o ponto de vista

de seu interlocutor, destacando as suas convergências e contribuições para o meu objeto de tese. Apresentarei, ainda, as experiências em campo em duas localidades no município de Breves-PA, para evidenciar o olhar sobre os Outros encontrados em campo, pois foi nesse momento que senti a necessidade de se problematizar sobre a importância da escuta de suas demandas no processo de elaboração e execução da política pública de assistência. Assim, uma das questões norteadoras postas aqui é: Qual o lugar destinado ao Outro na elaboração da política pública de assistência?

Os Kaingang no RS: Uma trajetória de subsistência

Danilo Braga (UFRGS)

A história de origem do povo Kaingang, as suas creças, costumes e tradições que ajudam na formação do ser Kaingang foram repassadas ou melhor transmitidas de geração para geração com uso bem forte do instrumento ORAL, isto é, a história e cultura dos Kaingang que conhecemos atualmente, ainda esta viva muito por causa da História Oral muito usada por este povo, assim como vários outros povos indígenas do Brasil. A presença dos Kaingang no RS datam mais de 12 mil anos e o uso da escrita passou a ser mais trabalhado a partir de 1958, observando estes números percebemos o quanto este povo se utilizou do instrumento oral para transmitir seus conhecimentos que foram sendo desvendados por anos e anos de observações da natureza e que passaram a fazer parte de sua Cosmovisão. Então é possível sim afirmar que a História Oral faz parte da vida e do cotidiano Kaingang e é parte importante que ajudou este povo a se organizar e assim sobreviver as políticas de estado que visavam o seu desaparecimento.

A narrativa oral como lugar de encontro: a prática de ouvir e contar histórias na aldeia

Luciene Rivoire (UFRGS), Sofia Robin Ávila da Silva (UFRGS)

Essa comunicação procura compartilhar questões que orientam a prática de contar e ouvir histórias com professores Guarani-Mbyá no espaço escolar e na aldeia. Durante a vivência nos deparamos com os possíveis sentidos para essa prática, considerando que a escola é uma realidade recente reconhecida como lugar da escrita. Outra inquietação diz respeito ao lugar dos mitos nesse novo lugar intercultural, resultante do diálogo de agentes indígenas e não-indígenas. Aproximações e afastamentos só ocorrem porque se “ouve contar” (existe disponibilidade de escuta de ambas as partes) e porque são experimentadas apropriações criativas. O caráter histórico e social da voz se faz presente no ritual que propomos no tempo-espaço de nossos improvisos (ZUMTHOR, 1993, p.21), quando os participantes sentem cheiros, provam sabores, reagem ao contato físico, enfim, ativam suas memórias na produção de um sentido poético que só é possível na relação estabelecida a partir e por causa desse estar junto.

Etnografia e História Oral: evidências de uma comunidade remanescente de quilombo

Ruberval Rodrigues de Sousa (Universidade Federal do Tocantins – UFT)

Este estudo tem o objetivo de discutir as relações entre a história oral e a etnografia, instrumentos utilizados na coleta de dados. O olhar do pesquisador não pode ser mais importante do que o seu objeto de estudo na produção do conhecimento. Em se tratando de história oral e/ou de um estudo etnográfico, é salutar que o pesquisador leve em consideração os encontros e desencontros dos dois métodos de coleta de dados. Este estudo é parte da tese de doutorado do autor, um estudo etnográfico, que engloba revisões bibliográficas e análise de

dados coletados por meio de história oral e observação de vivências em uma comunidade tradicional remanescente de quilombo na cidade de Muricilândia/TO. A pesquisa que deu origem a este artigo ainda encontra-se em andamento, entretanto, apesar das convergências e divergências, ficam evidenciadas as interações entre a história oral e o estudo etnográfico.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Educação-Trabalho-Família na Terra do Sol Nascente do Pará: Memórias de Catadoras de pimenta do reino em Tomé-Açu/PA (1960-80)

Heliana da Silva Gabriel Velarde (SEDUC – PA),
Jaime Cuellar Velarde (SEDUC – PA)

Em setembro de 1959, a colônia agrícola de Tomé-Açu (PA) passou a ser município graças à emancipação da cidade do Acará (PA). A coleta da pimenta do reino era feita, majoritariamente, por mulheres migrantes do nordeste ou cidades circunvizinhas. Esta etapa da produção agrícola consumia e marcava os corpos pela resina nas mãos e o sol no rosto, nos cabelos e na pele, causando desgastes físicos. Além disso, o trabalho de catação acabava por desestruturar as possibilidades de ascensão nos estudos de mães e filhas, criando uma massa feminina de analfabetas e semianalfabetas, causando desgaste psicopedagógico. Assim, por meio de teóricos da História Oral, tais como: Alessandro Portelli (1993; 1996; 1997a; 1997b; 2010), Paul Thompson (2002) e Alistair Thomson (1997, 2001) e Khoury (2010), pretendemos mapear e analisar memórias de mulheres migrantes catadoras de pimenta do reino em Tomé-Açu/PA, nas décadas de 1960-80, buscando vincos entre Educação-Trabalho-Família em suas trajetórias de vida.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O outro na narrativa de Heródoto: a representação do território dos citas como um espaço degradado (séc. V a.C.)

Gabriela Contão Carvalho (Universidade Federal do Espírito Santo)

Pretendemos realizar um estudo sobre a representação do território dos citas por meio da análise da obra 'História', de Heródoto, autor grego ativo em meados do século V a.C., que foi de grande importância para a construção de uma memória vitoriosa das Guerras Médicas, pois, acredita-se que obra tenha sido lida em público, em meados de 445 a.C em Atenas. Para tanto, empregamos os conceitos de espaço, território, heterotopia e fronteira a fim de analisar a representação que faz Heródoto do território ocupado pelo 'outro', pelo 'bárbaro' cita, convertendo-o numa heterotopia, num espaço degradado e repleto de vícios. Desse modo, trataremos as diferenças entre os costumes citas e os costumes gregos, também como um estranhamento geográfico.

Memória, Cavalos dos Encantados: Oralidade e Incorporação no terreiro Oxalá Xapanã, Bragança-PA

Jeronimo da Silva e Silva (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

Resultado de pesquisa de campo – resultado da interlocução entre História Oral e Etnografia – na cidade de Bragança, Estado do Pará, a proposta objetiva discutir aspectos da composição da memória e oralidade de uma Mãe de Santo a partir da ação de entidades denominadas de “Encantados”. Mãe Terezinha, migrante que deslocou-se do Ceará para o Pará ainda na infância, além de guardar dolorosas e dramáticas recordações do processo

migratório, evoca ainda a presença e iniciação da Cabocla Jarina desde a infância até o presente. Entidade conhecida do panteão afro-brasileiro e além de responsável pela feitura das “doutrinas” e das “linhas dos caboclos” de Mãe Terezinha, a entidade plasma recorrentemente durante e após os episódios de incorporação outros sentidos de memórias nos relatos da Mãe de Santo. Adotando a perspectiva relacional da Cabocla Jarina e Mãe Terezinha no entremear da memória, cabe problematizar: quais aspectos do cruzamento metodológico da História Oral e Etnografia permitem apreender sentidos cosmológicos distintos daqueles, grosso modo, teorizados no espaço acadêmico?

Rizomas do Retorno na Vida de Professoras Migrantes

Ilca Pena Baia Sarraf (Secretaria de Estado de Educação)

Este texto faz parte da minha dissertação de Mestrado em Educação, defendida em outubro de 2015, intitulada: *Cartografia de Professoras Migrantes: Formação Docente na Construção de Identidade*. Para este estudo, dialoguei com cinco mulheres paraenses; Wilma, Dilma, Rosiete, Jurema e Fátima que, no início da década de 1980, saíram de suas localidades para exercerem a docência em Melgaço-Pará, no Marajó. Nas interações com a cidade e seus moradores, construíram vida pessoal, profissional e familiar atravessadas pelos modos de ver e viver no local. A partir dessas experiências, trago para o contexto os Rizomas do Retorno que expressam o entrelaçamento nos dois lugares, o de partida e o de chegada; os afetamentos e sentimentos de pertencimentos ao lugar e as identidades do ser migrante. Melgaço, no primeiro momento seria para adquirir experiência, estabilidade e percorrerem outros rumos, porém, a rota da viagem não seguiu novos percursos, iniciaram e estão concluindo a viagem ancoradas no primeiro embarque da profissão. Então questiono: Fechando o ciclo da docência, qual o projeto de moradia dessas professoras, visto que o migrante caminha em duplo sentimento?

07 – História Oral e Culturas Visuais

Coordenadores: ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL (Doutor(a) – Centro de Memória Unicamp), ANA MARIA MAUAD DE SOUSA ANDRADE ESSUS (Doutor(a) – Universidade Federal Fluminense)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

A cultura oral das rezadeiras no Vale do São Francisco e sua representação no cinema brasileiro

Patricia da Silva Barbosa (Universidade do Estado da Bahia – UNEB),
Neucimeire Santos de Souza (Universidade do Estado da Bahia)

No Vale do São Francisco, a cultura tradicional das rezadeiras é marcada pela força da oralidade e memória. Segundo Alberti (2004), o fato da tradição oral se tratar de um patrimônio coletivo comum produz um grande fascínio e a ausência de uma ação permanente impede sua repetição. Esse grupo de mulheres é representado pelo cinema brasileiro em filmes de ficção que se passam no nordeste, como *O Quinze* (2004). Através do método de história oral, serão investigadas as práticas compartilhadas por elas, suas semelhanças e diferenças em relação a um grupo de imagens retiradas de trechos de filmes nacionais exi-

bidas para o referido grupo. A ideia é analisar se há um processo ou não de reconhecimento desses sujeitos e qual seria uma possível representação propostas por elas.

Transformação urbana e vida de bairro no 4º distrito de Porto Alegre: um estudo através de e com imagens imagens sobre o processo de transformação do bairro Floresta

Fabricio Barreto Fuchs (UFPEL)

Em Porto Alegre, a região chamada de 4º distrito é um exemplo de espaço urbano que passa por processos de transformação. Em um passado não muito distante estavam localizadas nesta região grande parte das indústrias do estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, a região tem sido foco de investimentos de construtoras, que vêm ali grande potencial imobiliário. É também uma área que está passando por intervenções da prefeitura através de obras viárias. Concomitante a isto, existem os grupos de iniciativa civil preocupados com a manutenção desta área, como o que acontece no bairro Floresta. Essas iniciativas acontecem em um contexto compartilhado com diferentes grupos sociais. Todo este cenário gera tensões nas relações sociais e tem promovido constantes debates sobre como reorganizar o bairro, buscando uma resignificação para a região. Foi neste contexto por onde me desloquei imagneticamente nos últimos 3 anos, ouvindo seus habitantes e procurando conhecer suas relações com as diversas instâncias que se desenvolvem neste cenário. Na interlocução com essas pessoas, busquei a compreensão do processo que está sendo chamado de “revitalização do bairro Floresta”.

Imagens públicas: cultura visual, cinejornais e propaganda no governo Geisel (1974-1979)

Tatyana de Amaral Maia (PUCRS)

Os cinejornais foram um importante veículo de produção de uma imagem pública oficial ao lado das fotografias, documentários e filmes publicitários. Durante a ditadura militar (1964-1985), para além da censura e da repressão, observa-se o investimento oficial na construção de uma cultura visual que representasse supostos interesses da nação, estes últimos vinculados à modernização, à ordem e à defesa da cultura nacional. O objetivo desta comunicação é analisar o uso dos cinejornais durante o governo Geisel (1974-1979) na construção de uma cultura visual que conformasse a imagem de um regime em processo de abertura política dentro da perspectiva de transição negociada. Neste sentido, os os cinejornais buscavam incorporar os traços da cultura política conciliatória, através da veiculação de imagens e narrativas para o diálogo com as elites e a classe média brasileira. A circulação de determinadas culturas políticas e representações sociais no espaço público através das notícias oficiais ultrapassou a condição de manipulação ideológica do regime vigente, capitaneando sensibilidades coletivas heterogêneas a favor do modelo de transição negociada em curso.

Memória, gênero e representação: o caráter discursivo do problema da memória nas produções culturais

Flávia da Rosa Melo (Universidade Federal do Paraná)

O presente trabalho se insere na pesquisa de mestrado ainda em andamento intitulada “A figura materna na produção cultural da Grande Depressão: representações de gênero e comportamento da mulher no romance e no filme de As Vinhas da Ira (1930-1940)”. Nesta pesquisa, defendemos a hipótese de que o romance e o filme citados, tratando-se de obras culturais são, portanto, discursos históricos que dialogam duas formas de representação de personagens maternos distintas, tratando-se assim de duas construções de uma realidade que respondem a construções e projeções sociais de gênero. Considerando esta pes-

quiza, o presente artigo propõe pensar através de duas obras ficcionais o problema da memória para a pesquisa histórica que pensa a categoria de gênero e o feminismo. Entendemos produções midiáticas e literárias como locais de memória, que constroem representações e se tecem por um caráter marcadamente discursivo e intertextual, de produção e reflexão mnemônica que necessitam ser historicizados.

Fragments da memória: tempos e espaços de Vila Seca

Katani Maria Nascimento Monteiro (Universidade de Caxias do Sul),
Lara Moncay Reginato (Universidade de Caxias do Sul)

Nesta comunicação pretendemos abordar aspectos do universo cultural que permeiam o distrito de Vila Seca, anexado ao município de Caxias do Sul nos anos 1940, a partir das memórias dos mais antigos moradores do lugar. Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Paisagem cultural de Vila Seca” (2012/14), foram realizadas vinte e quatro entrevistas, apoiadas nos aportes metodológicos referenciados por Verena Alberti. Ao final da realização das entrevistas, houve o registro em vídeo de falas dos depoentes relativas a certas experiências as quais envolvem a dinâmica social que integra a paisagem das manifestações culturais que caracterizam o ser e estar no mundo desses grupos. A produção dessas fontes visuais, as filmagens, interpostas a imagens fixas e às fontes orais possibilitou a construção de um produto em vídeo, aproximando-se da definição de escrita videográfica conforme postula Ana Maria Mauad. Assim, a partir dessa experiência, buscamos evidenciar a potencialidade de outros modos de apresentação do trabalho do historiador.

Memórias da Ditadura tecidas entre oralidade e imagem: quando o público e o privado se encontram

Juliana Muylaert Mager (Universidade Federal Fluminense)

Desde os anos 1980, documentaristas brasileiros voltaram-se para a ditadura civil-militar, construindo, ao longo dessas mais de três décadas, uma filmografia na qual a memória ganhou espaço de destaque. Entre os recursos narrativos e estéticos mais empregados por esses documentaristas, estiveram a entrevista e as imagens de arquivo. Nos últimos anos alguns documentários ganharam destaque pela relação entre memórias públicas e privadas, quando cineastas trataram da história de pessoas de suas próprias famílias, misturando suas memórias pessoais com os traumas públicos, produzindo novas camadas para a história pública da ditadura e novos sentidos para uma vertente da cinematografia do período da Ditadura iniciada por nomes como Eduardo Coutinho e Lúcia Murat. Em “Os dias com ele” (2013), Maria Clara Escobar busca as memórias de seu pai, Carlos Henrique Escobar, intelectual de esquerda que foi perseguido pelo Regime Militar. Interessa aqui analisar como se produz no filme a tensão entre os arquivos orais e imagéticos, e sua relação com o tema da memória, que também caminha entre o privado e o público.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Fotojornalismo em IstoÉ: memórias de Hélio Campos Mello e Juca Martins (1976-1980)

Caio de Carvalho Proença
(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

A comunicação visa apresentar breves resultados da coleta de depoimentos orais, na pesquisa em andamento a nível de Mestrado em História, trazendo aos ouvintes um pequeno vídeo contendo depoimentos de Hélio Campos Mello e Juca Martins sobre as suas

atuações na revista semanal IstoÉ durante a segunda metade da década de 1970. Perceber como ambos fotógrafos relembram o momento do fotojornalismo em IstoÉ em diálogo com algumas diferenças da sua congênera Veja, neste mesmo período, é um dos objetivos aqui. Hélio Campos foi fotógrafo e editor de fotografia da revista – passando a trabalhar como fotógrafo principal, junto com João Bittar e Luz Bittar (ambos fundadores na década de 1980 da Agência Angular de Fotojornalismo) até 1978, quando a equipe de fotógrafos se expande, com a vinda de profissionais da revista Veja. Juca Martins, no período que fotografou para a revista IstoÉ, assinava suas fotos com o cargo de freelancer fixo, antes ainda da criação da Agência F4. Com base nisso, o uso de equipamentos de gravação em vídeo e áudio é importante para a montagem, ainda em processo inicial, de um produto final relacionando vídeo, som, texto, imagens e memórias.

Entre confissões e testemunhos na web: reflexões sobre os blogs de moda e beleza como fontes para o historiador

Patrícia Carla Mucelin (Universidade do Estado de Santa Catarina)

Novas relações de consumo se estabeleceram entre internautas e produtores culturais, especialmente a partir do surgimento dos blogs de moda e beleza. A tese que estamos desenvolvendo para o doutorado em história investiga o processo de ascensão das blogueiras brasileiras Camila Coelho, Camila Coutinho, Lala Rudge, Thássia Naves e Helena Bordon, cujos blogs foram celebrizados no campo da moda. Por meio dos levantamentos teórico-metodológicos de Sant’Anna (2014), que procura mostrar que a sociedade contemporânea é também uma sociedade da moda e da aparência; Alexander Freund (2014) que elucidou as questões sobre como elaborar pesquisas através de histórias orais arquivadas como processo gerador de dados; Pierre Bordieu (1993) sobre o conceito de campo, procuramos compreender como a subjetividade das blogueiras é expressa através da fala sobre os seus cotidianos e da experiência de vivenciar a legitimação da sua profissão. Os blogs criam estratégias de poder, isso desencadeia um consumo no sentido amplo, de modelo de vida, pois se por um lado as blogueiras se utilizam da moda como símbolo de prestígio social, elas também corroboram para o fortalecimento da cultura de consumo.

São Paulo e a arte urbana em seu alvorecer: um mapa de memória afetiva do artista Jaime Prades (1970-1980)

Camila Goulart Narduchi (Universidade Federal de Uberlândia)

O presente trabalho propõe a discussão do princípio da arte urbana paulistana e sua dinâmica com a cidade de São Paulo através de algumas obras, de arquivos pessoais e de testemunhos do artista plástico Jaime Prades. Esse artista é um guardião entusiasta da memória da cena da arte urbana paulistana em meados de 1970 até o fim dos anos 1980, e foi também um dos artistas mais ativos do período. Um dos questionamentos persistentes neste trabalho é, portanto, de como usar a memória desse ator para atribuir sentido a esse passado e autá-lo numa metodologia crítica, criando então um mapa de memória afetiva do que foi esse movimento para a capital paulista. Quais eram suas redes de relações e como podemos (e se podemos) traçar um paralelo com uma pretensa memória coletiva? Se há um tráfego entre o coletivo e o individual, é preciso entender esses movimentos e caminhos, observar as interações, os processos e as estratégias dos próprios indivíduos, e não apenas se concentrar em suas representações e artefatos. Considerando a subjetividade pre-

sente em todas as esferas narrativas e entendendo sua latência nas obras de arte não como falha, mas como ferramenta.

Fotojornalismo e manifestações contra a ditadura no final da década de 1970 no Rio Grande do Sul
Gabriel Dienstmann (UFRGS)

O final da década de 1970 foi marcado pelo fortalecimento dos setores de oposição à ditadura civil-militar brasileira. Após quase dez anos ausentes no espaço público, os movimentos sociais retomaram as ruas como local de manifestação e de luta pela redemocratização do país, em eventos que ganharam ampla repercussão midiática. O fotojornalismo, que já havia se consolidado na imprensa gaúcha durante as últimas duas décadas, se tornou uma ferramenta fundamental na construção de visibilidades e representações destes acontecimentos. No presente trabalho, proponho-me a analisar as fotografias produzidas e veiculadas por dois jornais da grande imprensa e um da imprensa alternativa gaúcha, buscando compreender as práticas e relações sociais que envolviam o processo de produção, transmissão e consumo das imagens fotojornalísticas e a construção dos padrões de representação visual referentes à atuação dos movimentos sociais na conjuntura analisada, tendo em vista o contexto da cultura visual e do jornalismo da época.

Ateliê Photographico Guilherme Glück: culturas escolares e a fotografia
Ederson Prestes Santos Lima (Instituto Federal do Paraná)

O presente trabalho tem como temática a compreensão da vasta obra iconográfica produzida pelo fotógrafo Guilherme Glück, radicado na cidade paranaense da Lapa. Procurou-se compreender de que forma o Ateliê Photographico Glück ao longo das décadas de 1920-1950 conseguiu através de milhares de fotografias construir um acervo, que hoje possui grande relevância histórica. A partir desse acervo acreditamos ser possível ampliar o entendimento da dinâmica social e cultural da Lapa. A pesquisa, que hora buscamos desenvolver, teve como foco principal o acervo fotográfico atualmente pertencente à SEEC – Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Paraná, sob responsabilidade do MIS-PR – Museu da Imagem e do Som do Paraná. O acervo em sua totalidade é composto de aproximadamente 33.000 imagens em suporte de vidro. Para a execução desta pesquisa está sendo utilizada a parcela da coleção já em suporte de papel (3.000 imagens), bem como, a correspondência pessoal e comercial de Guilherme Glück. Em 2012 foi dado início a uma série de entrevistas com pessoas contemporâneas do Ateliê Glück, buscando melhor compreender a cultura e a simbologia escolares presentes nas imagens.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Fotografia Pública e Fontes Orais na Sociedade Fluminense de Fotografia
Marcus Vinicius de Oliveira da Silva (Universidade Federal Fluminense)

O presente trabalho insere-se no projeto FOTOGRAFIA PÚBLICA: USOS, FUNÇÕES E CIRCUITO SOCIAL NO BRASIL (SEC. XIX/XX), e tem como foco uma das etapas desenvolvidas durante a organização do acervo da Sociedade Fluminense de Fotografia (SFF). Nessa etapa, além de promover a identificação, mapeamento, organização da documentação depositada na instituição, foi realizada entrevistas com fotógrafos membros da agremiação para assim poder pensar como a Fotografia Pública da instituição foi feita, organizada e pensada durante o seu tempo de existência. Por conseguinte, esta insti-

tuição é uma das quais o projeto se propõe a contribuir na divulgação e exposição do seu acervo para a sociedade e a comunidade acadêmica.

08 – História Oral e Educação Matemática

Coordenadores: DIOGO FRANCO RIOS (Doutor(a) – Universidade Federal de Pelotas), IVETE MARIA BARALDI (Doutor(a) – Universidade Estadual Paulista – Unesp)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Uma narrativa sobre um possível movimento de constituição de um espaço formativo

Ana Claudia Molina Zaqueu Xavier (Unesp – Rio Claro)

Compreender quais movimentos e forças atravessaram as propostas e ideias que culminaram no processo de constituição do Pibid/Matemática da Unesp de Rio Claro é o objetivo deste artigo. Para tanto, analisaremos duas narrativas provenientes do relato oral – as quais foram transcritas e textualizadas segundo os procedimentos metodológicos da História Oral – e o Projeto Institucional do Pibid/Unesp referente ao edital 2009, ano em que esta instituição passa a fazer parte do programa. Ressaltamos que as fontes supracitadas são advindas de pesquisa finalizada pela autora deste texto (ZAQUEU, 2014). Julgamos pertinente as compreensões que aqui apresentaremos, pois defendemos a tese de que pensar espaços formativos específicos implica tomarmos ciência das diferentes instâncias, crenças, certezas e incertezas que permeiam o plano em que ele será instaurado. Com isso, ao final, teremos uma narrativa que versará sobre uma das possibilidades de como se deu o início das atividades do Pibid/Matemática da Unesp de Rio Claro.

Entre desvios e perigos: a mobilização de narrativas de vida em uma pesquisa em Educação Matemática

Filipe Santos Fernandes (Colégio Salesiano Santa Teresinha)

Todo grande relato fabuloso começa em um desvio. Talvez, o ápice narrativo dos relatos fabulosos não esteja associado ao heroísmo ou às infinitas possibilidades dos mundos fantasiosos, mas ao simples desvio que arranca a história de sua normalidade, levando-a a um espaço de conflitos e perigos. Tomando essa ideia como mote, buscamos neste texto apresentar como um trabalho de doutorado (FERNANDES, 2014), que tinha como objetivo elaborar compreensões sobre como a Educação Matemática se constitui como área de pesquisa, percorreu desvios em relação às mobilizações usuais das narrativas de vida em pesquisas educacionais e como contornou perigos que, nesses desvios, ajudaram a compor um sentido ético-estético-político para a pesquisa.

Os Ginásios Vocacionais Estaduais: algumas considerações iniciais acerca desta proposta educacional da década de 1960

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura (UNESP/ Rio Claro)

Esta comunicação expõe, em linhas gerais, uma pesquisa em desenvolvimento, a nível de doutorado. Tem por objetivo central investigar a proposta educacional dos Colégios Vocacionais, com um olhar voltado para o ensino de matemática. Os Ginásios Vocacionais foram uma iniciativa educacional alternativa implantada em 1962 e extinta em 1969 pela ditadura militar. A literatura disponível aponta que essa foi uma experiência ímpar,

com características peculiares: adotava-se a democracia como prática pedagógica, efetiva participação da comunidade e alunos; defendia-se a integração entre teoria e prática, busca da formação integral do indivíduo, práticas de avaliação diferenciadas, entre outras características inovadoras. Realizamos entrevistas e construímos narrativas a partir dos depoimentos de pessoas que vivenciaram esta experiência. A partir da análise dos depoimentos juntamente com os documentos disponíveis buscamos compreender o movimento de implementação e desenvolvimento dessa proposta no ensino secundário. Os pressupostos teóricos e metodológicos são aqueles que embasam as pesquisas em História Oral desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática.

Tem Matemática aí? Alfabetização Matemática e o uso de histórias para crianças em sala de aula – possibilidades

Marcia Costa Graichen Murbach (Universidade Federal do Paraná – UFPR)

Esta comunicação apresenta parte de um estudo em andamento e tem como propósito relacionar o aprendizado em matemática com a utilização de histórias infantis nos primeiros anos do Ensino Fundamental. A pesquisa busca por meio dos estudos em alfabetização matemática perceber possibilidades do uso das histórias como recurso de aprendizagem juntamente com o conteúdo de alfabetização matemática previsto. As inquietações sobre o tema aconteceram a partir de reflexões sobre: quais relações podemos estabelecer entre histórias infantis e conteúdos de matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental? As histórias lidas, contadas ou inventadas podem ser fonte de ludicidade e contextualização importante para essa fase da aprendizagem Matemática? O que contam os professores sobre o uso de histórias e suas possibilidades nas aulas de matemática? Com abordagem qualitativa, os procedimentos em História Oral temática são adotados como metodologia da pesquisa. PALAVRAS-CHAVE: Educação Matemática, Alfabetização Matemática, Histórias Infantis, História Oral.

Conhecimentos dos “desconhecidos”: os saberes, dizeres e fazeres de professores da Unidade Integrada Hipólito da Costa, em São José dos Basílios – MA

Claudiomiro Ferreira de Oliveira (Universidade Federal do Maranhão)

Histórico e sistematicamente um modelo dominante de Ciência tem negligenciado uma realidade diversa e complexa e, infligido suas verdades como sendo absolutas e “salvadoras”. No transcorrer do século XX, especialmente na segunda metade dele, surge uma forte e fecunda iniciativa que aponta para uma “desnaturalização” e “descolonização” dos saberes frente a esse paradigma dominante da Ciência em geral e, de forma específica, da ciência matemática. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva constituir uma narrativa pautada nas memórias e histórias de vida de professores e professoras que ensinaram e ensinam matemática na escola Unidade Integrada Hipólito da Costa, no município de São José dos Basílios, estado do Maranhão, desde sua fundação, em 1964. Buscamos, na constituição dessas narrativas, tecer compreensões acerca dos modos, desses professores, conhecer e validar seus conhecimentos. Assim, essa pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, que se apóia nos fundamentos teóricos e metodológicos da História Oral, cujas fontes são as textualizações das entrevistas com professores e professoras, bem como outros registros oficiais referentes à escola.

Narrativas de alfabetizadores sobre as contribuições em relação à Matemática no PNAIC .

Seila Alves Pugas (Universidade Federal do TO)

O presente texto resulta de uma pesquisa realizada com três professoras alfabetizadoras que atuam na Escola Municipal de Tempo Integral “Padre Josimo”, localizada em Palmas, TO. Inspirados na metodologia da História Oral e com o objetivo de identificar contribuições do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) ao processo de ensino e aprendizagem de Matemática entrevistamos as professoras, tendo como referência um instrumento com perguntas amplas que permitiram capturar informações atinentes aos objetivos da pesquisa. As narrativas indicam que a formação ofertada pelo PNAIC no ano de 2014, instrumentalizou as alfabetizadoras e possibilitou melhorias em suas práticas pedagógicas, especialmente porque passaram a fazer uso material manipulável e de jogos para desenvolver a compreensão de conceitos matemáticos com as crianças; a trabalhar conteúdos na perspectiva interdisciplinar; e a trocar de experiências didático pedagógicas por ocasião dos encontros de formação.

A Importância dos Jogos na Alfabetização Matemática: reflexões sobre as práticas do PNAIC

Carla Marcela Spannenberg Machado dos Passos (Universidade Federal do Paraná)

A presente pesquisa encontra-se em fase inicial e pretende investigar – através do relato de professores envolvidos com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) – a utilização de jogos no processo de aprendizagem de crianças do ciclo I, bem como o papel da Caixa Matemática sugerida como material de apoio para os professores. Pretende-se refletir sobre a importância destes recursos didáticos na mediação entre os conteúdos formais e aqueles que as crianças trazem consigo. A metodologia empregada será qualitativa com uma abordagem da História Oral. Serão realizadas entrevistas com profissionais da Educação da Rede Municipal de Curitiba. Por fim será realizado o relatório a cerca das considerações sobre aplicação dos materiais citados e seu impacto na aprendizagem dos alunos.

Narrativas de Professores Alfabetizadores sobre o PNAIC de Alfabetização Matemática: Possibilidades e Desafios

Edicléia Xavier da Costa (Prefeitura Municipal de São José dos Pinhais)

A presente pesquisa tem o propósito de construir narrativas sobre o Pacto Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) de Alfabetização Matemática, por meio de relatos de seis professores alfabetizadores que participaram desse programa de formação no ano de 2014. A investigação foi desenvolvida utilizando como procedimento metodológico a Pesquisa Qualitativa, com abordagem da História Oral em sua vertente Temática. As reflexões realizadas pelos professores a respeito dessas fontes orais serão organizadas com o objetivo de verificar indícios das orientações teóricas e práticas do PNAIC na prática docente. A análise das narrativas será realizada a partir de uma entrevista com um coordenador do PNAIC de uma universidade brasileira, a partir das leituras e da compreensão das narrativas constituídas pelos professores alfabetizadores. PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Matemática. PNAIC. Narrativas. História Oral.

Alfabetização Matemática: contos e contos, em vozes, encontros

Anna Carolina Galhart (Prefeitura Municipal de Campo Largo)

A presente pesquisa propõe-se a constituir fontes narrativas sobre a Alfabetização Matemática, abrangendo o Ensino Fundamental I. Para alcançar essa proposta, utilizou-se

da História Oral, na vertente temática, como metodologia para coleta de dados, entrevistando os alunos que estudaram nas cinco instituições de ensino, dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, em Campo Largo – PR: Colégio Santa Terezinha, Instituto Santa Terezinha, Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, Colégio Estadual Sagrada Família e Escola Municipal Anchieta. Além das fontes orais, que foram transcritas e textualizadas, compuseram a pesquisa documentos e imagens. Buscou-se possibilitar a interlocução entre as narrativas, através de contos, à luz do conceito de exotopia. A opção por fontes narrativas, orais e imagens, permitiu traçar um cenário acerca da Alfabetização Matemática, em diferentes espaços e tempos. Constatou-se que contagem nos dedos, decoreba da tabuada, quadro negro, caderno, lápis, borracha, escrita de números, problemas, disciplina, cópia de textos, leitura e muitas continhas, foram os instrumentos, conteúdos e práticas que permearam o cotidiano escolar, das instituições.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Um histórico para a formação de professores de matemática em Cuiabá

Bruna Camila Both (Unesp – Rio Claro),
Ivete Maria Baraldi (Universidade Estadual Paulista – Unesp)

Neste artigo apresentaremos um histórico da formação de professores de Matemática em Cuiabá. Dessa maneira, pretendemos abordar a formação recebida antes da oferta de um curso superior na área, bem como os primeiros tempos de formação em licenciatura, enfocando, então, o período que circunda a criação da primeira licenciatura em Matemática, datada de 1966. Para a realização deste histórico nos valem da metodologia da História Oral, bem como de registros escritos que localizamos. A formação de professores em Cuiabá iniciou com a Escola Normal, sendo ela a principal formadora até início dos anos 1970. Nesse intervalo de tempo instalou-se na capital a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades), em 1960, a qual formou docentes, por meio de cursos de férias, até 1970. Também neste período foi criada a primeira licenciatura em Matemática no Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (ICLC), em 1966, instituto este incorporado, juntamente com a Faculdade de Direito, à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), criada em 1970, ocorrendo nesta Universidade a consolidação, de fato, da formação de professores.

História Oral na sala de aula: estratégias para a formação de professores que ensinam matemática

Heloisa da Silva (Unesp, Campus de Rio Claro),
Vinícius Sanches Tizzo (Unesp/Rio Claro)

Apresentar e discutir estratégias envolvendo a História Oral (HO), que foram elaboradas e aplicadas nos cursos de Licenciatura em Matemática e Pedagogia da Unesp/Rio Claro, perfaz a proposta deste trabalho. Para tanto, apresentaremos resultados de três pesquisas vinculadas a um projeto maior intitulado História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção que, em linhas gerais, tiveram como objetivo promover intervenções em sala de aula envolvendo a HO. Tais estudos foram desenvolvidos em disciplinas específicas, a saber: Fundamentos da Matemática Elementar e Política Educacional Brasileira na licenciatura em Matemática e Conteúdo, Metodologia e Prática do Ensino de Matemática, no curso de Pedagogia. Compreendemos que os resultados dessas três experi-

ências, de um modo geral, além de apresentarem a HO como uma abordagem para o desenvolvimento de propostas de ensino de caráter investigativo e problematizador sobre o terreno das culturas matemática e educacional, indicam resultados positivos de processos formativos por ensejarem (auto)reflexões profícuas e por conduzirem os futuros professores a formas participativas de aprendizagem e de pesquisa.

A UFMT em Barra do Garças – MT: Uma história da formação de professores de Matemática

Eliete Grasiela Both (Instituto Federal de Mato Grosso)

Este artigo é parte de uma pesquisa desenvolvida, pela autora, no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Barra do Garças, que objetiva investigar o processo de formação de professores de Matemática nesta cidade, antes e após a implantação do curso superior (a partir de meados dos anos 1970 até final da década de 1980) nesta área, na região, o que se deu em 1981 na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Assim, neste trabalho, pretendemos expor alguns resultados que obtivemos, tais como: como era a formação docente na região antes de haver um curso superior; como foi criado o curso de Licenciatura Curta em Ciências; quando e porque tal curso foi convertido em Licenciatura Plena em Matemática e o que mudou após a conversão, entre outros. Sendo ela uma pesquisa qualitativa, nos valem da metodologia da História Oral, bem como de fontes escritas disponíveis, para constituir uma narrativa histórica sobre esse aspecto da Educação Matemática na região de Barra do Garças. A UFMT, campus Médio Araguaia (Barra do Garças e Pontal do Araguaia), foi e é um importante meio de formação docente da região, tendo sido a primeira instituição de nível superior a se instalar neste local.

Surdez e Alfabetização Matemática: o que a escola tem para contar

Lizmari Crestiane Merlin Greca (Secretaria de Estado da Educação)

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o que dizem os profissionais e as crianças surdas da Escola Municipal 1o de Maio, no município de Campo Largo/PR, sobre a Alfabetização Matemática e as suas práticas pedagógicas, tendo em vista a inclusão das crianças surdas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os depoimentos foram obtidos a partir de um conjunto de entrevistas com os profissionais que atuam diretamente com as crianças surdas. Os dados obtidos foram compartilhados com um professor surdo, estabelecendo um diálogo entre a escola e as experiências vividas pelo surdo. Os procedimentos de pesquisa da História Oral contribuíram para os encaminhamentos referentes às narrativas relatadas pelos profissionais e às práticas pedagógicas que envolvem a educação escolar dessas crianças. Os estudos estão voltados para a proposta educacional bilíngue, a qual propõe a exposição das crianças à língua de sinais o mais cedo possível, de modo a favorecer o desenvolvimento dos seus processos cognitivos e de linguagem.

História oral e Educação Matemática para Surdos: Memórias de Ex-Alunos

Daniel Duarte Silveira (Universidade Federal de Pelotas),

Diogo Franco Rios (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho apresenta algumas reflexões realizadas durante a minha pesquisa de Mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pelotas. O trabalho em andamento pretende analisar as experiências de ex-alunos surdos que passaram pelo processo de escolarização matemática a partir da década de 1980. Para atender esta proposta, serão utilizadas como parte das

fontes da dissertação as narrativas produzidas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) de três ex-alunos surdos, os quais apresentam os seguintes perfis: o primeiro é formado em licenciatura em matemática, o segundo é professor da disciplina de Libras no curso de formação de professores de matemática, e o terceiro sujeito não possui relação profissional direta envolvendo a matemática. Desta forma, será apresentada neste estudo a análise da narrativa do segundo ex-aluno, na qual ele narra, a partir de sua memória, como foram as vivências nas aulas de matemática. A análise dessa narrativa dialóga com as produções realizadas pela Educação Matemática para Surdos, a fim de complementar essa área, trazendo a perspectivas dos alunos surdos sobre o processo que vivenciaram.

Uma articulação entre fontes orais e escritas em um estudo sobre a Constituição do Curso de Graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP)

Renata Aparecida Zandomenighi (UFMS)

O presente artigo é oriundo de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem por objetivo “elaborar uma história da constituição do curso de Graduação em Matemática da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP)” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A pesquisa é de caráter qualitativo inserindo-se no campo da História da Educação Matemática e tendo a História Oral como metodologia. Desse modo, buscamos articular fontes orais e escritas em uma perspectiva historiográfica que considera o passado como uma construção. Este artigo propõe uma discussão acerca das fontes escritas que compuseram a criação do curso de graduação em Matemática da UNIDERP e de sua relação com as fontes orais criadas e disponibilizadas por esta pesquisa. Essa investigação pretende contribuir com o mapeamento da formação e atuação de professores que ensinaram Matemática no estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil, bem como a produção e divulgação de fontes sobre esta temática, ambos Projetos do Grupo de pesquisa no qual este trabalho se insere o Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP).

Da escrita à implementação das DCE/PR de Matemática: um retrato feito a cinco vozes e milhares de mãos
Viviane Aparecida Bagio (Universidade Estadual de Ponta Grossa),
Emerson Rolkouski (Universidade Federal do Paraná)

Este trabalho tem como objetivo resgatar o processo de formação de professores no Estado do Paraná entre os anos 2003 e 2010 com vistas à implantação do conteúdo de Geometrias Não Euclidianas (e outras discussões atreladas), pela ótica dos formadores que estavam vinculados à SEED/PR – Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Inicialmente apresentamos algumas discussões para motivar as compreensões acerca do currículo e o que ele representa. Para cumprir nosso objetivo nos valeremos de uma pesquisa documental acerca das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, bem como um estudo sobre os documentos que antecederam as DCE e suas versões preliminares. Na sequência apresentamos algumas apreensões a partir de depoimentos que foram produzidos de acordo com os princípios metodológicos da História Oral. Tanto a pesquisa documental como as entrevistas são suporte para uma análise baseada na Hermenêutica de Profundidade que permitiu tecer compreensões acerca do processo de formação de professores no período destacado.

Representações sobre o ensino de Matemática em um curso de suplência

Ana Rafaela Correia Ferreira (Universidade Federal de Minas Gerais),
Maria Laura Magalhães Gomes (Universidade Federal de Minas Gerais)

Este artigo apresenta resultados parciais de nossa pesquisa de doutorado, na qual objetivamos refletir sobre o ensino de Matemática em um curso de suplência, destinado a estudantes jovens e adultos e oferecido pela rede pública municipal de Betim (MG), no período de 1995 a 1999. Para realizar tais discussões, tomamos como fonte principal entrevistas realizadas com 17 sujeitos, entre professores e pedagogos da referida rede de ensino, com o uso da metodologia da História Oral. Nossa intenção é discutir e analisar as representações, concepções e crenças sobre o ensino de Matemática evidenciadas por esses sujeitos, bem como destacar algumas estratégias pedagógicas relatadas por eles. Verificamos, a partir das narrativas de nossos colaboradores, que a suplência foi implantada apenas de forma experimental. Porém, havia, entre os educadores, um desejo de refletir sobre as especificidades da educação de jovens e adultos e de pensar em estratégias pedagógicas diferenciadas, capazes de atender as particularidades desse público. A metodologia de projetos de trabalho foi a principal prática pedagógica mencionada.

Entrevistas de História Oral: releituras

Maria Ednéia Martins Salandim (UNESP – campus Bauré)

Neste artigo temos como objetivo discutir experiências na realização e tratamento de entrevistas, realizadas com base na metodologia da História Oral. Realizamos um total de 39 entrevistas que envolveram professores, estudantes e/ou outros profissionais que atuaram em diferentes níveis e modalidades de ensino. Nossas pesquisas integram um projeto de amplo espectro do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM) de mapeamento da formação de professores de Matemática no Brasil. Olhamos para a educação em meios rurais (ensino primário) – durante a Iniciação Científica-, para uma especificidade técnica, a agrícola (secundário) – durante o Mestrado – e no doutorado, para o movimento de criação de cursos de Matemática no interior paulista nos anos 1960 (ensino superior). Como ponto comum – além da periodização –, o olhar para a interface centro/periferia (a zona rural era periférica em relação à zona urbana), também as escolas agrícolas viviam sob a égide dessa mesma interface campo/cidade e cursos de Matemática instalados no interior paulista são periféricos em relação aos grandes centros urbanos ou de produção e desenvolvimento da Matemática e da formação de professores.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Movimentos de um movimento: signos de como o conceito de formação de professores de matemática muda no Rio Grande do Norte

Marcelo Bezerra de Moraes
(Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

O presente trabalho é parte dos apontamentos encontrados pelo autor ao desenvolver suas pesquisas de mestrado e doutorado. Seu principal objetivo é o de elaborar compreensões e versões históricas sobre a formação e atuação de professores de matemática no estado do Rio Grande do Norte, nos níveis de ensino que correspondem aos atuais funda-

mental e médio, antes e durante o período de criação dos quatro mais antigos cursos de formação de professores de matemática em nível superior no estado (que se dá entre as décadas de 1960 a 1980). Para alcançar esse objetivo, lançou-se mão da História Oral como metodologia de pesquisa, nos padrões de elaborações conceituais que vem sendo estudados e desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), do qual o autor é membro. Nesse trabalho, especificamente, pretendemos apresentar (a) algumas das possibilidades de formação detectadas no Rio Grande do Norte, (b) como as narrativas produzidas e os outros documentos mobilizados direcionam a perceber que a formação de professores de matemática é um acontecimento sempre em processo e (c) como a percepção desses movimentos nos levam a propor a flexibilização de um conceito.

A oralidade como disparador para constituição de uma narrativa sobre a História da Formação de professores de Matemática

Fabio Bordignon (UNESP)

Neste artigo apresentamos parte de pesquisa, que desenvolvemos junto ao programa de Pós-Graduação em Educação para Ciência, da FC/Unesp-Bauru, na qual estudamos sobre a formação de professores de matemática na região de Barreiras/BA. Tal projeto está inserido em um grande projeto que pretende mapear a formação dos professores que ensinaram matemática no Brasil, desenvolvido pelo GHOEM (Grupo História Oral e Educação Matemática). Mobilizando a metodologia da História Oral, entrevistamos sete professores que atuaram no ensino de matemática desde a década de 1960 na referida região. As entrevistas dispararam várias questões como a atuação do projeto Rondon para formação de professores, os movimentos migratórios que sempre marcaram a região e os cursos que procuravam adequar os professores para o ensino de matemática, tendo em vista que os muitos professores cursaram a graduação em Matemática em serviço e iniciaram suas carreiras como professores primários, pois devido a carência de professores licenciados na região acabaram assumindo o ensino dessa disciplina.

História Oral na história da formação de professores de matemática: o caso da Escola Normal Joaquim Murtinho de Campo Grande/MS

Ana Carolina de Siqueira Ribas dos Reis
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

A História Oral tem sido amplamente mobilizada em estudos em História da Educação Matemática e tem possibilitado compreender experiências de pessoas do meio escolar como, por exemplo, o modo como se adaptam ou subvertem reformas educacionais e como professores(as) criam/se apropriam de métodos de ensino. Nesse artigo propomos uma discussão sobre como essa metodologia foi mobilizada em um trabalho de mestrado em Educação Matemática, já concluído, e que teve por objetivo investigar a formação de professores de matemática na Escola Normal Joaquim Murtinho, de Campo Grande/MS. A perspectiva de História Oral aqui apresentada decorre dos estudos do Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP) e do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM), e tem como principal característica a criação intencional de fontes a partir de situações de entrevistas. Pressupostos historiográficos, princípios éticos e articulação entre fontes orais e escritas são, pois, alguns dos assuntos a serem explorados nesse texto.

La escritura acerca de si mismo como estrategia para la formación inicial de profesores de matemática

Fredy Enrique González (Núcleo de Investigación en Educación Matemática
“Dr. Emilio Medina” (UPEL Maracay, Venezuela)

La formación inicial de profesores de Matemática en Venezuela ha sido reiteradamente cuestionada por las deficiencias que ostenta, entre las que pueden mencionarse los siguientes: carácter aditivo del currículo y divorcio entre teoría y práctica (González, 2003); en este estudio se pretendió ensayar una estrategia para superarlas, basada en la producción de Relatos Narrativos Escritos sobre experiencias vividas por un grupo Estudiantes para Profesor de Matemática (EPPM) en una universidad pública venezolana de formación docente; para ello; se implementó un estudio cualitativo, de carácter fenomenológico interpretativo. Se encontró que los EPPM, participantes en el estudio, pasaron de la descripción a la explicación comprensiva; haciéndose conscientes y superando la informalidad de los conceptos espontáneos e implícitos, y avanzaron hacia la configuración de una conceptualización de lo que significa ser un profesional de la educación matemática, es decir, de la formación matemática de los ciudadanos

Narrativas da formação de professores de matemática: um estudo da implementação dos cursos de licenciatura no estado do Ceará (1960-2000)

Alexsandro Coelho Alencar (UNESP, Campus Rio Claro)

O presente trabalho apresenta a constituição de uma pesquisa de doutorado, cujo cenário de investigação é a formação de professores que ensinam/ensinavam Matemática no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. A pesquisa tem como objetivo construir uma versão histórica, a partir de perspectivas documentais e testemunhais, de como se deu a formação dos professores que ensinam/ensinavam matemática no estado do Ceará nas séries que correspondem aos atuais ensinamentos fundamental e médio, tomando como recorte temporal o período entre os anos de 1960 a 2000. Para dar conta do nosso objetivo, estamos empreendendo uma pesquisa de caráter qualitativo, na qual optamos pela História Oral como metodologia de pesquisa. O trabalho insere-se num projeto maior, que é o de fazer um mapeamento da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil, projeto este encabeçado pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem), em atividade na UNESP, que congrega pesquisadores e instituições de várias partes do País. Ademais, a pesquisa com esta abordagem é inédita na região estudada e constituirá mais um elemento para a construção da história da formação de professores no Brasil.

Estudo histórico da SBEM-MS: um olhar para a história oral e sua multiplicidade de histórias

Nathalia Teixeira Larrea (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul),
Luzia Aparecida de Souza (UFMS)

O artigo resulta de uma pesquisa em andamento que visa compreender o processo de criação e atuação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática no estado de Mato Grosso do Sul (SBEM-MS) em seus movimentos de (des)articulação com a formação/prática de professores de Matemática. Esta pesquisa, de caráter qualitativo, está inserida no campo da História da Educação Matemática e possui a História Oral como metodologia que objetiva a construção intencional de fontes historiográficas a partir da oralidade. Esta investigação buscou a articulação entre as fontes orais por meio de relatos de pessoas que participaram da referida sociedade e de registros escritos disponibilizados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (UFMS) e acervos pessoais. Neste artigo,

discutiremos as potencialidades proporcionadas pela História Oral para a constituição desta pesquisa, bem como a articulação entre as fontes orais e escritas para a compreensão e constituição do objeto estudado. Para a realização das análises, buscou-se evidenciar a multiplicidade de histórias existentes acerca da SBEM-MS, contribuindo com os trabalhos desenvolvidos pelo grupo História da Educação Matemática em Pesquisa.

Projeto Inajá e Licenciaturas Parceladas: formação emergencial de professores (de Matemática) no Médio Araguaia.

Williane Barreto Moreira (UNESP – Rio Claro)

Nesse artigo pretendemos apresentar um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação Matemática. Nesta pesquisa, elaboramos uma versão histórica sobre a formação de professores (de Matemática) na região do Médio Araguaia, estado de Mato Grosso, focando o Projeto Inajá nas décadas de 1980 e 1990. Tal projeto, em caráter emergencial, contribui para que fosse, posteriormente, instaladas as Licenciaturas Parceladas na região estudada. Para atender a nossa proposta adotamos a História Oral como metodologia, constituindo narrativas orais que, juntamente com outras fontes documentais disponíveis, nos possibilitaram olhar para formação de professores na região e atingirmos nosso objetivo. Dessa maneira, nesta oportunidade, traremos como aconteceram esses cursos, evidenciando que, muitas vezes, os professores (de matemática) possuem uma formação marcada pela urgência e pela carência, como em outras partes do Brasil, o que é também mostrado por outros estudos.

A História Oral e seu papel na problematização de uma licenciatura em matemática em regime modular em Campo Grande/MS

Ana Maria de Almeida (Universidade Católica Com Bosco – UFMS)

Este texto trata da construção dos caminhos metodológicos da História Oral na perspectiva historiográfica, em dissertação intitulada Licenciaturas em matemática em regime modular: uma reflexão sobre a formação de professores no período de 1999 a 2005 em Campo Grande – MS. Nosso objetivo consiste em problematizar o processo de criação, desenvolvimento e fechamento desses cursos, os enfrentamentos dos sujeitos que vivenciaram essa formação, bem como o percurso investigativo que atravessa as experiências e olhares de uma ex-aluna, a autora deste trabalho. Além disso, visa contribuir com o Grupo: História da Educação Matemática em Pesquisa – HEMEP no mapeamento da formação de professores de Matemática. Após entrevistas, análise de documentos escritos e perspectivas teóricas acerca da formação de professores na década de 1990, evidenciamos as possibilidades e potencialidades criadas com a mobilização da História Oral. Destacamos que a educação atende demandas emergenciais sociais e contribui com processos de subjetivação dos sujeitos. Assim, ressaltamos nesse texto a percepção de autores sobre a formação de professores, relacionada de forma emergente para atender a cada contexto social.

Construção de versões históricas sobre as Licenciaturas Parceladas do Mato Grosso do Sul

Kátia Guerchi Gonzales
(Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho)

Este texto traz excertos de uma pesquisa de doutorado realizada junto ao programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência na UNESP de Bauru. Tal pesquisa tem como objetivo investigar o movimento de criação e desenvolvimento das Licenciaturas Par-

celadas no Mato Grosso do Sul – que habilitavam professores para ensinar Matemática. A saber nossas investigações se debruçam na Licenciatura Parcelada de Curta Duração de Ciências com habilitação em Matemática e na Licenciatura Parcelada Plena em Matemática. Sendo, que respectivamente, elas aconteceram na década de 1970 e 1990. Para tanto, além das fontes históricas escritas, também lançamos mão de fontes orais que foram obtidas, por meio de entrevistas, segundo a metodologia da História Oral. Assim, foram entrevistados colaboradores – docentes, alunos, coordenadores e gerenciadores – que vivenciaram essa experiência de formação. Nossas análises buscarão evidências os elementos que orientaram a constituição e o desenvolvimento dos cursos.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Resgatando Medidas Não-formais por meio de Memórias e Histórias de Moradores de Gonçalves-MG
Bruno Sérgio de Andrade (Universidade Federal de Itajubá)

Pretende-se apresentar e elucidar algumas medidas não-formais utilizadas pelos moradores da zona rural de Gonçalves (MG) que atualmente possuem idade acima de 70 anos. Para tal, utilizou-se a História Oral como metodologia de investigação, e para analisar as fontes orais buscamos nos apoiar em um olhar fundamentado pela Etnomatemática. Foi a partir destas duas abordagens que delineamos o uso cotidiano das medidas não-formais buscando alcançar, por meio de vozes do passado, o modo como tais medidas contribuíram para o ser/saber/fazer próprio dessa comunidade. Em meio a vidas, memórias e histórias, algumas medidas não-formais, utilizadas pelo grupo estudado, se fizeram presentes e colaboraram para a construção da identidade cultural.

09 – História oral e ensino

Coordenadores: MARIETA DE MORAES FERREIRA (Doutor(a) – UFRJ/FGV), VERENA ALBERTI (Doutor(a) – CPDOC FGV)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

História oral e memória: possibilidades do uso de depoimentos no ensino da ditadura militar no Brasil
Maria Paula Nascimento Araujo (Instituto de História – UFRJ)

O presente texto tem por objetivo discutir algumas características e especificidades do ensino da ditadura militar brasileira nas escolas e, em especial, fazer uma reflexão sobre a possibilidade do uso de depoimentos. Algumas questões norteiam essa reflexão: qual o estatuto do depoimento como fonte histórica? Como trabalhar, com adolescentes e jovens adultos, questões como trauma e violência política? Os depoimentos trazem algum conhecimento específico sobre o passado? Essas reflexões foram feitas a partir do acervo de depoimentos “Marcas da Memória: história oral da anistia no Brasil”, que realizou, em âmbito nacional, entrevistas com pessoas que tiveram suas vidas marcadas pelo enfrentamento com a ditadura militar brasileira.

O uso da História Oral no ensino de História: Uma experiência no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Acre (UFAC)

Carlos José de Farias Pontes (Universidade Federal do Acre)

Esse artigo tem como objetivo apresentar minhas considerações sobre a aplicação do projeto “Conhecendo nossa História através da oralidade: Memórias de seringueiros no Acre” em duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Acre (UFAC), em Rio Branco, Acre, no ano de 2014. Na busca de levar o aluno a compreender o processo histórico em que a produção da borracha no Acre inseriu-se na trama da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e levou o Brasil a contribuir para vitória dos Aliados, propus um projeto em que os alunos além de conhecerem o momento histórico, como o funcionamento dos seringais, a relação seringalista-patrão/seringueiro-empregado e os desdobramentos sociais daí decorrentes, pudessem compreender a história e seu significado para a sociedade atual, através de uma roda de conversa com ex-seringueiros, atualmente aposentados como Soldados da Borracha. Os ricos e emocionantes relatos levaram os alunos a compreenderem a importância da memória para a reconstrução e significação da História, entendendo não apenas o fato em si, mas a forma como esses sujeitos históricos vivenciaram e perceberam tais fatos.

Oralidade e Ensino de História: Uma experiência Pibidiana na Escola José Alves de Figueiredo

Antônia Lucivânia da Silva (Universidade Regional do Cariri)

A presente proposta, uma experiência de ensino aprendizagem realizada na E.E.F.M. José Alves de Figueiredo em Crato-CE, no ano de 2015 com quatro turmas do ensino médio é uma ação do PIBID-Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência, subprojeto História, através da Universidade Regional do Cariri em parceria com a referida escola da rede estadual. Teve como eixo norteador das discussões a temática juventude procurando proporcionar aos alunos a reflexão sobre este conceito buscando historicizá-lo e perceber os jovens como agentes da História. Nas oficinas realizadas em sala pelos sete bolsistas, alunos da graduação e orientados pela coordenação do projeto e supervisora, professora da instituição, teve-se como objetivo com base nas oficinas e rodas de conversas com pessoas idosas e com os próprios alunos, perceber as transformações e permanências históricas relacionadas à juventude identificando como eram os comportamentos dos jovens no passado e como são esses comportamentos na contemporaneidade. Os alunos foram capazes de por meio dessas ações uma apropriação conceitual e valorização da oralidade como uma estratégia de aprendizagem na disciplina de História.

Fontes orais e ensino de história: potencialidades e limites de uma ferramenta metodológica

Alexandre Alves (Unisinos)

Nesta comunicação pretende-se refletir sobre algumas das potencialidades e dos limites da utilização de fontes orais no ensino de história. Para esse objetivo, farei um breve retrospecto do modo como a história oral aparece nos documentos oficiais, desde os PCNs na década de 1980, além de entrevistas com três professores de história do ensino fundamental II que fazem uso de fontes orais em sua prática docente. Essas análises mostraram que a abordagem instrumental se mostra a mais factível e produtiva no cotidiano escolar. As fontes orais, no entanto, aparecem apenas como um recurso entre outros, que o docente pode utilizar para contribuir com a percepção do educando como sujeito histórico, para possibilitar o contato com a história de grupos sociais marginalizados e criar um vínculo entre os estudantes

e a comunidade local em que vivem e estudam. Uma precaução, porém, se impõe: para evitar uma “história em migalhas”, com o insulamento em tradições locais, é imprescindível que o docente saiba como conectar a história local à história global, da qual aquela é inseparável.

Histórias de velhos: o que os idosos podem ensinar a jovens estudantes do ensino médio

Daniela de Campos (Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha)

A sociedade brasileira está envelhecendo. Hoje os idosos representam 10,8% da população brasileira; em 2060 o percentual será de 26,7 segundo dados do IBGE. Entretanto, o crescimento desse grupo geracional não foi acompanhado de sua valorização social, seja por meio de uma rede de atendimento que efetivamente dê conta das especificidades dessas pessoas, seja por meio de um pensamento que os coloque como sujeitos que muito contribuíram para a sociedade e que têm muito a ensinar para gerações mais jovens. Dessa forma, entende-se que o campo da educação e as instituições de ensino podem contribuir de forma significativa para fomentar as relações intergeracionais. Assim, nasceu o projeto de extensão “Histórias de velhos: valorização de histórias e memórias de um grupo de idosos da cidade de Farroupilha-RS” desenvolvido no IFRS Campus Farroupilha. Por meio de entrevistas e conversas entre estudantes do ensino médio e idosos pretende-se contribuir para o diálogo entre gerações, demonstrando aos jovens envolvidos a importância dos idosos na preservação da memória local. Além disso, a possibilidade de narrar suas experiências pode ser um importante elemento de valorização desses idosos.

Ensino e Oralidades em Ambientes Plurais: possibilidades de pesquisa em História Local e Regional.

Ivonete Cristina Silva Campos (SEMED/BR / UNIABEU)

A proposta é suscitar construções e/ou reconstruções significativas de aprendizagem para os alunos do 6º ao 9º anos de escolaridade do ensino fundamental da disciplina escolar de História sendo o Laboratório de Ensino de História do Centro Universitário – UNIABEU o lugar de registro para estas pesquisas, com vistas à região e à localidade da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. Estes espaços primordiais – a sala de aula – ganham visibilidade na metodologia da oralidade que passa a ser o norte de “fontes múltiplas” para novas reflexões e abordagens dialéticas, no sentido de promover uma educação histórica sócio-interacionista de pertencimento deste passado histórico, através da narrativa. Portanto, para nós professores de História, a prática da interlocução de saberes é vivenciada dentro e fora da escola e tem como resultado, a mudança de ótica da leitura do mundo contemporâneo dos aprendizes enquanto sujeitos de sua própria história.

Narrativas sobre escravizados e imigrantes em Petrópolis-RJ – usos da História Oral em uma experiência de sala de aula

Juliano Custódio Sobrinho (Universidade Nove de Julho)

A comunicação pretende apresentar o uso da história oral em sequência didática desenvolvida com turmas do 9º ano/EF II, acerca da temática do processo de abolição da escravidão e a crise do império no Brasil. Uma série de entrevistas com moradores da comunidade foi realizada pela turma, a fim de problematizarmos o registro daquelas memórias. Os relatos sobre o passado escravista e imigrante local contribuíram para as discussões trazidas pelo professor e lançadas pelos alunos ao longo das aulas. Para além da contribuição pedagógica, o experimento de história oral permitiu aos alunos uma aproximação com o conhecimento: a dinâmica e os conflitos da história, em suas múltiplas narrati-

vas; os embates e disputas entre os diferentes sujeitos; e a diversidade documental que serve aos historiadores. Com isso, a sequência teve como objetivo estimular os alunos ao conhecimento da historicidade das experiências sociais; das “histórias dentro da história”; e da compreensão de que a história ensinada na escola também deve permitir o diálogo entre passado/presente, a fim de que se percebam enquanto agentes transformadores da própria realidade. Ensino de História. História Oral. Memórias.

Educação do campo e oralidade: repensando o ensino de história

Magno Michell Marçal Braga (IFAL)

Nesta comunicação socializamos os primeiros resultados do projeto de extensão Nos campos da educação do campo: repensando o ensino de história, desenvolvido na faculdade de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – (UNIFESSPA), Campus Xinguara. Objetivamos realizar diagnóstico das problemáticas no ensino de História e posterior produção de material didático auxiliar para escolas de ensino básico da cidade de Xinguara-PA. Para tanto, a pesquisa se deu a partir da metodologia da pesquisa participante (FREIRE, 1982; BRANDÃO, 1982) e da História Oral (ALBERTI, 2010; MONTENEGRO, 2010), por meio da produção de fontes orais no âmbito das atividades escolares. Na análise dos relatos dos sujeitos envolvidos encontramos como ponto comum a condição migratória. O conjunto das histórias desses sujeitos é parte importante da história local, e ainda permanece ausente do material didático escolar de história, distanciando esses sujeitos da condição de protagonistas do processo histórico. Diante disso, pretendemos contribuir para preencher lacunas que dificultam o processo educacional e retardam a construção e solidificação das identidades dos sujeitos do campo.

Ciclo de memórias e história de vida no campo: reflexões na disciplina de história de vida no curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins – UFT/Tocantinópolis

Witembergue Gomes Zaparoli (Universidade Federal do Tocantins)

O Projeto Ciclo de Memórias e Histórias de Vidas no Campo é trabalhado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na disciplina de História de Vida, buscando aperfeiçoar o tempo destinado à disciplina, num processo dialético entre as discussões teóricas que fundamentam as concepções da categoria de Memórias e os fundamentos da História Oral. São destacados os sujeitos/alunos de resistência e reconhecimento por suas militâncias, resgatando e socializando sua trajetória e memórias até o curso. Mais do que fazer um recorte temporal, significa a valorização de uma história de luta no campo, muitas vezes silenciosa e assumida por heróis anônimos. Durante os encontros inserimos a participação de integrantes de diversos movimentos sociais, visando o conhecimento histórico dos movimentos, a organização específica de cada um deles, motivando o debate da importância dessa temática para a formação. O projeto se utiliza por meio de propostas, como: autobiografias orais; entrevistas com pessoas da comunidade; história oral da localidade; história oral de pessoas idosas da localidade; história oral de famílias. Palavras-chave: Memórias de Vida; Educação do Campo; Comunidade Tradicionais.

Trabalhando com fontes Oraís e Memória em sala de aula: uma experiência de extensão universitária

Claudete de Sousa Nogueira (Universidade Estadual Paulista)

Essa comunicação faz parte de um projeto de extensão universitária intitulado “Contando histórias: trabalhando com a oralidade e a memória” que tem como objetivo desen-

volver práticas pedagógicas que estimulem a valorização da oralidade, a memória e as experiências vividas enquanto importantes fontes para a construção do conhecimento histórico. O projeto visa estimular crianças e adolescentes a produzirem um espaço dialógico que contribua para o contar e recontar as histórias, contos, causos que fazem parte da memória e experiências vividas com e na comunidade. Na Educação básica, o incentivo ao conhecimento e análise das diversas fontes históricas apresenta-se como uma possibilidade ao trabalho docente, que tem o local e o cotidiano como foco no ensino de história. Nesse contexto, as atividades desenvolvidas visam valorizar o estudo do local e do cotidiano como espaços de memória, a partir da inserção das fontes orais. Trata-se de um projeto que buscou ser, ao mesmo tempo, ensino e extensão, procurando envolver alunos de graduação em Pedagogia na organização e aplicação de atividades na escola, proporcionando reflexões sobre as possibilidades Pedagógicas no Ensino de História.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

História Oral e Ensino de História: do tradicional às novas abordagens

Manoel Caetano do Nascimento Júnior
(Universidade Federal de Pernambuco), Graziella Fernanda Santos
Queiroz (Universidade Federal de Pernambuco)

Durante o ano de 2015, bolsistas da Universidade Federal de Pernambuco foram inseridos em escolas públicas da cidade do Recife e de Paulista na região metropolitana, analisaram os pontos de defasagem que comprometiam o processo de aprendizagem no ensino de História e puderam intervir na problemática escolar. Alguns entraves na compreensão dos discentes foram evidenciados através de livros didáticos descontextualizados com a realidade deles, e métodos de ensino arraigados no século XIX. Sendo assim, trouxemos uma abordagem na qual a História Oral se tornou fundamental e com ela guiamos nosso percurso na escola onde produzimos materiais didáticos para o ensino de História de forma a possibilitar maior significado e aproximação ao aprendizado da disciplina pelos alunos.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

A História Oral como método para se pensar uma sociabilidade pedagógico-musical em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960

Líliá Neves Gonçalves (Universidade Federal de Uberlândia)

Este trabalho investiga a tese de que é possível pensar em uma sociabilidade pedagógico-musical em uma cidade, Uberlândia-MG, nas décadas de 1940 a 1960. O objetivo foi compreender como se constituía e estava constituída essa sociabilidade em espaços nos quais ensinava/aprendia música. Foram espaços destacados a partir de memórias de quem viveu esse ensino/aprendizagem de música, quais sejam: a Banda Municipal de Música, a aula particular de música, a escola, o Conjunto Orquestral do Liceu, a Banda Lira Feminina Uberlandense e o Conservatório Musical de Uberlândia. Os tipos ou formas de sociabilidade estabelecidos nesses espaços foram estudados utilizando a História Oral como método, combinando fontes orais, escritas e iconográficas. A partir dessas fontes foi possível “entrar” no cotidiano da aula de música para entender como conteúdos e práticas pedagógico-musicais estavam estruturados, sendo que cada espaço se organizava em torno de determinadas ideias, valores, gostos. Cada espaço em um movimento de relação interna e externa também tinha uma produção musical que, por sua vez, mantinha características próprias nas formas como se ensinava/aprendia música na cidade, nessa época.

Compreendendo relações de sociabilidade quando se ensina/aprende música na Banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo-MG

Murilo Silva Rezende (Universidade Federal de Uberlândia)

Pretende-se discutir, com base no estudo das relações de sociabilidade, como se estabelecem práticas pedagógico-musicais na Banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo-MG, de 1985 até 2014. A História Oral foi escolhida por permitir a compreensão dos momentos de ensino/aprendizagem dos entrevistados em suas perspectivas no tempo que eles passaram na Banda (Cruikshank, 2006; Portelli, 2006; Hesse-Biber e Leavy, 2006). As fontes orais utilizadas nesse estudo foram levantadas através de doze entrevistas compreensivas, e abordam acontecimentos que fizeram parte do dia a dia da/na Banda. Para direcionar a entrevista ao tema proposto e dar atenção à memória individual, foi utilizada uma lista de perguntas pré-estabelecidas (Zago, 2003; Habwachs, 2004; Kaufmann, 2013). Como resultados foram identificados aspectos relacionados com a familiaridade e laços que assumem papéis importantes quando se pensa em aprender por estar junto, na convivência em um grupo social. Também foram percebidas relações de sociabilidade que acontecem nesse espaço quando se aprende música, fazendo com que a música seja entendida como uma prática social (Riedel, 1964; Souza, 2004; Gonçalves, 2007).

História Oral e Arquivologia: reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem da metodologia da História Oral e o acervo de fontes orais

Gisele Bochi Palma Moser (Universidade Federal de Santa Catarina),
Marcos Fábio Freire Montysuma (UFSC)

No presente artigo discutimos sobre a percepção da metodologia da história oral por estudantes do curso de graduação em Arquivologia, da Universidade Federal de Santa Catarina, buscando ressaltar a importância da atuação destes futuros profissionais no processo de elaboração, guarda e gestão dos documentos orais disponíveis em acervos. Pretende-se identificar as principais dificuldades apontadas pelos alunos e refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem da metodologia de História Oral no ensino superior. A escrita deste trabalho se deu posteriormente a experiência de estágio-docência realizado em 2015/2 como parte dos créditos de doutoramento, acompanhando a disciplina de História Oral, Documentos e Arquivos, da segunda fase do curso de graduação em Arquivologia, ministrada pelo professor Marcos Montysuma e em duas ocasiões pela doutoranda Gisele Moser. Após a apresentação da História Oral enquanto método de pesquisa e do Manual de História Oral, organizado pela Verena Alberti, os alunos desenvolveram uma atividade prática para a compreensão do trabalho do pesquisador que atua com fontes orais, com a gravação de uma entrevista, transcrição e ficha técnica (modelo CPDOC).

Relatos orais de historiadoras brasileiras, vida e prática histórica

Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik (UFPR)

As experiências acadêmicas e de vida de historiadoras brasileiras pertencentes à segunda geração constituem o tema central deste trabalho que está localizado no interior dos estudos de gênero. Tais registros só puderam ser obtidos por meio de entrevistas concedidas por um grupo de historiadoras universitárias que revelaram suas trajetórias pessoais e profissionais e a forma como ambas se influenciam. Pretendo, portanto, discutir as experiências sobre os usos da metodologia da história oral e da fonte oral como forma de apreender os principais elementos que instituíram as práticas profissionais das historiadoras em questão. Problematizo o critério

de seleção e contato inicial com as depoentes, o encontro com elas e a experiência das entrevistas, a transcrição da fonte oral e a ética aplicada à análise das fontes. A essas fontes, pretendo associar aspectos relacionados à memória e identidade (POLLAK, 1992), quadros sociais da memória (HALBWACHS, 2006) e memória geracional (CANDAUI, 2012). O intuito de empreender essas entrevistas, portanto, foi o de registrar a vida, o pensamento e as práticas profissionais de mulheres que se dedicaram à produção do conhecimento histórico brasileiro.

Fontes orais para o ensino superior de História: memórias sobre o curso de História e Geografia da USP
Aryana Lima Costa (PPGHIS/UFRJ)

Esta pesquisa trabalha com as memórias construídas acerca do início do curso de História e Geografia da USP, lembrado especialmente pelas aulas e práticas dos professores franceses que aí vieram lecionar. Identificamos um conjunto de fontes que evidenciam uma “cultura de memória acadêmica” que constrói lugares de memória para a historiografia nacional. A partir de 5 depoimentos de um de seus primeiros alunos, foram levantadas questões que contemplam o uso de fontes orais para intermediar a escrita de uma história da historiografia e das práticas educativas nos cursos superiores de História e outras questões sobre o tratamento das fontes como: o que permite que a história contada de um dos primeiros cursos de História do país seja contada por essas pessoas, que seja contada desta forma? Quem é lembrado? Pelo quê? Como as memórias definem o perfil ideal do que era ser professor de História, do que era ensinar História? Quais as explicações dadas para a sucessão de acontecimentos? Estratégias como a mobilização de memórias e a performance acadêmica são utilizadas para a construção (ou corroboração) de identidades e posicionamento de sujeitos no campo acadêmico da História.

“Liberdade pequena”: memórias no Colégio Júlio de Castilhos do período da ditadura civil-militar (Porto Alegre/RS)

Luciana Vivian da Cunha (Unisinos)

Este estudo, que faz parte de minha dissertação de Mestrado, pretende contribuir com a construção de uma possível história do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, da cidade de Porto Alegre, especificamente do período da ditadura civil-militar, analisando documentos orais e escritos, observando possíveis repercussões ou não, do período ditatorial na instituição. Assim, por meio da metodologia História Oral, refletiu-se sobre o período estudado, a partir das memórias de sujeitos docentes do Colégio, relacionando-as a documentos escritos, como Regimento Escolar, Plano Curricular, entre outros, utilizando como conceitos de análise, tática de Certeau (1996) e representações de Chartier (2002). A pesquisa conclui que o processo de memória não é algo individual, e que vestígios da ditadura sejam de forma implícita ou explícita permeavam o ambiente escolar, seja em um livro didático, em um questionamento, ou em um documento.

História Oral e o Programa Mais Educação: sujeitos e espaços.

Ana Cláudia Martins de Oliveira (Universidade Federal do Tocantins)

Este trabalho trata da Educação Integral, resultante da disciplina de História, Memória e Educação na UFT. Objetiva compreender os significados do conceito de Educação Integral no Tocantins na perspectiva do Programa Mais Educação (PME). Nesse processo a História Oral Temática configura-se como a metodologia que aporta essa pesquisa, a qual trouxe à tona a contribuição do PME para a escolarização integral dos seus sujeitos. O artigo

colhe impressões de três técnicos da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins. Nas falas evidenciam-se: os desdobramentos do PME; os diferentes processos de escolarização constituídos em espaços formais e/ou não formais; as estratégias utilizadas em seu processo. As fontes orais apresentam o PME como o pilar da Educação Integral e a partir dessas vozes, conclui-se que não há outra política para Educação Integral no Tocantins e que o conceito de Educação Integral é entendido como tempo escolar ou como educação integral humana.

História oral e Ensino: relatos de experiência no Pafor-Tocantins

Jocyleia Santana dos Santos (Professor Associado I)

A pesquisa relata as atividades desenvolvidas no Parfor – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, do Curso de Pedagogia de Palmas na Universidade Federal do Tocantins, especificamente nas disciplinas pedagógicas relacionadas à história da educação (História Geral da Educação, História da Educação Brasileira e Metodologia do Ensino de História). O objetivo foi investigar a formação do aluno de Pedagogia ao ingressar no Parfor no período de 2010 a 2014. A pesquisa de campo deu-se através de entrevistas com docentes de municípios distintos do estado do Tocantins com intuito de obter uma visão diversificada dos profissionais que trabalham com a educação. As educadoras ao se apropriarem dos saberes descobriram que a pesquisa foi a alternativa para melhoria do processo educacional, tanto do ponto de vista teórico e quanto do ponto de vista conceitual. A partir das narrativas dos docentes compreendemos a influência e o impacto das disciplinas de História em sua formação pedagógica no contexto de sala de aula do sistema Parfor. O discurso revisionista está sendo adotado e as práticas pedagógicas paulatinamente modificadas.

Inquietações cotidianas de professoras da educação infantil: memórias de práticas educativas com crianças com problemas e comportamento

Daniela Patricia Ado Maldonado (Universidade Federal de Tocantis – UFT)

A pesquisa educacional tem uma especial atenção aos sujeitos envolvidos no processo educativo. A narrativa pessoal desses traz a experiência individual e coletiva. O presente trabalho transcreve, através da história oral, as inquietações cotidianas das professoras e suas práticas educativas em relação a crianças com problemas de comportamento na educação infantil. A metodologia utilizada se fundamentou na História Oral Temática, a qual privilegiou como fontes primárias as entrevistas com 13 professoras, em sua maioria, do primeiro e segundo período pré-escolar, de dois Centros Municipais de Educação Infantil de Palmas, Tocantins. Os resultados encontrados nos relatos das professoras permitiram inferir algumas dificuldades e inquietações quanto ao processo educativo e revelaram também habilidades consideradas efetivas dentre as práticas educativas utilizadas com crianças com problemas de comportamento. As entrevistas evidenciaram a necessidade de orientação quanto às práticas educativas utilizadas com essas crianças e que promovam o desenvolvimento sócio afetivo das mesmas, favorecendo assim, uma educação integral.

Dom e Docência em Histórias de Vida de Professores (as) de História em Atuação

Bruna da Silva Cardoso (Universidade Federal do Tocantins)

Este trabalho de pesquisa foi realizado a partir da metodologia de história oral e da técnica de história de vida, envolvendo seis professores (as) de História em atuação da educação básica. Investigamos se o dom como dádiva estava presente nas narrativas dos

docentes, orientando suas práticas. Identificamos o perfil dos docentes e suas reflexões sobre a profissão. Os estudos de Bourdieu e Passeron (2009), de Candau (2014), Mauss (2003), Mauss e Hubert (2013) Nóvoa (1999); Tardif (2011) e Thompson (1992) se constituíram o horizonte interpretativo que contribuíram no processo de situar as narrativas de vidas, dentro das representações atuais sobre a profissão docente. A partir das análises dos relatos dos entrevistados, concluiu-se que a escolha pela licenciatura ocorreu pelas condições financeiras e sociais em que se encontravam. Observou-se também que os significados atribuídos a profissão docente estão relacionados com as representações que os professores estabeleceram sobre a relação entre docência, formação, dom e sacrifício.

Lições da farsa para a história

Cláudio Pereira Elmir (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Em 2008, publiquei um artigo no qual analisava a recepção da descoberta de que o suposto relato autobiográfico “Fragmentos: memórias de uma infância 1939-1948” (publicado em 1995 na Alemanha e em 1998 no Brasil), assinado por Binjamin Wilkomirski, era uma farsa. Naquela ocasião, me detive no debate sobre a legitimidade do uso de narrativas pessoais e de seu frágil e polêmico estatuto como fonte de pesquisa para o conhecimento histórico. Nesta comunicação, quero me debruçar na análise da narrativa de “Fragmentos”, tendo em vista a discussão de seus possíveis usos em situações de ensino de história no âmbito da educação básica. Para além dos aspectos éticos envolvidos na produção do livro, e que foram abordados no texto anterior, desta vez situo meu empenho, paradoxalmente, na problematização da potencialidade do uso do mesmo livro para a conformação, entre alunos do ensino médio, de uma consciência histórica acerca da experiência do holocausto judeu durante o período da 2ª guerra mundial.

10 – História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade

Coordenadores: RICARDO SANTHIAGO (Doutor(a) – Universidade Estadual de Campinas)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Teatro Oficina: um teatro de grupo imerso na construção de eventos na cultura brasileira (1961-1974)

Daniel Martins Valentini (Pontifícia Universidade de São Paulo)

No início dos anos 1960 o Teatro Oficina iniciou sua vida profissional encenando com sucesso uma peça de Clifford Odets, cujo título foi traduzido como A vida impressa em dólar. Entre os jovens que formavam o grupo já estavam nomes que se destacariam durante muito tempo no cenário nacional, como Renato Borghi e Etty Frazer. Seria também a estreia de José Celso como encenador profissional, inicialmente a contragosto. Esse teatro conta hoje com o privilégio de pertencer a um seleto círculo de grupos artísticos que refletiram acerca da realidade nacional com uma estética inovadora, sabendo renovar-se com frequência, até ter suas forças enfraquecidas, em meados da década seguinte. Nossas preocupações principais estão em entender, por um lado, a censura ao Oficina e, por outro, refletir sobre a construção da história do grupo pelo meio acadêmico, através de um trabalho que some crítica historiográfica e preservação e análise de narrativas.

História Oral e Retroalimentação Poética: Experiências de Criação Dramatúrgica a Partir de Relatos Sobre o Teatro em Porto Alegre

Clóvis Dias Massa (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O estudo analisa experiências de criação dramatúrgica desenvolvidas a partir de relatos orais sobre o teatro de Porto Alegre, com base em entrevistas realizadas com espectadores e artistas locais. A investigação faz parte da pesquisa História e Perspectivas do Teatro em Porto Alegre, desenvolvida no Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os relatos sobre a recepção e a prática teatral gaúcha servem de fonte para a criação artística e propõem uma criação na qual falas, imagens e gestos dos sujeitos entrevistados servem de estímulo à escrita textual e cênica. O trabalho apresenta os procedimentos metodológicos empregados em diferentes fases da pesquisa, primeiramente a partir de documentos orais de espectadores e, depois, com relatos de diretores e atores de teatro, e examina os resultados a que se chegou nesse processo de retroalimentação poética.

Carteira de Artista: Memórias da Associação de Artistas Plásticos de Pernambuco (1968–1970)

José bezerra de Brito neto (UFPE)

A profissionalização dos artistas plásticos no Brasil partilhou seus múltiplos caminhos com o campo político e suas linguagens, a partir do modus operandi que garantiam o exercício profissional de uma atividade, que sempre foi marcada pelo diletantismo e uma espécie de autonomia cristalizada em representações culturais. A Associação de Artistas Plásticos de Pernambucana foi fundada no ano de 1968 com o objetivo de criar: “uma unidade de representação e reivindicação da classe artística”, formada por um grupo heterogêneo, ligado a diversos setores da cultura, como: pintores, gravuristas, escultores, professores, desenhistas, poetas, intelectuais das áreas do turismo e do patrimônio cultura. A AAPE passou a priorizar a figura do artista plástico enquanto elemento central das suas práticas políticas e sócio profissionais. O objetivo deste artigo é analisar as memórias políticas deste grupo em meio à criação de novas políticas trabalhistas durante a Ditadura Civil Militar, no período de 1968 a 1970, como a inserção de novas categorias de trabalhadores no Sistema de Previdência Social. Neste período se solidificava as representações públicas do artista detentor de um ethos profissional.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Em busca de uma coleção e seu colecionador: a trajetória da Coleção Renato Miguez de Arte Popular
Carolina Rodrigues de Lima (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Em fevereiro de 2012, foi doada ao Museu D. João VI /UFRJ, uma coleção com aproximadamente 1250 peças de arte popular de diversas origens, materiais e técnicas, reunida pelo escultor e antigo professor da disciplina de Folclore da Escola de Belas Artes/UFRJ Renato Braga de Miguez Garrido, por suas irmãs, conforme sua vontade. O trabalho sugere uma reflexão sobre a importância da oralidade na construção biográfica e na constituição da coleção, através de entrevistas e relatos concedidos por suas irmãs e antigos professores que conviveram com o colecionador, servindo de base para uma investigação de sua trajetória, para entender o processo de aquisição das peças, de modo a auxiliar no processo de identificação deste acervo de grande importância para a EBA, cujas informações são limitadas.

Sou o que lembro ou que decido esquecer: fotografia, memória e identidade

Bruna Wandekoken (UFES)

O presente artigo pretende fazer um levantamento de como a fotografia é utilizada como ferramenta não apenas para o armazenamento da memória, mas também em sua ativação, sendo usada como gatilho nos relatos orais, junto as entrevistas e rodas de conversa. E como através desse elo fotografia e memória, podemos construir, afirmar, rearranjar uma identidade tanto individual, quanto coletiva. Para tanto nos utilizaremos dos conceitos de memória coletiva de Maurice Halbwachs, História e memória do Jacques Le Goff, A voz do passado de Paul Thompson, Memória e identidade social de Michael Pollak, além de outros teóricos da fotografia, antropologia e da etnografia. Palavras chaves: Fotografia, História oral, Antropologia, Memória, Identidade.

“Pelas ruas de minha cidade”: análise de uma entrevista de Valdir Agostinho, um artista da Barra da Lagoa (Florianópolis – SC), entrevistado por Cláudia Alvim Barbosa

Luciano Py de Oliveira (Universidade do Estado de Santa Catarina)

Este trabalho tem como objetivo analisar uma entrevista concedida por Valdir Agostinho ao programa Pelas Ruas de Minha Cidade, em 2012, uma vez que é o sujeito central da pesquisa de doutorado em andamento. Personagem de várias faces, é um artista visual que transformou pandorgas e pipas em obras de arte; carnavalesco; compositor de canções que fundem vários estilos da música popular com ritmos e sotaques locais; considera a preservação do meio ambiente e conservação da biodiversidade um pensamento central e que une todas essas faces. Estando a pesquisa situada na história do tempo presente, é central a necessidade de contextualizar e confrontar as fontes documentais com as memórias que poderão ser ativadas por meio de entrevistas realizadas com o(s) sujeito(s) pesquisado(s). Nesse sentido, a história oral é um importante método de investigação para pesquisas envolvendo trajetórias individuais e processos “que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma” (FERREIRA, 2012, p. 171). Serão considerados aspectos relacionados a relação entrevistado-entrevistador, (PORTELLI, 2001) e ao uso de fontes audiovisuais tendo a internet como base de dados (BRESCIANO, 2010).

Memórias de artista: Mestre Nêgo e a cultura popular do médio São Francisco

Carolina Reichert Andres (Universidade Federal do oeste da Bahia),

Rafael Sancho Carvalho da Silva (Universidade Federal do Oeste da Bahia)

Este estudo se debruça sobre a produção artística de Dilson Almeida, popularmente conhecido como Mestre Nêgo, escultor e artesão na cidade de Barreiras-BA, margem oeste do Rio São Francisco. Mestre possui sua trajetória de vida às margens desse Rio e suas memórias de artista estão, quase sempre, banhadas pela cultura popular são-franciscana. Em boa parte de sua obra a concepção de esculturas centram-se no universo da cultura sertaneja; entretanto, nosso recorte apreende as temáticas das Carrancas, da Caipora, do Lobisomem e do Saci que são lembranças as quais estão, intimamente, baseadas nas narrativas populares transmitida ao longo das suas vivências. Por meio de suas falas, esses repertórios imagéticos subsidiam seu processo criativo envolvendo construções simbólicas pela cultura popular do sertão baiano. Dessa maneira, nosso objeto de análise, nesse caso, indaga como a apropriação desses referenciais populares são particularizados e concebidos por Mestre Nêgo em obra artística.

Narrativas, memórias e saúde na Umbanda no Rio de Janeiro/RJ

Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello (FIOCRUZ / FAETEC)

O presente artigo é parte de uma pesquisa de doutorado acerca da relação religião, cultura e saúde e tem como objetivo analisar as possibilidades e as contribuições da utilização das memórias de frequentadores e líderes de religiões afro-brasileiras como fonte para os estudos de manifestações culturais e religiosas, a partir da experiência de pesquisa em terreiros umbandistas no Rio de Janeiro, principalmente em bairros populares, com a finalidade de se compreender as maneiras pelas quais as pessoas experimentam a doença, o sofrimento, a dor e as práticas de cura. A pesquisa se propôs a lançar questionamentos para uma possível compreensão dos agenciamentos que ocorrem nas religiões, a partir da fala dos que experimentam a situação de “pacientes” ou líderes religiosos. As histórias dos entrevistados permitem o reconhecimento dos elementos que definem suas práticas de tratamento. Um efeito fundamental da religião é mudar o significado de uma doença, não necessariamente implicando na eliminação de sintomas. A religião dá sentido à vida e ao sofrimento. A prática religiosa complementa, para os sujeitos ouvidos, as práticas médicas oficiais.

Nas veredas do sagrado – O Congado no interior de Minas Gerais: tradição, educação e trocas simbólicas

Mauro Passos (UFMG)

A comunicação faz um estudo histórico sobre o significado social e cultural do Congado em Minas Gerais, no interior mineiro, através de depoimentos orais, particularmente. O objetivo é recuperar a influência do movimento religioso e analisar seu significado no contexto histórico. O que nos interessa é conhecer a história que existe por trás das imagens, ritos e cânticos que emolduram a festa do Congado.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Cinebiografias e memória musical

Márcia Ramos de Oliveira (UDESC)

O trabalho pretende investigar, através de estudos de caso, filmes comerciais que tem por temática a biografia de indivíduos cuja trajetória profissional e/ou construção de vida relacionam-se a atividade musical como forma de construção de identidade e inserção social e histórica. Diante disso, a partir da escolha de exemplos em audiovisuais, esta comunicação ocupa-se em observar algumas abordagens desenvolvidas sob a perspectiva metodológica e construção narrativa que fazem uso de depoimentos e entrevistas. Neste sentido, procura-se estabelecer relações entre estas formas de abordagens com práticas desenvolvidas na pesquisa de história oral e/ou possibilidade de pesquisa nesta área.

“Ele foi meu muro”: A arte da história oral, em público

Ricardo Santhiago (Universidade Estadual de Campinas)

As visões de nossos narradores sobre a experiência de ser escutado são histórias que não colhemos. Vez ou outra, projetos que tratam de casos traumáticos ou assuntos delicados, com pessoas em circunstâncias extraordinárias ou em situações-limite, tangenciam essa experiência, mesmo assim de maneira bastante especulativa. Igualmente, colocações sobre o aspecto “curativo” ou “terapêutico” da entrevista costumam basear-se mais em

suposições do que em substrato empírico. Nesta apresentação, revisitarei a experiência de uma entrevista pública com a cantora Adyel Silva, gravada por mim no contexto de uma pesquisa com cantoras negras brasileiras. Após longas sessões de escuta, em sua casa, Adyel aceitou o convite de narrar em público — não sobre sua vida, mas sobre a experiência de narrar sua vida para um “escutador” específico, o pesquisador de história oral. Questões sobre oralidade e performance, publicização da vida privada, ética e compromisso, emergem desse conjunto de narrações, protótipos fascinantes da narração de histórias autobiográficas como um fenômeno criativo.

“Um Sr. Talento”: Trajetória, Engajamento e Esquecimento na Obra de Sérgio Ricardo

Daniel Lopes Saraiva (UDESC)

Nascido em 1932, na cidade de Marília, interior de São Paulo, Sérgio Ricardo é um dos artistas que fazem parte do imaginário popular da cultura brasileira, sendo geralmente lembrado por quebrar o violão durante o Segundo Festival de Record em 1967. Mas essa imagem que até hoje é relembrada é apenas um dos momentos da extensa carreira do artista. Inicialmente vinculado ao movimento bossanovista, o cantor foi aos poucos se aproximando do Centro Popular de Cultura, suas canções ficaram mais engajadas e seus discos também. Além disso, foi diretor de diversos filmes, sempre ligados à temática social, preocupação que perpassa grande parte de sua carreira. Assim, o presente artigo tem por objetivo traçar um panorama da carreira artística do cantor, fazendo uma pequena análise da sua obra discográfica e fílmica, relacionando o contexto vivido à época. Ao trabalhar com sua trajetória, usamos como fonte os seus relatos. Esses depoimentos, coletados em diferentes momentos da vida do cantor, nos possibilitará observar as permanências e rupturas da memória, atentos aos silêncios e às ênfases, de maneira a possibilitar a reconstrução de uma trajetória, considerando a subjetividade das fontes.

Reflexões sobre a canção Pare de tomar a pílula e as representações sobre o feminino e o amor na obra de Odair José

Cristiane Pereira Martins (UDESC)

O objetivo do trabalho é problematizar as representações dos femininos e o cenário amoroso na canção Pare de tomar a pílula do compositor Odair José, e sua repercussão no contexto da década de 1970. Em suas canções o cantor aborda temáticas femininas, que foram altamente proibidas e censuradas pelo regime militar, e sujeitos subalternizados, que estavam à margem da sociedade brasileira, principalmente por discutir questões referentes à moralidade de um regime conservador. O cantor evidenciou em suas canções um sujeito histórico outrora excluído.

Representações da cidade de Santo Amaro da Purificação nas memórias da cantora Maria Bethânia
Marcelo Flório (Universidade Anhembi Morumbi – UAM)

A comunicação tem como objetivo principal apreender, por meio da análise de entrevistas, as memórias da cantora Maria Bethânia sobre a cidade de Santo Amaro de Purificação; cidade natal esta que marcou sua infância e adolescência e que encontra-se enraizada, na fase adulta, em suas performances artísticas e que, portanto, perpassou, de modo significativo, toda sua trajetória de 50 anos da carreira como cantora. O corpus documental da pesquisa entrecruza a interpretação de depoimentos, fotos de capas de cd e conteúdos imagéticos de shows gravados e documentários fílmicos que registram as memórias das

artes de Bethânia. No entanto, a presente comunicação prioriza a interpretação de entrevistas, a partir de perspectivas analíticas dos trabalhos com a História Oral, de modo a priorizar o diálogo com os teóricos Paul Zumthor, Ricardo Santhiago, Alessandro Portelli e Ecléa Bosi.

Festivais de Coros do Rio Grande do Sul (1963-1978): múltiplas vozes, diferentes práticas músico-educativas

Lúcia Helena Pereira Teixeira (Universidade Federal do Pampa)

Os Festivais de Coros do Rio Grande do Sul, durante o período estudado (1963-1978), tiveram lugar no Salão de Atos da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A movimentação da/na cidade de Porto Alegre – RS está viva na memória dos participantes. Cantores, regentes, jornalistas e público foram partícipes e suas narrativas inferem sobre o impacto daquela movimentação em torno dos Festivais e sua contribuição para a formação musical dos envolvidos. A análise da dinâmica que movia os agentes a participar dos Festivais ajudou a compreender algumas práticas vinculadas também ao período sócio-histórico. Os resultados da pesquisa, realizada junto ao Programa de Pós Graduação em Música da UFRGS, em nível de doutorado, apontam para as formações musicais de cantores, regentes e público ocorridas a partir de concepções sobre cantar em coro e do habitus (ELIAS, 1997) gerado na e pela participação nos Festivais. Como procedimento metodológico, foram realizadas entrevistas em história oral temática (MEIHY, 2005; PORTELLI, 2011), às quais foram combinadas fontes escritas (artigos de jornais da época, programas musicais e cartas).

Sob o toque do tambor. Mulheres caixeiras em Barão Geraldo, Campinas-SP

Maria Elena Bernardes (UNICAMP)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a experiência empreendida por mulheres que integram os grupos “As Caixeiras da Guia” e “As Caixeiras das Nascentes”, ambos concebidos sob a coordenação da atriz e artesã da Caixa do Divino, Cristina Bueno. A pesquisa de Cristina iniciou no Grupo “Saia Rodada”, em 1986, com Raquel Trindade e, após, em 1993, com o mestre Tião de Carvalho a partir do seu interesse em pesquisar as manifestações populares brasileiras. Em seguida, ela conheceu as Caixeiras de Alcântarama e, assim, seu trabalho foi inspirado no grupo do Maranhão e nas Congadas de Minas Gerais e São Paulo. “As Caixeiras de Barão Geraldo” é formado por mulheres de variadas profissões, que unidas pelo toque do tambor visam propiciar às integrantes dos grupos espaços para vivência coletiva e trocas de saberes, sejam elas por meio de oficinas de montagem de tambores ou intervenções às comunidades quando cantam e tocam para saudar as festas, as casas, os alimentos e os santos. O enfoque desta comunicação, à luz da história oral e da documentação iconográfica, será a trajetória da idealizadora dos grupos em questão que se confunde com a trajetória das outras mulheres caixeiras.

Músicos búlgaros na Amazônia: arte, imigração e história oral

Jusamara Vieira Souza (UFRGS), Maria Grigorova Georgieva (UFRGS)

No final da década de oitenta e início da década de noventa do século XX migraram para o Brasil vários músicos oriundos da Bulgária em busca de empregos no bojo de uma política cultural de criação de orquestras. Os primeiros grupos se instalaram especialmente em Belém (1987) e Ribeirão Preto (1992). Para muitos deles o Brasil se mostrava como uma

excelente oportunidade para construírem suas carreiras profissionais. A acolhida a músicos búlgaros deu origem a outras correntes de migração de instrumentistas e ao fenômeno que aqui busca-se estudar, qual seja, a experiência de músicos búlgaros na constituição de orquestras e sua participação na vida musical de Manaus a partir dos anos 90. O que os atraía? Que circunstâncias os motivaram a deixar seu país de origem e vir para o Brasil? Quais suas primeiras impressões ao chegar? Como lidaram com seus primeiros empregos e que práticas musicais foram desenvolvidas por eles? Como trabalharam com seus códigos de pertença, suas identidades e as relações sociais? Encontrar respostas para essas questões é o objetivo dessa pesquisa, em andamento, que pretende investigar a participação de músicos búlgaros nos movimentos culturais de Manaus.

12 – História Oral e processos de escolarização

Coordenadores: CAROLINE MACHADO CORTELINI CONCEIÇÃO (Doutor(a) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná), JOSÉ EDIMAR DE SOUZA (Doutor(a) – Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Memória de alunos egressos da faculdade de Direito de Pelotas-RS/Brasil e da faculdade de Direito de Coimbra/ Portugal (1960-1970): contribuições da história oral

Valesca Brasil Costa (Unisinos)

Este trabalho tem por objetivo revisitar a memória de alunos egressos da Faculdade de Direito de Pelotas/Brasil e da Faculdade de Direito de Coimbra/Portugal. O recorte temporal se dá entre as décadas de 1960 a 1970 e se justifica, pois no Brasil se dá o Golpe Civil Militar, e em Portugal, inicia a Revolução dos Cravos. Quanto à fundamentação teórica o trabalho toma como base os conceitos abordados nas obras de Pierre Bourdieu dedicadas à educação. Quanto à metodologia utilizada, baseia-se na análise de entrevistas, que têm como fonte memórias de egressos destes cursos de Direito e todo tipo de documento escrito que fosse contribuir com a pesquisa. Nas entrevistas se observou que os sujeitos cujas memórias foram produzidas, tornaram o conhecimento adquirido nessas instituições de ensino superior instrumento na luta pela justiça, buscando derrubar regimes totalitários e ascenderam profissional e socialmente. Este trabalho trouxe uma importante contribuição ao revisitar as memórias destes alunos egressos, possibilitando tomar contato com sujeitos, instituições de ensino de Direito e momentos históricos mostrando o papel educação como instrumento de democracia e justiça social.

Vivência de professores no Ensino Superior

Maisa Alves dos Santos (Universidade Guarulhos)

A história de uma instituição educacional, não pode ser desvinculado dos acontecimentos do país, sobretudo dos últimos trinta anos, período em que o ensino superior se expandiu de forma acelerada, sobretudo o privado. Esse estudo narra fatos da história de vida de professores que atuam no ensino superior brasileiro, objetivando retratar suas percepções sobre as características e mudanças no cenário do segmento nas últimas três décadas. Investigação qualitativa, construída por meio de entrevistas e/ou questionários abordando a prática do ensino, os alunos, mudanças e esperanças, identificando nas narrativas

momentos marcantes da história da educação brasileira contextualizados no aspecto político, econômico e social do país. Como a história educacional se desenrola no tempo fazendo parte da história geral, as mutações no ensino superior nas últimas décadas, e as transformações no desenvolvimento da carreira docente, dotam de sentido as narrativas apresentadas. Os relatos narrados, registrados, transcritos, editados e analisados nesta pesquisa permitem leituras e interpretações diversas por pesquisadores de diversas áreas de estudo dentro de seu enfoque de pesquisa.

Entre a docência, a escrita e a pesquisa: notas do processo de escolarização de Juracy Marques

Marlos Bezerra de Mello (PPGEdu/UFRGS)

O trabalho objetiva conhecer um pouco sobre a trajetória de escolarização e docência da professora Juracy Cunegatto Marques, cuja prática ocorreu na esfera pública e privada em escolas e universidades. O texto evidencia a atuação de Juracy no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE/RS) e na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. A análise sustenta-se na perspectiva da História Cultural e utiliza a metodologia da História Oral e da Análise Documental. Destaca-se no conjunto de análises a transferência de Itaqui para Porto Alegre, a formação na Escola Normal em Santa Maria, o intercâmbio nos Estados Unidos e as estratégias de promoção da psicologia na educação.

Processos de escolarização: educação confessional no Instituto Nossa Senhora de Lourdes em Arraias (TO)

Thiago Ferreira dos Santos (Universidade Federal do Tocantins)

O presente trabalho tem como objetivo narrar as memórias de egressos do Instituto Nossa Senhora de Lourdes em Arraias (TO), no período compreendido entre 1957 a 1982. Instituto este de educação confessional que funcionou por meio de mensalidades, bolsas custeadas por políticos e ainda concessão de ensino à base de troca por serviços de manutenção da instituição. A abordagem metodológica escolhida para este estudo foi a história oral temática a partir de entrevistas com ex-alunos em diferentes processos de escolarização ao longo de várias décadas. Os resultados obtidos apontaram que a referida instituição foi fundamental para a escolarização da cidade de Arraias, uma terra surgida a partir da extração de ouro pelos escravos no período áureo da mineração no Brasil e marcada pelos grandes latifúndios. Conclui-se que o Instituto Nossa Senhora de Lourdes instruiu parte da população arraiana por meio de uma política educacional baseada nos bons costumes, na disciplina, na tradição e na religião. E de acordo ao período de sua existência e a seu modo, formou vários filhos de Arraias, sejam das famílias tradicionais ou das mais humildes.

O processo de escolarização e sua relação com o constituir-se docente: história oral e fragmentos de uma história de vida ocupacional

Jordana Wruck Timm (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

A presente proposta de trabalho tem sua base em fragmentos de uma entrevista de história de vida ocupacional. A mesma tem por objetivo mostrar como o processo de escolarização (desde o Ensino Fundamental até a Graduação) motivou a entrada e permanência na docência no Ensino Superior de uma profissional que não tinha tido interesse em atuar nessa área até então, senão pelos exemplos que encontrou durante sua trajetória estudantil/acadêmica. A análise dessa entrevista conta com o aporte teórico-metodológico da História Oral. A partir do referido material, é possível concluir que, apesar da entrevistada sempre ter idealizado sua carreira fora da área das Ciências Humanas, seu percurso estu-

dantil/acadêmico foi permeado com exemplos de professores que a inspiraram a voltar sua atuação profissional para a área da docência, o que a instigou a entrada, novamente na condição de aluna, em Programas de Pós-Graduação, viabilizando exercer o papel de professora no Ensino Superior, campo em que atua até os dias de hoje.

História oral de vida: a docência e o jovem em conflito com a lei.

Willian Lazaretti da Conceição (Universidade Estadual de Campinas),
Áurea Maria Guimarães (Professor Associado I –Faculdade de Educação – Unicamp)

A educação escolar tem enfrentado desafios cada vez mais difíceis de serem vencidos e, pelo menos dois deles, tem relação com esta pesquisa, sendo o primeiro a dificuldade em se conseguir aulas para preenchimento completo da jornada docente nas escolas da rede pública estadual e o segundo, a falta de condições para o exercício da profissão em muitas dessas escolas, colaborando para que os professores busquem alternativas no sistema de ensino da Fundação CASA. O objetivo deste trabalho é analisar as histórias de vidas dos professores, buscando identificar fragmentos que os aproximem dos adolescentes em conflito com a lei, analisando aspectos que contribuam para as relações entre professor e aluno. Para tanto, utilizamos a metodologia da história oral de vida proposta pelo Núcleo de Estudos em História Oral – NEHO/USP, que pressupõe além da entrevista, a transcrição, textualização e transcrição na passagem do oral para o escrito. A análise será realizada tecendo um entrelaçamento entre as histórias dos professores e as histórias de jovens infratores. Por meio das narrativas, temos como foco adentrar no universo singular da educação escolar para jovens infratores.

A história dos egressos do PROEJA: desafios na conciliação entre família, trabalho e estudo

Regina Magna Bonifácio de Araújo (Universidade Federal de Ouro Preto)

Este trabalho apresenta os resultados parciais de pesquisa concluída que investigou como se caracterizam as trajetórias escolares e profissionais de alunos diplomados pelo PROEJA e os significados dessa formação. O referencial teórico conjuga os campos da história da educação, sociologia e educação. O caminho percorrido, sob o paradigma de pesquisa qualitativa e biográfica, enquanto método e estratégia de pesquisa de campo, lançou mão das entrevistas semiestruturadas na reconstrução das trajetórias escolares e profissionais desses atores sociais. Nesta comunicação consideramos questões relacionadas às responsabilidades múltiplas que cada indivíduo assume dentro do contexto familiar evidenciado pela indagação: como os diplomados no PROEJA, participantes desta investigação, elaboram e concretizam suas estratégias de conciliação entre família, trabalho e escola? Estas estratégias se diferenciam entre homens e mulheres? Os resultados confirmam a apoio indispensável da família ao estudante do PROEJA, evidenciam as estratégias utilizadas por homens e mulheres na conciliação entre trabalho, família e escola e registram a manutenção histórica e social do papel da mulher na sociedade.

Entrevistas Docentes na escola de Tempo Integral: O tempo do trabalho.

Nayjla Lane Ramos Gonçalves (Universidade Federal do Tocantins)

História Oral – Saindo do tradicional e entrando em um novo tempo de trabalho – anseios e angústias do professor na educação de tempo integral – adaptando-se ao tempo de trabalho dentro da escola. Este trabalho trata da importância de um olhar mais atento

para o professor dentro da perspectiva de ensino de tempo integral e tem por objetivo fazer considerações e apontamentos a respeito do tempo que cada professor dedica ao seu trabalho. A metodologia utilizada para este trabalho foi a História Oral Temática onde as narrativas demonstram que o tempo dedicado é precioso no compartilhamento de saberes, mas demonstram também que esta nova proposta do ensino de tempo integral gera muitos desafios que foram propostos tanto para alunos como também para os professores, afinal a partir da implantação da escola de tempo integral muitos paradigmas foram quebrados e novos foram construídos. Conclui-se assim que a rotina do professor se intensificou e este teve que se adaptar a este novo conceito de tempo dentro da escola, gerando com isto novos desafios, mas também novos anseios e angústias.

A história oral e as contribuições do programa GESTAR II para a formação continuada de professores de matemática, na Bahia

Helaine da Silva Souza (Universidade Federal da Bahia)

Esta é uma pesquisa de Mestrado, em andamento, que tem o objetivo de conhecer a influência do Programa Gestão de Aprendizagem Escolar (GESTAR II – Matemática) na formação continuada de professores de matemática da Educação Básica da Bahia. Para compreender as razões que levaram à criação do programa GESTAR buscou-se identificar as ações educacionais desenvolvidas anteriormente ao citado programa pela Universidade Federal da Bahia (Faculdade de Filosofia, Centro de Ciências da Bahia (CECIBA), Programa de Treinamento e Aperfeiçoamento de Professores de Ciências (PROTAP) etc.) e por órgãos vinculados ao Estado da Bahia (a exemplo do Instituto Anísio Teixeira (IAT)), o que certamente nos possibilitará situar o Gestar II no processo educacional baiano. A constatação da existência de poucas fontes documentais primárias sugeriu-nos a utilização da metodologia da história oral para resgatar a repercussão do Programa GESTAR II (desenvolvido no período de 2001 a 2007) entre seus atores históricos, isto é, os professores de sala de aula e os coordenadores e executores do projeto, preenchendo assim as lacunas documentais da pesquisa.

Memórias de professores, a voz do conhecimento – PNAIC/Palmas

Sádia Maria Soares Azevedo Rocha (Universidade Federal do Tocantins)

A pesquisa objetiva investigar o processo de formação docente, dos anos iniciais à pós-graduação, analisar suas memórias e impacto na prática pela participação no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC. Delineia elementos constitutivos do desenvolvimento profissional e investiga a relação dos conhecimentos construídos e sua efetividade no contexto escolar, após os estudos no PNAIC. São pesquisadas oito professoras de duas escolas estaduais, em Palmas-TO, que lecionam nos 2º e 3º anos do ensino fundamental. A metodologia utilizada foi da história oral temática, partindo de entrevista semi-estruturada, cujas narrativas fundamentam-se na literatura sobre formação de professores, relacionando a prática docente com a teoria nesta área. A análise das narrativas, parte do pressuposto de que ouvir as vozes dos professores é redimensionar o seu desenvolvimento profissional situando-o enquanto sujeito. O estudo evidencia que é preciso a legitimar o significado da formação continuada de professores e da escolarização docente a fatores como a dinâmica social, o uso dos recursos tecnológicos, a diversidade de sujeitos e a inclusão, articulados às demandas da contemporaneidade.

Ensino religioso confessional no Rio de Janeiro incompatibilidade entre a lei 3.459/00 e a realidade na administração escolar

Evandro Francisco Marques Vargas (Secretária de Estado de Educação),
Leandro Garcia Pinho (Universidade Estadual Norte Fluminense – UENF)

A presente proposta é resultado de parte da dissertação de mestrado defendida pelo programa de pós-graduação em políticas sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) em 2015, que analisou a implementação da disciplina Ensino Religioso em uma unidade escolar situada no noroeste fluminense do Estado do Rio de Janeiro ocorrida no ano de 2014, quando dois docentes foram alocados. Por meio de entrevista oral com roteiro semiestruturado com um gestor da escola, e observação direta do ambiente escolar na qual recorreremos em grande medida à etnografia da prática escolar. Realizamos quatro meses antes entrevista oral com um segundo gestor em outra unidade escolar que já oferecia disciplina há oito anos sob forma de pré-teste para calibrar o instrumento de coleta. No processo de coleta dos dados iniciamos o processo de impregnação do material, e então realizamos a transcrição e categorização dos dados. Como resultado destacamos a categoria de análise na qual fizemos um cruzamento entre a regulação legal para o ER e sua implementação na unidade escolar observada. Tendo como foco os aspectos de organização das turmas e inscrição dos discentes na disciplina.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Interfaces da escolarização a teoria e a pratica: análise do plano de estudo na Escola Família Agrícola de Porto Nacional –TO

Maria de Lourdes Leoncio Macedo (Universidade Federal do Tocantins)

Esta pesquisa buscar descrever o plano de estudo do terceiro ano do curso técnico em agropecuária na perspectiva da Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola em Porto Nacional, Tocantins. A metodologia utilizada foi a história oral temática com onze entrevistados, sendo três alunos do curso, e respectivos familiares, um técnico, um professor, um diretor, um coordenador pedagógico e um auxiliar de secretaria. Algumas questões foram efetuadas a estes sujeitos com foco na Pedagogia da Alternância e Plano de Estudo. Conclui-se que a Pedagogia da alternância possibilita a oferta de cursos para o educando residente na área rural, em especial os assentados, sendo a profissionalização concedida como meio de permanência no campo. O Plano de Estudo (PE) é um dos instrumentos avaliativos utilizados na Pedagogia de Alternância, este é o elo entre a escola e a família do educando no desenvolvimento de suas potencialidades profissionais. O PE é a prática fora da escola, envolvendo a família e a comunidade em que está inserida. Afirma-se que o Plano de Estudo realiza a integração da teoria com a prática oportunizando a formação profissional dos alunos do curso técnico em agropecuária.

Formação de Professores Leigos: Elô conta-me agora?

Nara Nörnberg (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Este trabalho apresenta a narrativa de Elô, professora leiga, que exerceu a sua docência na educação rural do município de Canguçu/RS. A ideia é provocar algumas reflexões sobre as dimensões pedagógicas, políticas e epistemológicas que permeiam a formação de professores, tecendo o cotidiano do estar/ser professor através da narrativa desta

professora. Para coleta e análise dos dados fiz uso da Rede de Significações, que propõem a integração de forma dinâmica de elementos diversos, contemplando micro e macro dimensões em uma perspectiva evolutiva e histórica. Os achados revelam influência do capital social na escolha de quem pode vir a ser professor; o desafio de com apenas a terceira série primária lecionar para uma quarta série; a preocupação e o compromisso de fazer o melhor possível. O que se pode extrair dessas considerações é que narrar o que se faz com o humano e pelo humano resgata a nossa própria humanidade, implicado pela reflexão sobre o que nos acontece como professores, propondo, assim, pensar a educação a partir da experiência e do sentido que é constituidor e constituinte do estar/ser professor.

Narrativas de duas mulheres da zona rural do Município de Piratini/RS

Darlene Rosa da Silva (Instituto Estadual de Educação Assis Brasil),
Elisane Ortiz de Tunes Pinto (Colégio Municipal Pelotense),
Daiana Corrêa Vieira (Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul)

Este texto decorre de um estudo maior concluído em 2010, no PPGE/FaE/UFPel. Para o presente escrito trazemos, como mote problematizador, os resultados dessa pesquisa quanti-qualitativa, a qual teve como foco conhecer o nível de escolaridade da população residente nas localidades do Paredão e da Costa do Bica, zona rural do município de Piratini/RS. Em janeiro e fevereiro de 2008, foram mapeadas, por meio de visita domiciliar, 114 famílias que residiam nestas localidades e, através de uma entrevista estruturada, foi possível delinear o perfil educacional, cultural e socioeconômico de 344 sujeitos (homens, mulheres e crianças), moradores destes lugares. No entanto, em algumas residências, houve a realização de entrevistas semi-estruturadas com o intuito de identificar as histórias de vida dessas pessoas com relação à escolaridade ou à inexistência dela. Partindo desse pressuposto, neste ensaio, relataremos as histórias de duas mulheres: Dona Beloni (indígena, agricultora e mãe de seis filhos) e Dona Abrilina (uma senhora que dizia ter 80 anos de idade, analfabeta, indígena e mãe solteira).

Memórias da infância nas colônias italianas de Campo Largo, Paraná

Fabio Augusto Scarpim (UFPR)

Essa comunicação tem como propósito discutir alguns aspectos da infância em um grupo formado por imigrantes italianos e seus descendentes. Por meio da história oral e de alguns documentos escritos (livros escolares, atas de associações, livro tomo) que remetem direta ou indiretamente à criança procuraremos compreender como se dava o processo de formação e internalização de valores étnico-culturais e religiosos no grupo em estudo. Tratando-se de um grupo formado basicamente por unidades familiares rurais procuraremos compreender os diferentes espaços no qual se dava o processo de aprendizagem, não se limitando apenas a escola, mas a outros espaços tais como a família, as associações infantis e a paróquia. Partimos do pressuposto de que, no grupo em estudo, a educação das gerações futuras tinha forte influência do discurso religioso pautado na observação da hierarquia e que transparece de maneira bastante evidente nos documentos, bem como nas memórias dos colonos. Por outro lado, as memórias sobre a infância também possibilitam compreender a escola, a família e a comunidade como espaços de sensibilidades, sentimentos e emoções.

Memórias de uma trajetória formativa na Escola Normal de Sapiranga/RS – Brasil (1963-1975)

José Edimar de Souza

(Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Erechim)

O Instituto Estadual de Educação de Sapiranga, situado na grande Porto Alegre, capital do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul; dentre os seus cursos de Ensino Médio, oferece, a possibilidade de formação no Curso Normal. A história da escola iniciou na década de 1930, com a implantação do Grupo Escolar. Em 1955, com a emancipação do município, o Curso Ginásial é implantado e, na década de 1960, o Curso Normal. Neste sentido, o estudo analisa memórias de alunas do Curso Normal e sua relação com o processo formativo construído. A perspectiva teórica sustenta-se na História Cultural, e a metodologia da história oral. A investigação também discute sobre elementos da cultura escolar que perpassaram as entrevistas. As memórias, passivas de lembranças e de esquecimentos, não sendo a história, são constituídas por vestígios deixados pelo passado e de que também se vale o historiador para compor e construir suas análises. As alunas rememoram a importância dos conhecimentos apreendidos na trajetória escolar, à época uma formação diferenciada dos demais cursos secundários.

Memórias e Trajetórias de Normalista: uma reflexão sobre a formação de professoras primárias, nas décadas de 1950 e 1960, em Pelotas/RS

Maria Cristina dos Santos Louzada (Universidade Federal de Pelotas)

Neste artigo realizo um estudo de abordagem historiográfica, que privilegia a análise de memórias de normalistas, de duas escolas normais, uma pública, de cunho laico, e outra privada, de educação confessional, ambas, localizadas na zona central da cidade de Pelotas. Objetivando investigar, com o amparo dos pressupostos teóricos metodológicos da História Cultural e da História Oral, narrativas de professoras, na época estudantes do Curso Normal, que se formaram no Instituto de Educação Assis Brasil (escola estadual) e no Colégio São José (escola privada). Este é um recorte de uma pesquisa de doutorado na qual faço uma ampla investigação sobre as trajetórias discentes e docentes das normalistas que se formaram em 1960 e 1961 nos referidos educandários. Pesquisar sobre a formação docente das normalistas através da metodologia da História Oral contribui na revelação de fatos que não se encontram registrados nos arquivos. Pretendo, com o artigo aqui apresentado, fazer uma análise das lembranças e das representações de um grupo social e as influências sofridas neste grupo pelas memórias de um tempo passado, revelando os objetos do sensível e levando em consideração a memória coletiva.

Memórias da instituição escolar

Renata Brião de Castro (Universidade Federal de Pelotas),

Patrícia Weiduschadt (Universidade Federal de Pelotas)

Este estudo tem como objetivo analisar quatro entrevistas realizadas com ex alunos da Escola Garibaldi, esta localizada no interior do município de Pelotas/RS, na localidade da Colônia Maciel, 8º distrito. As narrativas foram produzidas no âmbito da história oral com esses alunos que estudaram na instituição na década de 1940, as entrevistas dividiram-se em dois momentos: uma abordagem acerca das memórias da instituição escolar e a segunda sobre o professor dessa escola, José Rodegheiro. É importante ressaltar que essa escola funcionava nessa época na modalidade multisseriada e contou como docente durante 22 anos o referido professor, o qual fazia parte da comunidade da Colônia Maciel. O

estudo é ancorado na perspectiva teórica da História Cultural (PESAVENTO, 2004; BURKE, 2005), para referenciar história oral utiliza-se das reflexões e estudos de Errante (2000), Portelli (2010), Amado (1995), Meihy e Holanda (2014), para a categoria da memória apoia-se em Halbwacks (1990), Bosi (1994), Candau (2014), Pollack (1989, 1992).

Memória docente: Uma representação do cotidiano escolar do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS

Gisele Belusso (Universidade de Caxias do Sul)

O presente artigo tem como objetivo compreender o ser professor no cotidiano escolar do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, por meio das memórias da irmã e professora Mafalda Seganfredo. Esse estudo é parte do projeto de pesquisa Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS: Tecendo histórias de sujeitos e práticas (1922-1954), em nível de mestrado e já em fase de análise e escrita final. Utilizo como referencial teórico a História Cultural com Chartier (1991, 2002), e Pesavento (2008) e memórias como um documento com Le Goff (1996), Chartier (2005), Alberti (2010), Ferreira e Amado (2005) e Tasch e Karnal (2009). A professora em questão, religiosa, pertencente à Congregação das Irmãs de São Carlos Borromeo Scalabrinianas, torna-se professora quando inicia sua trajetória como irmã e como docente na instituição de ensino já citada. Porém, compreendo que a história de vida ajuda a perceber como cada sujeito vai se constituindo e fazendo escolhas, portanto, trarei uma breve síntese de sua história de vida e formação para após narrar sobre as práticas escolares, destacando as práticas de nacionalização na escola e da relação entre as instituições pública e privada.

Memória e formação docente: estudantes do Colégio Dom Feliciano – RS

Artur Diego da Silva Alexandrino (Professor)

A pesquisa sustenta-se nos preceitos da História Cultural e utiliza a metodologia da História Oral. Este trabalho objetiva construir aspectos da história de uma instituição escolar particular, situada na região metropolitana do Estado do Rio Grande do Sul. A partir das entrevistas com professoras e alunas, as memórias foram organizadas e analisadas, tendo em vista, como se constituiu a produção de um discurso de tradição sobre o Colégio Dom Feliciano, situado no município de Gravataí/RS. Nesse sentido, enfatiza elementos que possibilitam compreender o processo formativo desenvolvido pela instituição, entre as décadas de 1970-1990. As memórias reforçam o aspecto de um discurso de qualidade de ensino que se fundamenta, sobretudo, na disciplina, na capacitação dos professores e nas práticas pedagógicas que buscam conciliar o conhecimento formal em conjunto com as didáticas educacionais de uma época.

História de vida e prática docente em História: a interface tempo e memória

Renan Rubim Caldas (UFF)

Este presente trabalho tem como objetivo, por meio da metodologia da história oral, analisar as narrativas de professores de História da educação básica, suas histórias de vida, suas memórias, suas experiências e expectativas pessoais e profissionais, individuais e coletivas. Concomitantemente a este movimento, será realizado outro, de análise das aulas desses mesmos professores, buscando perceber como eles utilizam suas próprias histórias de vida, trajetórias, memórias, experiências e expectativas na sua prática docente para ensinar história. Nesta pesquisa, têm-se como base teórico-metodológica, os conceitos de “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”, percebendo como os professores mo-

bilizam a relação entre passado, presente e futuro (KOSELLECK, 2006) nas suas narrativas, conceito que pode ser entendido como expressão da experiência humana no tempo (RICOEUR, 1994). O conceito de “saberes experienciais” também é de fundamental importância para a reflexão sobre como os professores integram suas histórias de vida pessoal e profissional ao conteúdo ensinado, buscando tornar o ensino de história mais significativo para os alunos. (TARDIF, 2002).

13 – História oral, práticas corporais e esportivas

Coordenadores: SILVANA VILODRE GOELLNER (Doutor(a) – UFRGS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Pelas Fronteiras sem fim da Dança: a Escola de Dança João Luiz Rolla (1951-1986)

Maria Luisa Oliveira da Cunha (UFRGS)

O estudo trata de uma abordagem histórico-cultural sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla, de Porto Alegre, no período de 1951 a 1986. O objetivo é reconstruir sua história analisando sua fundação e o cenário artístico/cultural que possibilitou sua constituição e desenvolvimento como espaço de arte e educação. João Luiz Rolla iniciou-se na dança até tornar-se professor na escola de Antonia Seitz Petzhold sendo também seu partner e de outras grandes bailarinas da época. Desta escola saiu para, em parceria com o conservatório de música Daniel Oliveira, ministrar aulas de balé. Deixou o conservatório e, em 1951, fundou sua escola de dança, a primeira dirigida por um homem na capital gaúcha. Mesmo iniciando em estruturas precárias com cadeiras como barras de balé, consolidou seu trabalho já em seu primeiro ano de existência em uma trajetória marcante de criações coreográficas originais, resultantes da criatividade de seu fundador despertando e projetando grandes nomes do balé na cidade. A expressiva atividade artística e cultural da escola marcou a cena da dança em Porto Alegre nas quatro décadas em que existiu projetando-se no tempo pelas escolas surgidas através de suas ex-alunas.

Ginástica rítmica “desportiva” em Belém do Pará: lembranças do “tempo” de professoras e ginastas

Carmen Lilia da Cunha Faro (Universidade do Estado do Pará)

Este estudo é uma narrativa, elaborada de forma descritiva da história da Ginástica Rítmica “Desportiva” (GRD) vinculada ao contexto do período de 1979 a 1989, em Belém do Pará. É sabido, que as pesquisas acadêmicas relativas à GRD, produzidas no âmbito de Belém, eram incipientes, ficando os registros em nível de relatos orais, que, até então, se apresentavam em forma de lembranças do empírico, e em documentos esparsos. Tendo a preocupação em tornar essas lembranças que estavam latentes na memória de “arquivos vivos”, foi possível à produção de uma escrita para a preservação dessa memória e também servir para estudos futuros. O objetivo deste estudo foi registrar, documentar e interpretar o movimento da GRD a partir da memória de professoras e ginastas participantes nos períodos citados. Do ponto de vista metodológico privilegiou-se uma abordagem histórica, construída a partir dos depoimentos, de fontes documentais primárias e de referências teórico-metodológica pertinentes a História Oral. Entre as contribuições da pesquisa está o registro histórico de sua trajetória no período de dez anos e o inventário das contribuições da GRD no contexto sociocultural amazônico.

Pilates no Brasil: o relato de suas pioneiras

Christiane Garcia Macedo (UFRGS)

O Método Pilates foi criado pelo alemão Joseph Hubertus Pilates (1883–1967) no início do século XX, com a denominação de Contrologia, chegando ao Brasil da década de 1990. O objetivo deste artigo é reconstruir sua história no Brasil, com foco na relação entre a formação de algumas de suas instrutoras pioneiras e os investimentos necessários para a implantação da prática no país. A pesquisa fundamenta-se na História Cultural e na História Oral com a realização de seis entrevistas, que integram o Projeto Garimpando Memórias. Da análise das entrevistas e no diálogo com outras fontes tais como livros e artigos, destacamos que sua inserção no Brasil se dá por intermédio de pessoas que fizeram sua formação nos Estados Unidos, parte delas envolvidas com a dança, e que envolvem três diferentes linhas de intervenção. A consolidação do Método acontece quando se dá a implantação de locais com equipamentos específicos, ampla divulgação e, sobretudo, a formação de novos instrutores no próprio país.

Memórias das práticas corporais dos encontros comemorativos do dia da consciência negra em comunidades rurais quilombolas de Poconé/MT

Bruna Maria de Oliveira (Universidade Federal de Mato Grosso)

O presente trabalho pretende relatar as memórias dos quilombolas sobre as práticas corporais dos encontros comemorativos do dia da consciência negra promovidos pelas comunidades quilombolas de Poconé/MT. Buscaremos os relatos das pessoas que prestigiam ou já prestigiaram as edições deste evento, assim como, as memórias das lideranças quilombolas e dos moradores das comunidades rurais quilombolas que constroem este encontro. Limitaremos-nos nas discussões sobre as memórias corporais vistas e sentidas nas 11 edições desta comemoração. As práticas corporais estão presentes nesse evento de diferentes maneiras: nas manifestações espontâneas daqueles que prestigiam a festa e nos grupos de dança e capoeira que se dedicam às apresentações corporais. Compreendemos que as práticas corporais são produzidas coletivamente ou individualmente através dos movimentos que se expressam com sentidos e significados, para Silva e Falcão (2002) são todas portadoras de sua gestualidade característica nos movimentos corporais que vem de encontro com a música e com o outro. Outros aportes teóricos serão Mauss (1974), Grandó (2008), Silva (2014), Castilho (2011), Alberti (2013).

O tempo e a prática corporal: narrativas do envelhecer

Leticia Castilho Alvares (Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia)

Narrativas do envelhecer de uma mulher aos 84 anos de idade dizem das suas experiências com as práticas corporais ao longo da vida. A depoente narra suas percepções de um tempo que passou, de seu corpo que se transformou e de uma dança que não existe mais: “De dançar? Parei.”, “Vivi por uma temporada”, “A idade vai chegando, a gente cansa. Eu acho que tudo tem o seu tempo”, “fico muito cansada! O coraçãozinho vai ficando abalado”, “A gente vai vendo que a cara não está mais para certas coisas”. Tentando dialogar com as narrativas da depoente, recorro ao filósofo francês François Jullien, estudioso do pensamento chinês, que nos propõe a não compreender o “tempo” como “sujeito da frase”, como um “tempo que passa”, como um “ser próprio”, “autônomo, independente dos existentes e dos processos nos quais eles estão comprometidos”. Para o autor, o envelhecer é da ordem do “transicional processivo”, constituído por transformações que

provocam mudanças, que permitem a continuidade do curso e a sempre possível abertura de uma nova “via”. Entende o sujeito como “movente”. Nesse sentido, seria a velhice um “estado terminal e definitivo”, ponto de chegada, no qual não se dança mais?

Memórias dos “JOPAGICOS”: esporte estudantil no Pará (1964-1970)

Anderson Rodrigo Tavares Silva
(Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/PA)

O presente trabalho tem como objetivo efetuar um estudo das relações entre história e memória a partir do cenário de institucionalização dos Jogos Paraenses Ginásio-colegiais (“JOPAGICOS”), com o intuito de compreender este processo como uma das estratégias executadas pelo regime civil-militar visando conquistar legitimidade junto à comunidade estudantil em Belém-PA. Partindo das memórias de ex-alunos dos cursos ginásial e colegial, pretende-se analisar as diversas vivências desses sujeitos com o processo de invenção de tradições proporcionado pela apropriação dos referidos jogos pelo estado a partir de 1964. Desse modo, busca-se contribuir para o debate historiográfico acerca desse período, em especial sobre as relações entre sociedade e ditadura, abordando o referido contexto histórico a partir das suas conexões com o esporte.

Coleção História Oral do Cemef: suscitando temas para novos estudos

Maria Cristina Rosa (UFMG)

O Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG constitui-se como um centro de documentação e de investigação. No seu acervo, a Coleção História Oral, constituída por 35 entrevistas produzidas a partir de dois projetos de pesquisa abrange diferentes temáticas e constitui-se como um locus interessante para pesquisar práticas corporais de movimento e esportes em Belo Horizonte, nas décadas de 40 a 80 do século passado. Este trabalho, a partir da organização e catalogação dessas entrevistas para disponibilização ao consulente, tem como objetivo mapear e divulgar temas para novos estudos, especialmente no âmbito da Educação Física. Para além das temáticas centrais que mobilizaram os projetos desenvolvidos, como ruas de recreio, peteca e futebol de salão, outros assuntos são abordados como: história da disciplina recreação, apropriação de espaços urbanos pelas práticas corporais; relações entre atividades das ruas de recreio e conteúdos do curso de Educação Física; educação do corpo, história da Escola de Educação Física da UFMG, surgimento e constituição de modalidades esportivas em Belo Horizonte.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Ruas de Recreio: Questões de gênero

Laura Lívia da Fonseca (UFMG)

Esta pesquisa, em andamento, tem por objetivo investigar questões de gênero presentes nas Ruas de Recreio, que foram formas de intervenção no âmbito do lazer, nos anos de 1950 a 1980. Professores e alunos da Escola de Educação Física de Minas Gerais trabalharam na sua organização e realização, fazendo-se necessário indagar: se elas eram orientadas por valores da Educação Física; quais atividades eram divididas por sexo. Foram consultadas a Coleção História Oral e os Arquivos Institucionais do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da UFMG. Em alguns setores das ruas de recreio

somente meninas participavam, como o de dança, enquanto os meninos participavam de futebol. Esta pesquisa é importante, pois há poucos estudos sobre as ruas de recreio.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Univeriade de 1963, a voz dos organizadores contribuindo com a pesquisa

Maristel Pereira Nogueira (Centro de Educação Integrada – CEI)

Texto sobre as entrevistas feitas com os organizadores da Univeriade de 1963(jogos mundiais universitários),as contribuições para a pesquisa e as confusões que a memória pode trazer, o que leva o pesquisador sempre procurar confrontar as informações obtidas com o maior número de fontes possíveis. O texto contará como exemplo um fato ocorrido durante a fase de entrevistas para a dissertação sobre a Univeriade, onde a semelhança de nomes leva os depoentes, devido à idade, cometerem o mesmo equívoco e informarem como membro da delegação Brasileira em Sófia o Sr. Francisco Horta quando, na verdade, a pessoa que estava nesta delegação era o sr. Antenor Horta. O texto discorre sobre como a memória pode ser uma excelente fonte, mas, também pode nos trazer alguns problemas. Como pesquisador em História Oral se faz necessário à busca do maior número possível de indícios que contribuam com as informações obtidas via entrevista.

Considerações sobre as condições histórico-sociais dos atletas paralímpicos medalhistas de 1976 a 1992

Michelle Aline Barreto (Faculdade Presbiteriana Gammon)

O esporte paralímpico brasileiro teve início no final da década de 50 nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, de forma bastante precária e por iniciativa de instituições especializadas no atendimento a pessoa com deficiência, e hoje tornou-se uma potência mundial. No entanto, existem poucos registros sobre o período de desenvolvimento e constituição do esporte no país, por isso o objetivo desse estudo foi identificar e descrever as condições histórico-sociais dos atletas que conquistaram medalhadas paralímpicas para o Brasil no período de 1976 a 1992, por meio da história oral. Dos atletas entrevistados 2 possuem paralisia cerebral, 7 com deficiência visual, 14 possuem deficiência física, dos quais 9 têm sequelas de poliomielite um número que chama atenção, porém é perfeitamente aceitável tendo em vista os grandes surtos de poliomielite que o país sofreu no passado. Alguns atletas não tiveram grande apoio familiar especialmente por ficarem reclusos nas instituições especializadas, mas a grande maioria recebeu apoio e se tornaram motivo de orgulho. A família foi o principal suporte financeiro uma vez que os atletas não possuíam remuneração.

Mulheres no Universo Cultural do Boxe: um estudo sobre relações de gênero através do discurso de atletas da Federação Rio-Grandense de Pugilismo

Isabela Lisboa Berté (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O presente trabalho tem como proposta discutir as relações de gênero que permeiam a inserção de mulheres no boxe gaúcho, através da análise de sete entrevistas de história oral com atletas pertencentes à Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Partindo da concepção de gênero como uma construção social e linguística que produz os sujeitos, seus corpos e subjetividades através dos limites de um sistema binário, o trabalho discute como as transformações corporais são percebidas pelas atletas que atuam no boxe a nível competitivo e como se colocam em diálogo concepções de feminilidade e masculinidade no discurso das pugilistas. Por meio de perguntas ancoradas na metodologia da história oral, as

atletas foram convidadas a significar sua memória e narrar seu processo de inserção no boxe. As falas apresentam uma série de elementos que apontam para as dificuldades estruturais do boxe brasileiro, os preconceitos e o impacto da inserção de mulheres em uma modalidade marcada, até recentemente, pela presença exclusiva de homens e permeada por uma organização simbólica ligada aos valores de uma masculinidade normativa.

Do equestre ao paraequestre: representações sociais nas memórias de um salto hípico

Ester Liberato Pereira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul),
Rafaela Bertoldi (URI-Campus de Erechim)

O Hipismo é composto por práticas como o salto, o adestramento e o concurso completo de equitação, as quais são olímpicas. Já em sua versão paralímpica, o hipismo é composto pelo adestramento paraequestre. Na prova de salto, um atleta destacado era Marcos Fernandes Alves. Após um acidente, migrou para a prática paraequestre, efetuando um salto de conquistas em seu percurso esportivo. Este estudo busca investigar que representações sociais foram construídas ao longo do percurso esportivo deste paratleta até a conquista de duas medalhas em Jogos Paralímpicos. Por meio da metodologia de história oral, coletamos o depoimento oral do atleta e foram acessadas fontes impressas; também se realizou uma revisão bibliográfica. A análise documental das fontes evidenciou que, tanto a prática do salto como a do adestramento paraequestre estavam associadas a representações sociais estruturadas em uma maneira distinta de se viver, vinculada às elites, e ao treinamento militar. Enquanto manifestações oriundas da Europa e introduzidas pela iniciativa de militares no país, posteriormente incorporadas por civis, os contextos socioculturais de ambas as práticas interligam-se em uma rede de relações.

Mulheres em quadra: narrativas sobre o processo de profissionalização de jogadoras de Handebol

Suélen de Souza Andres (Instituto Federal do Rio Grande do Sul)

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o processo de profissionalização de atletas praticantes de Handebol de um time do Rio Grande do Sul considerando, sobretudo, suas narrativas acerca do que entendem sobre ser profissional do Handebol. A fundamentação teórico-metodológica está ancorada na História Oral cuja captação de informações está centrada na realização de entrevistas com pessoas significativas ao contexto analisado. O lócus da investigação foi a equipe APAHAND/UCS/Prefeitura de Caxias do Sul. Foram realizadas entrevistas com todas as atletas da equipe além de seu preparador físico. A análise dessas entrevistas foi realizada considerando os objetivos da pesquisa e o referencial teórico que a fundamenta sendo possível compreender como se dá o processo de profissionalização das atletas envolvendo suas narrativas sobre essa profissionalização. A partir das análises foi possível verificar que o Brasil obtém conquistas significativas e o Rio Grande do Sul apresenta uma equipe consolidada e reconhecida, porém o Handebol praticado por mulheres vive de uma pseudoprofissionalização cuja estrutura oferta condições ainda precárias para que as atletas possam viver do esporte.

A Prática Esportiva e a Mídia: O Handebol na Sociedade Baiana

Leila Maria Prates Teixeira Mussi (Universidade do Estado da Bahia),
Ricardo Franklin de Freitas Mussi (Universidade Federal de Santa Catarina)

A atividade esportiva é uma importante expressão social, cultural e histórica da humanidade. São reconhecidos diversos fatores que interferem, positiva e negativamente,

no desenvolvimento do esporte competitivo, entre os quais se destacam os meios de comunicação. A presença do esporte na mídia desperta o interesse de espectadores e praticantes, assim como de investidores financeiros, em todo o mundo. Portanto, objetivou-se analisar o papel da mídia baiana no desenvolvimento estadual da prática do handebol. A História oral foi o método fundamental aplicado no estudo, pela análise dos depoimentos de atletas, dirigentes, técnicos e professores, complementada pela apreciação de documentos e matérias jornalísticas. Como primeiros resultados foram identificados um restrito apoio da mídia, com reduzida exposição handebolística nos diferentes veículos de comunicação (tv, rádio e jornal). Essa situação foi, inclusive, citada como a principal dificuldade para captação de recursos (patrocínios e rendas das partidas), visto que a baixa exposição da modalidade não atraía financiadores, que não teriam suas marcas visualizadas, e, portanto consumidas, pelos expectadores do handebol.

Histórias orais do basquetebol na cidade do Rio Grande-RS: memórias contadas pelos atores da modalidade (1960-1980)

Mateus Trevisan França (Universidade Federal do Paraná)

Este artigo é parte de minha dissertação de mestrado concluída em 2015 e discute memórias do basquetebol na cidade do Rio Grande – RS entre as décadas de 1960 e 1980, através de entrevistas com ex-atletas da modalidade. Nossos objetivos são: Acercar memórias do basquetebol da cidade do Rio Grande/RS através dos fragmentos presentes nos relatos orais desses ex-atletas; discutir as relações de poder da modalidade presentes nos relatos; apontar através de trechos das entrevistas as circunstâncias da decadência da modalidade na cidade. Nossa metodologia são pressupostos da História Oral para o tratamento das entrevistas, a análise desses relatos foi feita através da teoria configuracional de Norbert Elias e das discussões sociológicas da memória. As configurações formadas pelas memórias dos ex-atletas nos aproximaram de um panorama onde a modalidade teve uma representatividade social, impacto na vida da população, dos atletas e dos clubes. Concluímos que a representatividade e o reconhecimento identitário do basquetebol riograndino nessa sociedade permitiram que as atitudes regidas dentro das quadras de basquetebol representassem alguns anseios da sociedade local nesse período.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Alguns Fragmentos da Transição Judô/ Jiu-Jitsu no Rio Grande do Sul

Alexandre Luz Alves (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O presente trabalho tem por objetivo analisar possíveis caminhos que estabeleceram institucionalmente no Rio Grande do Sul a ruptura entre as práticas do judô e do jiu-jitsu apesar de evidenciarmos que estas duas modalidades por algum tempo coexistiram e suas nomenclaturas foram inclusive confundidas. Para a realização da pesquisa utilizamos o aporte teórico-metodológico da História Oral.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Garimpendo Memórias: Fragmentos da história da natação competitiva em Caxias do Sul

Gustavo Henrique Rasia (Universidade de Caxias do Sul)

Estudo que analise e reconstrói fragmentos da história da natação competitiva da cidade Caxias do Sul/RS, buscando identificar que atletas/treinadores tiveram destaque

na história da natação competitiva em Caxias do Sul, que competições foram e são realizadas na cidade e com qual infraestrutura, e quais as dificuldades encontradas para a expansão da natação competitiva dentro da cidade. Através de narrativas de pessoas de destaque do esporte dentro da cidade, reportagens e publicações, além de livros, artigos e endereços eletrônicos, fragmentos de um período de glória da natação caxiense dentro do Rio Grande do Sul e do Brasil pode ser relembado e evidenciado.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Futebol sem fronteiras: histórias de jogadores brasileiros na Europa

Everton de Albuquerque Cavalcanti (Universidade Federal do Paraná)

O futebol é uma das temáticas emergentes dentro do campo científico, prova é que um número significativo de pesquisas tem contemplado a temática por diferentes perspectivas analíticas no que concerne os seus vários agentes e as variadas relações que estabelecem entre si. Porém, ainda são poucos os estudos que exploram o futebol pelo prisma reflexivo da história e memória através de relatos orais, os quais se mostram relevantes dentro do campo futebolístico como uma nova perspectiva de compreender o esporte moderno. Essa pesquisa tem por objetivo analisar a carreira de três ex-jogadores de futebol profissional que tiveram a experiência de jogar na Europa, buscando compreender por meio de suas memórias quais as dificuldades perpassadas e como essas se caracterizam como parte do processo de construção do futebol moderno. Os testemunhos apontam para o inverso do que parte da mídia exhibe, ou seja, os relatos analisados mostraram como a carreira futebolística na Europa apresenta diversas dificuldades a uma parte considerável de sujeitos que acreditam que podem mudar a condição de vida jogando futebol em outro país.

As impressões sobre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) nas construções memorialísticas de duas ex-atletas da seleção brasileira de futebol

Maria Thereza Oliveira Souza (Universidade Federal do Paraná)

Sabe-se que a diferença de oportunidades encontradas por atletas de futebol feminino e masculino no Brasil é significativa, condição que pode ser observada nos contrastes da visibilidade televisiva, do interesse do público, dos salários pagos, etc. Nesse cenário de pouca representatividade, talvez a única maneira para que a atleta mulher tenha uma visibilidade nacional, seja chegar à seleção brasileira. No intuito de problematizar o papel da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no desenvolvimento dessa modalidade no país, buscou-se, por meio da metodologia de História Oral, identificar como duas ex-atletas da seleção construíram suas memórias e impressões acerca da entidade e da sua responsabilidade na condução do esporte feminino. Em meio às suas reminiscências, algumas recorrentes questões estéticas – inclusive, problematizadas há algum tempo por estudos feitos sobre o futebol feminino – vieram à tona, mas a particularidade foi que, nesses testemunhos, o papel da comentada instituição regulamentadora apareceu com protagonismo.

Nem só grêmio, nem só festa: experiências de dois torcedores na Coligay

Luiza Aguiar dos Anjos (UFRGS)

No Brasil, o futebol vem se estabelecendo historicamente como lugar privilegiado de constituição, redefinição e consolidação da masculinidade hegemônica e da heteronormatividade. Apesar de tal cenário, entre 1977 e 1983, a torcida do Grêmio Coligay não

apenas explicitava a homossexualidade de seus integrantes em sua retórica, mas, sobretudo, fazia de tal identidade sexual o norteador da performance estética do grupo. Essa pesquisa trata da experiência de dois integrantes dessa torcida, tendo como fonte entrevistas realizadas a partir da História Oral, e como aporte teórico os Estudos de Gênero e trabalhos sócio-antropológicos acerca do futebol. Na primeira experiência, o vínculo com o clube, ainda que presente, parece secundário. A participação na Coligay é norteadora pelo convívio entre homossexuais em um contexto de festa. Na outra, o clube é o elemento mais forte. A torcida foi uma de tantas vivências de seu pertencimento clubístico. As duas narrativas expõem, assim, situações notadamente distintas na sociabilidade que aquela torcida proporcionava a seus integrantes, indicando que o coletivo formou um inusitado lugar híbrido entre os universos futebolístico e homossexual.

Léa Campos: as interdições e o protagonismo da primeira árbitra de futebol do mundo

Igor Chagas Monteiro (Universidade Federal de Juiz de Fora),
Ludmila Mourão (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Os árbitros foram inseridos no futebol em 1868, na Inglaterra, pela Football Association, aparecendo no Brasil em 1894. Mas as mulheres só escreveram seu nome nesta história a partir do protagonismo da brasileira Léa Campos. O objetivo desta comunicação é analisar as narrativas de Léa Campos, uma brasileira que foi a primeira árbitra de futebol do mundo, sobre sua trajetória e experiências que tensionaram o campo e contribuíram para visibilizar a mulher no futebol. Esta pesquisa foi construída na perspectiva da história oral como técnica de produção e tratamento de entrevistas. Observa-se que Léa Campos enfrentou interdições e barreiras até que fosse concedido o seu reconhecimento como árbitra e direito a sua atuação no futebol. Esta mulher que realizou o curso de arbitragem na Federação Mineira de Futebol em 1967 foi diplomada apenas em 1971. Sua trajetória tem permanecido na “zona de sombras” nos estudos da história do esporte, desta forma interessa-nos resgatar suas memórias e visibilizar seu protagonismo. Léa Campos resistiu, superou as interdições e barreiras, em um tempo de ditadura militar e consolidou o seu protagonismo no esporte bretão.

Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: História de Vida de Educada Luizelli (Duda)

Suellen dos Santos Ramos (UFRGS)

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória profissional de Eduarda Luizelli como jogadora de futebol. Para tanto está fundamentado nos marcos teóricos relacionados a participação das mulheres no esporte, mais especificamente no futebol considerando narrativas biográficas. Opto por este tema por ser uma lacuna observada na produção deste campo acadêmico. A metodologia utilizada tem um viés qualitativo com fundamentação teórica e metodológica baseada na história oral tendo como foco a história de vida. Observou-se que apesar das adversidades encontradas, Duda consolidou sua carreira como jogadora de futebol, sendo uma das primeiras jogadoras a ser transferida para o futebol internacional, permaneceu no S.C. Internacional durante dez anos, teve passagem pela Seleção Brasileira e foi uma das maiores fomentadoras e desenvolvedoras do futebol de mulheres no estado. Tornou-se referência da modalidade tanto no cenário regional quanto no nacional. Devido a esta representatividade, atualmente, é uma das maiores formadoras de atletas do Rio Grande do Sul através da rede de escolas que levam seu nome e estão espalhadas por todo o estado.

Futebol e Mulheres no Brasil: A experiência de Aline Pellegrino com treinadora

Pamela Siqueira Joras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O presente trabalho tem por objetivo analisar a trajetória de Aline Pellegrino, no que tange a sua atuação como treinadora de futebol. A pesquisa está fundamentada na perspectiva teórico-metodológica na História Oral e história de vida, a obtenção de informações foi realizada através de quatro entrevistas com Aline bem como de seu acervo pessoal, como fotografias, reportagens, diários etc. A análise das entrevistas e do material foi organizada considerando os objetivos e o referencial teórico surgindo como um dos eixos temáticos, a sua atuação como treinadora de uma equipe de futebol de mulheres no Brasil. Ao analisar a trajetória de Aline Pellegrino percebeu-se a dificuldade de inserção das mulheres em cargos de comando técnico em equipes de futebol, ao atuarem e se manterem no cargo. Desse modo esse estudo destaca a importância de visibilizar o protagonismo e o empoderamento das mulheres através do futebol bem como sua participação na construção histórica da modalidade, na busca por igualdade de gênero, não só no futebol, mas em todos os âmbitos da sociedade.

14 – História Pública, Ética, Política e Oralidades: um debate necessário

Coordenadores: JUNIELE RABÊLO DE ALMEIDA (Doutor(a) – UFF), LENO JOSÉ BARATA SOUZA (Doutor(a) – Faculdade Sumaré), LUIZ HENRIQUE DOS SANTOS BLUME (Doutor(a) – UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz), MARTA GOUVEIA DE OLIVEIRA ROVAI (Doutor(a) – Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL))

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

História Oral, Ética e política: diálogo com os sujeitos e alguns impasses teórico-metodológicos

Luiz Henrique dos Santos Blume
(UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz)

Esta comunicação pretende apresentar alguns impasses surgidos a partir da apresentação do projeto de pesquisa “Histórias de pescador”: cotidiano, memória e experiências de pescadores de Ilhéus, Bahia, 1960-2008, à UESC. Estes impasses serviram para formular um questionamento mais intenso e complexo acerca das dimensões ética, acadêmica e institucional das relações entre a pesquisa com grupos e populações tradicionais, populares, do historiador informado na metodologia da História Oral e a instituição a qual estou vinculado, a UESC. É preciso ainda situar o lugar de onde estabeleci vínculos epistemológicos, políticos e acadêmicos, pois tenho a perspectiva de travar um debate sobre as relações entre os sujeitos da pesquisa e os pesquisadores e as instituições com as quais tem se debatido. Além disso, as recentes discussões envolvendo associações de pesquisadores das diversas áreas afins às ciências humanas e sociais e as implicações da deliberação da CONEP que recusou em 28 de janeiro de 2015 a proposta de resolução específica sobre a avaliação da ética em pesquisa no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, que deveria complementar a resolução 466/2012, do CNS.

Vozes e percepções: narrativas de trabalhadores têxteis cearenses

Telma Bessa Sales (Universidade Estadual Vale do Acaraú)

Este trabalho apresenta reflexões e práticas decorrentes de uma pesquisa sobre trabalhadores têxteis cearenses, na segunda metade do século XX, envolvendo a metodologia

da história oral. Vale ressaltar que é muito importante a experiência de ampliar o estudo e pesquisa histórica alargando o campo relacionado às fontes, objetos, sujeitos, levando em conta a própria realidade que é pulsante e desafia a analisar e compreender cada vez mais o mundo que vivemos. O documentário revela ainda mais a natureza interdisciplinar da pesquisa sobre a temática do mundo do trabalho e o documentário “A vida entre tecidos, fios e nós” representa um avanço do debate e prática metodológica com novas linguagens e envolvimento com estudantes, professores. É atraente atingindo um público além dos alunos dentro de sala de aula, é um processo. Não é apenas a representação para fins informativos de eventos, paisagens, não só informa mas ajuda a interpretar e compreender o mundo e os seres que nele habitam. Na elaboração de um documentário, não se pode dispensar uma pesquisa e a paixão pelo que se faz numa experiência da pesquisa que é transformadora.

Relações de poder nas entrevistas em história oral: refletindo sobre os limites da colaboração e seus aspectos éticos

Ana Carolina Reis Pereira (Universidade Estadual de Campinas)

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer o lugar que os direitos humanos e justiça têm na história de vida de professores da rede estadual na cidade de Campinas-SP. A história oral estabelece como campo de estudos os elementos subjetivos da memória narrativa. Entretanto, no que concerne à condução das entrevistas, os limites entre a intervenção do entrevistador e a abertura para uma fala própria e original por parte do entrevistado, são tênues. A atualidade e a relevância deste tema serão conduzidas neste artigo no diálogo com alguns autores, tais como: Leite, Portelli, Meihy e Holanda, e residem no pressuposto de que o “dilema da interferência”, expressa a complexidade das entrevistas realizadas em seu âmbito. Não obstante o conceito de “colaboração” possa permitir o estabelecimento de relações igualitárias, pode ocultar um outro tipo de problemática: a interferência ao texto por parte do entrevistado pode ser comprometida pela sua posição na pesquisa, sobretudo, se considerarmos que neste estudo, os entrevistados também representam uma Instituição. O compromisso ético face a estas questões não se apresenta muito claro e tem ressonâncias na investigação que estamos a desenvolver.

HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: as barreiras impostas pela lógica de revisão ética de pesquisas no país

Rafael Orlando de Oliveira (Universidade Federal do Paraná),
André Mendes Capraro (UFPR)

Assim como na História, as pesquisas que se utilizam da metodologia da História Oral, também são alvos de “temeridades” na Educação Física. Por muito tempo as pesquisas nesta área ignoraram os fatores subjetivos que permeiam o fenômeno esportivo. Contudo, o processo de desenvolvimento das práticas esportivas, atrelado à compreensão destas como campo de relações sociais, incluiu o fenômeno no rol de elementos analisados pela área das Ciências Humanas. A História Oral vem sendo utilizada regularmente pelos pesquisadores da Educação Física, mas pesquisas com esse viés metodológico têm enfrentado barreiras impostas pela lógica de apreciação ética instituída no Brasil, o sistema CEP/CONEP. Portanto, objetiva-se descrever e problematizar as dificuldades enfrentadas por essa comunidade científica e possibilitar a discussão no que tange às alternativas para viabilizar tais pesquisas. A análise prévia aponta para a deficiência do sistema CEP/CONEP em atender às particularidades de pesquisas sociais, pois estas fogem à lógica biomédica de revisão ética vigente no país.

Memórias do partear narradas na velhice

Eduarda Borges da Silva (Universidade Federal de Pelotas)

A proposta deste texto é promover uma discussão teórica e empírica sobre memória e velhice, a partir de entrevistas de História Oral Temática, realizadas com parteiras idosas que atuaram ao sul do Rio Grande do Sul entre os anos de 1960 e 1990. A memória será compreendida como uma reconstrução continuamente atualizada do passado no presente, motivada por questões estratégicas oriundas de engajamentos e aspirações, com exceção dos casos patológicos da memória mais recorrentes na velhice. Enquanto construção cultural a velhice será pautada mais pela condição das parteiras: aposentadas, longa atuação e experiência no ofício e ter filhos/netos/bisnetos – do que pela idade, apesar de terem entre 56 e 97 anos. Observou-se também que as entrevistadas quando rememoram voltam a se sentir úteis novamente, lembrando com nostalgia um tempo passado de muitas atividades e trabalho. Além disso, defende-se que sentar ao seu lado, dar-lhes atenção e dialogar é a única forma de retorno social efetivo do/a pesquisador/a para com seus colaboradores, quando estes são idosos.

Comunidade quilombola de Tijuáçu: luta e vivências cotidianas

Carmélia Aparecida Silva Miranda (Universidade do Estado da Bahia UNEB)

As comunidades quilombolas representam uma resistência cultural, que está pautada no modo de vida, na religiosidade, nas relações de trabalho e familiares e na labuta cotidiana. Como, também, na luta que os quilombolas têm enfrentado para garantir a posse e a legalização das terras ocupadas secularmente. O objetivo desta pesquisa é discutir de que forma esses homens e mulheres, resultado da diáspora africana, vêm construindo sua identidade cultural nas comunidades quilombolas, especificamente na comunidade quilombola de Tijuáçu, localizada ao norte da Bahia – Brasil. Assim, ouvimos a voz desses homens e mulheres, percebendo então de que forma eles vêm construindo sua identidade, considerando a incorporação do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), da Constituição Federal de 1988, que reconheceu as terras ocupadas por esta população. Assim, utilizamos como fontes o Decreto 4887/2003, a convenção 169/OIT e o Estatuto da Desigualdade Racial e as vozes dos quilombolas, para entender de que forma as comunidades remanescentes de quilombo foram avançando em suas lutas, conseguindo visibilidade no solo brasileiro, que até então desconhecia esta população.

Contando Ana Montenegro: usos e limites da História Oral na construção do biográfico

Fernanda Lédo Flôres (Universidade Federal da Bahia)

Ana Montenegro, falecida militante do PCB e única mulher do primeiro grupo de exilados políticos que chegou ao México depois do Golpe Civil-Militar de 1964, deixou após sua morte um legado documental vastíssimo na casa de sua filha. Esse acervo conta hoje com 22 caixas de livros e 14 caixas de documentos, entre eles uma cópia do documentário Camaradana, mídia essa que data de 2009 e que foi produzida sob a direção de Jairo Eleodoro. O vídeo traz uma série de relatos orais seja da própria Ana, de companheiros de partido, amigos e familiares. A partir das entrevistas presentes no documentário, à luz das entrevistas realizadas durante pesquisa de mestrado, com ex-militantes do PCB, jovens militantes, e amigos pessoais de Ana, os quais não aparecem naquele documento digital; pretende-se neste artigo debater a importância do uso da História Oral na construção do biográfico. Elucidar como esse campo metodológico é passível de diálogo com outras maneiras de se contar a história faz-se necessário no presente trabalho. Até onde a ética nos

permite ir ao analisar e utilizar os discursos do outro sobre o perfil do biografado é questão central no desenvolvimento desta pesquisa.

A trajetória política de Dercy Furtado: história e memória da ARENA

Eduardo dos Santos Chaves (UFRGS)

O presente trabalho faz parte de um projeto mais amplo que visa analisar a história da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) no Rio Grande do Sul, entre 1965 e 1979. A comunicação pretende discorrer sobre a trajetória política de Dercy Furtado, ex-vereadora e deputada estadual pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA) do Rio Grande do Sul entre 1972 e 1979, a partir de um conjunto de memórias elaboradas pela ex-arenista após o final da ditadura brasileira. A proposta é verificar como e por que Furtado construiu sua trajetória política distante de quaisquer cumplicidades com o “regime dos militares”, descrevendo sua carreira parlamentar voltada para a defesa de ideais democráticos e de esquerda. Da mesma forma, pretende-se analisar de que modo Dercy Furtado abraçou e se identificou: 1) com a memória construída e consolidada a partir da Lei de Anistia de 1979, que vitimiza a sociedade brasileira durante os “anos de chumbo”; e 2) com a memória da resistência cristalizada no Rio Grande do Sul após os episódios da campanha da legalidade, em agosto de 1961.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Mulheres mestres: o papel feminino na organização religiosa e na visibilidade da comunidade congadeira no sul de Minas Gerais

Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL)

O trabalho pretende apresentar a pesquisa de pós-doc realizada em Alfenas, com a comunidade de congadeiros, apresentando o papel exercido pelas mulheres mais velhas, dentro da família e da cidade de Alfenas, a partir da religiosidade. O papel feminino, principalmente representado pela figura da “grande mãe” e mestra colabora para a transmissão de saberes tradicionais ligadas à umbanda e à expressão do congado, unindo homens e mulheres e publicizando suas práticas pela cidade. A Universidade Federal de Alfenas tem procurado contribuir, por meio do diálogo e da pesquisa sobre suas experiências, para o conhecimento e o reconhecimento de suas crenças, saberes e demandas, ampliando o debate sobre as políticas públicas que possam colaborar para a continuidade de suas tradições e para a construção de uma identidade coletiva que fortaleça a comunidade de congadeiros e praticantes das religiões de origem afro-descendente. A mulher, como portadora dos bens simbólicos de coesão do grupo e como sua transmissora tem sido convidada a participar de debates com a comunidade acadêmica, a fim de tornar visível o que é silenciado pelo preconceito de classe, de etnia e de religião.

Memórias na Mídia: Reflexões sobre a história de uma organização pública

Paula Ritter (Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro)

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar e analisar como a trajetória histórica da Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro – Fiperj foi retratada por um jornal de grande circulação do Rio de Janeiro no período entre 1987 a 2014 articulando-as as entrevistas realizadas utilizando a metodologia da História Oral. A pesquisa foi

conduzida utilizando o acervo digital do jornal O Globo onde foram identificadas mais de 100 reportagens que versam sobre: a criação e reestruturação da organização; divulgação de projetos e ações nas áreas de atuação da Fiperj (Pesquisa, Assistência Técnica e Fomento à pesca e aquicultura fluminense); problemas socioambientais que afetam a atividade e os limites para o desenvolvimento do setor pesqueiro fluminense. Uma análise preliminar dos resultados indica que existe relação entre a história da organização rememorada pelos entrevistados e as reportagens analisadas. Além disso, tal análise sugere períodos e áreas de maior articulação da organização no cenário fluminense nos diferentes períodos da trajetória organizacional.

Experiências e oralidades: o caso do grupo de trabalho sobre o papel das igrejas na ditadura militar brasileira

Leandro Seawright Alonso (Faculdade Sumaré)

A apresentação de parte das minhas experiências como pesquisador dedicado ao caso dos protestantes no grupo de trabalho sobre o papel das igrejas na ditadura militar brasileira da Comissão Nacional da Verdade atuante entre os anos de 2012 e 2014; as experiências de protestantes apoiadores e contestadores do Regime Militar; por conseguinte, a oralidade materializada em entrevistas de história oral contidas no “corpus documental” da minha tese de doutorado em História Social – “Ritos da oralidade: a tradição messiânica de protestantes no Regime Militar Brasileiro”; a análise de fragmentos documentais de bastidores do grupo de trabalho referido (transcrições de narrativas de pesquisadores sobre o papel das igrejas na ditadura militar brasileira); os conceitos da história pública em abordagens “radicalizadas” e, em decorrência disso, na socialização da documentação para além do relatório da Comissão Nacional da Verdade no que tange ao caso das igrejas protestantes.

A associação dos “ex-alunos” do CEFET-RJ e a produção de uma memória escolar

Samuel Silva Rodrigues de Oliveira
(Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow – CEFET-RJ)

O Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) constitui um lugar de memória da educação tecnológica no Brasil. Sua trajetória perpassa o século XX e as múltiplas concepções de ensino médio e técnico propostas pelo Estado brasileiro. Tendo sido fundada na antiga capital federal, em 1917, a instituição participa da capitalidade do Rio de Janeiro – cidade que se tornou símbolo da nacionalidade e locus dos projetos de modernização brasileira. A pesquisa analisa o lugar da Associação dos Ex-Alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica e Escola Técnica (AEA-CEFETN) na produção de memórias Criada em 1984, a associação veicula um discursos sobre o passado através de um jornal mensal, participa da gestão de um museu escolar e mantém um acervo sobre a instituição. Compreender a constituição das formas de organizar e narrar o passado por “ex-alunos”, historiadores não acadêmicos, é o objetivo dessa comunicação, analisando tensões e diálogos com a historiografia. Ao focar a relação entre história e memória no CEFET-RJ, utiliza a noção de culturas da memória (HUYSSSEN, 2000; SARLO, 2007), para compreender as formas de produzir e divulgar a história do CEFET-RJ.

História oral de quilombolas: processos de identificação, tradição e ensino de História em Mato Grosso do Sul

Lourival dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS), Maria Aparecida Lima dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

O processo de democratização da sociedade brasileira dos últimos 30 anos possibilitou a emergência de pautas de reivindicações de grupos outrora alijados da formulação de políticas públicas. A constituição de 1988 garantiu aos ‘remanescentes de quilombolas’ o direito de reconhecimento de suas terras tradicionais e seu assentamento ensejou o acesso a direitos básicos como aquele a um currículo escolar. Nesse contexto, nossa investigação propõe-se, por meio da história oral de vida de anciãos dessas comunidades, problematizar as narrativas históricas hegemônicas em projetos e políticas de diferentes instâncias governamentais para a educação escolar quilombola. Partimos do pressuposto de que, como espaço de disputas por excelência, tal formulação curricular passa pela reescrita da história dessas comunidades e por uma ressignificação da história ensinada a partir de conceitos como tradição e ancestralidade. Destaca-se que, em meio a tensões, o caráter móvel e híbrido de processos identitários é marca indelével das narrativas produzidas que, por sua vez, são essenciais para se pensar o ensino de História reconhecido como historiografia do Tempo Presente.

Os usos da memória e oralidade na representação (tele)jornalística de migrantes e refugiados contemporâneos no Brasil

Samira Moratti Frazão
(PPGH/Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC)

Recentemente a presidenta do Brasil Dilma Rousseff deixou clara a posição do país enquanto “terra acolhedora” de migrantes e refugiados de várias nacionalidades. No entanto, embora haja quem defenda a permanência deles, uma outra parte é contra e expõe seu ponto de vista em comentários xenofóbicos, racistas e preconceituosos. Tais discursos também são respaldados por representações nas narrativas jornalísticas brasileiras. Com base na análise de reportagens e depoimentos orais de migrantes, refugiados(as) e jornalistas, interessa-me analisar como as fontes (tele)jornalísticas brasileiras constroem representações sociais em suas narrativas a respeito de migrantes contemporâneos, refugiados e/ou solicitantes de refúgio, fazendo em alguns casos uso da memória e oralidade dessas pessoas. E verificar de que modo tais narrativas e representações impactam a opinião pública afetando, por conseguinte, a inserção e integração desses migrantes e refugiados no Brasil. A escrita será realizada com base nos conceitos de Memória, Narrativa, Representação Social, Pânico Moral, além de pesquisas sobre visualidades, telejornalismo, bem como da História Oral e a análise empírica do objeto de estudo.

Visões de historiadores e de profissionais responsáveis pela gestão de instituições culturais, acerca da utilização da Lei Rouanet a partir de depoimentos orais.

Claudira do Socorro Cirino Cardoso (Universidade Federal de Santa Maria)

Este estudo faz parte da pesquisa de pós-doutorado que está em andamento, cujo objetivo é investigar as Políticas de incentivo à cultura e a atuação de historiadores em instituições de guarda de patrimônio documental, traçando um comparativo entre Brasil e Chile no período dos Governos pós ditadura militar. A comunicação proposta para o XIII Encontro Nacional de História Oral (ENHO) pretende verificar as visões de historiadores e profissionais responsáveis pela gestão de instituições culturais públicas e privadas que pos-

suem a guarda de acervos, sediadas em Porto Alegre e Santa Maria, no que diz respeito às suas tentativas de utilização da Lei nº 8.313/1991 (ou Lei Rouanet), em especial, no acesso aos financiamentos. No contexto atual, a presença de historiadores nessas instituições se faz cada vez mais daí a importância de verificar as possibilidades que a mesma abre para potencializar a atuação desses profissionais em instituições culturais de guarda de acervos, especialmente de acervos documentais.

15 – História Oral: entre memórias e patrimônios

Coordenadores: ELISON ANTONIO PAIM (Doutor(a) – UFSC), MARIA DE FÁTIMA GUIMARÃES (Doutor(a) – Universidade São Francisco)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Memórias e patrimônios da oralidade na obra de Simone Schwarz-Bart

Vanessa Massoni da Rocha (UFF)

Deseja-se estudar os vínculos entre oralidade, memória e patrimônio cultural a partir da obra *Pluie et vent sur Télumée Miracle* (A Ilha da chuva e do vento, 1986) da escritora antilhana Simone Schwarz-Bart. De 1972, o romance integra uma produção literária engajada que acolhe as ambivalências entre a oralidade crioula e a tradição escrita francesa: pilares identitários em conflito na pós-colonização nas Américas. A protagonista da obra, uma senhora guadalupense, retrata a trajetória da família pouco antes de falecer. Personificando as contadoras de histórias das culturas africana e caribenha, a narradora constrói uma narrativa pungente acerca das paisagens afetivas e da história local sob o ponto de vista dos ex-colonizados que se dedicam a ressignificar a experiência da escravidão. Obra canônica para a reelaboração identitária caribenha e para a consolidação da recente literatura antilhana, a narrativa permite a celebração da história oral dos ancestrais. Schwarz-Bart reafirma as potencialidades do franco-crioulo como língua da miscigenação capaz de se alimentar das memórias e dos patrimônios da oralidade para exaltá-los enquanto matrizes centrais da identidade caribenha.

Recordando a inauguração do Centro de Preservação da História Ferroviária no Rio Grande do Sul através das memórias dos seus funcionários

Cinara Isolde Koch Lewinski (Unisinos)

Esta comunicação tem como pretensão discutir o uso de fontes orais para a construção da pesquisa sobre a constituição do Centro de Preservação da História Ferroviária no RS com a atuação do PRESERVE, na década de 80. A partir, das carências constatadas sobre o assunto optou-se por utilizar documentos da instituição e depoimentos orais de ex-funcionários do Museu do Trem, que abrigou o Centro de Preservação da História Ferroviária em nosso Estado, para fazer uma análise sobre a constituição de acervo ferroviário enquanto política de Governo. A metodologia da história oral está sendo aplicada a partir das considerações elaboradas pela autora Janaina Amado e os autores Alessandro Portelli e José C.S. Meihy. Sendo assim, as entrevistas são fontes fundamentais para a unidade do discurso histórico, pois através delas é possível ponderar vários aspectos que o documento numa linguagem institucionalizada não transmite. Enfim, o estudo das representações e ideologias simbolizadas por meio do acervo e pelas práticas desenvolvidas no Museu do

Trem-SL estão sendo pensadas com a contribuição dos depoimentos de ex-funcionários sobre as suas vivências no período que atuaram junto ao PRESERVE.

O Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre e a memória médico-social da cidade

Éverton Reis Quevedo (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos)

Abrigando o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, o prédio histórico do Hospital Beneficência Portuguesa, segundo do gênero em Porto Alegre, tem-se tornado mais do que nunca um espaço de memória. Médicos, funcionários e principalmente pessoas da comunidade, ao cruzarem a porta principal, passam por um processo de rememoração. É notória a ligação de muitos de seus visitantes com o Hospital, que foi por anos, referência em saúde no Estado. Nesse sentido o trabalho a ser apresentado busca evidenciar as potencialidades para o trabalho com “história oral”, dando ênfase as experiências de vida dessas pessoas que têm suas trajetórias ligadas a instituição, revelando assim aspectos médicos e sociais de diferentes períodos. Constituir um “Fundo” de História Oral, cuja temática é o Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre e recuperar, em um primeiro momento, a história oral de vida de funcionários, ex-pacientes e pessoas que mantiveram alguma relação com a instituição, passando a seguir a trabalhar com médicos e demais agentes de saúde, também compõe o objetivo do trabalho.

O projeto “Médicos do Rio Grande do Sul: faço parte dessa história” e a ampliação das fontes orais do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

Angela Beatriz Pomatti (Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul)

Este projeto retoma a ideia que norteou a criação do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, baseado em entrevistas com médicos que atuaram e atuam no RS e que contribuíram para a formação do campo médico. Busca apresentar ao público do museu a trajetória da medicina e da saúde pública no estado, através de relatos de profissionais que tiveram sua vida ligada à medicina gaúcha, revelando assim aspectos médicos e sociais de diferentes períodos históricos. A metodologia utilizada é a história oral temática, centrada na formação médica e na atuação profissional do depoente. Os relatos autobiográficos coletados revelam o quanto à história de vida de cada indivíduo pode ser valiosa para a percepção da memória social, entendida aqui como memória coletiva de um grupo. Estas histórias de vida são patrimônio imaterial do grupo social ao qual a pessoa pertence – nesse caso uma categoria profissional. Além da ampliação de fontes, o projeto pretende elaborar exposições que objetivam dar visibilidade ao acervo produzido e divulgá-lo, promovendo o interesse pela temática no Estado. Pretende-se ainda sensibilizar e estimular que outros médicos para darem seus depoimentos.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Nosso Bairro: a Cidade Baixa na história

Vinicius Marcelo Silva (FAPA), Bárbara Silva Coelho (Faculdade Porto Alegrense), Luciana Alves Mentges (FAPA)

O projeto teve como objetivo analisar como as transformações ocorridas nos patrimônios cultural material e imaterial auxiliaram na construção da identidade dos moradores do Bairro cidade baixa em Porto Alegre. Como problemática foi levantado a seguinte

questão: Como as transformações nos patrimônios culturais material e imaterial ocorridas na Cidade Baixa em Porto Alegre, ajudaram a consolidar o atual sentimento de identidade dos moradores do Bairro? Para chegar as conclusões finais percorremos os caminhos traçadas pela metodologia de história oral de vida combinada a metodologia de análise de discurso crítica do professor Norman Fairclough. Com isso, conseguimos uma combinação metodológica capaz de revelar as práticas discursivas e práticas sociais.

Memórias do Teatro Guarany em Pelotas

Dalila Müller (UFPeI), Dalila Rosa Hallal (UFPEL)

Este artigo objetiva narrar a trajetória do Teatro Guarany em Pelotas, desde a sua inauguração, em 1921, até os dias atuais, a partir das memórias dos agentes sociais contemporâneos à história do teatro, como produtores culturais, as atuais proprietárias, frequentadores do teatro e jornalistas, contextualizando as suas origens e funções ao longo do tempo. A história oral é hoje caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida, escolhas de diferentes grupos sociais. Para este trabalho foram utilizadas entrevistas, tendo como tema condutor o Teatro Guarany de Pelotas. Também foram utilizadas outras fontes visando dialogar com as narrativas dos entrevistados. Podemos perceber a importância da história oral para a análise da trajetória do Teatro, que passou por diferentes momentos. A abertura do Teatro se deu num contexto em que Pelotas buscava novos espaços de sociabilidade. Ao longo do tempo o Teatro se modifica e vivencia momentos de descaso. Atualmente passa por um processo de revitalização a fim de retomar sua função inicial de ser um espaço de expressão cultural da memória social de Pelotas.

Santa Casa de Porto Alegre: memória e pertencimento

Edna Ribeiro de Ávila (Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre)

O Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC) realiza, desde 1994, entrevistas de História Oral que visam registrar as diversas memórias do mais antigo hospital do Rio Grande do Sul, a Santa Casa de Porto Alegre. As entrevistas englobam a composição de diferentes fazeres, como o trabalho dos médicos, da enfermagem, da farmácia, das antigas administrações, dos religiosos, de moradores dos arredores, dos pacientes e das diversas atividades profissionais desenvolvidas pelos funcionários da Instituição. Procura-se registrar as vivências e o cotidiano das relações constituídas com a Santa Casa e seu entorno, pois a trajetória de uma instituição não é construída sem pessoas e suas relações cotidianas, seus dilemas, seus conflitos, suas mudanças e permanências. Ao registrar as memórias da Santa Casa, se aprofunda o vínculo de memória individual com o espaço social – o hospital. Os depoentes, com trajetórias diversificadas, se entrelaçam em suas memórias, compondo um sentimento coletivo de pertencimento à Santa Casa, valorizando o espaço não apenas como casa de saúde, mas como patrimônio social, que pertence à sociedade.

A patrimonialização do sofrimento em Timor-Leste: conexões entre os relatos da Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação e o Memorial de Balide.

Gabriela Lopes Batista (UDESC)

O presente trabalho propõe-se a estabelecer reflexões e conexões acerca dos elementos que envolvem a constituição do Memorial de Balide (Dili, Timor-Leste), prisão utilizada pelos indonésios no período de ocupação (1974-1999), que atualmente, além de se efetivar como patrimônio, com celas e grafites preservados, abriga a Comarca da Comissão de

Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste (CAVR). A partir dos relatos colhidos pela CAVR, presentes no relatório final e no filme *Dalan ba Dame* (Caminho para a Paz, em língua tétum), e com o suporte de obras publicadas com testemunhos do período em questão, serão estabelecidas as aproximações pertinentes e que concernem ao uso do testemunho no processo de patrimonialização de um espaço de sofrimento, bem como problematizar os usos do memorial e dos testemunhos como suporte para o processo de consolidação de uma nova nação.

Quem restaurou Anhatomirim? Memórias em disputa no processo de patrimonialização da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim (SC)

Pedro Mülbersted Pereira (Programa de Pós-Graduação em Educação – UFSC)

O tema desta comunicação parte do projeto de Mestrado “O processo de patrimonialização da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim (1970-1992)”. A Fortaleza de Anhatomirim é um bem cultural, patrimônio histórico tombado desde 1938, restaurada durante as décadas de 1970 e 1990 através de uma parceria entre a Marinha do Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, desde 1979, tutelada pela Universidade Federal de Santa Catarina. Nesta pesquisa, analisamos o processo de patrimonialização desta fortaleza quanto ao discurso sobre este monumento, quanto à restauração e quanto às propostas de uso para esta fortaleza. A presente comunicação tem como tema as memórias em disputa de alguns dos agentes envolvidos neste processo. Tem-se como objetivo identificar estes sujeitos quanto aos lugares de enunciação e as diferentes posições que ocupavam, ao analisar a luta de memórias identificadas no entrecruzamento das narrativas destes sujeitos; também analisamos a memória do poder presente em suas falas, bem como os diferentes interesses em disputa. Adota-se como referencial Walter Benjamin, Mario Chagas, Márcia Chuva.

O Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPEL) contado através da história oral

Chéli Nunes Meira (Universidade Federal de Pelotas)

O Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas – IHGPEL foi criado em sete de julho de 1982 com o objetivo de recolher, arquivar e divulgar a história da cidade de Pelotas, seguindo os pressupostos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – IHGRGS. Esse trabalho buscou identificar nas falas dos entrevistados os principais acontecimentos pelos quais a instituição viveu ao longo da sua trajetória. Para a metodologia da história oral foram utilizados os trabalhos de Alberti (2004), Meihy e Holanda (2007) e Portelli (1996, 1997, 2004). E para entender as questões relacionadas com a memória utilizou-se Candau (2014), Halbwachs (2004), Le Goff (2013), Nora (1993), Meneses (1999) e Pollak (1992). Segundo Potelli (1997) com a história oral o que se busca é aprender um pouco mais. A memória e a história oral estão diretamente relacionadas, a memória é seletiva e nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado, o “que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, 204).

Memórias urbanas

Maria Sílvia Duarte Hadler (Centro de Memória-Unicamp)

Sob o signo do avanço acelerado da modernidade, a cidade de Campinas, SP, no período em torno da década de 1960, passou por forte descaracterização do centro urbano,

com a demolição de inúmeras construções, crescente verticalização, alargamento de ruas dando lugar a grandes avenidas – seguindo orientações do Plano de Melhoramentos Urbanos encampado pela prefeitura do município. Modificações sucessivas na paisagem urbana trouxeram desdobramentos significativos para diversas formas de patrimônio cultural existentes, afetando, de alguma forma, relações dos diferentes sujeitos urbanos com os lugares da cidade. Desta forma, interessa-nos discutir, com a contribuição da metodologia da história oral, como são rememorados os processos de reforma urbana que aconteceram no período, procurando compreender o que se percebia como patrimônio culturalmente significativo e como se vivencia atualmente esta questão. Para esta pesquisa é de interesse trazer à tona como os sujeitos entrevistados articulam suas memórias relativas a vivências urbanas anteriores às formas como vivem sua condição urbana atual, ou seja, como articulações entre presente e passado estão sendo processadas nestas rememorações

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Ferramentas teórico-metodológicas da História Oral: recompondo trajetórias de arquivos no Cedoc-Fae

Marina Almeida Martins (Universidade Federal de Minas Gerais),
Thais Kalile Zschaber Nogueira (Universidade Federal de Minas Gerais),
Karla Magda Rodrigues Ferreira (UFMG)

Na trajetória do Centro de Documentação e Memória da Faculdade de Educação da UFMG, a História Oral vem se mostrando potente para a (re)composição de seus fundos. No trabalho de reorganização arquivística, empenhamo-nos na tarefa de construção de fundos. Nesse movimento, debruçamo-nos sobre os acervos pessoais, os quais, depois de inventariados, higienizados e guardados, requerem um tratamento sofisticado de organização. Um olhar mais detalhado sobre a procedência dos documentos está mobilizando a História Oral. Os relatos de sujeitos envolvidos na doação das coleções nos possibilita (re)construir uma história dos arquivos pessoais. Como e porque esses arquivos estão no CEDOC/FaE, em que circunstâncias foram recebidos, por quem foram organizados, são perguntas que orientam a equipe.

Esquecidos escolares e suas vozes: A sensibilidade do olhar narrativas e experiências como formadoras de conhecimentos históricos na modernidade em Chapecó de 1970 a 1980

Marina Luz Rotava Paim (Universidade São Francisco)

Esta pesquisa pretende rememorar a história de Chapecó, cidade do oeste de Santa Catarina, pelas narrativas e experiências de sujeitos silenciado e esquecidos do meio escolar, no período de 1970 a 1980. Buscamos olhar para estas a partir do pensamento de Walter Benjamin e de Thompson sobre a modernidade, uma vez que o período escolhido carrega matizes sobre a industrialização e modernização da referida cidade. A singularidade deste trabalho desenvolve-se no olhar sensivelmente para esses sujeitos silenciados, os zeladores como parte desse meio, valorizando suas experiências como formadoras de conhecimentos históricos. Buscando um olhar diferenciado sobre a história pensamos também seu silenciamento, ressaltando a importância do sujeito como formador e parte desta. Para tais rememorações desenvolveremos entrevistas com os zeladores das escolas nesse período tomando como aporte a História oral em diálogos com Alberti e Portelli. Tal metodologia

nos possibilita (re) conhecer sobre essa modernização e industrialização da cidade de Chapecó, os quais nos são conhecidos ou desconhecidos, desvelando experiências das classes não hegemônicas, representados neste trabalho pelos zeladores.

História Oral em universidade pública: Entre ensinar, produzir, preservar e disseminar

Elizângela Carrijo (Universidade de Brasília)

As pesquisas de história oral em geral promovem ganhos pedagógicos aos envolvidos e desafia a todos encontrar caminhos para disseminar o material consolidado. Em especial quando essas pesquisas são realizadas em universidades custeadas pelos cofres públicos, tornando responsável o compartilhar dos resultados com a sociedade. O Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória (NECOIM), da Universidade de Brasília (UnB), está inserido nesse contexto. Inaugurado em 1987, o Núcleo tem a história oral como predominância teórico-metodológica dos seus projetos, gerando um acervo com mais de 20 metros lineares. Hoje, com quase trinta anos de idade, o Núcleo encontra-se fechado para finalizar o processo de organização da massa documental, por meio de um projeto de extensão com estudantes e profissionais de áreas diversas (História, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia), desde 2011. Nesse sentido, o objetivo da apresentação é mostrar o NECOIM e o projeto de extensão imersos pelos desafios de ensinar, produzir, preservar e disseminar pesquisas de história oral no âmbito universitário.

Memória(s) de professores(as) (re)construídas: uma escuta necessária (1966-1986, SC e BA)

Célia Santana Silva (UDESC), Yomara F. C. de Oliveira Fagionato (UDESC)

A partir das entrevistas com professores, que vivenciaram o período da ditadura civil-militar e o processo de redemocratização respectivamente em Santa Catarina e Bahia, problematizamos as memórias que possuem sobre o período ditadura civil-militar em relação à educação, bem como as lutas empreendidas para a criação dos cursos de licenciatura em História. O período estudado é 1966-1986, quando ocorreu maior repressão aos professores, e momento da criação de cursos de história. Escutar as narrativas desses professores, saber o que vivenciaram e experienciaram durante esse processo em seu ambiente de trabalho, dialogar com essas memórias tentando entendê-las enquanto categoria histórica é um dos objetivos da pesquisa. A partir de leituras de Benjamin (1985), quando afirma que o narrador, nas histórias que conta, recorre ao acervo de experiências de vida, tanto as suas como as experiências relatadas por outros. Dialogando com Paul Ricouer, Jöhn Rüsen e Michael Pollak, buscaremos aporte teórico para conduzir nossa reflexão, analisando as narrativas desses/as professores/as e quais memórias são produzidas, sobre esse momento da história.

Representações da Guerra do Contestado: as identidades caboclas nas exposições de longa duração

Letíssia Crestani (Univille), Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes
(Universidade da Região de Joinville – Univille)

O presente trabalho visa, através do estudo das representações dos caboclos encontradas na exposição de longa duração Guerra do Contestado, do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, ampliar as discussões sobre os conceitos de representações em museus, identidades e patrimônio cultural. Museus, em pleno século XXI, principalmente os de concepção histórica, ainda apresentam concepções museográficas de séculos anteriores, ou seja, de cunho tradicional, seguindo apenas uma linha de pensamento: ortodoxos, fechados em si mesmos, apenas de exibição de objetos. Seja em suas exposições,

nas ações educativas e culturais ou em suas gestões. Os novos parâmetros da Museologia, Sociomuseologia, por exemplo, vêm contribuir com a oxigenação e o abandono dessas concepções baseadas em uma só linha: museus de tipologia tradicional, no intuito de promover muito mais a diversidade e a empatia de pensamento e construções museológicas. Estudar a representação social do caboclo é dar-lhe a perspectiva de se ver/ reconhecer ali ou não, e fornecer subsídios para que a instituição possa se voltar aos anseios da comunidade e, quiçá, para a criação comunitária de novas exposições.

A atuação do guia de turismo como educador patrimonial

Guilherme Dunchatt Zettermann (Universidade Federal de Santa Catarina)

O guia de turismo é todo o profissional do turismo que exerce as atividades de acompanhamento, orientação e transmissão de informações para aos turistas em visitas ou excursões urbanas. No entanto, além destas funções, este profissional também atua como educador patrimonial, desenvolvendo no seu guiamento diversas estratégias educacionais que sensibilizem os turistas reconhecerem a importância do patrimônio cultural para a comunidade local e, assim, sentirem-se também responsáveis pelo mesmo. Este trabalho, que faz parte da minha pesquisa de Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e que encontra em desenvolvimento, tem como objetivo compreender o papel do guia de turismo como educador patrimonial, analisando a partir de suas experiências profissionais em Florianópolis (SC). Para tal, a metodologia utilizada neste trabalho será através de investigação social, a partir de entrevistas com estes profissionais a questão investigada e sua atuação prática. Por fim, a fundamentação teórica desta pesquisa se baseará em autores como Portelli, Benjamin e Thompson. Palavras-chaves: História oral, Educação patrimonial, guia de turismo

Museu Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória e Uso de Fontes na Educação Escolar

Nair Sutil (Secretaria Estadual da Educação do Paraná)

Museu Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória e Uso de Fontes na Educação Escolar é uma proposta de trabalho desenvolvida junto aos alunos de 6 e 7 ano afim de ampliar a noção de fonte e de documentos históricos. Considera-se que os exemplos apresentados pelos livros didáticos, por vezes, são por demais desconectados das vivências dos alunos. A primeira etapa do trabalho consistiu numa pesquisa feita pelos alunos junto aos objetos de memória de suas família vizinhos. Quais objetos eram guardados e por quais motivos? Surgiram os mais diversos e interessantes objetos carregados de histórias e de memórias e foram problematizados e discutidos em sala de aula. A segunda etapa foi a construção do museu afetivo na escola onde cada objeto foi exposto acompanhado de uma narrativa elaborada pelo aluno a partir de conversas com seus familiares sobre o objeto escolhido. Trabalhar com os alunos das referidas séries, o exercício da pesquisa e da análise de documentos históricos, bem como pensar na elaboração do conhecimento histórico a partir de objetos afetivos encontrados no universo familiar do aluno pode tornar o ensino da disciplina de História mais interessante e significativa.

Construir fontes com história oral na EaD

Suzana Bitencourt (UEPG)

Neste texto apresentam-se os resultados de uma pesquisa realizada, cujo campo objetivo de investigação foi o Curso de Licenciatura em História ofertado através da EaD

pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. O objetivo da pesquisa em questão foi analisar a implantação da Universidade Aberta do Brasil. Sua estrutura de funcionamento apresenta alterações sensíveis na prática de docência, pois parte de um princípio particular: o tripé professor-pesquisador conteudista, professor-pesquisador e o tutor, esses personagens são envolvidos nas atividades de ensino aprendizagem. A ação da tutoria, que é o contato direto dos acadêmicos, é submetida ao controle das ideias, ora desenvolvidas pelo professor-pesquisador, ora acompanhadas pelo professor-pesquisador conteudista. Tendo em mente essa particularidade, a história oral aplicada como uma maneira de construir fontes, contribuiu para a compreensão do ensino e da aprendizagem através da modalidade EaD, pois tornou-se um instrumento capaz de provocar reflexões densas sobre a prática docente, quando mediadas pelas tecnologias.

Mapeamento cultural: registro de saberes

Carla Cristina Barbosa (Universidade Estadual de Montes Claros)

Esta pesquisa trata-se de um Mapeamento Cultural do Norte de Minas Gerais que se caracteriza por uma publicação didático-pedagógica destinada a apoiar processos educacionais com abordagem infanto juvenil. O trabalho integra o Kit de 11 DVDs contemplando as categorias culturais. A coleção está organizada em quatro categorias a saber; Livro de Registro dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares. A metodologia se divide em três momentos, primeiro no uso da pesquisa documental e de campo, segundo na manipulação dos instrumentos digitais da cartografia e o terceiro consiste na identificação das categorias e manifestações feitas a partir da História Oral. Para tal, foi realizado entrevistas com professores e sujeitos envolvidos com as categorias culturais. Assim, parte significativa desse estudo, proveem de entrevistas realizadas com os agentes culturais. Deste modo, a história oral possibilitou o conhecimento e mapeamento dos diversos saberes, celebrações, formas de expressão e lugares da cultura da região. Nesse caso, a história oral constituiu uma forma de registro das categorias culturais do Norte de Minas.

Das congregações religiosas aos jardins de infância: narrativas sobre a emergência da educação infantil em Tubarão/SC

Marlise de Medeiros Nunes de Pieri (Prefeitura Municipal de Tubarão)

Este estudo pretende refletir sobre a importância da história oral na consolidação das pesquisas em história. Essa proposta baseia-se nos resultados de uma pesquisa de mestrado em educação realizada sobre a educação infantil no município de Tubarão/SC. Partimos dos relatos dos sujeitos participantes desse processo, na década de 1980, que imprimem suas expressões e relações socialmente construídas no âmbito da Educação Infantil. Utilizamos como uma perspectiva teórica metodológica a história oral como possibilidade para a discussão/reflexão da temática estudada, com base em Delgado (2010). As narrativas possibilitaram inúmeras informações e o acesso a outros materiais utilizados na pesquisa como crônicas, que são relatos sobre a prática pedagógica e imagens. Para a análise utilizamos Thompson (1981), Gramsci (1989) e Kosík (2001). Algumas das considerações desta pesquisa revelam que as congregações tiveram origem em diversos países e também no Brasil, que as religiosas utilizavam em suas práticas pedagógicas alguns pressupostos da teoria de Froebel, porém predominava uma educação voltada para catequese. Palavras-chaves: Jardins de Infância, Congregações Religiosas, Narrativas

História Oral e Patrimônio Cultural no Sul da Ilha de Santa Catarina. Experiências formativas do PIBID História

Mônica Martins da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina)

A produção de entrevistas por meio da prática da história oral foi um dos procedimentos da pesquisa “Formação de Professores e Educação Patrimonial – Experiências na Educação Escolar no Sul da Ilha de Santa Catarina” que promoveu a pesquisa histórica associada à formação de professores. Neste texto, analiso a produção dessas entrevistas refletindo sobre o seu potencial formativo para alunos do PIBID História, por meio da produção de materiais didáticos sobre a História Local e o Patrimônio Cultural do “Bairro da Armação” e do “Ribeirão da Ilha” onde estão localizadas as escolas participantes do projeto. Do conjunto de temas pesquisados, analisaremos as temáticas Pesca e Maricultura: Saber Fazer, Cultura Material e Turismo no Ribeirão da Ilha e Festas, Tradições e Patrimônio Cultural: A Festa do Divino Espírito Santo no Ribeirão da Ilha, por meio do diálogo com moradores do Ribeirão da Ilha, que evidenciaram, por meio de narrativas, suas histórias de vidas, vivências pessoais e coletivas, ofícios e crenças que entrelaçam memórias e oferecem outras possibilidades de compreensão da História Local e do Patrimônio Cultural.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

A bicentenária Jardim/CE: evocações históricas e memórias de acontecimentos sociopolíticos

Maria Jorge dos Santos Leite
(Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central)

A cidade de Jardim localiza-se na microrregião do Cariri, interior cearense. A criação do município ocorreu com Alvará régio de 30 de agosto de 1814, desmembrando-o do município de Crato. Desde então essa cidade vivenciou acontecimentos de diversas naturezas, os quais permanecem ainda vivos na memória de sua população, sendo muitos deles repassados de geração em geração através da oralidade. O objetivo deste artigo é analisar a atuação da Igreja Católica em acontecimentos políticos e sociais dessa cidade. Para elaboração do presente trabalho utilizei-me da seguinte metodologia: uma pesquisa bibliográfica junto às poucas fontes escritas – artigos, jornais, trabalhos acadêmicos – que relatam acontecimentos em questão e a anotação de narrativas orais narradas por pessoas idosas da comunidade jardinense.

Incelenças de Barbalha/CE: usos da memória oral na invenção do patrimônio cultural

Emmanuela Harakassara (Universidade Estadual do Ceará)

O presente trabalho objetiva compreender como o poder público configura as Incelenças como patrimônio cultural de Barbalha/CE, cidade localizada no interior do Cariri cearense a 551 km da capital do estado, Fortaleza. Estabelecido no ano de 1988 pela Secretaria de Cultura, o grupo é composto por dezesseis mulheres, católicas e residentes no Sítio Cabeceiras, localizado nesse mesmo município. O grupo foi criado com o intuito de salvar a tradição mantida por essas mulheres e outro grupo de religiosos, os Penitentes que residem na mesma localidade. Entoar canções com melodias tristes à cabeça dos defuntos é um ritual indispensável para uma boa morte, assim acreditam os grupos de religiosos que vêm passando de geração para geração por meio de narrativas orais esses ensinamentos. No entanto, o ritual vem caindo em desuso, e as incelenças já não cantam mais com tanta frequência para aqueles que seguem para a outra vida. Diante disso, suas

apresentações se resumem à eventos culturais promovidos pelos poderes públicos, sobretudo, da cidade em que residem, uma vez que participam do corredor cultural de abertura da festa do padroeiro da cidade, a famosa Festa de Santo Antônio.

O Grupo Folclórico Os Lusíadas do Centro Português de Maringá/PR como elemento de preservação da memória imigrante portuguesa através do folclore: um estudo de caso

Márcio José Pereira (Universidade Federal do Paraná)

O presente artigo se propõe a debater a pertinência da utilização das História Oral para com questões relativas ao processo de identificação, preservação e divulgação do patrimônio cultural de origem imigrante, com ênfase específica aos grupos folclóricos enquanto elementos constitutivos de uma identidade étnica. Objetivamos a partir do exemplo do Grupo Folclórico Português Os Lusíadas, sediado na cidade de Maringá/PR, desde 1968, debater como é possível a partir da História Oral dar visibilidade aos grupos folclóricos enquanto elementos de preservação da memória e das tradições pertinentes aos grupos étnicos, sejam eles autóctones ou imigrantes. Entendemos que, os grupos folclóricos constituem configurações funcionais que congregam vontades e participações individuais em um esforço plural que atende anseios comunitários e cumpre função de reafirmação identitária. As fontes principais foram obtidas a partir de entrevistas concedidas por elementos atuais e antigos do grupo folclórico Os Lusíadas, bem como, um pequeno acervo fotográfico, cedido pelos entrevistados, que nos permitiram levantar, para além das informações fornecidas, memórias que estavam vinculadas a esses registros.

Centro Histórico de Natal/RN (1978-2013): memórias em disputa e patrimonialização

Arlene Lucena de Medeiros (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Fundada em 1599, Natal teve seu sítio histórico tombado como Patrimônio Cultural do Brasil em 2010, com base em estudo da Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Norte. No entanto, os bairros Ribeira e Cidade Alta foram alvo de diversas ações patrimoniais desde os anos 70, com a promulgação da lei estadual de proteção aos bens culturais imóveis. Este artigo é uma adaptação do 2º capítulo da monografia concluída em 2013 na Graduação em História, da UFRN, intitulada “A construção do Centro Histórico de Natal (1974-2013): práticas patrimoniais e sentidos da preservação”. A escolha metodológica resultou na produção de narrativas em história oral temática acerca das disputas de memória envolvendo o processo de patrimonialização dos bairros citados, a partir das concepções, dos valores, significados e paradigmas da preservação que integraram o repertório de atuação de distintos agentes públicos. Embora os resultados apontem para a ausência de uma gestão integrada do patrimônio no Centro Histórico de Natal, sua inserção no Programa de Aceleração do Crescimento das Cidades Históricas (PAC CH) indica uma abertura para a construção de um diálogo social entre os envolvidos.

Narrativas de uma comunidade: O caso da região do Anglo – Pelotas

Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL)

O trabalho aqui apresentado é resultado de um programa de extensão desenvolvido por professores e alunos do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas em conjunto com a população vizinha ao campus Anglo. Essa população se caracteriza por grandes dificuldades econômicas e sociais e pela situação de violência e consumo de drogas. A partir da intervenção das Associações de Moradores do bairro a Universidade foi

chamada a discutir a proposta de criação de um projeto envolvendo as memórias e histórias locais. Assim foi desenvolvido o Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo que possui como uma de suas linhas de atuação o projeto de coleta de histórias de vida de moradores, onde estamos buscando observar a problemática relação entre o espaço e a vida social, buscando saber como se constitui essa significação do Bairro entre os diferentes sujeitos sociais. Até o momento foram entrevistadas moradores da comunidade que representam os mais diferentes segmentos como: Pescadores, líderes comunitários, religiosos, mulheres, empreendedores muitos nascidos e criados no local, outros que ali chegaram em busca de uma vida melhor.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O léxico partilhado em comunidades quilombolas do semiárido

Augusto Jackson de Jesus (Universidade do Estado da Bahia)

O semiárido nordestino é marcado por uma imagem estereotipada. Quando se fala nele, logo vem em mente à imagem da caatinga: chão rachado, galhos secos e poços sem água, e isso se reforça quando se fala em comunidades remanescentes de quilombos. Mas, poucos sabem que nem sempre essa realidade condiz com o que se imagina, e não sabem que esses lugares são ricos em biomas e principalmente em sua riqueza sociolinguística que faz parte da identidade do Brasil. Este artigo pretende mostrar como as histórias narradas por moradores das comunidade de Barra do Negro e Bananal, na região da Chapada Diamantina-BA foram importantes para a criação de uma minidicionário lexicográfico. Através das narrativas orais, percebe-se o quão rico é a carga cultural compartilhada por esse povo.

17 – Juventudes e formação profissional: usos da história oral na perspectiva interdisciplinar

Coordenadores: JAYSON AZEVEDO MARSELLA DE ALMEIDA PEDROSA VAZ GUIMARÃES (Doutor(a) – Universidade Federal do Parana), MARLENE ALMEIDA DE ATAÍDE (Doutor(a) – Universidade de Santo Amaro – UNISA)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Memórias de professores sobre o uso dos laptops do Prouca em sala de aula

Deusirene Magalhães de Araújo (Universidade Federal do Tocantins)

O trabalho tem como objetivo discutir memórias de professores no processo de implantação do Programa Um Computador por Aluno – PROUCA, quanto ao uso do laptop na sala de aula. Com a implantação do Prouca nas escolas, o professor tornou-se a figura contemplativa que iria desenvolver o currículo escolar com ferramentas dos netbooks. As controvérsias que se apresentam na inserção dessas tecnologias na escola carecem de reflexão e debate pela academia, pois entre os ditos e não ditos, há necessidade de discutir os principais desafios enfrentados por professores, no que tange à inserção dos recursos dos laptops nas atividades curriculares. A abordagem metodológica se deu por meio da história oral temática a partir de entrevistas com três docentes que já estavam na escola foco da pesquisa, antes da implantação do referido programa. As reflexões apresentadas a partir

das memórias das professoras pressupõem a necessidade de um novo olhar sobre a inserção de tecnologias nas escolas para ampliarem estratégias de abordagem do currículo escolar.

Narrativas autobiográficas de jovens trabalhadores do Ensino Fundamental da EJA

Simone da Silva Simões (Prefeitura de São Paulo)

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre as narrativas de vida de jovens trabalhadores que cursam o Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no CIEJA (Centro Integrado de Jovens e Adultos), na Região de São Mateus, São Paulo – Capital). Vislumbra por meio das narrativas, uma aproximação da realidade social do aluno, a fim de contextualizar diferentes saberes que circulam na instituição escolar considerando a singularidade e subjetividade em que e se apresentam. O resgate das “memórias” presentes na vida desses educandos ganha voz, torna-se significativo à medida que é historicamente por eles retomado. A metodologia da pesquisa priorizou a perspectiva interdisciplinar que possibilita a conjugação de fatores diferenciados da realidade investigada. Procura-se também, não privilegiar apenas os resultados por si mesmos, mas evidenciar a relação entre a subjetividade e o contexto histórico em que estas se dão.

Trabalho e Imigração: A vinda dos jovens haitianos pós-terremoto para a cidade de São Paulo

Marcelo José dos Santos (UNIESP – União das Instituições Educacionais de São Paulo), Maria Rosa Barros (Centro de Ação Cristã)

Esta comunicação tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o processo migratório dos haitianos no Brasil, com ênfase no mundo do trabalho enquanto expectativas desses migrantes para as suas inserções sociais. A imigração de jovens haitianos para o Brasil intensificou-se após o terremoto de 2010, tendo como um dos fatores a conjuntura política do país e conseqüentemente a questão do trabalho, que é de fundamental importância na formação da juventude para o fortalecimento da vida adulta. Segundo os dados da Migração Internacional, Ministério do Trabalho e a UnB (Universidade de Brasília), o Haiti é o primeiro país com os maiores números de indivíduos trabalhando formalmente no Brasil. Nestes termos inicia-se com um resgate sobre o histórico a economia e políticos do Haiti, os direitos sociais e humanos na questão imigratória. Nessa investigação utilizamos a pesquisa qualitativa e a metodologia da história oral para entrevistarmos x jovens haitianos para averiguar como ocorreram as suas inserções no mercado de trabalho, as facilidades, as dificuldades, e as suas adaptações no Brasil do ponto de vista cultural entre outros aspectos. Palavras chaves – Haiti – trabalho –(i) imigração

Pensando a formação profissional a partir do olhar de jovens autores de ato infracional

Robson Vasconcelos Garcia (CLT)

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa que foi fruto de parte da monografia do curso de Serviço Social, bem como de uma prática profissional acumulada durante os anos de 2009 a 2013 ao intervir cotidianamente junto a jovens submetidos ao cumprimento da medida socioeducativa de Liberdade Assistida, por determinação judicial em razão do cometimento de ato infracional. Assim, surgiu a necessidade de compreender como estes jovens se percebem e se reconhecem dentro desta sociedade na perspectiva da formação profissional. Desta forma, o trabalho contém informações que possibilitou refletir sobre a categoria juventude enquanto tema complexo na nossa sociedade. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, com orientação filosófica adotada pelo materialismo dia-

lético, utilizando a metodologia da história oral e a técnica do gravador. Desta forma foram entrevistado 4 jovens na faixa etária de 15 a 21 anos de idade. A coleta dos dados constituiu-se de um roteiro previamente elaborado com questões semi-estruturadas aplicada aos jovens, cujos relatos foram gravados e posteriormente transcritos e digitados realizando por fim a análise crítica dos dados coletados.

História Oral e a produção científica nos programas de Pós-Graduação Stricto Sensu: um estudo a partir do Banco de Teses Capes 2011-2012

Márcia Maria da Graça Costa (Universidade de Santo Amaro – Unisa),
Gabrielli Anny Carniello de Oliveira (UNISA)

A História Oral foi estabelecida em 1948, nos Estados Unidos. O uso no Brasil se inicia em 1979, crescendo após 1983 com a redemocratização política do país. A evolução da tecnologia, dos recursos multimídia e da Internet permitem a utilização de texto, som e imagem, viabilizando o intercâmbio e a interação das memórias e dos resultados das pesquisas. O objetivo deste artigo é apresentar um panorama da produção associada à metodologia da História Oral em programas de pós-graduação brasileiros, em especial, na Educação Profissional. É de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa. Os indicadores bibliométricos apurados permitem analisar o tamanho e a distribuição da produção sobre o tema no Banco de Teses da Capes (2011 e 2012). Os achados mostram que apenas 2% das 29.048 produções existentes foram desenvolvidas com História Oral. É possível concluir que a História Oral tem sido pouco explorada nos programas de pós-graduação, com utilização ainda menor nos doutorados. Os estudos com uso de História Oral na pesquisa da Formação Profissional se mostram ainda incipientes, indicando novos caminhos para a produção científica associada a essa técnica.

A profissionalização de jovens filhos de imigrantes latino-americanos: costurando outra história

Fabiana Aparecida da Silva (PUC – SP)

Este artigo se propõe em discutir sobre a busca da profissionalização de jovens filhos de imigrantes latinos americanos que não pretendem ter o mesmo destino de seus pais que trabalham no ramo das confecções. O Brasil na década de 80 e 90 recebe um número expressivo de imigrantes latinos americanos que vieram para o Brasil com dois objetivos: trabalhar e voltar para sua terra e montar seu próprio negócio; ou montar seu próprio negócio neste país a partir da exploração de trabalho de outros compatriotas. Esses imigrantes que acabaram permanecendo no Brasil constituíram famílias; trabalham ou são donos de oficinas de costura; e seus filhos tiveram a vivência com esse contexto. Atualmente esses jovens estão buscando outros modos de vida, ou seja, terminar o ensino médio ou mesmo realizar um curso superior para se qualificarem para o mercado de trabalho, pois não pretendem reproduzir o trabalho de seus pais. Tratou-se, de uma pesquisa qualitativa que entrevistou 2 jovens, utilizando a técnica história oral de vida, porque trabalha com as lembranças do indivíduo, interagindo com o que acontece no individual com o social no tempo presente. Palavras-chave: Imigração; Jovens; Trabalho.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

A postura do educador perante as manifestações da sexualidade e relações de gênero na educação infantil

Adele de Miguel Marques (Faculdade Tijuquussu),
Rafael do Nascimento Lima (EMEI Jacob João Lorenzini)

Com o intuito de conduzir boas práticas educativas perante as manifestações da sexualidade e relações de gênero na Educação Infantil, realizamos uma pesquisa de campo com educadores recolhendo relatos orais sobre sugestões, ideias que pudessem nortear nossa pesquisa, além de embasamento teórico científico com referências nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns, da cidade de São Caetano do Sul município de São Paulo entre outras bibliografias que nos auxiliaram a sanar nossas dúvidas evidenciando a importância da mediação do educador desses conceitos com as crianças. Para que possamos humanizar as desigualdades de gênero no processo de escolarização e favorecendo o surgimento de agentes multiplicadores destas questões.

Formação Profissional: a pedagogia empresarial e sua inserção nas Organizações

Wilma Aparecida de Castro Ribeiro Alves de Melo (Universidade Paulista)

O presente artigo tem como objetivo a pesquisa sobre o surgimento de uma nova perspectiva de formação profissional em Educação: a Pedagogia empresarial, demandas, inserção e práticas do pedagogo no Mundo corporativo ou empresarial. Assim também, como a percepção dos pedagogos ativos nesses âmbitos e sua percepção sobre as relações interdisciplinares e multiprofissionais e estão expostos, num momento de complexidade no mundo do trabalho historicamente a Pedagogia e educação são percebidas em sua própria identidade e na subjetividade coletiva como área do conhecimento restrito à escolarização formal e submetida à supremacia de outras áreas do conhecimento no contexto organizacional. Para dar conta dessa pesquisa serão utilizados autores como Chiavenato dentre outros, que auxiliam a compreensão das demandas atuais das empresas para o desenvolvimento e treinamento de pessoas. Trata-se de uma pesquisa de campo com que 3 (três) sujeitos que relatam por meio da metodologia da história oral as respectivas experiências sobre a inserção enquanto pedagogo nas empresas, demandas organizacionais, percepção do trabalho interdisciplinar e reorganização do currículo Pedagogia.

Os desdobramentos do abandono na construção social do jovem: o trabalho interdisciplinar nas casas de acolhimento em São Bernardo do Campo-SP

Jéssica Leine de Souza (Fundação Criança de São Bernardo do Campo),
Tais Alves de Souza (Fundação criança de São Bernardo do Campo)

O presente artigo busca elucidar as expressões da questão social que perpassou a vida do jovem institucionalizado em casas de acolhimento em São Bernardo do Campo-SP. Verificamos como o abandono no processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes resultam em consequências negativas e seus desdobramentos na juventude. A partir da metodologia da História Oral e numa perspectiva profissional interdisciplinar, pretendemos compreender os desafios desse ato (abandono) em uma fase tão complexa e importante que é a etapa da juventude. As reflexões em pauta que motivaram o presente estudo indicam como o tema em questão é desafiador na estrutura da sociedade brasileira que

reflete as expressões da questão social. Palavras chaves: Abandono, Juventude, Interdisciplinaridade, Questão social.

Trabalho e autonomia dos jovens recém desacolhidos nas casas de acolhimento de São Bernardo do Campo

Andréia Rosa Alves (Instituto Vida Palmares),
Isis Martins de Oliveira (UNIESP – Tijuçussu)

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa e teve como objetivo compreender os entraves vividos pelos jovens acolhidos numa instituição em São Bernardo do Campo-SP, pois, ao completarem a maioridade civil cessa o acolhimento institucional, supondo que estes sujeitos já estão prontos para assumirem de maneira autônoma o mercado de trabalho exigente e competitivo. Para compreender esse processo do desacolhimento institucional buscou-se investigar as expectativas dos jovens após o desligamento. Nesta perspectiva a pesquisa está ancorada na metodologia da História Oral, ocasião em que foram entrevistados para averiguar as razões e motivações que ensejaram sua retirada do convívio familiar e levados para casas de acolhimento.

A visão de jovens que residem na região do ABCDMRR-SP detém sobre cursos profissionalizantes

Camile Biscola do Vale (Tijuçussu –UNIESP)

Esta comunicação é resultado de uma pesquisa que teve como objetivo investigar a visão de três jovens de ambos os gêneros sobre os cursos profissionalizantes que buscam qualificar pessoas para atuarem no mercado de trabalho, bem como averiguar se eles acreditam nessa qualificação. Nesta comunicação a juventude, é compreendida como construção social e histórica, considerada como um dos mais significativos momentos do ciclo da vida para se investigar e propor saídas para muitas das crises e mutações que tomam forma na contemporaneidade em diferentes esferas do social, em especial, no mundo do trabalho. As condições culturais e biológicas específicas dos e das jovens os/as tornam mais expostos/as aos dilemas sociais, deixando-os mais visíveis para a sociedade como um todo. A pesquisa é de natureza qualitativa e teve como suporte de investigação a metodologia da história oral para dar voz aos jovens de forma a narrarem suas opiniões no momento da entrevista. Todos os jovens são maiores de 18 anos, e após aceitarem o convite para a entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Grupos dialogais: possibilidades formativas a partir da história oral

Tânia Cavalcante Pires (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)

O trabalho apresentará uma discussão sobre as contribuições da perspectiva metodológica empreendida nos grupo dialogais a partir da história oral, enquanto possibilidades formativas dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Uma vez que o grupo dialogal compreendido como uma estratégia de pesquisa qualitativa, comumente relacionado ao grupo de opinião/grupo focal, frisamos que sua dinâmica se aproxima, porém, apresenta aspectos que os diferencia. Acreditamos na potencialidade e abrangência do grupo dialogal, por este permitir aos envolvidos: pesquisadora e participantes, um contínuo processo de formação durante o período da pesquisa. O grupo dialogal se configura como uma metodologia de trabalho eficaz, pois de acordo com a experiência desenvolvida, esses grupos permitiram o repensar, aguçaram a sensibilidade e o desejo de alterar/modificar/innovar as práticas peda-

gógicas escolares. Essas considerações partiram dos próprios sujeitos envolvidos nos diálogos, portanto, torna-os protagonistas e gestores da ação, não sendo necessária a autoridade de outro sujeito, no caso o/a pesquisador/a para redefinir uma prática/postura dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

O mundo do trabalho: alguns desafios e obstáculos para a juventude contemporânea frente à formação profissional

Danilo Mendes Gomes (Residência Multiprofissional),
Bruna Fernanda Barros de Moraes (Universidade de Santo Amaro)

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa qualitativa amparada pela metodologia da história oral e teve como sujeitos quatro jovens da periferia da Capital São Paulo, que realizam ou realizaram cursos de formação profissional em nível de graduação, com a finalidade de se profissionalizarem para a inclusão no mercado de trabalho. A juventude é uma etapa da vida em que são colocados muitos desafios e dificuldades, especialmente para os jovens que residem na periferia e tem a expectativa de iniciar e concluir um curso de graduação. As carências de políticas públicas em funcionamento/construção têm demonstrado pouca efetividade. A deficiente formação educacional que não apenas coloca obstáculos ao desenvolvimento das capacidades de aprendizagem continuada e de adaptabilidade às novas formas de trabalho, essenciais no novo contexto produtivo, como também a precária formação básica afeta negativamente para a inclusão no mercado de trabalho. Na cena contemporânea os jovens que não possuem requisitos educacionais mínimos, são excluídos das oportunidades de emprego, bem como engrossam ainda mais as estatísticas do trabalho informal e da violência urbana.

A Imigração Angolana para o Brasil: O Trabalho como Principal Fator da Imigração de Jovens Angolanos em São Paulo

Mayara Cunha da Conceição (Instituto de Previdência de Santo André)

O presente artigo resulta de uma pesquisa qualitativa na perspectiva da história oral, que discute sobre a imigração de jovens angolanos para o Brasil e sua chegada a São Paulo, principal cidade que eles se instalam. A partir da categoria trabalho, foi realizada a pesquisa com dois jovens angolanos, sendo que um deles está destituído do mercado de trabalho e o outro que já se encontra inserido. Desta forma a pesquisa buscou mostrar quais são as maiores dificuldades e os desafios postos para encontrar uma vaga no mercado de trabalho além da jornada exigida. A acentuada globalização influencia muito nesse movimento de busca pelo trabalho de forma que algumas “barreiras” são derrubadas, como por exemplo, sair do lugar de origem, o próximo passo é adaptar-se uma nova sociedade, para após, ir a busca de um emprego para começarem a ter uma nova perspectiva de vida no novo país. A imigração é responsável por importantes reconfigurações sociais, pesquisar a condição de vida e trabalho desses jovens imigrantes tornou-se uma opção, pois pode-se que a sua jornada se inicia pela busca do trabalho para uma melhor condição de vida. Palavras chave: Imigração, Trabalho, Angola, Jovens imigrantes.

Formação em Serviço Social: O Jovem Negro na Academia e as Manifestações da Questão Racial

Heloá Cristina Bueno dos Santos
(União das Faculdades de São Paulo – Uniesp)

O presente artigo visa fomentar o debate sobre o racismo institucional inscrito nos espaços de formação e, posteriormente, naqueles onde atuam o jovem trabalhador negro, bem como, busca problematizar e identificar as questões raciais escamoteadas pelo espectro da pobreza, para percebê-las, como sendo expressões da questão social. Sendo assim, para situar o debate, se fez necessário contextualizar a herança do sistema escravista e sua interferência no tecido social. Quanto às marcas deixadas por tal empreendimento, essas, foram avaliadas através dos depoimentos de dois jovens, e teve como suporte investigativo a história oral para a coleta de dados, o que se pretende com essa técnica está para além da aproximação de matrizes distintas do conhecimento: o saber empírico e o teórico. Em tempo, o que urge, é reparar equívocos e dar voz a sujeitos que foram afastados do protagonismo histórico como possibilidade de reprodução simbólica/ material de sua negritude. Nesse sentido, buscar-se-á avaliar as condições de vida e trabalho da juventude do segmento negro. Palavras chave: Jovem; Negro; Questão racial; Racismo; História oral.

Juventude e formação superior: mudanças e possibilidades na vida dos sujeitos

Paulo Roberto Rodrigues Simões (PMSP)

O presente trabalho estuda e analisa o Programa Universidade para Todos (ProUni). O objetivo geral consiste em verificar como, a partir do ingresso de alunos bolsistas do ProUni em diferentes cursos, ocorreu ou não uma maior possibilidade de mudança social na vida desses sujeitos. Parte-se da hipótese de que o acesso, a permanência e a conclusão do curso superior para o público atendido pelo ProUni, promovem mudanças sociais que alteram as expectativas e possibilidades na vida dos bolsistas. A metodologia da pesquisa priorizou a perspectiva multidimensional que permitiu acolher as contribuições de diferentes áreas do conhecimento. O trabalho não privilegia apenas os resultados por si mesmos, mas evidencia a compreensão da relação entre os vínculos das ações particulares bem como o contexto em que estas se dão.

Formação musical de crianças e jovens no espaço socializador de uma orquestra: diferentes caminhos e olhares para a profissionalização

Adriana Bozzetto (Universidade Federal do Pampa / UNIPAMPA)

O estudo tem como foco, a partir da formação musical de crianças e jovens em uma orquestra, pertencentes aos meios populares, revelar expectativas e concepções da família sobre a aprendizagem musical desenvolvida com seus filhos, em um projeto que enfatiza a formação de músicos profissionais. A pesquisa, realizada no âmbito de Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, foi construída a partir dos depoimentos orais de 27 famílias e dos 28 alunos participantes da orquestra, atores sociais desta pesquisa, apoiada nos estudos de Lahire (2002; 2008), Bourdieu (2008), Gayet (2004) e Setton (2005; 2010; 2012). Para compor orientações metodológicas de meu estudo, especificamente sobre a recolha de depoimentos orais, consultei os estudos sociológicos do CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos da USP, na perspectiva de conhecer a sociedade em seus múltiplos aspectos e grupos sociais, dialogando com outras ciências sociais (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2010). Realizar entrevistas a partir da técnica do depoimento

oral, segundo autores e pesquisadores do CERU, situa-se como uma forma de se obter narrativas orais dentro do desenvolvimento de estudos com História Oral.

18 – Memória, Ditadura Civil-Militar e Direitos Humanos

Coordenadores: CLERIA BOTELHO DA COSTA (Livre-Docência – Universidade de Brasília), MARIA HELENICE BARROSO (Doutor(a) – SEEDF)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Concepções de memória, história e verdade em relatos de perseguidos da ditadura brasileira

Roberta da Silva Moraes (UFRGS)

Este trabalho visa contribuir para o entendimento das disputas de memória e verdade que marcaram as campanhas pela anistia e que ainda estão em curso no tempo presente. Foi possível constatar, nas entrevistas analisadas, que a evocação da memória está inserida em uma lógica de reconstrução e resgate de uma verdade e de uma história. Estes dois últimos pontos se inter-relacionam, uma vez que a verdade é reivindicada dentro da História, através da qual o registro sobre determinado período histórico contribuiria para que a sociedade não repetisse os erros do passado. Também é analisada a relação entre verdade e História empreendida pelos entrevistados, bem como a configuração das disputas de memória e verdade histórica na dimensão de luta e mobilização da campanha pela anistia.

Memória e representações dos romeiros da festa de Nossa Senhora da Abadia do Andrequicé(MG)

Maria Célia da Silva Gonçalves (Universidade de Brasília –UnB)

Introduzidas desde o início da colonização portuguesa, as celebrações à Maria sempre se fizeram presentes no calendário católico brasileiro. Atualmente, expressivas manifestações devocionais e romarias ocorrem em todas as regiões do país. O presente trabalho investiga a representação dos milagres atribuídos à Nossa Senhora da Abadia pelos romeiros que frequentam a tradicional Festa de Andrequicé, realizada desde o século XIX, em um vilarejo chamado Andrequicé, localizado no município de Presidente Olegário, distrito de Galena (MG). A Romaria de Nossa Senhora da Abadia acontece todos os anos, na primeira quinzena de agosto, culminando no dia 15 de agosto, data em que é comemorado o dia da Santa, reunindo fiéis dos municípios de Presidente de Olegário, João Pinheiro, Varjão de Minas e São Gonçalo do Abaeté, dentre outros. Os romeiros muitas vezes se deslocam de suas casas em direção ao Santuário, fazendo longas caminhadas ou em carros de bois, oferecendo assim, um verdadeiro espetáculo de tradição e religiosidade, aos olhos dos visitantes.

Para conocer la otra historia: historias de vida de la militancia aprista (1932-1980)

María Inés Valdivia Acuña (Universidade Federal de Río Grande do Sul)

Este proyecto tiene por objetivo analizar las características de las narrativas orales desarrolladas por los militantes apristas y el peso que han adquirido en la reproducción de la memoria partidaria, claramente diferente a la historia oficial nacional. El APRA fue fundado en 1924, por Víctor Raúl Haya de la Torre. La existencia del aprismo, conllevó la existencia de varias generaciones de militantes, los cuales han pasado por varias experiencias

de ditadura y exilio. Este trabajo tiene por objetivo explorar las formas en que se han ido fijando los recuerdos en torno a cuatro tipos de experiencias: ditadura, exilio, prisión y participación política estudiantil. ¿Cómo se recuerda? ¿Qué se olvida? ¿Qué explicaciones brindan los mismos actores sobre las marcas halladas en sus memorias, sobre los pasajes discordantes con la historia lineal marcada por el deseo de aparecer coherentes como prédica política? ¿Qué otros aspectos subyacen en cuanto a filias y experiencias personales (in)coherentes que nos permitan entender lo que se omite para hacer legible el discurso político.

Memória e Biografia: As representações de uma guerrilheira no período da Ditadura Militar Brasileira
Eloísa Pereira Barroso (Professora da Universidade de Brasília)

Situado no campo da “escrita de si”, o presente artigo apresenta uma mescla de biografia e memória associada a uma relação afetiva, de pertencimento e de inserção total do sujeito ao tempo histórico do período selecionado, o período da ditadura militar no Brasil, um período que lida com rearranjos nas relações sociais, culturais e políticas. Neste artigo, é considerado o fato de que, por meio do registro das lembranças e das vivências, é possível ao historiador acessar imagens, representações, fatos e discursos que contribuam para a abordagem da identidade dos jovens militantes que viveram esse período de resistência, podendo construir significados sobre si e sobre o outro.

A geração estudantil da transição democrática: entre memória e esquecimento

Gislene Edwiges de Lacerda (Universidade Nove de Julho)

O período da transição democrática brasileira (1974-1985) foi marcado atuação de diferentes movimentos sociais, entre eles o movimento estudantil. Diferentemente da geração anterior, a geração de militantes do Movimento Estudantil que atuou entre meados dos anos 1970 e meados dos anos 1980, pautou-se na luta democrática como forma de resistência à Ditadura Militar brasileira e obteve significativas vitórias, sendo responsável pelo alargamento dos limites do projeto de transição “lenta, gradual e segura” apresentado pelo general Geisel. Contudo, a transição democrática ainda se constitui como um campo em disputa na memória sobre a Ditadura. As narrativas estudantis da geração da transição demandam pelo seu reconhecimento no tempo presente, demonstrando um ofuscamento da importância política dos estudantes neste contexto. O esquecimento desta geração é reflexo do modelo de transição pactuada vivenciado no Brasil e do processo de construção da memória sobre a Ditadura, marcado pelas políticas de memória do Estado, por ações de memória do próprio movimento e por produções memorialísticas sobre o movimento estudantil da transição em curso desde os anos 1970.

Falar e calar a dor: sobre silêncios e lembranças do “tempo da ditadura” de 1964 em entrevistas com professores e estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Jaime Valim Mansan (FURG)

Entre 1964 e 1971, vários professores e estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foram expurgados da instituição, por motivos político-ideológicos ligados ao contexto de exceção imposto ao país por aquele regime ditatorial. Há alguns anos, no âmbito de um estudo sobre o tema, realizei uma série de entrevistas temáticas semi-estruturadas com agentes daquele processo histórico. Nesta comunicação, proponho uma reflexão sobre as diferentes maneiras encontradas pelos entrevistados e entrevistadas para lidar com algumas de suas memórias mais dolorosas. Pensar sobre as variadas estratégias discursivas

por eles adotadas, que combinavam de diferentes maneiras o calar e o falar sobre um dos momentos mais marcantes de suas vidas, permite a um só tempo refletir sobre as especificidades do campo da educação superior naquele contexto de arbítrio e sobre as múltiplas combinações possíveis entre o lembrar, o silenciar e o esquecer.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Therezinha Zerbini: protagonismo e ação política na luta das mulheres contra a Ditadura

Ana Rita Fonteles Duarte (Universidade Federal do Ceará)

Esta comunicação busca refletir sobre os sentidos da ação política do Movimento Feminino pela Anistia a partir de narrativas produzidas pela presidente nacional do MFPA, a advogada Therezinha Zerbini, falecida em 2015. Esposa de general cassado pelo regime militar, ela organiza, em 1975, junto a outras mulheres, o primeiro movimento legalizado com objetivo principal de reivindicar a anistia, com a libertação dos presos políticos e volta de banidos e exilados pela ditadura. Após registro do estatuto do MFPA, o Movimento espalha-se pelo Brasil tendo atraído centenas de mulheres, familiares de atingidos pela repressão, mas também militantes de diversas organizações de esquerda ou pessoas que se solidarizavam com a luta contra o regime. A partir de entrevista realizada para minha tese, em agosto de 2006, e de outras manifestações públicas da líder do MFPA, procuro refletir sobre a forma pela qual a advogada narra a criação e atuação do MFPA, suas linhas políticas, formas de negociação e enfrentamento ao regime, conflitos dentro do Movimento e, especialmente, como ela dá sentido à construção de sua liderança política e de guardiã da memória do Movimento no Brasil.

Narrativas sobre a vida na clandestinidade: gênero e memória

Joana Maria Pedro (Universidade Federal de Santa Catarina)

Durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), várias pessoas tiveram que viver de maneira clandestina. Uma série de biografias, autobiografias e entrevistas realizadas pela equipe ou publicadas por outras/os pesquisadoras/es, falam de como estas pessoas viveram na clandestinidade as hierarquias de gênero. Todas estas narrativas foram feitas após o final da ditadura e trazem questões diferentes das que estavam presentes no momento que foram vividas. Analisar a maneira como as pessoas narram suas experiências na clandestinidade e questionar estas narrativas desde uma perspectiva de gênero é o que pretendo apresentar.

“Eu passei a vida contando essa história.” As elaborações de si e dos seus na narrativa de Flávia Castro

Mariluci Cardoso de Vargas (UFRGS)

Flávia Macedo e Castro é cineasta e dirigiu o documentário *Diário de uma busca* (2010) que trata dos primeiros anos da sua vida e dos últimos anos da vida de seu pai, Celso Afonso Gay de Castro, liderança de uma das organizações de esquerda durante a ditadura. Flávia viveu a experiência do exílio no Chile, Argentina, Bélgica e França. A roteirista diz que passou a vida contando essa história desde seus escritos em diários até a elaboração do roteiro do filme que, como uma autobiografia, indica um retorno a si mesma, uma visitação na sua infância, adolescência e no fim trágico que marcou a morte de seu pai. O texto a ser apresentado nesse simpósio tratará sobre as memórias elaboradas por Flávia, cuja

trajetória foi atravessada pelas possibilidades impostas pelas ditaduras civis-militares brasileira e chilena. As análises serão realizadas a partir de uma entrevista que realizei com Flávia. O objetivo está em observar na narrativa as representações de si, de algumas experiências nos coletivos que passou no exílio, e das construções subjetivas da sua autobiografia carregada de buscas pelo preenchimento de silêncios, de compreensão dos não ditos e do direito à verdade.

Memórias de uma desilusão: os Grupos de Onze Companheiros

Marli de Almeida (Universidade de Passo Fundo)

Os Grupos dos Onze Companheiros foram formados a partir de outubro de 1963, em atendimento aos apelos de Leonel Brizola. Acusados de revolucionários comunistas, com o golpe civil-militar de 1964 e implantação da ditadura, foram alvo de perseguições, o que marcou profundamente a vida dos membros dos grupos e de seus familiares, ocasionando traumas e perdas irreparáveis. O presente trabalho será baseado no estudo das memórias de pessoas, no Rio Grande do Sul, que vivenciaram esses momentos cruciais e de membros dos famigerados grupos e/ou seus familiares buscando o entendimento desse momento histórico. A História Oral possibilita verificar o que isso representou para os envolvidos, o que pensavam em relação aos grupos, de que forma a repressão os afetou e a seus familiares, pois mesmo passados cinquenta anos, estes ainda sofrem as consequências da ilusão de que seriam – Brizola e os Grupos de Onze – capazes de pressionar o Congresso a votar as reformas de base.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

O Estado da Bahia, Memória e Resistência à Ditadura Militar: Intelectuais e Resistência à Ditadura na Bahia

Júlio Ernesto Souza de Oliveira (Universidade Federal da Bahia)

Através de uma análise prosopográfica de professores/as da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal da Bahia que foram perseguidos/as politicamente durante o período da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), podemos observar de que forma os diferentes modos de militância congregavam para formar focos de resistência à repressão, no cenário político baiano. De modo que a compreensão dessa resistência se tornem mais nítida, essa pesquisa se ampara em metodologias distintas, mas consensuais: a análise textual (arquivos e acervos); e a história oral. Além disso, temos como fontes primárias: entrevistas com [ex]-professores/as da UFBA; atas da Congregação da FFCH; atas do Departamento de História; e o relatório final da Comissão da Verdade Milton Santos da UFBA.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

A escuta dos familiares dos desaparecidos políticos da ditadura civil-militar brasileira

Silvania Rubert (UFRGS)

O presente artigo propõe algumas reflexões acerca do conteúdo produzido pelas entrevistas realizadas com familiares de desaparecidos políticos da ditadura civil-militar brasileira, para a pesquisa de doutorado que está em desenvolvimento. Foram realizadas mais de 40 entrevistas, mas para este artigo serão selecionadas 5 para que se possa visuali-

zar o que há de traumático nas falas, e também como as questões de reparação e criação da Comissão Nacional da Verdade são elaboradas pelos familiares. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2012 e 2013, em diversas cidades do Brasil.

Ditadura e política local: a trajetória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em Alegrete a partir da história oral

Diego Garcia Braga (Magistério do Estado do Rio Grande do Sul)

A presente comunicação parte das fontes orais para analisar a trajetória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de Alegrete, RS, entre 1966 e 1979. Em suma, essas fontes compõem o material documental da pesquisa de mestrado que aborda o referido município e as relações entre o MDB e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) durante o regime civil-militar. Para este estudo foram selecionados apenas os depoimentos prestados por emedebistas, visando examinar as estratégias adotadas e as disputas internas ocorridas na organização, em meio às eleições municipais e ao período histórico enfrentado. Com base nisso, percebe-se que o partido de oposição não apresentou em Alegrete as características apontadas por vários estudos sobre o campo político nacional, de instabilidade e fragilidade por causa da repressão do regime. A questão, portanto, não é afirmar que o MDB local ficou imune às pressões do regime, mas entender como, apesar disso, conseguiu vencer os pleitos de 1968 e 1972, durante os anos de maior autoritarismo, e como articulou as suas disputas internas, entre posturas críticas e moderadas com relação ao regime e nas atitudes personalistas de algumas lideranças.

A trajetória política de Marcélio Bonfim no PCB de Sergipe (1964-1976)

Célia Costa Cardoso (Universidade Federal de Sergipe)

A pesquisa analisa a trajetória política de Marcélio Bonfim em Sergipe durante o militarismo brasileiro (1964-1976), atuante como dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). As fontes orais foram produzidas entre 2012 e 2013, no Laboratório de História da Universidade Federal de Sergipe, no contexto da polêmica criação da Comissão da Verdade no estado. Bonfim nasceu na cidade de Canhoba-SE, em 25 de maio de 1944, tendo sido preso por duas vezes e submetido à sevícia. Assumiu a direção do PCB em 1965, e após a ditadura, foi eleito vereador da cidade (1989). Este estudo busca comparar os seus depoimentos orais, processos judiciais e entrevistas na imprensa com a produção historiográfica, bem como com outros relatos memorialísticos de ativistas comunistas ou simpatizantes perseguidos, alguns presos e torturados durante a Operação Cajueiro (1976). Este conjunto documental revelou-se apropriado na percepção dos conflitos memorialísticos ao mostraram pensamentos convergentes e divergentes a respeito da luta armada, prisões, tortura, Anistia, Comissão da Verdade e indenizações por parte da política de reparação do Estado.

Comissão Estadual da Verdade do Paraná (Brasil): trabalho e desafios após a apresentação do Relatório

Claudia Cristina Hoffmann (Ministério Público do Estado do Paraná)

Essa pesquisa é resultado do trabalho desenvolvido pela equipe do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Estado do Paraná junto à Comissão Estadual da Verdade do Paraná. Discute-se a criação da Comissão Nacional da Verdade, bem como a da Comissão Estadual da Verdade no Estado do Paraná como organismos públicos destinados a examinar e esclarecer as

graves violações de direitos humanos perpetradas durante o período da ditadura civil-militar no Brasil. Destaca-se os métodos de trabalho das duas comissões e aborda-se a necessidade do aprimoramento dos espaços de diálogo com os demais órgãos públicos, entidades da sociedade civil, vítimas e familiares de mortos e desaparecidos políticos, a fim de contribuir para o registro das graves violações dos direitos humanos. Ainda, analisa-se a importância dessas Comissões na construção das bases para a responsabilização dos autores das graves violações ocorridas no período e no auxílio à consolidação da democracia substancial.

19 – Memórias, Identidades e Lutas Sociais

Coordenadores: ALEJANDRA LUISA MAGALHÃES ESTEVEZ (Doutor(a) – CPDOC), MARCO AURELIO SANTANA (Doutor(a) – UFRJ)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Barragens, imagens e história oral: a luta por direitos na comunidade de Brejo de Fora-BA e no filme Narradores de Javé (2004)

João Pedro Ramalho Martins (Universidade do Estado da Bahia)

A construção da barragem de Sobradinho-BA (1973-1978) atingiu diversas comunidades que moravam às margens do Rio São Francisco, deslocando-os de suas terras. Alguns desses povos migraram para Brejo de Fora, em Sento Sé, Bahia. Hoje, o local vivencia a atuação do Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, que trabalha no resgate das identidades coletivas, unindo esses sujeitos na busca por direitos. Este trabalho pretende analisar como se dá a apropriação da história oral na comunidade de Brejo de Fora, comparando-a com a atividade de luta pela preservação da história realizada pelos personagens do filme de ficção Narradores de Javé (2004). Para tanto, utilizaremos como base metodológica a compreensão de Pollak (1992) e faremos uso da análise da imagem segundo Coutinho (2005).

Do direito a memória histórica: o processo de desapropriação de terras para a instalação do CIMH – Campo de Instrução Marechal Hermes no planalto Norte Catarinense

Soeli Regina da Silva Lima (E.E.B. “General Osorio”)

O trabalho analisa a questão litigiosa, decorrente do ato de desapropriação de terras, ocorrido em 1956, para implantação de um campo de instrução militar no planalto Norte catarinense. A área de 7.595 ha. pertencia a 89 propriedades distribuídas entre 68 proprietários rurais. As informações coletadas, através da história oral, foram contextualizadas com fontes documentais. De acordo com as memórias reveladas, constata-se que o ato desapropriatório criou entre as famílias a dificuldade de adaptação à nova situação de vida, bem como, a mudança de ordem econômica e social na região. A maioria dos desapropriados, não possuindo outras terras e nem condições para adquiri-las, acabaram desfazendo-se dos rebanhos, a preços irrisórios, em alguns casos, pagando pelo arrendamento de suas próprias terras ao exército. A migração de famílias desapropriadas foi outra realidade observada. Na década de 1980, os desapropriados realizaram movimentos sociais de pro-

testo com apoio da Pastoral da Terra e do MST. No mês de outubro de 2014, no município de Papanduva-SC, a Comissão da Verdade ouviu em audiência pública desapropriados e/ou herdeiros de terras, sobre a questão.

Gênero e Movimento Social do Campo: Narrativas de mulheres dirigentes do Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no sudeste do Pará

Idelma Santiago da Silva (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

A experiência da luta pela/na terra no sudeste do Pará constitui as mulheres-narradoras objetos-sujeitos de narrativas de gênero e classe. Essas vozes do campesinato feminino ainda partem de um lugar de poder desigual, mas não mais inexistente no interior das versões hegemônicas por homens. Não são, necessariamente, narrativas de oposição, mas que apresentam diferenças, e, por isso, alargam o campo da resistência camponesa na produção de sentidos, para suas lutas. Podemos considerá-las corpos enunciativos que recriam suas experiências, identidades e diferenças e, numa perspectiva relacional, contribui, com outras posições de sujeito, para compreender e ampliar as perspectivas sobre as histórias da família, da luta pela terra, do trabalho, da organicidade dos sujeitos coletivos e das comunidades rurais, dentre outros temas da história do tempo presente na Amazônia Oriental brasileira. Ademais abordar as memórias dessas mulheres possibilita problematizar a relação entre exclusão e memórias públicas, numa perspectiva da cidadania.

Migrações internas, gênero e geração em movimentos de luta por moradia na Grande Florianópolis (Brasil, 1989-2015)

Francisco Canella (Universidade do Estado de Santa Catarina)

O trabalho analisa as trajetórias de mulheres em movimentos de luta por moradia em dois distintos momentos (1989-1992 e 2012-2015). Esses movimentos têm como cenário Florianópolis (SC) e os municípios que compõem a sua Região Metropolitana. Os processos migratórios recentes mostram que a vinda de famílias do interior de estados da região Sul tem sido reforçada pela chegada de contingentes de migrantes das regiões Nordeste e Norte do país. Neste cenário, tensões e conflitos relacionados à moradia assumiram, ao longo do tempo, mudanças nas suas configurações. A comparação de dois momentos de lutas organizadas por movimentos de sem-teto têm evidenciado um elemento comum, relacionado à questão de gênero: a significativa presença das mulheres nas mobilizações e nos processos de organização local. A análise de dados quantitativos e qualitativos realizada em duas ocupações (uma surgida em 1992, hoje estabelecida com uma área específica de um bairro de Florianópolis; outra surgida em 2012 e em processo de negociação por moradia) permitirá lançar algumas reflexões sobre a inserção das mulheres em espaços públicos através de movimentos sociais.

Ela por ela! O relato de uma prostituta frente às noções oficiais

Jovelina Lenir Carlini da Rocha (UDESC)

A Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM), fruto da Teologia da Libertação, surge na década de 1970 no Brasil, sendo seu objetivo “ser presença solidária, profética e evangélica junto à mulher em situação de prostituição”, para tanto, atua com/em função das prostitutas e se posiciona politicamente como abolicionista, sendo contra qualquer proposta legislativa de regulamentação da prostituição. Para sua organização, produz documentos para fins político-sociais, para institucionalização e para atuar frente às prostitutas.

Nesta produção, consta referências acadêmicas e bíblica, e noções de feminino, mulher e prostituição. Para contribuir com os estudos sobre a condição feminina, pretendo analisar as noções pensadas pela PMM, através do Caderno de Formação para Agentes, em contraponto com a identificação e resistências presentes no relato de uma prostituta que também mantém relações de agente pastoral dentro da PMM. Neste sentido, através da História Oral e da análise do discurso, será possível compreender para que/quem a PMM atua politicamente e em que medida sua produção discursiva é norteadora de identificações.

Ações Coletivas e Participação Social na área da Saúde para os moradores de Manguinhos (1990/2010): narrativas de atores sociais em perspectiva

André Luiz da Silva Lima (Fundação Oswaldo Cruz)

O presente trabalho tem por objetivo analisar ações coletivas em espaços criados para o desenvolvimento da participação social em Manguinhos (RJ), inserindo no conjunto de fontes que suscitaram a pesquisa, entrevistas realizadas com atores sociais diretamente relacionados aos direitos sociais, em particular à saúde. O Termo 'participação social' possui uma série de entendimentos, conectado às condições de possibilidade de sua emergência, que na investigação aqui referenciada cabe concebê-lo de maneira sensível ao momento histórico que ocorre a chancela de uma série de direitos sociais pela Carta Constitucional de 1988, entre eles o da Saúde, cujo setor adquire status de 'dever do Estado e direito de todos', com destaque ao princípio da participação comunitária sinalizada em seu texto. Essa prerrogativa participativa é o resultado de uma série de lutas sociais, de caráter heterogêneo, principalmente a partir da segunda metade dos anos 1970, que convergiram quanto aos ideais que defendiam o imperativo de reestruturação do sistema de saúde nacional, de maneira descentralizada, não mais focado na intervenção hospitalar, com acesso universal, calcado em princípios democratizantes.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Narrativas e Histórias de uma Mulher Negra Quilombola: A trajetória de vida da Secretária Municipal de Educação do Município de Poconé/MT

Luciano da Silva Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso)

O objetivo deste trabalho é promover um debate teórico-metodológico sobre a utilização da trajetória de vida como fonte histórica. Nossa reflexão tem como referencial empírico a pesquisa sobre a Trajetória de Vida da Secretária Municipal de Educação de Poconé/MT. A partir da entrevista de História Oral com a Senhora Maria Rosa Rondon Monge dos Santos, pretendemos conhecer, analisar e compreender seu percurso de vida, compreender as formas de enfrentamento das discriminações raciais vivenciado por ela durante seu percurso familiar, escolar e profissional e analisar o processo de ascensão social. Nascida e criada dentro de uma comunidade remanescente de quilombo, sua trajetória foi marcada por tristezas, alegrias, sofrimento e determinação. Para fundamentarmos teoricamente nosso ensaio, utilizaremos Perrot (2007), que vem discutir a importância das mulheres na sociedade. Nossas outras fontes teóricas serão Castilho (2011), Lopes (2008), Nascimento (2012), Sampaio (2010), que traz a discussão sobre comunidades quilombolas e a presença das mulheres negras na sociedade contemporânea. Como aporte teórico para o método de História Oral trará os conceitos e discussões de Alberti (2013).

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Candomblé: A resistência no Médio São Francisco

Danilo Borges e Silva de Araújo (Universidade do Estado da Bahia),
Irenilda Maria da Silva (Universidade do Estado da Bahia)

A Constituição Federal Brasileira assegura liberdade de consciência e de crença a todos. As cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), mesmo possuindo mais de 400 terreiros (MARQUES, 2015), essa população ainda sofrem ataques decorrentes de suas práticas religiosas. Objetivamos fomentar a discussão da religião, contribuindo para dar visibilidade e empoderamento, além de discorrer sobre a discriminação, intolerância e o racismo, patentes na nossa sociedade. Esse trabalho estrutura-se da seguinte forma: uma breve revisão teórica sobre a religião na Bahia, interseccionando com o médio São Francisco e a memória oral desses grupos, baseando-se na literatura de Roger Bastide (2001), Juracy Marques (2015), Ecléa Bosi (1994), respectivamente. Além da oralidade dos membros desse culto.

A memória Terena e a luta pelo território tradicional

Lindomar Lili Sebastião (PUCSP)

Sebastião. Lindomar Lili Lin.terena@hotmail.com Almeida. Edielso Manoel Mendonça (coautoria). O presente trabalho propõe apresentar um estudo realizado entre o povo indígena Terena de tronco linguístico Aruak e subgrupo Guaná. Habitam em sua grande parte a região do estado de Mato Grosso do Sul, distribuídos em torno de vinte e três mil habitantes. Falantes da língua de origem, atualmente lutam pela demarcação e homologação de seus territórios tradicionais das quais foram exilados e confinados em pequenas reservas criadas pelo governo em atuação conjunta ao SPI – Serviço de Proteção ao Índio, em tempos do pós-guerra Brasil e Paraguai. Para tanto, buscamos a memória de nossos troncos, os nossos velhos anciões para um estudo usando a história oral para compreensão do processo de expropriação de seus territórios até os dias atuais bem como pontuar as suas reais consequências aos seus ethos, à sua reprodução física e cultural. Palavras-chaves: Memória. Troncos velhos. Pós-guerra. Território.

Entre a invisibilidade e a visibilidade: o protagonismo dos ciganos Calon do bairro de São Gabriel, Belo Horizonte – MG, por um projeto histórico de liberdade

Priscila Paz Godoy (Universidade de Brasília, UnB)

O Estado colonial/republicano, ao longo da colonização, utilizou-se de vários instrumentos de invisibilização das diferenças dos povos nativos e diaspóricos subalternizados, como o extermínio, a escravização e a marginalização. Em contrapartida, os povos originários, as comunidades tradicionais e outras minorias se valeram de várias estratégias de resistência como a resiliência, o isolamento em comunidades autossuficientes e a dispersão pelo território brasileiro. A partir da década de 1980, intensificou-se a interlocução dessas minorias com o Estado, por meio de demandas de políticas públicas por reconhecimento e a patrimonialização das comunidades e de seus saberes se destaca como uma das principais políticas de reconhecimento comumente apresentadas. Nessa senda, o presente trabalho traz como proposta de reflexão, no que concernem as políticas de reconhecimento, a experiência dos ciganos Calon do bairro de São Gabriel, em Belo Horizonte – MG, que se reinventam como sujeitos coletivos de um projeto histórico de liberdade. Questiona-

se, portanto, se a demanda por patrimonialização e de outras políticas de reconhecimento se configuram como uma estratégia ou não de resistência.

A poética negro-brasileira recitada: bocas, ouvidos e mãos que (se) formam

Rita de Cássia Almeida Santos (ACEB/BA),
Robenilson Nascimento dos Santos (UFBA)

Este trabalho busca discutir a poética negro-brasileira recitada nos Saraus de poesia negra soteropolitanos, numa perspectiva que presume uma linha de discurso em torno do fortalecimento de uma religiosidade que foi e ainda é vilipendiada, de uma história que é recontada a partir de outros centramentos civilizatórios. Os poemas, em sua maioria, revelam uma construção sustentada em narrativas que se, grosso modo, parecem catárticas para alguns, impõem uma contação sobre o ser sendo negro, em suas resistências e desconfortos. Jovens e adultos negros (os) ouvem e recitam histórias, possibilitadas por outras matrizes e matizes civilizatórios. Pessoas que experimentam ou testemunham o pouco ou as dificuldades de acesso à leitura, à formação educacional integrada e pertencedora, ouvem, recitam e escrevem sobre si. Há muita oralidade e musicalidade nos poemas. Optamos pela história oral como método e como procedimento, entendendo que é a melhor adequação à pergunta ao tema. As entrevistas serão instrumentos e objeto de análise, partindo da premissa: como sentem e se sentem no tema em questão.

Adolescentes e jovens negros e negras em Garanhuns: relatos de vida da escola da comunidade quilombola à escola da cidade em múltiplas (In) diferenças

Maria Giseuda de Barros Machado (Universidade de Pernambuco)

O Município de Garanhuns (PE) reúne seis Comunidades quilombolas, dentre as quais busca-se na pesquisa compreender como adolescentes e jovens negros e negras se concebem em trajetórias escolares do Castainho e Estivas ao espaço escolar cidadão, na última década, de maneira que se interrelacionam instrumentais teóricos da educação e da história oral, especificamente, numa reflexão que aprofunda resultados com implicações à existência na (in)diferença com a diversidade de instituições que abrangem da escola básica à universidade. Nesta perspectiva tem sido realizados revisão bibliográfica e relatos de vida, cujas memórias tem se apresentado de maneira recorrente à memória coletiva nos diferentes resultados, entre os sujeitos participantes que fazem evocar significados que se apresentam da permanência à saída da escola. Não obstante, as políticas públicas tem tratado das garantias dos trajetórias escolares de quilombolas brasileiros.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Começaria tudo outra vez: identidade e memória da Ala Vermelha nos testemunhos de seus militantes

Adriana Maria Ribeiro (UFRRJ)

A proposta do trabalho é problematizar a memória da Ala Vermelha, com base nos testemunhos de seus militantes no que se refere à sua identidade comunista e às ações em resistência à ditadura militar. Essa questão remete, entre outros aspectos, ao debate sobre a memória da esquerda revolucionária brasileira. Debate esse pautado pela atribuição de significados distintos para a história e a memória das organizações. Na memória da Ala, as deliberações e as práticas políticas, tanto em relação às ações armadas quanto ao processo

de integração na produção, foram narradas como necessárias e inerentes ao combate à ditadura e, simultaneamente, ao projeto de revolução socialista. Ademais, nos depoimentos é possível observar o impacto das experiências políticas nas trajetórias de vida dos militantes, os quais tenderam a valorizá-las em suas existências pessoais, associando-as à luta social e política em curso nos anos 1960 e 1970 no Brasil.

Hieróglifos e Enigmas: Reflexões sobre a construção e o enquadramento da memória da esquerda clandestina

Lucas Andrade Sá Corrêa (CPDOC)

A partir dos conceitos de “hieróglifo social” (Marx 2011), “enigmas” (Tristan 2000) e “enquadramento” (Pollak 1989, 1992), pretendo fazer uma reflexão sobre a construção da memória da esquerda clandestina na ditadura civil-militar (1964-1985) e durante o período de transição, apontando alguns desdobramentos desta construção para a identidade da esquerda no pós-ditadura. Na história do Brasil a memória da ditadura é um campo de fortes disputas que envolvem visões antagônicas, “silêncios”, “esquecimentos” e “enquadramento”. Nestas disputas, a luta por “verdade” e “justiça” encontrou como resistência a estratégia hegemônica de “criar uma ampla aliança contra a ditadura visando obter seu desgaste político”. O que relacionou fortemente o processo de transição com a ideia de “conciliação” (Teles, 2010 p. 282). A transição é um processo não superado da história do Brasil, como demonstra a contínua necessidade do Estado de re-elaborar a memória da ditadura e re-negociar os seus significados. Refletir sobre o processo de construção da memória da esquerda clandestina é condição necessária para entender esta longa transição.

Fábrica Willys-Ford em Jaboatão –PE: trabalhadores e memórias do cotidiano fabril

Karlene Sayanne Ferreira Araújo (Universidade Federal do Piauí)

O presente trabalho pretende estudar as memórias dos trabalhadores da Willys-Ford de Jaboatão, Pernambuco. A primeira fábrica de automóveis do Nordeste foi instalada na cidade pernambucana em 1966, conhecida por ser uma área de intensas agitações sociais. A instalação da nova filial foi tema de registro nos documentos do Departamento de Estado dos EUA em 1964. Jornais e revistas de circulação local e nacional atribuem os discursos de progresso e modernização da cidade à chegada e funcionamento da Willys-Ford. Assim nos propomos estudar o cotidiano fabril a partir da perspectiva do chão da fábrica, do olhar e lembranças dos operários sobre a experiência do trabalho. Para a construção deste artigo nos debruçamos sobre o Jornal do Commercio e Diário de Pernambucano, documentos do Departamento de Estado Norte-americano, processos da Junta de Conciliação e Julgamento de Jaboatão e, principalmente, dos relatos orais de trabalhadores da fábrica entre as décadas de 1960 e 1970.

A mobilização de moradores da região da Cidade Industrial de Contagem/MG contra a poluição da Companhia Cimento Portland Itaú durante a ditadura militar

Carolina Dellamore Batista Scarpelli
(Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

Em 1975, na Cidade Industrial de Contagem/MG houve grande mobilização popular contra a poluição produzida pela Companhia Cimento Portland Itaú. Primeira fábrica a se instalar no Parque Industrial, em 1941, ao longo dos anos, tornou-se vetor de doenças respiratórias e de outros incômodos à saúde, devido ao pó que saía de suas chaminés. Dian-

te disso, moradores vizinhos a Itaú entraram com uma ação popular contra a fábrica que ganhou repercussão nacional. A comunidade acusava a fábrica de despejar diariamente cento e oito toneladas de pó de cimento sobre as casas. O prefeito do município determinou o fechamento da fábrica até que fossem instalados filtros antipoluentes. Contudo, um decreto presidencial estabeleceu que era responsabilidade exclusiva do governo federal determinar ou cancelar a suspensão do funcionamento de indústrias cuja atividade fosse considerada de interesse do desenvolvimento e da segurança nacional, obrigando a prefeitura a recuar. Alguns moradores passaram a ser monitorados pela polícia, como consta em documentos produzidos pelo DOPS/MG, e a fábrica manteve-se funcionando até 1988. Sendo assim, examinaremos aqui o papel dos vários atores políticos no conflito.

História Oral da participação feminina no Movimento Estudantil entre 1966 e 1968

Vanderlei Machado (Colégio de Aplicação – UFRGS)

O presente estudo busca historicizar a atuação das mulheres no Movimento Estudantil durante a ditadura civil-militar brasileira, entre 1966 e 1968. Trata-se de um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “A história das mulheres que os livros didáticos não contam: as lutas femininas contra a ditadura militar no Brasil”. Busca-se nessa pesquisa historicizar a atuação das mulheres em diferentes formas de resistência à ditadura. Após perceber que os livros didáticos de História utilizados pelos/as estudantes de escolas públicas brasileiras ainda não fazem referências à atuação feminina no Movimento Estudantil buscamos preencher esta lacuna construindo uma narrativa histórica a partir de entrevistas de História Oral. Com esse objetivo, foram lidas e fichadas entrevistas realizadas pelo Projeto Marcas da Memória, todas com mulheres que, de algum modo, atuaram na resistência à ditadura civil-militar. Nas entrevistas buscamos perceber a forma como a repressão agia sobre as mulheres, a maneira como se organizavam as estudantes – tentando observar as relações de gênero que permeavam tal organização-, além de questões familiares e de representação do corpo feminino.

20 – Migrações, Exílios e Diásporas em Narrativas Orais

Coordenadores: MÉRI FROTSCHER (Doutor(a) – UNIOESTE), ROSELI BOSCHILIA (Doutor(a) – UFPR)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Práticas da história oral na pesquisa de migrações e imigrações: produzindo conhecimento sobre identidades coletivas

Regina Weber (UFRGS)

Esta comunicação tem por objeto analisar a prática da história oral em estudos de grupos e indivíduos que vivenciam a contingência de passar a viver em um novo lugar, sejam imigrantes de outros países, sejam migrantes de uma região a outra do país. Através da leitura de dissertações e teses e outros estudos que se utilizam de depoimentos, são observados, paralelamente a aspectos metodológicos, a dimensão da memória que é reavivada, a inserção econômica e social no novo espaço, a organização de instituições agregadoras, e, sobretudo, as possibilidades e condições de elaboração de identidades coletivas, que poderão ou não ser ancoradas no lugar de partida.

Memórias do processo de migração de retorno entre os estados da Amazônia Legal e o Paraná: disputas identitárias e questões ambientais (1990-2014)

Jorge Pagliarini Junior (UNESPAR)

Esta pesquisa volta-se ao estudo da trajetória de sujeitos que vivenciaram em diferentes momentos o fenômeno migratório – Sul-Norte-Sul (especificamente Paraná-Amazônia Legal – Paraná) demarcado no período de 1970 a 2014 com ênfase nas dinâmicas que envolveram o processo de retorno, ou seja, o fluxo ocorrido a partir da década de 1990. Para tanto, o estudo de memórias foi norteado pelo mapeamento de discursos e políticas que influenciaram nos deslocamentos populacionais e na construção de territorialidades ressignificadas diante das novas fronteiras materiais e simbólicas vivenciadas por esses sujeitos.

Trajetórias femininas: as experiências de imigrantes haitianas em Curitiba

Fátima e Silva de Freitas (Centro Universitário Unibrasil)

Nos últimos tempos a presença de imigrantes haitianos no Brasil vem ocupando cada vez mais espaço nos meios de comunicação. As notícias que nos chegam se dividem entre relatos de maus tratos no mundo do trabalho, dificuldades para a legalização da situação no país ou reportagens sobre o quanto o trabalho o Brasil tem ajudado suas famílias no Haiti. Essa presença haitiana no país tornou-se mais visível após o terremoto de janeiro de 2010, quando também entra em evidência a atuação das tropas do exército brasileiro, que se encontram naquele país desde junho de 2004 no comando da Minustah (Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti). Há hipóteses de que o interesse pelo Brasil seria em função das relações entre o povo haitiano e os soldados brasileiros. O presente trabalho tem como foco; as trajetórias femininas e suas particularidades. O interesse pelas experiências femininas se dá também pela pouca visibilidade que a presença das mulheres tem despertado nas mídias de maneira geral e no caso de Curitiba, sabemos que há muitas delas trabalham em setores como alimentação e serviços em geral, mas o destaque sempre recai na presença masculina.

Mulheres haitianas na periferia de Curitiba: sobrevivência através das redes de sociabilidade e do apoio dos (poucos) serviços de acolhimento

Ana Lúcia de Lima Pazos Vasquez (Universidade Estadual do Paraná)

Há uma comunidade de haitianos na Região Metropolitana de Curitiba, mais especificamente em Pinhais, onde a Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Assistência Social, vem facilitando a permanência, oferecendo auxílio em diversas frentes: para tirar documentos, aulas de Língua Portuguesa, encaminhamento a emprego, entre outros. Na Secretaria em questão, é possível encontrar diariamente muitos haitianos, porque a instituição já se transformou em referência no apoio aos imigrantes. Foi lá que estabeleci contato com as mulheres haitianas, através de cuja fala intenciono compreender o que a experiência da migração significou para elas. Elas são quase sempre jovens, andam em pequenos grupos e embora sejam um pouco tímidas, gostam de conversar. Como elas narram essa experiência, quais aspectos ganham ênfase, como elas expressam os sofrimentos e as perdas, mas também as alegrias e as pequenas conquistas que constituem o cotidiano daqueles que escolheram a diáspora, é o que apresento neste trabalho.

O refúgio no Brasil: primeiras impressões – relatos de experiência

Helenice Pereira Sardenberg (UNILASALLE)

Desde março deste ano estamos investigando o refúgio e os pedidos de asilo, no Brasil, de cidadãos sírios, haja vista a grande fuga em massa da/na região. Para entender melhor o que vem acontecendo procuramos, de imediato, a ONG Cáritas Arquidiocesana para nos indicar os procedimentos necessários para que pudéssemos efetivar os encontros planejados com os refugiados, na cidade do Rio de Janeiro. Num primeiro momento, o nosso objeto específico eram as mulheres sírias que aqui chegavam. No entanto, dada a dificuldade de contato com estas resolveu-se, a posteriori, incluir qualquer cidadão sírio recém chegado ao Brasil, notadamente, pelos enfrentamentos inerentes ao deslocamento de uma zona de conflito/guerra. Buscamos entender junto a este grupo como se dão os processos de des/re/territorialização física e subjetiva na medida em estes processos demandam múltiplas ressignificações, especialmente, para aqueles que se deslocam para lugares cuja cultura é notadamente diferente. Memórias são compartilhadas e ao mesmo tempo deslocadas da zona de conforto do país de origem, ensejando a (re)construção de novas identidades. Palavras-chave: refúgio; diáspora; desterritorialização; memória

Um coração armado: o percurso migratório Aldo Lubes

Rodrigo Cribari Prado (Universidade Federal do Paraná)

O presente artigo tem por finalidade apresentar um projeto de pesquisa (em andamento) sobre a trajetória de vida do imigrante italiano Aldo Lubes, residente no Brasil desde 1958. A partir da metodologia da história oral de vida, propõe-se a análise dos significados atrelados ao percurso migratório relatado pelo imigrante em questão. Destacam-se na narrativa do entrevistado aspectos como, o choque cultural e as dificuldades de adaptação em solo brasileiro; sua relação com as artes marciais japonesas e o fato de ter sido professor de judô do poeta e escritor Paulo Leminski. Discute-se também, a influência da transposição de diferentes fronteiras – geográficas, culturais e temporais (passado-presente) – na constituição de uma noção dinâmica de identidade por parte de imigrantes, como é o caso do narrador. As diferenças entre italianos, brasileiros e japoneses, também ganham forma no discurso do entrevistado e viabilizam o debate sobre a concepção de cultura “nacional”, bem como a reflexão sobre a circularidade de elementos culturais provenientes de outros países, como é o caso das artes marciais de origem japonesa. Palavras-chave: História Oral. Imigração. Circularidade Cultural.

Entre estar aqui e lá: Memórias e Nostalgias de (i)migrantes em Caxias do Sul – RS no Tempo Presente

Assis Felipe Menin (UDESC)

Segundo Herédia (2012) na última década Caxias do Sul cresceu 20, 85%, sendo a cidade que mais recebeu (i)migrantes, superando até mesmo a capital Porto Alegre. As (i)migrações e seus migrantes não afetam somente a sociedade receptora, mas também a vida do homem ou mulher que (i)migra, nessas mudanças ocorrem muitas vezes incertezas, medos próprio de quem (i)migra e deixa lá em suas memórias nostalgias de um lugar seu. O estudo tem o objetivo de narrar histórias e experiências do (i)migrante na cidade no período de 2005 a 2015, cidade antes colonizada por imigrantes italianos, agora recebe migrantes da fronteira gaúcha e imigrantes internacionais, como senegaleses e haitianos. Nos relatos dos (i)migrante percebe-se uma perda de um mundo e universo cultural do qual se reconhece e estar aqui apenas demonstra a nostalgia de um lugar distante. (BENEDUZI,

2008). Assim fica claro que o (i)migrante carrega consigo as experiências e desconfortos do deslocamento (BOSCHILIA, 2012) que é viver entre dois mundos distintos.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Memórias femininas sobre a experiência da diáspora haitiana

Roseli Boschilia (UFPR)

O deslocamento de haitianos para o Brasil tem sido considerado um fenômeno migratório de grandes proporções desde a ocorrência do terremoto que devastou o país caribenho em janeiro de 2010. Segundo dados da Polícia Federal, até setembro de 2014, ingressaram no Brasil mais de 39 mil haitianos na condição de residentes permanentes. Ao lado destes imigrantes, sabe-se que existe um percentual semelhante constituído por haitianos que entraram clandestinamente no país. Deste total, de acordo com o Conselho Nacional de Imigração (Cnig), 40% dos imigrantes estão concentrados na Região Sul e a cidade de Curitiba se apresenta como um dos polos de atração para estes imigrantes. Embora a capital paranaense abrigue preferencialmente imigrantes do gênero masculino, as mulheres haitianas também estão presentes no cenário urbano, desenvolvendo atividades em áreas tradicionalmente voltadas ao universo masculino, como a construção civil e o trabalho em postos de combustível. Ancorada em discussões teóricas sobre memória, autobiografia e subjetividade a comunicação objetiva refletir sobre a experiência da diáspora, tendo como foco mulheres haitianas que trabalham nas áreas mencionadas.

“Eu não tenho uma história tão longa quanto do meu avô, por exemplo, que saiu da guerra”: memórias de netos de refugiados da Segunda Guerra Mundial no Brasil

Méri Frotscher (UNIOESTE), Marcos Nestor Stein (UNIOESTE)

Esta comunicação visa apresentar uma análise de fontes orais realizadas com descendentes de refugiados da Segunda Guerra Mundial que vivem no município de Guarapuava, estado do Paraná. Trata-se de membros de um grupo, constituído por cerca de 2.500 pessoas, que se auto identificam como suábios do Danúbio – Donauschwaben –, os quais, no início da década de 1950, imigraram para o Brasil na condição de refugiados de guerra e se estabeleceram no referido município, onde fundaram a colônia Entre Rios. A análise aborda as narrativas de quatro netos de imigrantes, nascidos nas décadas de 1970 e 1980, buscando problematizar como cada uma estabelece relações entre sua história de vida/familiar e narrativas que constroem um determinado sentido histórico para os suábios na Europa e na colônia Entre Rios. As entrevistas foram realizadas por meio do projeto de pesquisa intitulado “Deslocamentos e (des) encontros: refugiados da II Guerra Mundial e brasileiros em Guarapuava – PR,” financiado pelo CNPq.

Músicos uruguaios no exílio: para uma ideia de América Latina

German Adolfo Ocampo Sterling (Universidad de Salamanca),

Geni Rosa Duarte (Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE)

Este trabalho tem por objetivo problematizar o processo de resistência aos regimes ditatoriais dos músicos no exílio, nas décadas de 1970 e 1980, tendo como foco o agrupamento uruaio Camerata Punta del Este. Este conjunto musical, que transitava entre o erudito e o popular, depois de participar ativamente na consolidação da Frente Ampla no

Uruguai no início da década de 1970, sofreu perseguições, tendo seus integrantes sido presos e posteriormente forçados ao exílio no México. Nesse país de acolhida desempenharam importante papel ao participar da organização das “Jornadas del Exilio Uruguayo” para as quais foram convocados importantes músicos da nova canção latino-americana, alguns deles ainda em início de carreira. Essas jornadas, assim como a intensa atividade cultural de denúncia em outros palcos aos regimes militares espalhados pela América Central e do Sul, contribuíram para que diversas gerações se apropriassem da ideia de América Latina, na medida em que músicas e letras a propagavam, agora mais militante e popular do que antes.

O indivíduo como valor: errâncias de um militante político no exílio europeu

Marcos Gonçalves (Universidade Federal do Paraná)

O “indivíduo como valor” é uma noção proposta por Alberti (2013) como paradigma claramente infiltrado na história oral. Um paradigma que possui, portanto, certa capacidade de totalização, a partir da apreensão sobre as vivências e experiências singulares dos sujeitos diante de fenômenos coletivos de grandes dimensões. A comunicação pretende discutir a experiência individual da militância política cujo locus é o exílio. O trabalho é um desdobramento de pesquisas realizadas sobre o refúgio de argentinos no Brasil dentro do contexto das duas ditaduras militares na década de 1970, e o correspondente fenômeno do exílio como “acontecimento de massa” na recente história de violência política do cone sul. Especificamente, delinheio as “errâncias” exilares do ex-militante da Organização Política Montoneros, Miguel Fernández Long com base em depoimentos, entrevistas e declarações testemunhais. Dialogo com as interpretações historiográficas sobre Montoneros; assim como problematizo e/ou indago até que ponto a história de experiências individuais pode representar um desafio de natureza analítica e operativa para a compreensão de fenômenos como o desterro político.

Colônia Bella Vista: um espaço construído pelas práticas sociais dos imigrantes italianos – A alimentação como prática de identificação étnica

Cleusi Teresinha Bobato Stadler

(Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná)

O saber culinário, a alimentação dos italianos pertence à memória, as lembranças, ela está no dia-a-dia dos descendentes de imigrantes. Como um dos capítulos da Dissertação de Mestrado, a motivação para escrever este artigo vem da vontade de compreender o modo simples da alimentação dos italianos através da observação e de narrativas orais, bem como de fotografias, destacando o saber culinário dos imigrantes italianos que vieram em 1896, para Ribeira, Colônia Bella Vista e Pinho de Baixo, no interior de Imbituva/PR. Partindo do pressuposto que o alimento e suas práticas de elaboração podem revelar a identidade étnica de um grupo é que se busca compreender como os imigrantes italianos reelaboraram suas tradições e práticas cotidianas através da alimentação, principalmente na elaboração de seus pratos principais como a polenta, o raditi e a macarronada. Palavras-chave: narrativas orais; memória; alimentação italiana; colônia Bella Vista.

Aposentadoria e vida na cidade: memórias de mulheres em Marechal Cândido Rondon – PR

Gladis Hoerlle (Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

Este trabalho tem como propósito apresentar pesquisa de Mestrado em História, baseada em narrativas de mulheres idosas, que quando jovens trabalharam na agricultura

e, depois de aposentadas, foram morar no espaço urbano de Marechal Cândido Rondon, Oeste do Paraná. Todas as entrevistadas viveram no campo, são filhas e esposas de pequenos agricultores, que casaram jovens e migraram dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para o Paraná nos anos 60 em busca de melhores condições de vida para sua família através da reprodução de seu modo de vida camponês. Através de entrevistas de histórias de vida, analisamos a experiência da migração e as relações campo-cidade ainda existentes, os estranhamentos e a progressiva adaptação à cidade, bem como a construção de novas relações de pertencimento. Além disso, procuramos perceber as mudanças nos papéis sociais e nas sociabilidades destas mulheres, o empoderamento adquirido pela conquista da aposentadoria e os significados que atribuem a este processo.

Entre pontes e muros: experiências urbanas de estudantes universitários imigrantes na UNILA (2007-2015)
Thiago Reisdorfer (UDESC)

Esta comunicação tem por objetivo pensar historicamente vivências de jovens estudantes universitários latino-americanos da Universidade Federal de Integração Latino Americana – UNILA. Neste sentido, pretendo abordar e problematizar experiências e vivências constituídas na relação cidade-universidade. Estas são aqui entendidas enquanto processualidades históricas em contínua (re)construção, expressas e elaboradas nas narrativas orais, tomadas como fontes centrais para a análise e discussão. Para tanto, toma-se enquanto recorte histórico o período entre os anos de 2007, momento de fundação da Unila à 2015, momento em que se constrói a pesquisa. Tanto a condição transfronteiriça, quanto as transformações e construção de temporalidades experimentadas na Unila contribuem para uma reconstrução identitária. Buscamos compreender como o diálogo intercultural construído na relação universidade/cidade/fronteira permite uma ressignificação de sentidos atribuídos por esses sujeitos tanto a si mesmos quanto a suas relações com a sociedade.

24 – Povos, Comunidades Tradicionais e Grupos Populares: oralidades, memórias e imagens

Coordenadores: CARMO THUM (Doutor(a) – FURG), JOSÉ WALTER NUNES (Doutor(a) – UNB)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Oralidade e práticas educacionais: o caso da etnoeducação musical Apinayé

Wallace Rodrigues (Universidade Federal do Tocantins – UFT)

Este trabalho faz parte da tese de doutorado apresentada ao programa de Doutorado em Humanidades da Universiteit Leiden (Países Baixos), em 2015, e busca focar na força da oralidade nas práticas de etnoeducação musical Apinayé. Ele busca deixar ver como ocorre o processo de ensino-aprendizagem tradicional do povo indígena Apinayé (TO) pela via da confecção dos seus instrumentos musicais. Para tanto, foquei nas informações básicas sobre este povo, nos seus instrumentos musicais e nos efetivos resultados educacionais da pesquisa bibliográfica e de campo. O título mostra a denominação “etnoeducação musical” por se tratar dos métodos de educação tradicional de um povo indígena e não de sua educação escolar. Assim sendo, pode-se perceber que a educação Apinayé, entendida a partir da confecção de seus objetos musicais, ocorre em espaço diferente daquele

da sala de aula de uma escola convencional. Além disto, as relações sociais de consanguinidade e de substâncias mostraram-se extremamente importantes para esta forma de etnoeducação musical.

Granja do Salso: Cultura, Histórias, Saberes e Escolarização no contexto dos Campos Neutrais

Eneusa Mariza Pinto Xavier
(Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilino Patella)

O presente trabalho de pesquisa traz análises e reflexões sobre a comunidade da Granja do Salso, localizada no interior do Município de Santa Vitória do Palmar, território dos campos neutrais, relatando vivências e experiências adquiridas no contexto rural. O processo da pesquisa teve por base os princípios da pesquisa qualitativa, sendo que os instrumentos de pesquisa utilizados foram a observação, descrição do contexto local, entrevistas, história oral valorizando as memórias individuais e concepções da comunidade. O Lócus da investigação teve base no entorno da Granja do Salso. Analisando os dados obtidos surgiram reflexões sobre a realidade da comunidade, problematizando o modelo de educação atual. A fundamentação conceitual da Educação do Campo permitiu questionar e sugerir reformas e aperfeiçoamento do processo educativo aplicado na Escola da comunidade que é utilizada como referência na localidade, propondo a possibilidade de Educação de Campo e Pedagogia da Alternância, considerando que o contexto da cultura local, os saberes e as práticas de uma escola situada no território dos campos neutrais necessitam ter ação formativa dentro de suas características próprias.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias da Dança Cigana no Rio Grande do Sul

Juliana Fernandes Lorenzoni (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este trabalho trata do aparecimento e a popularização da dança cigana no Rio Grande do Sul. Os ciganos tem uma cultura ágrafa não registrando suas danças em livros ou manuais. O objetivo é identificar e registrar como surgiu e se difundiu a dança cigana no estado, inicialmente na região metropolitana, através de uma abordagem histórico-cultural. Pretende-se fazer um mapeamento das professoras pioneiras em atuação no estado e compreender as fontes de conhecimento das técnicas utilizadas. Através de uma pesquisa fundamentada na história oral, tentarei entender como essa dança surgiu e o que a fez ter uma difusão e ampliação de público praticante nos últimos anos. A pesquisa será desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de Dança/UFRGS com previsão de resultados para o ano de 2016.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Autobiografia na infância pomerana: a narrativa como processo de autoreferência na cultura

Isabella Ferreira Cardoso (Universidade Federal do Rio Grande)

O processo narrativo dos modos de viver e festejar caracteriza uma das vertentes do segmento de Povo Tradicional Pomerano, organizado por meio de pesquisas temáticas sobre a cultura local nos permite entrar em contato com lógicas de representação e modos de pertencimento. Os dados de pesquisa derivam ação formativa desenvolvida em escola básica em parceria com a universidade. Analisamos os processos de autoreferência na cul-

tura, as peculiaridades do segmento, as recorrências identitárias. Partindo das narrativas dos sujeitos, problematizamos as estratégias de narração propostas, tematizamos os dados constitutivos da cultura local narrada. Buscamos compreender as principais marcas que demarcam e suportam seus modos de narrar a vida no território da cultura local.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Autobiografia na infância Pomerana: a narrativa como processo de autoreferência na cultura

Gabriela Corrêa Lopresti (Universidade Federal do Rio Grande)

O processo narrativo dos modos de viver e festejar caracteriza uma das vertentes do segmento de Povo Tradicional Pomerano, organizado por meio de pesquisas temáticas sobre a cultura local nos permite entrar em contato com lógicas de representação e modos de pertencimento. Os dados de pesquisa derivam ação formativa desenvolvida em escola básica em parceria com a universidade. Analisamos os processos de autoreferência na cultura, as peculiaridades do segmento, as recorrências identitárias. Partindo das narrativas dos sujeitos, problematizamos as estratégias de narração propostas, tematizamos os dados constitutivos da cultura local narrada. Buscamos compreender as principais marcas que demarcam e suportam seus modos de narrar a vida no território da cultura local.

Conhecendo as Comunidades, Fortalecendo Saberes

Noris Beatriz Costa Ney (Municipal), Marcia Regina Bierhals (Municipal)

O projeto Conhecendo as Comunidades, Fortalecendo Saberes, realizado na E. M. E. F. Francisco Frömming, surgiu da necessidade dos professores conhecerem as localidades e a realidade em que os alunos estão inseridos, devido ao distanciamento da prática do professor com contexto cotidiano dos alunos. Este proporcionou a todos a construção de novos conhecimentos, considerando as finalidades da educação na busca da aprendizagem e valorização das histórias locais que integram a comunidade escolar, fortalecendo a aproximação e integração com as mesmas. O projeto fortaleceu a valorização da cultura local e povos tradicionais, motivando os alunos a terem um olhar crítico e transformador sobre o meio onde se encontram inseridos, os tornando sujeitos de ação e construtores de saberes com o professor mediando o processo, resultando na publicação de um livro.

O protagonismo da infância campesina: a fotografia em diálogo com as narrativas infantis

Jeruza da Rosa da Rocha (Universidade Federal de Rio Grande)

Temática sistematizada a partir de dados do Programa de Extensão do Núcleo Educamemória. Contou com a colaboração e (co) produção de quatorze crianças do 4º ano e educadoras da escola Carlos Soares da Silveira. O objetivo foi compreender como as crianças percebiam espaços que constituem o contexto campesino de cultura pomerana por meio da fotografia e narrativas infantis. Nesta direção foram realizadas fotografias pelas crianças, que sinalizaram os espaços de sociabilidade, lazer, brincadeira e vida do campo. Processo de Roda de diálogo com as crianças e a projeção das imagens culminando em reflexões e diálogo coletivo e potente entre as crianças em relação à cultura pomerana e espaços que constituem a vida do campo.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Agô: cultura e resistência no candomblé brasileiro

Aline Baliberdin (Faculdade Sumaré)

A religião conhecida por Candomblé no Brasil nasceu de uma série de sincretismos religiosos, sendo essencialmente envolta em mistérios e segredos, fundamentos que só os iniciados podem conhecer. Muitas das informações sobre a religião tiveram que permanecer ocultas, sendo revelada apenas à seus adeptos por meio da oralidade e da repetição que segue por gerações de candomblecistas. Para que se mantivessem vivas na memória as histórias contadas por seus ancestrais (os mitos e deuses de sua nação), era necessário que estas não cessassem de ser contadas, transmitidas incansavelmente em forma de reza, canto e dança. Os ritos criaram raízes resistentes na cultura brasileira, conservando em muitos casos, sua originalidade litúrgica e visão cosmogônica de matriz africana vivas no Brasil.

Devoções e práticas religiosas no vale do Iguape – Recôncavo Sul da Bahia

Alaíze dos Santos Conceição
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

A região do Recôncavo baiano é antiga conhecida dos historiadores brasileiros, por ter sido palco de diversas experiências econômicas e culturais, sobretudo das populações negras desembarcadas via diáspora africana, com predominância dos povos jejes, nagôs, angola e mina. A confluência cultural possibilitou o surgimento de um emaranhado de crenças e práticas religiosas imbricadas no cotidiano dos indivíduos. Sob esse cenário a pesquisa propõe uma reflexão a respeito da dinâmica religiosa presente na região e sintetizada no início do século XX em torno do culto aos caboclos. Pretendo compreender a dinâmica das religiosidades negras (crenças, ritos e signos), cuja incorporação de entidades e espíritos demarca o espaço cultural, ou seja, interessa-me aqueles indivíduos cuja experiência religiosa abarca a posse do corpo, atentando para as possíveis intervenções feitas em tempos de epidemias e risco de doenças na comunidade. Nesse sentido, as correspondências emitidas no início do século XX pelos órgãos públicos de saúde, o código sanitário da Bahia, bem como as fontes orais, constituirão fontes necessárias para a concretização da pesquisa.

Entre lugares e falas: oralidade/s de mulheres quilombolas na Bahia

Silvana Santos Bispo (Secretaria da Educação do Estado da Bahia)

A presente proposta busca explicitar as vivências, experiência e memórias de mulheres negras quilombolas em torna da construção de suas identidades em alguns municípios do Estado da Bahia. Frente à multiplicidade de perspectivas propostas pela história oral em termos de novos objetos e fontes, procuro analisar e entender as formulações teóricas e as demandas organizacionais das quilombolas a partir do discurso oral, priorizando como escolha das fontes, ouvir as vozes dessas mulheres. Através da preservação da memória, articulada a história oral, registramos as tensões, antagonismos, ambiguidades e suas conquistas. Desse modo, a partir do entendimento de que as mulheres apresentam diferenças e que estas se traduzem em demandas específicas nos mais diversos movimentos sociais, inserimos as intersecções dos saberes dessas comunidades tradicionais as experiências construtivas desses sujeitos. As fontes orais utilizadas nesta comunicação serão os depoimentos recolhidos com mulheres lideranças quilombolas em algumas comunidades de municípios baianos.

Comunidades negras no Rio de Janeiro: identidade quilombola e religiosidade

Ione Maria do Carmo
(UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

A reflexão sobre a historicidade das comunidades negras da contemporaneidade nos conduz a discutir a ligação desses grupos com a história da escravidão no Brasil, seja pela descendência dos antigos quilombolas, seja por possuírem uma memória coletiva pautada na ancestralidade escrava, ou ainda na identidade étnica e cultural africana e negra. Nessa perspectiva, a revitalização e o fortalecimento das práticas culturais de matriz africana poderiam ser tratados de forma naturalizada quando tratamos sobre a questão da construção da identidade quilombola. No entanto, se optarmos por um outra escala de observação veremos que nem todas as comunidades quilombolas da atualidade se apoiam nos referenciais culturais de matriz africana. O que percebemos é que a identidade religiosa dessas comunidades influencia na escolha da revitalização de determinadas práticas culturais que contribuem na legitimação da reivindicação pela identidade quilombola e na luta pela posse da terra. Nesse sentido, busca-se identificar no campo religioso desses grupos elementos significativos na construção de sua identidade quilombola, levando em consideração a pluralidade religiosa desses grupos.

As linguagens de liderança evangélica na Comunidade Gólgota de Curitiba/PR na contemporaneidade
Maralice Maschio (UFPR)

A presente comunicação objetiva dialogar, comparativamente, com uma entrevista oral concedida pelo pastor da Gólgota, que compõe o arsenal de entrevistas da tese de Doutorado, juntamente com uma entrevista, concedida pelo mesmo pastor, ao programa Destaque/SBT, ambas no mesmo ano. A intenção é problematizar as diferentes linguagens utilizadas pelo líder da instituição para difundir a mensagem religiosa e construir uma tradição no cenário evangélico contemporâneo. Problematizar-se-á como os dois modelos de fontes escolhidos representam práticas culturais de um grupo, a partir de seu fundador, propondo uma identidade e pertencimento religioso para seus fiéis (jovens undergrounds), construindo a história de uma instituição recente na cidade, incorporando linguagens simbólicas do próprio público-alvo. Abrir-se-á um leque das tensões em torno de diferentes culturas (tradicionais e modernas) em contato, mas pertencentes a um mesmo campo: o religioso evangélico.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Entre o medo e a glória: oralidade e memórias de lutas cabanas no campo

Ana Renata do Rosário de Lima Pantoja
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará)

A Cabanagem como movimento social e político continua despertando interesses 180 anos depois. A pesquisa arquivística foi sugerindo a necessidade de conhecer mais territórios no interior da Amazônia que se consagraram como fortes palcos das lutas. Assim, outras memórias do movimento cabano foram emergindo. Nas fronteiras da História e Antropologia, por meio do trabalho de campo e a metodologia da história oral, foi possível rastrear experiências de lutas cabanas no campo. Os moradores da comunidade rural do Cuipiranga (Baixo Amazonas), quatro horas de Santarém, Quartel General dos Cabanos no século XIX, recuperam por meio da memória, traços afroindígenas dos antigos cabanos

rebelados que se fixaram no lugar no tempo de glória, seus possíveis projetos por sobrevivência enquanto senhores estiveram da terra. Por outro lado, as narrativas orais também revelam sentimentos de medo e pavor dos “tempos cabanais” e seus revoltosos, associados à crueldade e destruição, não descansando até “cabar com tudo”. Assim, a relativa identificação como descendentes dos “rebeldes cabanos”, novos sonhos, lutas e necessidades da comunidade no tempo presente, são as questões que instigam esta pesquisa.

Trabalhadores extrativistas: memória e história da luta pela terra na Amazônia

Rafaele Costa Flexa (Universidade Federal do Amapá)

Entre as décadas de 1980-90, na Amazônia, um movimento articulou-se em resistência ao modelo de desenvolvimento brasileiro que se impunha, com destruição da natureza e expropriação dos trabalhadores extrativistas. As unidades de conservação instituídas foi resultado do esforço coletivo das demandas desses amazônidas. A história de luta, a ocupação das terras amazônicas constitui como temas relatados pelos extrativistas. Ainda, os espaços de produção familiar, a forma de propriedade da terra, que marcam entendimento da forma diferenciada de apropriação da natureza conduz as narrações de uma memória viva da identidade desse grupo. À luz dessas descrições, as entrevistas realizadas com moradores antigos e lideranças locais do Sul do Amapá, compuseram como ferramenta indispensável que conduziram metodologicamente a referida pesquisa, além de um referencial teórico e documental como suporte comparativo. Assim, deve-se ressaltar a memória coletiva dos extrativistas, visto que muitos ainda estão vivos e podem nos propiciar através dos relatos à recente história de lutas do espaço rural amazônico. Palavras-chave: Extrativistas. Memória. História. Luta pela terra.

Patrimônio e memória: a história oral e a compreensão das práticas culturais no agreste alagoano

Francisca Maria Neta (Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL),

José Adelson Lopes Peixoto (Universidade Estadual de Alagoas)

Este trabalho busca fazer um estudo sobre o uso da história oral como ferramenta metodológica para compreender as práticas culturais no agreste alagoano através das manifestações da cultura popular e sua perpetuação patrimonial. O objetivo é entender como as lembranças e esquecimentos constituem a memória local e como essas memórias interferem no cotidiano dessa localidade. O estudo será contextualizado a partir dos conceitos de memória coletiva e de patrimônio cultural ancorados nos seguintes autores: Roger Chartier, Le Goff, Joel Candau, Pelegrini & Funari, Meihy & Holanda e Verena Alberti. A metodologia tem o suporte no uso da história oral como instrumento teórico-metodológico e será instrumentalizada através de entrevistas, relatos, história de vida, iconografias para elicitação de memórias e identificação e classificação do patrimônio material e imaterial. Tais ações serão tomadas como marco inicial para análises posteriores a partir das informações fornecidas pelos entrevistados. Destarte, pretende-se investigar as práticas culturais existentes nas comunidades locais.

Povo Tradicional Pomerano: Diálogos Interculturais

Erineu Foerste (UFES)

O trabalho discute aspectos do documentário “A estrada silvestre” (2010), em que culturas e saberes de Povos Tradicionais como os Guarani, Quilombolas e Pomeranos dialogam e problematizam o projeto burguês de desenvolvimento. Parte-se do suposto de que

este diálogo entre as culturas e saberes tradicionais promove o fortalecimento de lutas coletivas dos excluídos por direitos sociais, negados a eles historicamente. Este movimento vem sendo denominado em nossas investigações de práticas de interculturalidade. Os sujeitos oprimidos abrem possibilidades concretas para a construção coletiva de propostas alternativas de vida para todos, em que a dignidade, a solidariedade, o direito à palavra, bem como a valorização de práticas agroecológicas na produção das existências materiais e simbólicas das pessoas são realizadas de forma permanente. Plavras-chave: Povos Tradicionais; Culturas; Saberes; Interculturalidade; Diálogo.

Lingua Pomerana: Da oralidade para a escrita – Trajetória da EMEF Martinho Lutero

Cristiane Siefert Neuenfeldt (Municipal)

A valorização da cultura local sempre norteou a proposta da pesquisa e do registro da história e memória das famílias e do entorno da E.M.E.F. Martinho Lutero, localizada na zona rural do município de São Lourenço do Sul, inaugurada no ano de 2008. Até 2014, a escola trabalhava com os aspectos da história e das memórias da cultura pomerana apesar da língua pomerana sempre ter estado presente no ambiente escolar e nos lares dos alunos. Foi em 2014 que a escola acreditou que seria possível iniciar o trabalho com a escrita frente a caminhada de seus integrantes. A falta de formação de professores, mesmo que falantes do idioma, mas não habituados à escrita e a falta de material didático são ainda um desafio para a inserção da língua pomerana no currículo. Mas a compreensão da necessidade de contribuir para que os pomeranos tenham o registro da sua fala que por tantos anos sobreviveu apenas na oralidade e nos dias atuais está ameaçada pelas rápidas mudanças da sociedade, configura o compromisso da escola com a sua comunidade, o de estar contribuindo para que as futuras gerações tenham condições de evoluir sem perda da sua identidade própria, registrando a memória oral dos pomeranos.

Narrativas Femininas do Ensino Superior Indígena na UNIFESSPA

Tatiana de Oliveira Santana (Universidade Federal de Santa Catarina)

Narrativas Femininas do/no Ensino Superior Indígena na UNIFESSPA Utilizando-se de suportes teóricos/metodológicos baseado na história oral, a presente pesquisa, ainda embrionária, apoia-se em uma pesquisa ação com viés etnográfico, trabalhando com o recorte temporal de narrativas femininas no/do ensino universitário de duas mulheres, pertencentes a povos originários distintos, na região do sul e sudeste do Pará, discentes de cursos de graduação na Unifesspa, a partir do período recente das políticas afirmativas. Tendo como objetivo compreender essa recente política de acesso ao ensino superior numa perspectiva histórica, dialogando com categorias de análise sobre história, memória, experiência e narrativas, vislumbrando a aproximação com outras categorias teóricas que surgem a partir de uma abordagem decolonial, que pensam e analisam a história a partir de seu lugar, de seus sujeitos, valorizando seus conhecimentos.

Uma Mulher Pomerana no Brasil: Culturas, Línguas Germânicas e Educação

Mônica Nickel (Universidade Federal do Espírito Santo)

Este trabalho aborda questões sobre rupturas e transformações culturais na virada para o século XXI em diálogo com uma mulher pomerana, na cidade de Domingos Martins, no Estado do Espírito Santo, onde se falam as línguas germânicas Pommerisch e Hunsrückisch. Apesar destes povos terem chegado há quase dois séculos ao Brasil ainda

mantêm suas línguas de imigração (Altenhofen: 2011; Foerste: 2015). Nesse cenário, desenvolvem-se processos e movimentos históricos que resultam na mudança do estilo de vida da mulher das cidades e campesina na sociedade (Merler; Foerste; Schütz-Foerste: 2014), como é o caso da professora primária Hilda Braun. Através dela, a voz feminina defende a implantação de programas públicos locais pela valorização das línguas e culturas germânicas. Com sua participação desenvolve-se o Curso de Línguas e Culturas Germânicas, ofertado pela Universidade Aberta do Brasil em Domingos Martins – ES, em parceria com a Associação da Cultura Alemã no Espírito Santo e o Programa de Educação do Campo da UFES, com apoio do Consulado Alemão no Estado do Espírito Santo. Entre seus objetivos, destacam-se: promover conhecimentos teóricos e práticos das culturas e línguas germânicas.

Sob o avental das cozinheiras, outros saberes em torno da merenda escolar: oralidade e imagem na interpretação de experiências de mulheres em escolas rurais – Paranoá/Distrito Federal

Virginia Litwinczik (Servidora pública)

Por meio do trabalho em questão, pretendo aprofundar algumas das minhas reflexões feitas a partir de pesquisa com mulheres que trabalham como merendeiras em duas escolas rurais do Distrito Federal, tecendo considerações sobre o uso de imagens para a interpretação de suas memórias de experiências, rememoradas no presente e materializadas em narrativas orais por mim registradas. Interpretar essas experiências sobre a elaboração da merenda escolar pela imagem de alimentos e saberes “levados sob o avental”, abre a História para que essas memórias sejam interpretadas e articuladas de modo não linear, mas pela descontinuidade e a semelhança. Desse modo, opto por construir uma narrativa que escape de concepções de História como uma progressão incessável rumo ao futuro, sequenciada como contas num rosário, e defendo ser possível entrever, por meio dessas interpretações, junto com essas mulheres, futuros possíveis que se delineiam a partir desses lampejos da Memória, no presente da pesquisa.

Educação: Memórias de Uma Comunidade Descendente de Pomeranos no Espírito Santo – Brasil

Edineia Koeler (Universidade Federal do Espírito Santo)

Este trabalho discute memórias e experiências no processo educativo do Povo Tradicional Pomerano (Decreto 6.040/2007) da comunidade de Alto Santa Maria – município de Santa Maria de Jetibá/ES/Brasil. Problematizam-se práticas de uma professora pomerana em sua comunidade. Recorre-se ao romance Canaã (Graça Aranha, 1901), para contextualizar os conflitos, dificuldades e o abandono dos pomeranos no período da imigração. Busca-se fundamentação teórica no professor crítico, com ênfase na valorização das culturas locais (Freire: 2005; Faundez: 2012). O estudo beneficia-se de debates sobre comunidade (Tönnies, 1995; Buber, 1987) e de Comunidade Tradicional (Brandão, 2012). A coleta e análise de dados tomaram por base abordagens qualitativas, enfatizando o estudo da memória oral (Galvão, 2010; Simpsons, 1996). Pode-se afirmar que a comunidade dispensa atenção especial aos anos iniciais de escolarização, destacando a importância de a professora pertencer ao mesmo grupo étnico cultural. As experiências escolares são mencionadas mais tarde pelos moradores, destacando o cuidado da professora com a cultura e língua pomeranas que é lembrado de forma positiva pelos alunos e comunidade em geral.

Aspectos memoriais e históricos de Giruá: a festa do Butiá na fala de sua população

Adriana Aparecida Felini (Unilasalle)

A Festa do Butiá é uma festa temática realizada na cidade de Giruá, situada no noroeste do Rio Grande do Sul. O objetivo deste trabalho é analisar a Festa do Butiá em sua trajetória, origem e desenvolvimento, investigando os contextos históricos e sociais de ocorrência e principais componentes nas dez edições realizadas entre 2003 e 2016. Os dados que compõem o corpus da pesquisa fazem parte da pesquisa de mestrado FESTA DO BUTIÁ EM GIRUÁ: MEMÓRIAS E TRAJETÓRIA em andamento, que busca compreender tal evento enquanto festa temática e, a partir de pesquisa bibliográfica, documental de campo e história oral, investigar as circunstâncias socioculturais e históricas que favoreceram a sua criação. Para as entrevistas com os fundadores, organizadores e expositores da festa será utilizada a história oral como método. Na análise parcial dos dados, observamos as relações entre memória e identidade da Festa do Butiá, o comprometimento dos giruaenses em trabalhar a festa, potencializando a história do município em relação ao butiá. Deste modo, espera-se relacionar os resultados obtidos com o conceito de memória e seus aspectos históricos.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

No frenesi de uma vila operária: histórias de vida, cultura e sociabilidades em Fernão Velho (Maceió-AL, 1940-1950)

Marcelo Góes Tavares (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)

Fernão Velho, uma vila operária e território privado em Maceió/AL nas décadas de 1940 e 50. Esta pertencia à Fábrica Carmen criada em 1857. A vila possibilitava moradia e assistência às famílias operárias, mas também o controle. Sucediavam-se sociabilidades no trabalho, na escola, no divertir-se, nos limites da vida privada e familiar distinguindo-se das esferas públicas. Um território que pulsava cotidianamente com práticas culturais e múltiplas cenas. Um frenesi de vida, mas também de histórias. Com este artigo se propõe narrar histórias em Fernão Velho mobilizando relatos orais de operários, fotografias, entre outras fontes. Trata-se de uma operação historiográfica que possibilita simultaneamente um processo de (re)elaboração de memórias. Na tessitura destas, vislumbra-se a recuperação da experiência operária em meio a diferentes vozes que relatam vidas, tramas, tensões e lutas políticas dos trabalhadores durante o período democrático. Do mesmo modo, dar-se evidência às lições desses narradores como legados para o tempo presente e atuais demandas de cidadania, ensejando outras formas de (re)apropriação do território urbano, da cultura e usos políticos da memória.

Guilherme Weingärtner: um sujeito presente na memória coletiva de uma região

Carla Rejane Barz Redmer Schneid

(Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul)

O estudo dos bens culturais de comunidades tradicionais leva-nos a refletir sobre os modos de viver, os modos de produzir e os modos de viver destes grupos ao longo da História. Neste sentido, apresenta-se através deste trabalho, um estudo feito na comunidade pomerana da Serra dos Tapes, principalmente na região de São Lourenço do Sul-RS, sobre a vida e o trabalho de Guilherme Weingärtner, que atuou em diversas áreas da saúde

na região interiorana de São Lourenço do Sul estando o seu trabalho e suas particularidades ainda hoje presentes na memória coletiva das pessoas da região. O objetivo é manter em fontes escritas a história de um sujeito que teve papel fundamental na história do município, principalmente no que se refere ao tratamento e à cura de enfermidades numa época em que o acesso a médicos e hospitais era sinônimo de grandes dificuldades. Esse indivíduo merece destaque na história de São Lourenço, pois até hoje, em reuniões ou conversas entre grupos de pessoas, muitas vezes ele é lembrado de diversas formas: por vezes respeitado como “salvador” de muitas vidas e outras vezes com histórias pitorescas quanto a sua maneira de curar.

Trançado e tramas na Terra Indígena Foxá: O comercializar do artesanato na Cidade de Lajeado/RS
Emelí Lappe (Centro Universitário UNIVATES)

Os Kaingang integram a família linguística Jê. Do ponto de vista demográfico, constituem um dos mais numerosos povos indígenas do Brasil Meridional, somando aproximadamente trinta e oito mil indivíduos. No Vale do Taquari, os Kaingang vivem em áreas urbanas da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas e estabelecem ligação simbólica e ecológica com o território. Este trabalho é parte da pesquisa que realizamos para a dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Univates. O estudo objetiva analisar a confecção e comercialização do artesanato Kaingang e a relação dos indígenas com a sociedade urbana em Lajeado. A metodologia é qualitativa, de cunho interdisciplinar e os procedimentos metodológicos consistem na revisão bibliográfica, pesquisa documental e fontes orais, obtidas por meio de entrevistas e diário de campo e serão analisados por meio de teóricos da cultura e da sustentabilidade. O trançar do artesanato é parte integrante da cultura Kaingang, faz parte de uma rede de reciprocidade que é transmitida de geração para geração e consiste em uma expressão material de sua visão de mundo onde todos participam de forma coletiva da comercialização.

O encontro entre a história de vida de Mestre Alcides, a memória e a cultura oral na luta por uma educação partilhada

Roberta Navas Battistella (USP)

A presente proposta de artigo tem como base uma discussão interdisciplinar que dialoga com/sobre oralidades e leituras da história da cultura, história oral, educação e sociedade. Por meio do encontro entre a história de vida de Mestre Alcides, Alcides de Lima Tserewaptu, e seus saberes em torno da expansão da cultura afro-brasileira de tradição oral, buscaremos partilhar o conhecimento sobre esta trajetória que caminha por memórias, narrativas e imagens. No início, vivendo em Estrela do Sul, Minas Gerais, o primeiro envolvimento com comunidades culturais afrodescendentes aconteceu na Congada Catupé Cacundé, no âmbito familiar. Posteriormente, vivendo em São Paulo, foi constituindo, desde os anos 80, parcerias formais e informais com o ensino de capoeira e de saberes orais no contexto escolar. Suas atividades atuais como membro da Comissão Nacional dos Griôs, reúne um rico conjunto de lutas voltadas ao reconhecimento da cultura oral como um saber que precisa ser legitimado pelo Estado brasileiro. Esta tradição vivida e constituída por ele no cotidiano, transpôs os níveis institucionais do universo da educação e do ensino e abriga uma riqueza genuína para uma reflexão acadêmica.

A atuação de padre Alfredo Dâmaso e suas contribuições para o reconhecimento étnico de povos indígenas no Nordeste contemporâneo

Deisiane da Silva Bezerra (Associação Educacional Francisca Lechner)

Discutiremos a importância da atuação de Pe. Alfredo Dâmaso no processo de mobilizações indígenas em Pernambuco, Alagoas e Norte da Bahia para o reconhecimento e assistência oficial, entre os fins da década de 1920 a meados dos anos 1950. Buscaremos evidenciar as condições sociais e políticas que propiciaram as reivindicações dos índios, bem como estabeleceram uma rede de articulações indígenas e de alianças com autoridades civis e religiosas, a exemplo do Pe. Alfredo, na mediação das relações com o Serviço de Proteção aos Índios/SPI, para a construção de Postos Indígenas como forma de reafirmação da identidade indígena no citado período histórico, em que havia um silenciamento sobre a existência de indígenas na Região Nordeste. A pesquisa será fundamentada em autores como João Pacheco de Oliveira (1994), Edson Silva (2008), José Arruti (1995), Aldemir de Barros Jr (2007), Clovis Antunes (1973) Verena Alberti (2004) e Halbwachs (2004). Utilizaremos fontes documentais disponíveis no acervo do Memorial Pe. Alfredo Dâmaso (Bom Conselho/PE), bem como entrevistas abertas com indígenas idosos em aldeias indígenas em Alagoas que conviveram com o religioso.

25 – Práticas de História Oral: narrativas de memória e a pesquisa em História da Educação

Coordenadores: CLÁUDIO DE SÁ MACHADO JÚNIOR (Doutor(a) – Universidade Federal do Paraná), DORIS BITTENOCURT ALMEIDA (Doutor(a) – Faculdade de Educação/UFRGS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Ouvir/Contar: Memórias de alunos negros do curso técnico em Química do Cefet de Minas Gerais, 1964-1978

Laura Nogueira Oliveira (CEFET MG)

A pesquisa partiu de trabalho realizado nas pastas cadastrais de alunos do Arquivo do Registro Escolar do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Nelas estão acumuladas documentações, cujos dados possibilitaram a construção de um perfil étnico dos alunos ingressos e egressos no curso técnico em Química, no período de 1964-1978. O levantamento de informações, nas certidões de nascimento e nas fotos contidas nos documentos de matrícula, permitiu identificar um grupo minoritário de alunos denominados pardos, morenos e pretos diplomados. A partir do relato de vida de 8 egressos negros do curso, buscou-se: analisar o significado para aqueles jovens estudar em uma escola predominantemente branca; compreender o impacto da formação técnica na vida daqueles sujeitos; discutir o significado das atuais políticas afirmativas implantadas pelo governo federal. À medida que os entrevistados nos contaram suas histórias de vida, percebemos elementos comuns como a origem pobre e a infância passada em regiões periféricas, sem infraestrutura e oportunidades. Mas, sobretudo, as entrevistas revelaram a centralidade da educação na mudança de perspectiva em suas vidas.

Matizes e laços que se cruzam ao badalo dos sinos do ensino religioso do curso primário do Colégio Farroupilha/POA-RS (1940-1970)

Alice Rigoni Jacques (PUCRS)

O objetivo deste estudo centra-se nos fatos e reflexões sobre o ensino de religião do curso primário de um colégio particular e de origem alemã da cidade de Porto Alegre/RS no período de 1940 a 1970. Este estudo está diretamente relacionado com a pesquisa mais ampla, que lida com as memórias da instituição, no contexto de tempo prolongado (1886 a 2008). O trabalho se centra, a partir da reflexão sobre a docência do ensino religioso e a preparação da primeira comunhão, atravessados por uma professora, uma diretora e uma aluna com foco nas suas histórias, tecidas na escola de comunidade laica. A pesquisa é qualitativa, utilizando a metodologia da história oral, com entrevista semi-estruturada e análise de um diário. O referencial teórico baseia-se na perspectiva da história cultural, e memórias como um documento. Autores como Halbwachs (2006) e Bosi (1994), auxiliam na articulação entre memória e contexto sócio-histórico reconstruído pela ótica da história cultural. A memória destes sujeitos permitiu conhecer um pouco sobre estas práticas em uma escola onde a maioria dos alunos era de religião evangélica protestante recompondo a história do ensino religioso no período analisado

Memórias de professores: traçando carreiras e redes profissionais

Eduardo Cristiano Hass da Silva
(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

A pesquisa analisa as Memórias de professores da Escola Técnica de Comércio do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS (1950-1983), a partir de entrevistas realizadas na perspectiva metodológica de história oral. Com o referencial teórico da História da Educação, a preocupação central do trabalho consiste em evidenciar as redes de sociabilidade mantidas entre os docentes, bem como destacar os processos e práticas de ensino. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento, fazendo parte do projeto de mestrado do autor.

Representações da Educação Rural em Pelotas (1930-1960): a professora Raquel Mello

Magda de Abreu Vicente (UFPEL)

Este trabalho tem por objetivo analisar a concepção educativa rural no município de Pelotas – RS, entre as décadas de 1930-1960. A pesquisa faz parte de doutoramento vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFPEL. A metodologia de história oral pretende perceber que representações do rural estavam em voga neste período e evidenciar quais foram os sujeitos que se envolveram com a implantação e manutenção de instituições primárias rurais na cidade. Uma figura destacou-se no que já foi pesquisado: a educadora Raquel Mello, que criou junto a Fundação Rural Cristã, a Escola Primária Rural Santo Antônio em 1932 e a Escola Normal Regional Rural Imaculada Conceição, em 1955. A pesquisa utiliza o referencial teórico-metodológico da História Cultural, estando embasada principalmente nas ideias de Pesavento (2008), Burke (1992), Ginzburg (1989) e Chartier (2001). Sobre a História Oral baseia-se principalmente em Thompson (1992), Amado (1998), Halbwachs (2006) e Amado & Ferreira (1998). O trabalho infere que Raquel Mello foi protagonista no fomento da educação rural na cidade de Pelotas-RS. Palavras-chave: Escola Primária Rural; Educação Rural; Representação.

A cultura escolar através da memória dos autores escolares

Anna Beatriz Ereias Ensslin (Universidade Federal de Pelotas)

Este trabalho objetiva caracterizar a cultura escolar do Instituto Porto Alegre – Departamento de Jaguarão (Ipinha), entre 1942 e 1952, focando mais especificamente na cultura escolar transmitida pelo o “Hino”, a “Flâmula”, “Departamento Esportivo”, “Grêmio Literário Joaquim Caetano da Silva”, através de entrevistas com três ex-alunas e um ex-diretor da escola. A delimitação temporal deve-se ao fato de 1942 ser a data da fundação e 1952 sua encampação pelo Governo do Estado. Este era uma escola metodista, mista com sistema de internato e externato, o internato era somente masculino. Para a construção teórico-metodológica desse trabalho, no que tange à história cultural foram consultados autores como Burke (1992, 2005) e Engell (1993) e Le Goff (1996) e Meneses (1999) para pensarmos as questões relacionadas com a memória. As reflexões acerca da cultura escolar estão baseadas em Frago (1994) e Julia (2001). Para a utilização da história oral nos apoiamos sobre Thompson (2002), Delgado (2010) e Alberti (2004) e Portelli (2010).

Narrativas de memória de ex-moradores da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida – CEUACA (1960-1970): uma reflexão sobre o uso de fontes orais em História da Educação

Marcos Luiz Hinterholz (UFRGS)

A temática da moradia estudantil universitária ainda é pouco visitada pela historiografia, em especial no campo da História da Educação, assim como na produção científica brasileira de um modo geral. Isto pode ser decorrente da redução destes espaços ao seu caráter de assistência estudantil, em abordagens que não os contemplam enquanto lugar de formação e de troca de saberes. Pretendo, a partir das narrativas de memória de ex-moradores da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEUACA), fazer uma reflexão sobre o uso da metodologia da História Oral na produção de fontes para o estudo do universo estudantil universitário de Porto Alegre nas décadas de 1960 e 1970. Concomitantemente, apresentarei alguns resultados parciais desta pesquisa, que tem por objeto uma Casa autogerida, às margens da institucionalidade universitária, onde busco por sentidos, formas de ser/estar estudante naquele período e dentro desta coletividade determinada, amparado em perspectivas abertas pela História Cultural.

Os bastidores de uma pesquisa em história da educação e o uso da história oral: entre as memórias e histórias da criação de um museu histórico universitário

Tatiane Vedoin Viero (Universidade Federal de Pelotas)

Essa comunicação tem por objetivo relatar o uso da História Oral como fonte de pesquisa para a História da Educação através da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo, embasada na Nova História Cultural, onde analiso a gênese e consolidação da criação de um museu histórico na Universidade Federal do Rio Grande-FURG em 1999. Este museu tem por objetivo preservar a memória e a história da universidade. Para tanto, me utilizo de fontes orais por mim realizadas com os servidores que participaram da criação do museu. Em relação aos dados obtidos muitos destes corroboram com as fontes documentais, mas muitos também foram desvelados pelas memórias dos entrevistados, como em relação ao período que antecedeu a criação da universidade, os grupos que estiveram engajados neste processo e, também principalmente, a gênese do museu e a preservação da memória da FURG. Por fim, destaco que a memória possui a capacidade de construir vínculos entre os indivíduos, é um instrumento de identidade, um elemento de coesão social que possibilita o pertencimento dos indivíduos em grupos.

O ensino de História e a invenção de uma tradição cultural: o caso do açorianismo em Garopaba-SC
Rosiane Marli Antonio Damazio
(Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC)

Este trabalho tem por objetivo socializar a pesquisa de campo que venho realizando para compor minha tese de doutorado, provisoriamente, intitulada “O ensino da História Local nos anos iniciais do ensino fundamental: a invenção do açorianismo em Garopaba – SC no final do século XX”. O estudo versa sobre a instituição da tradição açoriana como identidade local. A metodologia utilizada é compatível com a História do Tempo Presente e tem nas fontes orais sua mais consubstanciada metodologia de investigação. Para compor o presente artigo elegi a trajetória de vida de um professor aposentado dos anos iniciais da referida cidade, que se interessava, sobremaneira, pelo ensino de História, sendo responsável pela elaboração dos primeiros textos didáticos a cerca da História Local de Garopaba. Assim, trago discussões sobre memória e identidade, dando a ver que existem disputas e tensões nos processos que inventam tradição, sendo esse um movimento recorrente da contemporaneidade, já que os mais diferentes lugares se sentem pressionados pela globalização e tendem a lutar por uma representação que lhes qualifique a entrar no disputado mercado de venda de imagens para fins turísticos.

História Oral e memória: novas abordagens nas narrativas de memórias no processo da escolarização de pessoas surdas em Teresina-PI, 2015

Veruska Lauriana da Silva de Carvalho (Instituto de Ensino Alegria do Saber)

O estudo trata-se de novas experiências e abordagem na História da Educação de memórias alusivas à escolarização de pessoas com surdez no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS/PI. A pesquisa obteve relatos de vida com a análise dos resultados sobre as potencialidades dos trabalhos de história oral, a partir da formação dos processos de escolarização que representam as práticas sociais estabelecidas pelos sujeitos em um determinado espaço e tempo. Abordou a História da Educação de pessoas com surdez em Teresina. A História da Educação do Surdo e a construção de trajetórias nas formas de vivenciar a escolarização/docência voltada a práticas dos sujeitos ao Ser em um contexto educacional do Fazer construído historicamente na sociedade. A História Oral e as novas realidades da memória através da expressão da oralidade na dimensão corporal, ao universo das sensibilidades das certezas e inquietudes, dos silêncios, dos modos de lembrar e contar, em um metodologia da História Oral do bilinguismo. Assim, os principais aportes teóricos: Errante (2000), Pollak (1989), Halbwachs (2004), Quadros (1997), Vergamini (2014), Vidal (1998).

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Ginásios Vocacionais: ensino renovado ou subversivo?

Suely Ramos da Silva (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo)

Este é o trabalho de História oral, que vem sendo desenvolvido no antigo Ginásio Vocacional Cândido Portinari, na cidade de Batatais, em São Paulo. Uma escola que fez parte do Sistema de Educação Vocacional, implementado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em seis cidades, entre 1962 e 1969. Era um projeto educacional considerado de vanguarda, na época, pois os estudantes já permaneciam na escola, em período

integral e havia, também, uma preocupação com a formação técnica e profissional dos mesmos. Filosoficamente, possuía caráter humanista e desde cedo, os educadores desenvolviam a consciência política dos alunos preparando-os para conhecer sua realidade e transformá-la. Esse tipo de escola, que formava alunos participativos e engajados na solução dos problemas de suas comunidades, não agradou ao Governo Militar que, precocemente, abortou o projeto, considerando-o subversivo para a educação dos jovens. As escolas foram invadidas e os acervos de documentos retirados, pelos militares. Recuperar a memória desta escola por meio da História oral é o objetivo, deste projeto.

O processo seletivo para ingresso no Colégio de Aplicação da UFRGS: memórias de professoras (1954-1983)

Valeska Alessandra de Lima (UFRGS)

Este estudo toma como objeto de investigação as memórias de antigas professoras do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especificamente, a pesquisa procura analisar as memórias relacionadas às provas de seleção para ingresso de alunos no Curso Ginásial e 1º grau, entre os anos 1954 e 1983, período no qual o processo seletivo esteve vigente na instituição. A partir das memórias relativas a esses vinte e nove anos, é possível refletir sobre algumas práticas escolares, na tentativa de conhecer os processos educativos que conferiram singularidade e identidade ao colégio. O estudo vincula-se aos pressupostos teóricos da História Cultural e inscreve-se no campo da História da Educação em suas interfaces com a História das Instituições Educativas. As memórias relacionadas ao Colégio de Aplicação, são aqui compreendidas como o documento a ser estudado, obtido por meio da metodologia da História Oral que valoriza as informações de fontes testemunhais. Deste modo, nos aproximamos de um Colégio que postulava um ensino de vanguarda com ideias pedagógicas inovadoras para época e que se afastava, em parte, das práticas tradicionais de ensino.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias de Educação: narrativas de mulheres judias guardadas em um Acervo de História Oral
Manoela de Calazans Gonçalves (Faculdade de Educação/UFRGS)

Este trabalho insere-se em uma pesquisa realizada no Acervo de História Oral do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, localizado em Porto Alegre. O Acervo desta instituição foi construído nas décadas de 1980 e 1990 e abriga em torno de 500 entrevistas transcritas e disponíveis em áudio. As entrevistas foram desenvolvidas com homens e mulheres judeus, de diferentes levas migratórias. O estudo propõe-se a discutir a categoria do gênero feminino, a partir da análise das memórias de educação de um grupo de mulheres judias alemãs. Diante da ausência de investigações sobre a educação dos/as imigrantes judeus e seus/suas descendentes no Rio Grande do Sul, foi observada a relevância deste tema, a fim de contribuir com a pesquisa em história da educação, em uma perspectiva étnica e de gênero.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memória Oral: apreensões históricas do processo de criação da Faculdade de Educação da UFMG e seu projeto de formação docente.

João Victor da Fonseca Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais),
Larissa Verônica Martins Jeber (Universidade Federal de Minas Gerais)

Esta pesquisa histórica investiga como a UFMG debateu, elaborou e colocou em prática diferentes modelos de formação de professores para a educação básica. Busca-se compreender as circunstâncias, os debates e as tensões que conduziram e desenvolveram tais modelos de formação, bem como o processo de criação da Faculdade de Educação e sua dinamicidade. A pesquisa é realizada em arquivos, sobretudo no Centro de Documentação e Memória (CEDOC) da Faculdade de Educação, onde há um importante conteúdo de fontes orais que compõe um rico acervo para o campo da História da Educação. A História oral foi eleita como legítima possibilidade metodológica, a partir das entrevistas que narram a memória dos agentes históricos que compuseram essa história, constituindo amplo e potencial acervo de fontes.

Entre memórias: A criação do Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal

Fabiana de Moura Maia Rodrigues (UFRJ)

Essa comunicação é parte integrante da pesquisa que está sendo desenvolvida para tese de doutoramento e se insere no campo da História da Educação, especificamente, no viés da História das Instituições Escolares. O trabalho tem por objetivo compreender o processo de criação do Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal (CFPEN) que iniciou-se em 1966 no Instituto de Educação do Estado da Guanabara (IEGB). Pretende-se, a partir da utilização da História Oral e de outras fontes investigar quais foram as justificativas para a criação de um curso de ensino superior numa instituição de formação secundária. A pesquisa procura identificar como os agentes que participaram desse processo de criação construíram suas memórias sobre a necessidade e importância desse espaço de formação de professores para o curso Normal. A pesquisa nos possibilitou perceber diferentes justificativas para a criação do curso, no entanto, as diferentes versões para a criação do CFPEN não são tão divergentes entre si, entre elas existe a mesma ideia de ressaltar a excelência do IEGB, fato que se ancora na memória coletiva e suas representações sobre a instituição estudada.

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: memória e patrimônio do artista

Raquel Santos Schwonke (UFPeL)

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: memória e patrimônio do artista Raquel Schwonke Resumo Este trabalho é um estudo de possibilidades de abordagem metodológica para obtenção dos dados em pesquisa histórica, neste caso a respeito de uma instituição de arte e memória, usando a história oral e documental. A instituição estudada é o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), fundado em 1986, com acervo de mais de 600 peças, patrimônio da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Uma das propostas da pesquisa está sendo realizada sobre o MALG, da qual este trabalho é uma parte, é tentar avaliar o contexto histórico, social e político que colaboraram para a abertura do museu. Trataremos neste texto possíveis interpretações destas questões à luz de conceitos elaborados por Halbwachs e Candau relativos a memória. Esta investigação se dá dentro do campo da História.

ria da Educação, buscando a compreensão de uma instituição educativa de arte e memória pelo viés da história cultural. Palavras-chave: Museu de arte; Memória; Patrimônio. Referências CANDAU, Joel. CANDAU, Jöel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2011. HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

A Escola Técnica de Mineração e Metalurgia de Ouro Preto no processo de consolidação do modelo de educação profissional da rede federal: registros de história oral

Arthur Versiani Machado (Instituto Federal de Minas Gerais)

A partir de 2015, o Laboratório de Memória Institucional do IFMG-Ouro Preto passou a registrar e analisar depoimentos audiovisuais de ex-alunos e ex-servidores que atuaram na escola ao longo dos seus 70 anos de existência, abrindo caminho para a incursão da equipe do laboratório no campo da História Oral. Este trabalho, o primeiro a adotar a nova metodologia, focou nos 20 anos iniciais da então chamada Escola Técnica de Mineração e Metalurgia de Ouro Preto (1944-64), quando a mesma situava-se nas dependências da secular Escola de Minas de Ouro Preto. A instituição ressentia-se da falta de documentos deste período, uma vez que boa parte deles foram destruídos nos anos 1970, o que respalda ainda mais a utilização de fontes orais. O presente projeto procurou compreender, na análise das entrevistas, como foram percebidos os processos de implementação, institucionalização e consolidação da Escola Técnica, em um cenário de crescente industrialização e profundas reformas educacionais no campo da educação, como a Reforma Capanema (1937-45) e promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1961), culminando no golpe militar de 1964 e todas as suas repercussões.

Relatos Sensíveis: Prédios e espaços escolares nas narrativas de estudantes de Porto Alegre (1920-1980)

Lucas Costa Grimaldi (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O presente estudo investiga a arquitetura e o espaço escolar de quatro instituições particulares de Porto Alegre/RS, que mudaram seus prédios ao longo das primeiras décadas do século XX, a partir das narrativas de memórias de sujeitos que habitaram estes espaços. As escolas analisadas são: Colégio Americano, fundado pelos Metodistas, em 1885; Colégio Anchieta, fundado pelos jesuítas, em 1890; Colégio Farroupilha, fundado pela Associação Beneficente e Educacional, em 1886 e o Colégio Rosário, fundado pela congregação Marista, em 1904. O estudo se insere no campo da História da Educação e utiliza os pressupostos da História Cultural, principalmente o conceito de sensibilidade. Para captar as experiências sensíveis oportunizadas pelos espaços me valho da metodologia de História Oral. Através das vozes dos depoentes foi possível captar as impressões dos sujeitos que habitaram estes espaços durante um tempo de suas vidas e que deles apreenderam um discurso.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias de benzedeadas no Leste de Mato Grosso do Sul

Edna Silva Simões (Uniniversidade Estadual do Mato Grosso do Sul)

O presente está vinculado à Iniciação Científica (PIBIC/FUNDECT/UEMS), cujo título é “Infância e Escolarização de Rezadores/Benedeadas em Paranaíba-MS”. A proposta encontra-se no âmbito da escolarização, com foco sobre as práticas e ofícios da benzedeadas em Paranaíba (MS). Souza (2014), Carvalho (2014), Conceição (2011) e Silva, Marchi, Silva (2013), afirmam que os usos pertencem à tradição e frutos do hibridismo e da tradição cató-

lica, africana e indígena. Foram identificadas três benzedeadas que utilizam estas práticas há mais de trinta anos, na cidade. Na coleta de dados, procedeu-se de gravação de entrevistas alicerçadas nos eixos: infância, escolarização, iniciação e práticas. A pesquisa tem como aporte teórico os pressupostos da Nova História Cultural (NHC) e da História Oral (HO).

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Narrativas de professores acerca do Sistema Educacional Família e Escola (Florianópolis, 2009-2012)

Clarícia Otto (Universidade Federal de Santa Catarina),
Raquel de Melo Giacomini (EEM Antônio Paschoal Apóstolo)

Neste artigo, o objetivo é compreender a política utilizada para a implantação do Sistema Educacional Família e Escola (SEFE), em escolas da rede municipal de ensino de Florianópolis (SC), entre 2009 e 2012. O método utilizado foi observação e participação nos cursos de formação continuada de professores, ministrados pelo SEFE, aplicação de 82 questionários e realização de oito entrevistas com professores de escolas que utilizam o SEFE. Como aportes teóricos, tomamos o conceito de estratégias, de acordo com Michel de Certeau; a produção de subjetividades, na acepção de Michel Foucault; e, a governamentalidade neoliberal, conforme indicado por Karla Saraiva e Alfredo Veiga-Neto. Dentre os resultados, inferimos que o SEFE adota estratégias de governamentalidade com características neoliberais, tais como: estímulo à competição, busca pela eficiência e qualidade, cumprimento de metas e práticas de meritocracia. Além disso, é possível identificar que a utilização do material didático do SEFE propicia a emergência de um profissional que atua de forma mecânica, o que pode conduzir a um paulatino processo de perda da autonomia docente.

O que a História Oral pode nos revelar? Memórias de docentes e História da Educação

Elaine Lourenço (Universidade Federal de São Paulo – Unifesp)

As pesquisas em História da Educação podem ganhar em profundidade ao incorporar a História Oral ao seu repertório, em especial aquelas que têm como fundamento a cultura escolar. Visando à compreensão da escola a partir de seu interior, este conceito mobiliza um farto material, desde os mais comuns, como registros de classe e atas de reuniões, até outros menos usuais, como memórias de professores e de alunos. Nesse sentido, explorar estas últimas por meio da produção de uma documentação não escrita e não oficial pode, por exemplo, trazer à luz aspectos do dia a dia das instituições escolares para além dos registros dos diários de classe ou nos cadernos dos alunos, assim como é capaz de dar voz a quem tem pouco poder de enunciação nos discursos oficiais: o professor. Dito de outra maneira, por meio da História Oral é possível acessar o “passado da escola”, ainda que filtrado pela memória do depoente. O objetivo deste trabalho é discutir as memórias de docentes que atuaram na escola pública de São Paulo entre fins dos anos 1960 até a década de 1990, nas disciplinas de Estudos Sociais, História e Educação Moral e Cívica, buscando compreender este momento da cultura escolar paulista.

Qual patrimônio imaterial escolar? Iniciação à pesquisa e narrativas de memórias na constituição de acervos orais por discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná

Cláudio de Sá Machado Júnior (Universidade Federal do Paraná)

O presente trabalho relata a experiência de iniciação à pesquisa realizada junto a discentes do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, visan-

do além da constituição de um acervo oral sobre memórias escolares, a verificação das motivações para escolha de indivíduos e de instituições de ensino para a constituição de uma efetiva experiência patrimonial. Por se tratar de uma disciplina optativa, denominada “História, Memória e Oralidade”, o tempo para formação foi relativamente curto, mas teve como intenção desenvolver fundamentos teórico-metodológicos através da leitura de autores como Jacques Le Goff, Michael Pollak, Jöel Candau e Verena Alberti. Coube ao grupo a escolha de qual instituição selecionar e quem entrevistar, caracterizando uma seleção própria sobre o patrimônio imaterial escolar, atribuindo valor social através do mérito do seu registro. A proposta da disciplina, realizada pelo professor responsável em parceria com dois orientandos de mestrado em estágio de docência, insere-se numa proposta mais ampla de mapeamento de patrimônios escolares não sejam eleitos pela arbitrariedade do pesquisador, mas pela espontaneidade de iniciantes à pesquisa.

Representações sociais da alimentação escolar: quem é a merendeira?

Francine Nogueira Lamy Garcia Pinho (Faculdade Redentor de Campos)

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é uma política educacional iniciada na década de 1950. Mesmo diante de esforços teóricos advindos desde a sua descentralização em 1993, continua com um cunho assistencialista e com pouca efetividade na educação nutricional de seus usuários. Desta forma, este estudo pretendeu perceber, por meio das falas das merendeiras, as representações sociais (MOSCOVICI, 2011) sobre a alimentação escolar, vista pelo lado de uma profissão de suma importância para o funcionamento do PNAE, mas com pouca autonomia em relação ao seu papel na escola. A nomenclatura merendeira se refere historicamente aos manipuladores de alimentos – em sua maioria do sexo feminino – que atuam na produção da alimentação escolar. Esta profissão se apresenta, na maioria das vezes, à margem do processo educativo da escola, o que é agravado pelo fato de que a tarefa de elaborar a merenda não exigir pouca escolaridade. Este sentimento em relação à profissão, ou pelo menos em relação à nomenclatura da mesma, foi verificado nas entrevistas realizadas nesta pesquisa quando estas profissionais se autodenominaram “cozinheira” ou “auxiliar de cozinha”.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Pavilhão Pereira Filho ou “apenas Pavilhão”: relatos de memórias de um ícone científico e hospitalar da Santa Casa de Porto Alegre (1965-2015)

Leonardo Braga Borowski (Faculdade Porto-alegrense – FAPA)

O Pavilhão Pereira Filho, pertencente ao complexo hospitalar da Santa Casa de Porto Alegre, completou 50 anos no ano de 2015. Para o evento comemorativo ao aniversário, ocorreu a 19ª Jornada Científica Nelson Porto, sendo dada atenção, também à história do pavilhão. O Laboratório de História Oral do Centro Histórico-Cultural Santa Casa produziu um documentário visando registrar a importância científica do pavilhão. Para seu processo de elaboração foram utilizados como fontes, os relatos de memórias de médicos que têm uma história profissional ligada à história do Pavilhão. Nesta apresentação serão indicados os passos da produção do documentário: a realização das entrevistas e sua transcrição; a seleção de fragmentos e a criação do roteiro e cenário para a edição final e sua publicação.

26 – Na luta por direitos: memória e história de trabalhadores, movimentos e organizações sociais

Coordenadores: MARLUZA MARQUES HARRES (Doutor(a) – UNISINOS), RODRIGO DE AZEVEDO WEIMER (Doutor(a) – Fundação de Economia e Estatística), SAMUEL CARVALHEIRA DE MAUPEOU (Doutor(a) – Universidade Estadual do Ceará)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

“De repente a roça vai virar cidade”: A Formação do município de Novo Horizonte do Sul-MS (1985-1992)
Nelson de Lima Junior (UFGD)

Esta comunicação busca fazer uma breve análise acerca do desmembramento político-administrativo do município de Novo Horizonte do Sul. Pretende-se abordar três momentos que compõem a formação deste município, que tem como marco inicial a ocupação da Gleba Santa Idalina, em Ivinhema (MS) pelos brasiguaios em 1985 e a formação de um acampamento no local. No ano de 1986, a luta foi intensificada e os acampados conseguiram a posse das terras, formando na Gleba um assentamento, que deram o nome de Projeto de Assentamento Novo Horizonte. Com o aumento da população entorno do assentamento e a intensificação da produção agrícola, iniciou-se um movimento de luta pela emancipação política do assentamento, que se concretizou no ano de 1992, onde ficou criado o município de Novo Horizonte do Sul, um dos primeiros assentamentos a ser elevado à categoria de município no Brasil. Para tanto, utilizo como fonte, narrativas orais produzidas com famílias que permanecem nesta localidade até os dias atuais. Palavras-chave: Brasiguaios, Terra, Emancipação, Novo Horizonte do Sul.

Memórias sobre os movimentos de ocupação de terra na Zona Canavieira de Pernambuco (1986-1998)
Samuel Carvalheira de Maupeou (Universidade Estadual do Ceará)

Esta pesquisa se propõe a articular fontes orais e escritas e tem por finalidade confrontar três tipos de memórias construídas em Pernambuco a respeito dos conflitos de terra ocorridos na região norte da Zona Canavieira do estado. Em primeiro lugar, trata-se da memória construída pela imprensa escrita (jornais da capital, Recife), que procura criminalizar os movimentos de ocupação e associá-los à marginalidade e à violência. Em seguida, as memórias institucionais elaboradas por membros das organizações de apoio à luta: a Comissão Pastoral da Terra-CPT, os Sindicatos Rurais e sua Federação, que ajudaram os trabalhadores sem terra em sua mobilização e organização. Por último, as memórias dos próprios trabalhadores que vivenciaram os conflitos. Estes últimos constroem uma memória significativamente diferente das demais fontes entrevistadas. Procuram, entre outras questões, destacar o seu protagonismo e a importância de suas lutas. É, portanto, este o objetivo desta comunicação: mostrar como os próprios atores reelaboram a sua participação nos conflitos, algo que não aparece nos relatos de outros sujeitos pertencentes a outros lugares sociais (a imprensa e as organizações de apoio).

Militâncias, barragens e memórias: o Movimento dos Atingidos por Barragens no Rio Grande do Sul através da memória de seus jovens militantes

Gérson Wasen Fraga (UFFS)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de jovens militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) no estado do Rio Grande do Sul. Tal

movimento constituiu-se, a partir da década de 1980, como um dos principais movimentos sociais no norte gaúcho, não apenas articulando-se com as comunidades atingidas pela expansão do modelo energético calcado na expansão da malha hidrelétrica, mas também assumindo o protagonismo nas negociações e disputas envolvendo o Estado, as empreiteiras e os direitos das famílias atingidas. Neste processo, jovens lideranças se constituíram no calor dos acontecimentos, possuindo como referências a atuação de familiares na busca pela manutenção de direitos básicos e referências à própria memória que ficariam, agora, submersas. Este trabalho, portanto, busca estas referências através da voz de seus jovens entrevistados.

A ilha que se repete: a luta pelo território entre os deslocados pela Usina Hidroelétrica de Estreito
Dernival Venâncio Ramos Júnior (Universidade Federal do Tocantins)

Este trabalho analisa narrativas de ribeirinhos deslocados pela Usina Hidroelétrica de Estreito, localizada na fronteira entre os estados do Maranhão e Tocantins. O nosso recorte de pesquisa foi a Ocupação Ilha Verde no Município de Babaçulândia, norte do Tocantins. No município, cerca de duzentas famílias que foram deslocadas pela formação da represa da Usina, não receberam compensação seja financeira seja na forma de reassentamento. Cerca de quarenta e seis dessas famílias hoje vivem na Ocupação Ilha Verde, localizada na APP (Área de Proteção Permanente) do empreendimento. A estratégia do grupo, nos parece, evidencia que tanto quanto a luta pela terra, como recurso que dá suporte à vida, a questão do território é parte central de sua luta. Entendemos o território como uma construção social do espaço, atravessada por questões econômicas e culturais, e ligada diretamente a identidade sociais dos grupos. Nas negociações com o empreendedor e órgãos do Estado, eles afirmam a sua decisão e direito a viver nas margens do Rio, agora lago, politizando “a sua” identidade como modo de sustentar o sua demanda por terra e território.

Território dito e território vivido: a memória e a história na luta pela terra no Assentamento Formosa Urupuca no Município de São José do Safira – MG

Diego Jeangregório Martins Guimarães
(Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE)

O Vale do Rio Doce foi alvo de uma densa regulação estatal acerca da posse e da propriedade das terras devolutas que pertenciam ao Estado de Minas Gerais desde a Constituição Federal de 1891. A normatização do território e a regulação estatal foram instrumentos para tentar efetivar as intenções dos atores sociais, mas que não tiveram uma correspondência na prática da vida das pessoas que foram alvos dessa normatização. Nesse sentido, faz-se necessário identificar em que medida o território vivido correspondeu ao território dito. Através de visitas de campo e entrevistas realizadas no Assentamento Formosa Urupuca, no município de São José do Safira/MG, percebeu-se que o esforço regulatório da posse e propriedade das terras devolutas, na prática não foi capaz de harmonizar as relações fáticas. O território vivido não expressava os objetivos do território dito, que distante da realidade, não alcançava as relações entre os sujeitos da normatização. O estudo, por meio de narrativas dos sujeitos, apresenta uma série de detalhes e contradições que a documentação e a frieza dos dados estatais não conseguem demonstrar.

A influência do cooperativismo na estrutura agrária da região Sudoeste do Paraná

Tiago Arcanjo Orben
(PUC/RS Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Esta pesquisa procura entender a estrutura agrária da região sudoeste do Paraná e a caracterização de pequenas propriedades que lhe é atribuída. Através da metodologia oral destaca o protagonismo de sujeitos, camponeses ou ex-camponeses e seus vínculos com a terra a partir de vivências, o que os faz permanecer na terra ou os levou a abandonar o meio rural. O trabalho sustenta questionamentos essencialmente aos sujeitos deste processo no presente, ao pensar as realidades e sociabilidades vividas pelos mesmos em oposição a relações políticas e sociais impostas a questão agrária no Brasil. Como reflexo deste processo, elenca a influência do cooperativismo na organização ou reorganização das propriedades agrícolas, com referência as cooperativas agrícolas e de crédito. Através da fonte oral também se questiona as formas de organização das cooperativas neste espaço, privilegiando os programas desenvolvidos e de que forma este modelo se adapta a estrutura agrária desta região com referência as pequenas propriedades. Indagando assim, até que ponto o modelo cooperativista é guiado por políticas públicas da agricultura nacional e modifica as relações de produção e vivências.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

O movimento sindical bancário e o ingresso das mulheres nos bancos (1960-1980)

Luciana Carlos Geroleti (UFSC)

O sindicalismo do período 1960-1980 permite observar a divisão entre a chamada “luta geral” e “luta específica”, conforme denunciou Elizabeth Souza-Lobo em sua análise sobre o movimento operário (SOUZA-LOBO, 1991). A pauta específica, trazida pelas mulheres, trazia problemáticas que não se “encaixavam” nos moldes da “esquerda” até então tradicionais. Como se deu esta divisão das pautas gerais e específicas no sindicalismo bancário? Sabe-se que entre 1960 e 1980 o número de bancários praticamente dobrou no Brasil devido ao aumento dos serviços prestados pelos bancos como o recolhimento de taxas e tributos (MINELLA, 1988). É neste período que as mulheres ingressam nos bancos seja via concurso público ou aumentam participação nos bancos privados, ocupando as vagas abertas por este início do processo de automação (SEGNINI, 1998). O objetivo desta comunicação é discutir a atuação do movimento sindical bancário de São Paulo e região, maior base sindical do país, frente à estas novas demandas “específicas” através da análise jornais sindicais do período bem como problemáticas trazidas pelos depoimentos de mulheres que ingressaram nos bancos a partir da década de 1960.

“Eu pensei que filho era bom, mas filho não é bom não”: articulações entre gênero, maternidade e pobreza ou a história de Eni

Tânia Maria Gomes da Silva (Faculdade Metropolitana de Maringá)

Este trabalho pretende uma discussão acerca da maternidade tomando como suporte para reflexão a fala de uma mãe da periferia de Mandaguari, no noroeste do Paraná. Articulando as categorias de gênero e classe social, a ideia é compreender como conciliar as dificuldades de ser mãe numa situação de extrema pobreza com os estereótipos que valoram a maternidade como a melhor coisa na vida de uma mulher. A fala de Eni, é esse o nome que daremos à entrevistada, caminha na contramão dessa discurso enaltecedor e

nos remete às considerações da filósofa francesa, Simone de Beauvoir, que, há mais de meio século, corajosamente afirmava serem os filhos um fardo. Entrevistada em duas ocasiões, 2004 e 2007, a fala de Eni é contundente para nos mostrar como a maternidade cola de tal maneira no corpo e na mente das mulheres que mesmo aquelas que não desejam ter filhos não escapam a esse destino, essa “sina”.

Através da memória, um democrata cristão: notas a respeito da formação do homem público Plínio de Arruda Sampaio (1959-1962)

Raphael Chaves Ferreira (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Este artigo tem por objetivo analisar o início da trajetória política de Plínio de Arruda Sampaio, destacado quadro da esquerda católica brasileira na segunda metade do século XX, tendo em conta a análise dos espaços de sociabilidade na constituição de sua identidade política, situada a partir de um campo discursivo progressista no âmbito do pensamento social católico, e na projeção do homem público, que se dá quando, aos vinte e nove anos, assumiu a subchefia da Casa Civil e a coordenadoria do Plano de Ação do Governo do Estado, durante o governo Carvalho Pinto. Estando à frente do plano, Plínio acumula tamanho capital político que, em 1960, seu nome é projetado, com o apoio de diversas organizações populares, como pré-candidato à prefeitura de São Paulo. Com esse fim, analisaremos alguns depoimentos que colhemos com figuras próximas a ele, cruzando-os com entrevistas concedidas pelo próprio Plínio e disponíveis em mídia e com jornais do período, atentos à maneira como a memória se constitui: seu caráter inerentemente retrospectivo, sua dimensão afetiva, eventuais omissões ou incongruências, dentre outros aspectos.

Narrativas de trabalhadores da antiga Fábrica Laneira (Pelotas-RS)

Lorena Almeida Gill (UFPEL)

Faz alguns anos que o Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL se dedica a pesquisar sobre ofícios antigos ou em extinção na cidade de Pelotas. Durante este período já foram realizadas mais de sessenta entrevistas, com pessoas que se dedicaram as mais diferentes ocupações, como afiadores de faca, sapateiros, alfaiates, radialistas, benzedores, estivadores, motoneiros, entre outros. O projeto de pesquisa que abriga essa discussão tem como título: “À beira da extinção: memória de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer” e trabalha com duas metodologias principais: análise documental de processos da Justiça do Trabalho e história oral, especialmente em sua vertente temática. Este trabalho pretende apresentar estudo sobre o mais recente acervo do NDH. Trata-se de uma documentação da Laneira Brasileira Sociedade Anônima Indústria e Comércio, fábrica construída no ano de 1945, na cidade de Porto Alegre, que entre os anos de 1948 e 1949 iniciou seu processo de transferência para a cidade de Pelotas, muito em função da privilegiada localização geográfica da cidade, nas rotas de comércio de lã no Estado.

O tradicionalismo gaúcho em Caxias do Sul entre trabalhadores de empresas metal-mecânicas da década de 1980 à de 2000

Bolívar Kieling Júnior (Prefeitura Municipal de Caxias do Sul)

Este trabalho apresenta parte das análises obtidas junto a entrevistas de história oral elaboradas em meio à pesquisa de dissertação de mestrado concluída sobre a formação e estabelecimento de grupos de culto ao tradicionalismo gaúcho entre trabalhadores de gran-

des empresas metal-mecânicas de Caxias do Sul – RS entre os anos de 1980 e 2010. Tal pesquisa objetivou analisar os processos históricos pertinentes a esta adesão ao tradicionalismo gaúcho por parte dos grupos sociais pesquisados, investigando se objetivou promover uma inserção positivada destes trabalhadores – muitos migrantes do interior do estado do Rio Grande do Sul – na sociedade caxiense e como as representações do modelo identitário tradicionalista foram positivadas no imaginário da sociedade local. O conjunto de entrevistas elaboradas constituiu-se em uma das principais fontes históricas desta pesquisa, na medida em que foram entrevistados indivíduos envolvidos nos momentos iniciais de organização, formação e estabelecimento destes grupos, bem como quando tornaram-se participantes de um amplo circuito de competições e concursos no meio tradicionalista dentro do recorte temporal proposto.

Devir-cidade: pistas – histórias de comunidade

Lúcia Maria Ozório Barroso

(Laboratório Lipis-Puc e Laboratório Experice Univ. Paris 8 e Paris 13)

Problematizamos uma compreensão da cidade como virtualidade sempre se fazendo. A importância da história oral de vida em comum como dispositivo de pesquisa permite aprofundar esta perspectiva, abrindo reflexões sobre uma memória comum como crítica em ato contra o silenciamento das diferenças. As experiências de vida como diferentes modos de ser, estar e agir no mundo enriquecem esta discussão. Tratamos da minoritária história, que tece na cidade rede de múltiplos fios que disseminam vozes, práticas com significações diversas. Inspiramo-nos nas histórias orais de vida em comum dos moradores da comunidade da Mangueira, no Rio de Janeiro. Importante dizer que este trabalho foi demandado por Mangueira num momento em que enfrentava a intolerância do programa Tolerância Zero do governo do Estado do Rio de Janeiro, e traz para a cidade as histórias orais de vida como modos de resistir no mundo contemporâneo. No Papo de Roda, nosso dispositivo de trabalho, modalidades narrativas explicitam um comum que se liga a entendimentos de uma comunidade de comunicação.

“Hoje vou falar dos meus direitos”: Memórias do Bloco Carnavalesco Chupicopico, Belém-PA (1988-1993)

Daniella de Almeida Moura (Seduc/PA)

No ano de 1988 surge na Sacramenta o Bloco Carnavalesco Chupicopico para celebrar o carnaval deste bairro periférico de Belém, tornando estes festejos inesquecíveis. Esta pesquisa pretende analisar, a partir das memórias dos foliões e dirigentes, a trajetória histórica do Chupicopico que começou como um pequeno bloco de carnaval de rua tendo como finalidade reunir amigos e comemorar esta festa popular. Mas, com o passar do tempo representou muito mais que um arrastão de foliões, tornando-se um movimento cultural que agregava amigos, famílias e simpatizantes, objetivando através das letras dos sambas desenvolver nos moradores da Sacramenta o senso crítico acerca da sociedade em que se vivia, ou seja, uma verdadeira expressão da democratização da vida política. Neste sentido, com o tema “Cidadania: direito de um povo”, o Chupicopico participou em 1993 pela primeira vez do desfile oficial das agremiações carnavalescas belenenses, apresentando sintonia com as discussões de questões políticas e sociais da conjuntura local e nacional.

O testemunho de trabalhadores autônomos sobre as relações de trabalho para as malharias de Monte-sionenses

Gregório Belinato (Unesp Campus Marília)

Localizada na região sul do Estado de Minas Gerais a cidade de Monte São caracteriza-se pela sua principal atividade econômica, o tricô. Produzido nas unidades fabris denominada entre os gentios de malharias que são caracterizadas pela posse do tear para produção do tricô, podendo esses teares serem de altamente tecnológicos como rudimentares. Os processos para produção do trico como mercadoria ocorre dentro da própria malharia e/ou sendo descentralizados como forma de terceirização da produção para trabalhadores autônomos em domicílio. O caráter precário, dual e sazonal são características que permeiam a vida dos trabalhadores que sobrevivem e reproduzem a produção do tricô na cidade.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

“Povo esclarecido pode mudar a vida.” O Movimento de Educação de Base na Bahia (1961-1966)

Sara Oliveira Farias (UNEB)

Analisar a atuação do Movimento de Educação de Base – MEB na Bahia, através dos discursos produzidos pelos depoimentos orais, mas também pelas cartilhas, documentos escritos, cartas dos monitores e até mesmo dos alunos (algumas já resgatadas, por conta do trabalho de sensibilização realizada pela equipe do projeto em algumas localidades), compreendendo como estas memórias sobre o MEB foram produzidas no Departamento da Bahia, particularmente, Salvador e Amargosa. Assim, selecionamos como objeto, a atuação do MEB nesses dois municípios, delineando sua prática sócio-política no trabalho de formação com as equipes locais de trabalho, destacando lideranças sindicais e comunitárias.

A dinâmica da resistência à ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul: reflexões a partir das fontes orais

Felipe Vargas da Fonseca (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS), Cleverton Luis Freitas de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas)

O trabalho consiste em um diálogo de diferentes pesquisas que têm em comum, além do período aproximado, a utilização de fontes orais. Partindo de depoimentos de militantes da resistência ao golpe civil-militar de 1964 no Rio Grande do Sul, pretendemos refletir sobre as potencialidades da utilização da História Oral nas pesquisas em questão e levantar algumas discussões de cunho teórico para compreender e problematizar esta resistência e a memória social construída sobre ela. Inicialmente, apresentamos brevemente os grupos estudados – militantes do PTB e da Ação Popular – com o intuito de situá-los no cenário político brasileiro da década de 1960. Em seguida, fazemos uma breve retomada das fontes possíveis para a pesquisa sobre estes militantes no Rio Grande do Sul, problematizando-as. A respeito das fontes orais, tecemos reflexões um pouco mais aprofundadas, partindo principalmente de reflexões propostas por autores da História Oral. Por fim, analisamos as entrevistas realizadas com os ex-militantes do PTB e da Ação Popular no Rio Grande do Sul, no período 1961-1965, buscando relacionar a análise aos temas referentes à utilização de fontes orais discutidos anteriormente.

História e memória do movimento de ocupação urbana no final da ditadura militar-civil em Recife-PE

Luziano Pereira Mendes de Lima (Unicamp)

Esta pesquisa visa investigar o percurso político da liderança popular Maria Madalena da Silva, com efetiva atuação no final da ditadura militar-civil em Recife-PE. O objetivo deste trabalho é descrever parte da memória do movimento popular em Recife, através da entrevista de uma de suas lideranças mais expressivas, atuante no período final da ditadura militar-civil, nos processos de ocupação urbana, do movimento de favelas e em processos eleitorais, além de transcrições das memórias pessoais enquanto participe das atividades de organização e articulação no processo de luta. O desenvolvimento desta pesquisa se apoia nos pressupostos teóricos apontados por Le Goff, GOHN, Rollemberg e Candau. A metodologia consiste em traçar um perfil da entrevistada e sua atuação no movimento de ocupação urbana, culminando com sua ascensão a condição de liderança dentro do movimento popular do Recife. A relevância desta pesquisa encontra-se em dar visibilidade a acontecimentos e personagens da historiografia pernambucana, relegados aos subterrâneos das memórias.

Movimentos sociais e a luta pela participação popular na Constituinte de 1988: memórias da abertura política

Ozias Paese Neves (UFPR)

A abertura política dos anos oitenta foi espaço de atuação de importantes movimentos sociais; dentre eles algumas redes de mobilização problematizadas na teoria dos Novos Movimentos Sociais. Pretendemos debruçar nosso olhar sobre um grupo vinculado ao Movimento de Participação Popular na Constituinte (MPPC) e, a partir de fontes orais, construir um quadro interpretativo sobre a identidade e a memória de sua atuação política. Utilizaremos entrevista com uma militante que persistiu forjando camadas de reinserção e renovação de votos. Buscaremos tratar também de um livro de registros produzido pelo Centro de Formação Urbano e Rural Irmã Araújo que tece outras camadas de leitura sobre o mesmo fenômeno. Temos como hipótese que ao tratar das entrevistas ou do livro-registro estamos colhendo relações importantes para tentar encontrar regularidades e dispersões na forma de projetar as recordações das experiências vividas. Por fim, valeremo-nos de Paul Ricouer para buscar a operação diferenciada das narrativas orais na relação entrevistado-entrevistador, particularmente na construção das relações de memória de forma tríplice: a si, aos próximos e aos outros.

Sindicalismo docente: a trajetória dos trabalhadores da educação pública do Tocantins

Silvanio Coelho Mota (UFT)

O presente estudo trata da questão sindical docente no Tocantins abordando a transição de caráter associativo, do Centro de Professores de Goiás (CPG), com a transformação deste em Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Goiás – SINTEGO e Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado do Tocantins – SINTET. A pesquisa foi baseada no materialismo histórico-dialético e adotou os pressupostos da história oral temática, considerando a alteração para o sindicalismo (após a Constituição de 1988) e a trajetória desde então. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram os documentos do acervo do SINTET (periódicos, panfletos, publicações internas e da mídia), coleta de depoimentos por meio de entrevistas semi estruturadas, trazendo à tona os

dilemas e perspectivas daqueles que estiveram e daqueles que estão compromissados, como no presente caso, com a construção da história dos trabalhadores da educação básica pública tocantinense.

A pedagogia multirracial e popular em Santa Catarina: trajetos históricos e lutas sociais do Movimento Negro

Ivan Costa Lima

(Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

O trabalho reconstitui o trajeto histórico da constituição da pedagogia multirracial e popular, construída no início do século XXI, por uma organização do Movimento Negro no Brasil, o Núcleo de Estudos Negros. A partir das memórias de seus militantes busca-se situar as lutas sociais travadas pela população negra no estado de Santa Catarina, cuja marca tem sido ligada aos descendentes de europeus, configurando um apagamento da trajetória da população de origem africana. A partir dos aportes teórico-metodológicos da história oral, utiliza-se dos relatos para descortina-se o exercício de pensar uma educação antirracista e suas estratégias de implantação pelo estado. Esta trajetória reconstituída contribui para o debate na atualidade, sobre a legislação educacional que trata de história e cultura negra, e na superação do desconhecimento da sociedade e da história da Educação sobre proposições pedagógicas formuladas pelo Movimento Negro no Brasil.

Memórias de uma escola em tempos de greve: reminiscências de professoras do I.E. Gen. Flores da Cunha Porto Alegre(1979/1997)

Maria Beatriz Vieira Branco Ozorio

(Pontifícia universidade Católica do RGS PUC)

Memórias de uma escola em tempos de greve: reminiscências de professoras do Instituto de Educação General Flores da Cunha/ Porto Alegre (1979-1990). O artigo apresenta algumas reflexões sobre as contribuições da memória e da história oral para a história da educação tomando memórias de professoras que vivenciaram o tempo de transição entre a professora mestra e a professora que vai se constituindo numa trabalhadora em educação. A pesquisa aborda as mobilizações de professoras, materializadas nas greves do magistério público estadual do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 1979 à década de 1990. Para isso foi escolhida a Escola Estadual General Flores da Cunha, em Porto Alegre, entre outros motivos pelo fato de sua destacada liderança nas greves do período estudado, nas mobilizações da categoria, tendo como horizonte a efetiva participação das professoras no movimento grevista. A partir desse lugar, a pesquisa elege como principal corpus documental narrativas de memória de professoras da escola em questão que aderiram total ou parcialmente às greves dos anos 1979 a 1990.

27 – Trajetórias “invisíveis”: experiências de mulheres nas migrações transnacionais

Coordenadores: MARIA CRISTINA DADALTO (Doutor(a) – Universidade Federal do Espírito Santo), SYRLÉA MARQUES PEREIRA (Doutor(a) – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) / FAPES/CAPES)

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Vozes Femininas: Memórias e histórias de mulheres migrantes em Manaus

Patricia Rodrigues da Silva (universidade Federal do Amazonas)

Busca-se uma reflexão acerca da constituição das relações sociais na cidade de Manaus desde as últimas décadas do século XX, através da problematização de trajetórias de vidas de mulheres migrantes. Manaus é uma cidade fortemente marcada por diversos processos de migrações. Em 2012, por exemplo, dos quase 1 milhão e novecentos mil habitantes, 30%, ou seja, 563 mil eram migrantes das mais variadas origens, principalmente do interior do estado. Sendo boa parcela deste contingente do gênero feminino e compreendendo que os sentidos de migrar passam fundamentalmente pelas relações de gênero, busca-se, principalmente através das fontes orais, mapear seus espaços de ocupação no interior do Distrito Industrial de Manaus, buscando compreender como se inserem e intervêm no espaço fabril, quais são suas lutas e demandas, como lidam com as questões colocadas em seu cotidiano, enfim, refletir e compreender sobre o cotidiano de vida e trabalho de mulheres migrantes em Manaus são objetivos fundamentais desta apresentação.

Brimas na capital carioca: as imigrantes sirio libanesas no contexto da Imigração Árabe para o Rio de Janeiro

Munah Maleque Felicio (UERJ)

Durante a investigação acerca da imigração sirio libanesa para capital fluminense entre os anos de 1880-1940 no qual busco conjugar dois objetos: o imigrante e a cidade e, dessa maneira, trabalhar a trajetória do imigrante sirio libanês na cidade do Rio de Janeiro, revelou-se mais um importante ator dentro desse movimento: a mulher. Foi nas caixinhas de lembranças guardadas pelas imigrantes e suas descendentes, que foram encontradas as chaves para se construir a história desses imigrantes de forma completa, considerando-se nesse processo não somente a visão do masculino mas, também a ótica do feminino. Enquanto, nos arquivos públicos e nos locais de memória oficial, foram apenas encontrados vestígios, e prontuários fruto do labor burocrático, produto dos ecos das vozes masculinas, foi nos arquivos pessoais que nos deparamos com a presença do feminino e sua seletividade. O retrato, hora imperfeito dos espaços oficiais tornou-se, assim completo, possibilitando ao pesquisador preencher as lacunas dos silêncios femininos em oposição aos ecos masculinos dos arquivos públicos.

Memórias do futuro: a trajetória de uma alemã judia no Rio de Janeiro

Patricia Reinheimer (UFRRJ)

Olly é o pseudônimo de Olga Helene Blank e o nome que a tornou reconhecida no mundo artístico brasileiro das décadas de 1960 e 1970. Falar de sua trajetória é falar também da transformação subjetiva implícita nessa mudança de nome. Sem abandonar seu

passado, Olga inventa um novo futuro. Werner a acompanha nessa invenção com importante papel nessa história. Acostumados como estamos a encontrar histórias nas quais as mulheres abrem mão de seus sonhos para acompanhar seus maridos, vemos a trajetória de um casal na segunda metade do século XX, no qual Olly foi a principal protagonista. Ainda que tenha conquistado certo reconhecimento no campo artístico brasileiro enquanto trabalhava, após sua morte, o trabalho de Olly foi relegado ao esquecimento e, junto com ele, sua trajetória de migração. Seu marido, no entanto, que teve uma breve passagem pela resistência alemã na década de 1930 é citado em diversos livros de história da cidade onde nasceu. Para entender o peso diferenciado no tratamento da memória de um e outro, procuro aqui analisar a forma como as entrevistadas lidaram com suas próprias trajetórias em relação a seus cônjuges.

Mulheres de Icatu: resistência e protagonismo social

João Paulo Alves Costa (Universidade Federal do Pará – UFPA)

Este estudo tem como objetivo compreender a atuação de mulheres remanescentes de quilombolas do povoado de São José de Icatu, no município de Mocajuba/Pará, na gerência e organização social desta comunidade, observando como elas se mobilizam e/ou sensibilizam os seus conterrâneos para as lutas no movimento social, nos eventos religiosos e culturais e na resolução dos problemas locais. Procura-se compreender o engajamento político dessas mulheres quanto aos direcionamentos e as lutas por melhores condições de vida dos moradores da comunidade em estudo, verificando os meandros e as formas de como tais mulheres se relacionam com os demais moradores do povoado. Por outro lado, buscamos compreender, ainda, como os fatores acima mencionados relacionam-se diretamente com o empoderamento das mulheres do povoado de Icatu. Do mesmo modo, ao focarmos nas histórias de vida de tais personagens emergi a necessidade de analisar os processos culturais presentes entre os habitantes da referida comunidade, suas crenças, seus saberes tradicionais, processos identitários fortemente sedimentados em uma matriz africana. Palavras-chave: Gênero; Mulheres Quilombolas; Organização Social.

O silêncio a respeito de Luz del Fuego

Silvana Maria Gomes da Rocha (Universidade Federal do Espírito Santo)

A bela moça Dora havia adquirido a formação suficiente para concretizar o modelo patriarcal até então voga: casar-se com algum pretendente vinculado aos interesses políticos e econômicos das famílias envolvidas no enlace matrimonial. Mas Dora não era a pessoa adequada para dar continuidade às linhagens dos Vivácqua: ela fugiu de seu destino estabelecido e iniciou carreira como bailarina em um circo. Logo depois, já com o codinome de Luz de Fuego, fazia apresentações provocantes com cobras e tornou-se uma das precursoras do naturismo. Luz del Fuego violou os padrões comportamentais da primeira metade do século XX e o poder de sua família. Tal fato fez com que seu nome não fosse pronunciado por muito tempo e sua biografia ficasse recheada de vácuos. Nos últimos tempos, entretanto, informações de Luz del Fuego tem saído dos escombros da memória. Ora, somente em 2015, ela foi tema de “Cobra Criada”, vencedora do 4º Concurso de Marchinhas de Cachoeiro de Itapemirim e, na mesma época, apareceu em umas das principais ruas da cidade um estêncil – grafiteagem feito com moldes vazados – onde se lê: “Luz del Fuego é de Cachoeiro”.

Narrativas em torno da imigração de mulheres italianas e seus familiares no Rio Grande do Sul no final do século XIX e décadas iniciais do século passado

Leonor Carolina Baptista Schwartzmann
(Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul)

O Rio Grande do Sul recebeu um grupo de médicos que acompanhou o fluxo migratório de italianos para o Brasil nas décadas finais do século XIX e nas iniciais do século XX. Calcula-se que foram em torno de 200 indivíduos. Os médicos deixaram relatos de viagem, relatórios oficiais, depoimentos oficiais e livros de memórias onde suas mulheres praticamente inexistem. Sabe-se que muitas ajudaram seus maridos na prática médica ainda na Itália. O presente trabalho tem como objetivo reconstruir como se deu a sua integração e vivência no Brasil. Os três depoentes selecionados eram netos e filha de dois médicos que emigraram nas décadas iniciais do século XX. Inicialmente, os depoimentos foram colhidos em vista de se conhecer as histórias de vida dos profissionais. No entanto, colaboraram com diferentes olhares sobre a imigração, o cotidiano familiar, as expectativas quanto a vivência no novo país, a manutenção de identidade italiana, as estratégias de casamentos, a educação dos filhos, a integração do grupo na sociedade e o papel das mulheres.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Mulheres da imigração portuguesa: o papel das imigrantes madeirenses em São Paulo

Nelly de Freitas Moreli Rocha (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo),
Maria Izilda Santos de Matos (PUC/SP)

Desde as últimas décadas do século XX, pesquisadores veem trabalhando para relativizar a sólida e enraizada ideia segundo a qual «o migrante típico» seria um homem jovem, solteiro e que deixava seu país por razões econômicas dando, assim, mais atenção às experiências femininas. No caso dos deslocamentos portugueses para o Brasil, a proporção entre homens e mulheres apresenta especificidades quando observada regionalmente, se a emigração de Portugal continental contou com uma presença masculina superior à feminina, àquela dos arquipélagos dos Açores e da Madeira apresentou um maior equilíbrio entre os gêneros. Considerado esse contexto historiográfico, este trabalho pretende ser uma contribuição ao conhecimento da presença das imigrantes da Ilha da Madeira. Baseando-se em um projeto mais amplo de história oral sobre a comunidade madeirense chegada em São Paulo nas décadas de 1950 e 1960, dar-se-á ênfase às vozes das mulheres buscando entender suas experiências, seus papéis no processo migratório e suas ações como guardiãs da memória.

As Senhoras da Casa dos Açores de São Paulo: compartilhando saberes na comemoração do Bicentenário da Imigração Açoriana no Espírito Santo

Fabiene Passamani Mariano (Universidade Federal do Espírito Santo)

O presente artigo tem o intuito de dar visibilidade ao grupo de mulheres imigrantes e suas descendentes, que atuam em trabalhos socioculturais da Casa dos Açores de São Paulo. As experiências promovidas por essas mulheres fazem parte de um cenário significativo de valorização da memória açoriana, contribuindo para a construção da identidade cultural do grupo. Território de experiências luso-brasileiras, a Casa dos Açores de São Paulo iniciou suas atividades em junho de 1980 na região de Vila Carrão, reunindo as famílias de imigrantes açorianos, seus descendentes e simpatizantes, com o objetivo de manter e propagar as tradições religiosas e culturais dos Açores. Sabemos que as práticas de representação do patrimônio imaterial podem nos auxiliar na garantia de sobrevivência

de antigas tradições e rituais e, a partir dessa prerrogativa, neste artigo será analisada a contribuição das senhoras da Casa dos Açores de São Paulo que atuaram em 2012, nas comemorações do Bicentenário da Imigração Açoriana no Espírito Santo, através de um intercâmbio cultural entre a Prefeitura de Viana/ES e a Casa dos Açores de SP para a realização de oficinas de gastronomia e artesanato açoriano.

Historias de vida de mujeres latinas migrantes hacia Nueva York: ¿Deconstrucción de la razón androcéntrica?

Maria da Gloria Marroni (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla)

La ponencia deconstruye la razón androcéntrica de los estudios migratorios, que invisibilizó a las mujeres en los desplazamientos internacionales hasta la segunda mitad del siglo XX. Analiza la movilidad femenina latinoamericana hacia la zona metropolitana de la ciudad de Nueva York en Estados Unidos. Caracteriza la participación de las mujeres en ese circuito, con la utilización de diversas fuentes documentales y orales; se presenta el resultado de estudios de caso realizados con métodos de etnografía multi-situada en el cual las historias de vida desempeñan un papel fundamental. Se reconstruye la historia de estas mujeres, mexicanas en su mayoría, desde las comunidades rurales de origen, su cruce ilegal por la frontera México-Estados Unidos, hasta su asentamiento en la gran metrópoli. En el análisis de la experiencia migratoria se enfatiza la significación atribuida por las propias narradoras. Se concluye que el proceso migratorio es una combinación de superación, de vulnerabilidades basadas en la capacidad de resiliencia de estas mujeres y la convergencia de los aspectos positivos y las dificultades propias de los desplazamientos femeninos con una perspectiva de género.

Narrativas orais e migrações contemporâneas: experiências de mulheres criciუმenses nos fluxos migratórios para os Estados Unidos

Michele Gonçalves Cardoso (UDESC)

O presente trabalho tem como objetivo dar visibilidade as experiências de mulheres inseridas nos fluxos migratórios internacionais consolidados entre a cidade de Criciúma/SC e a região de Boston nos Estados Unidos. Realizamos durante o ano de 2010 quatro entrevistas, procurando ouvir mulheres retornadas à cidade, como também, mulheres que não migraram, mas que estavam diretamente envolvidas na manutenção dos projetos migratórios. Ao ouvirmos as narrativas das retornadas buscamos compreender quais as motivações que as fizeram migrar, analisando ainda a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho estadunidense. Entrevistamos também mulheres que ficaram no local de origem dos fluxos. Nessas narrativas ouvimos mães e avós que se tornaram responsáveis por desenvolver novos arranjos familiares e por administrar as remessas enviadas pelos migrantes. Ao visibilizar estas mulheres buscamos compreender que a migração é um projeto econômico, familiar e afetivo, sendo que todos/as envolvidos/as nos fluxos migratórios devem ser identificados/as e ouvidos como protagonistas destes processos.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Memórias e Histórias da Lepra no Espírito Santo: história oral, micro-história e tempo presente

Brenda Soares Bernardes (Universidade Federal do Espírito Santo)

Este trabalho insere-se na perspectiva do micro, do fazer história através de um recorte metodológico. Buscando primeiramente elencar uma base teórica sólida concernente ao foco primeiro da pesquisa, “o ser leproso” no Espírito Santo no século XX, e em si o

estigma do indivíduo acometido por uma enfermidade embutida de preconceitos. Apreendendo com isto e a partir disto os instrumentos necessários. Partindo de uma análise de documentação histórica, de cultura material e propriamente do recurso à história oral, sobretudo na realização de entrevistas. Visando a captação de memórias individuais e coletivas com ex-leprosos, familiares, amigos e funcionários conhecedores da ambientação pesquisada, localizada na comunidade de Itanhenga, cidade de Cariacica, estado do Espírito Santo.

28 – Narrativas biográficas e esporte olímpico

Coordenadores: KÁTIA RÚBIO (Doutora – Universidade de São Paulo – USP) e LUCIANA FERREIRA ANGEL0 (Doutora – Instituto Sedes Sapientiae – SEDES)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Olimpismo e Política: os Jogos Olímpicos de 1968 na perspectiva dos atletas olímpicos brasileiros

Dhênis Rosina (Universidade de São Paulo)

O movimento olímpico, na contemporaneidade, passou por um redimensionamento tanto em sua disposição quanto em seus princípios, isso se deve à proporção que o fenômeno esportivo alcançou na esfera social, principalmente no pós-guerra. Nesse período, o esporte foi utilizado como propaganda de estados-nações, com a intenção de vincular imagens de força e de superioridade às representações de símbolos nacionais. Este trabalho, parte da minha pesquisa de doutorado, tem como objetivo compreender como os atletas brasileiros perceberam os acontecimentos políticos da década de 1960 nas manifestações que marcaram indelevelmente os Jogos Olímpicos de 1968, no México. A investigação, de cunho qualitativo, ancora-se na história de vida de atletas olímpicos brasileiros. A pesquisa está em andamento e como resultados iniciais apontamos as discussões à respeito da participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1968, contribuindo no debate entre esporte e política, especialmente no contexto brasileiro sob o governo militar.

Dor e narrativa biográfica em atletas: uma história da ginástica rítmica brasileira

Gabriela de Carvalho Monteiro Gonçalves (Universidade de São Paulo)

O esporte de alto rendimento envolve rotina e alto nível de dificuldade dos exercícios praticados, o que predispõem os atletas a maiores riscos de dor e lesões. A ginástica rítmica é uma das modalidades olímpicas onde o risco de lesão e a dor se apresentam de forma mais constante. Além da força para acompanharem a rotina, as atletas da modalidade apresentam-se com uma estrutura física mais magra e aparentemente mais frágil. A iniciação esportiva se dá em idade precoce com uma sobrecarga de treinamento e exaustão corporal para atingir o melhor desempenho. O objetivo deste trabalho foi analisar a partir da narrativa de uma atleta olímpica da Ginástica Rítmica, como a dor é percebida, vivenciada e gerenciada e quais as suas representações na carreira esportiva. Para tanto, foi utilizada a metodologia das narrativas biográficas que tem papel fundamental para a constituição da memória social do esporte brasileiro e do imaginário esportivo nacional permitindo que as histórias e as memórias do sujeito apontem para a subjetividade que envolve a construção e elaboração dos significados da dor.

Do desejo verdadeiro às falsas memórias: representações narrativas de cenas não vividas

Katia Rubio (Universidade de São Paulo)

O esporte é um fenômeno sociocultural que se materializa na gestualidade do atleta, sintetizado em resultados simbolizados pelo pódio e as medalhas. Apesar das transformações na estrutura do esporte contemporâneo são os atletas os responsáveis pela manutenção e sustentação do imaginário esportivo. Quando o desejo de ser olímpico não se realiza ele pode se tornar uma marca que não se apaga com qualquer outra atividade para o atleta. O vazio dessa não vivência leva a construções narrativas fantasiosas ou ficcionais também denominadas mentira. O objetivo desse trabalho é discutir o caso de dois atletas que se apresentaram como atletas olímpicos, mesmo sem ter essa vivência. Além de apresentar conteúdos discursivos pautados em falsas memórias serão discutidos os desdobramentos para os atletas e para a sociedade quando da divulgação dessas histórias. Mais do que discutir a veracidade das informações o foco central dessa apresentação recairá sobre o desejo implicado nessa construção e a perda da referência externa sobre as consequências desse ato.

A coragem na narrativa de um atleta olímpico brasileiro

Carlos Rey Perez (Escola de Educação Física e Esporte – USP)

O caráter das pessoas é formado por virtudes, entre as quais a coragem. A importância das virtudes está na possibilidade de se realizar uma leitura valorativa de si e dos outros, compondo um quadro de referências a partir do qual a pessoa se entende como ser humano. No esporte, o atleta personifica a coragem, uma vez que sua disposição em enfrentar os desafios da preparação manifesta-se publicamente no momento da competição. A coragem é considerada um dos valores olímpicos juntamente com a inspiração, a excelência, a amizade, a igualdade, a determinação e o respeito. O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de coragem presente na narrativa biográfica de um atleta olímpico brasileiro, que manifestou espontaneamente esse valor. A superação dos desafios da competição, dos obstáculos sociais e familiares, bem como honrar a confiança que lhe foi depositada são os elementos identificados com o conceito de coragem. Assim, a coragem encontrada na narrativa do atleta favorece o entendimento do ser humano inserido no seu contexto social e organizado segundo valores morais e éticos, para que cada pessoa seja virtuosa, não apenas agindo bem, mas que quer o bem.

Valores olímpicos: conscientes ou inerentes no discurso de um atleta olímpico brasileiro?

Maria Alice Zimmermann (Prefeitura Municipal de São Paulo),
Natália Kohatsu Quintilio (EEFE)

A pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”, entrevistou mais de 1300 atletas olímpicos, resultando num acervo de histórias de vida. De acordo com Rubio (2014), as narrativas biográficas foram iniciadas como histórias de vida e “constituíram-se como reencontro do sujeito-atleta com sua subjetividade, do indivíduo-atleta com sua identidade e identidades da pessoa-atleta com a sociedade no momento em que opera um ser competitivo”. Os valores olímpicos, até então teóricos, apareceram nas narrativas como algo inerente ao esporte e estão relacionados às questões culturais e históricas. Este trabalho teve como objetivo observar a presença dos valores olímpicos na narrativa do atleta, mesmo que essa temática não faça parte da formação dos atletas na atualidade. A metodologia utilizada foi a narrativa biográfica de um atleta olímpico. Os resultados sugerem que, com relação a atitudes valorosas, mesmo que apareça de forma inconsciente, não

se pode negar que elas existem, porém, não se pode afirmar que elas representem determinado valor e não outro, pois este é um campo que permite múltiplas interpretações.

Ser e deixar de ser atleta em tempos de amadorismo: a transição de um bicampeão mundial de basquetebol

Neilton de Sousa Ferreira Junior (Grupo de Estudos Olímpicos – USP)

Os jogadores da seleção brasileira de basquete bicampeã mundial protagonizaram o apogeu da modalidade entre as décadas de 1950 e 1970, alcançando prestígio que só não se igualou à primeira paixão nacional, o futebol. Mesmo assim, não deixaram de sofrer as implicações do amadorismo sobre suas carreiras e vida pós-atleta. Com base na narrativa biográfica de um importante personagem dessa história, Wlamir Marques, esta pesquisa busca refletir sobre as características de enfrentamento e significados dessa transição. Como o discurso do amadorismo defendia que a prática esportiva remunerada era ilícita, o atleta tinha que adotar estratégias de manutenção do sonho olímpico, dentre as quais se destacava a conciliação do esporte com os estudos e o trabalho. Esse “trânsito de papéis” para além do esporte, ou “socialização antecipatória”, aproximava-o da realidade cotidiana de modo que o término e a transição da carreira não representavam problemas, e sim continuidade de uma trajetória ancorada a outros interesses, dentro e fora do esporte. A narrativa de Wlamir aponta ainda para a necessidade de análises mais aprofundadas sobre o impacto do esquecimento social na vida de pós-atletas.

Maria Nelly: memórias de uma pianista do tiro esportivo

Luciana Ferreira Angelo (Instituto Sedes Sapientiae)

Definir memória nos dias de hoje necessita compreender teorias que expressam diferentes formas de entender o mundo. No entanto, o ponto comum entre as distintas teorias é a ideia de que a memória está relacionada ao passado. Para acessá-lo, a metodologia utilizada foi a História Oral que permitiu o registro dos testemunhos da atleta e da família. Pretendeu-se neste trabalho registrar as narrativas construídas por Maria Nelly e seus familiares da atleta olímpica de tiro esportivo que teve sua memória sequestrada pelo Alzheimer. A partir do relato oral foi possível analisar o papel da memória na representação e significados desta ex-pianista que se tornou atleta olímpica (SEUL-1988) e que manteve o resultado de suas conquistas registrado em álbuns de fotografias e em uma sala de troféus. Com a força mental, física e a disciplina das horas de estudo de piano desenvolveu habilidades esportivas como atenção, concentração e foco na respiração fortalecendo seu desempenho. Praticou a modalidade até os anos 2000 e a partir de 2005 os sinais de enfraquecimento da memória começaram a surgir.

Os atletas naturalizados no esporte olímpico brasileiro

William Douglas de Almeida (Empregado)

Ao participar de uma edição dos Jogos Olímpicos, o atleta torna-se o representante de um país. O Brasil já teve 1.796 representantes desde sua primeira participação em Jogos olímpicos. Desse universo, mais de 30 atletas nasceram em outros países e se estabeleceram no Brasil seja por motivos familiares e pessoais ou ainda para ter a oportunidade de se tornar um atleta olímpico. Esse trabalho tem como objetivo entender o que levou um atleta da vela, Lars Sigurd Bjorkstrom, a adotar a nacionalidade brasileira, praticar seu esporte no país e desenvolver as condições materiais para viver e constituir família no Brasil. A

metodologia do trabalho está ancorada nas narrativas biográficas, a partir da entrevista concedida pelo atleta onde toda a sua história de vida é narrada juntamente com seu parceiro olímpico Alex Welter. Sua história aponta para um misto de planejamento e acaso, iniciada com uma viagem de motocicleta da América do Norte para América do Sul que o faz aportar na represa Guarapiranga, em São Paulo, onde ele encontra o barco dos seus sonhos nas mãos daquele que viria ser seu parceiro olímpico.

Tempos vivos: A reconstrução da memória do trajeto de um ciclista olímpico brasileiro até os jogos olímpicos de Berlim em 1936

Rafael Campos Veloso (Escola de educação física e esportes – USP)

Para Eclea Bosi coletar o relato de história de vida é como puxar uma rede de um oceano profundo, onde presa a ela encontramos representações ideológicas, imaginárias e de mundo. Mas como puxar no fluxo do tempo dos anos passados, memórias e fatos “puros” se a fonte oral já não está mais viva? A reconstrução da memória parte da luz que irradia no presente, que ávido pelo passado, apreende e tece sua trama de representações daquilo que sabemos que não nos pertence mais. Para tal, buscamos o relato em alguma fonte oral viva que em algum momento participou significativamente do trajeto do sujeito falecido. Este estudo visa o resgate da memória de José Ricardo Magnani em seu trajeto como atleta olímpico brasileiro e integrante da primeira delegação olímpica de ciclismo do Brasil que atuou nos jogos olímpicos de Berlim em 1936. Buscamos como fonte oral para este trabalho o relato de sua filha única Cléa Magnani, que de posse de objetos biográficos (fotografias, medalhas, uniformes, etc) puxava das profundezas dos anos os elementos e o vigor para reconstruir a memória do pai.

Tempo: Quero ser Mãe

Gislane Ferreira de Melo (USP)

A mulher sempre precisou lutar para estar presente no esporte. No passado sua participação era restrita a esportes sem contato com o objetivo de que nada lhe tirasse a possibilidade de ser reprodutora. Assim, o tempo da maternidade era estipulado pelos seus parceiros. Hoje, o pedido de tempo é escolhido por elas. Tempo: quero ser mãe decorre sobre a história de vida da atleta Larissa do vôlei de praia que optou, no auge da sua carreira de atleta, em dar um tempo para ser mãe. Durante este pedido de tempo ocorreram mudanças significativas no jogo da vida. Utilizando-nos da narrativa biográfica desta atleta este trabalho decorrerá sobre o momento também especial. Para Larissa ser mãe era mais um sonho a ser realizado. Buscar novas emoções, novos sentimentos e depois voltar para a praia. Um tempo dedicado a outro tipo de emoção e adrenalina. Emoções que, como vitórias e derrotas, nos levam a sentir algo nunca experimentado. Uma derrota ou somente mais uma competição em que aprendemos muito mais do que se tivéssemos vencido. De acordo com a atleta “são coisas que as pessoas querem viver”, inclusive as atletas olímpicas.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Construindo memórias paralímpicas: A História de Vida da nadadora Susana Schnarndorf

Luciane Maria Micheletti Tonon (Associação Brasileira de Jornalismo Literário)

Diagnosticada com síndrome do Shy Drager ou atrofia múltipla dos sistemas, a então, triatleta Susana Schnarndorf, teve seus movimentos comprometidos e seus dias de

vida contados. Desespero para quem é mãe de três filhos e soma 13 Ironmans na carreira. Em meio à depressão, foi apresentada à natação paralímpica. Fez da modalidade o remédio para prolongar seus dias e da sua história de vida uma receita, ao consagrar-se recordista mundial nos 100 metros nado peito, em 2013. Histórias como essa têm nos movido a iniciar uma pesquisa qualitativa de construção de memórias com os atletas paralímpicos, aos moldes da pesquisa: Atletas Olímpicos Brasileiros, do Grupo de Estudos Olímpicos da USP. O Brasil hoje é 7º no ranking mundial paralímpico, o que justifica um estudo sobre quem são os protagonistas deste feito. O objetivo é dignificar a história da nadadora para compor um material biográfico como devolução social. A metodologia é embasada na História Oral com as fases de escuta da personagem pelo processo dialógico; releitura de tudo o que foi registrado e confrontação com as existências das pessoas que a rodeiam.

Uma história oral das mulheres pioneiras no atletismo paralímpico brasileiro

Tuany Defaveri Begossi (Universidade Federal do Rio Grande do Sul),
Janice Zarpellon Mazo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O presente estudo objetiva reconstituir os percursos esportivos das atletas deficientes visuais, pioneiras na prática do atletismo paralímpico brasileiro. Para tanto, nos apoiamos nos referenciais teóricos da Nova História Cultural, buscando descrever uma narrativa de representações do passado e formulando uma versão do já representado. Nesta perspectiva, a sustentação teórico-metodológica da História Oral foi fundamental para a estruturação da narrativa por meio de uma reconstrução do passado a partir de lembranças das mulheres, que vivenciaram os fatos esportivos. As atletas Ádria dos Santos, Anelise Hermany, Leila Marques e Vera Bergamo relataram suas trajetórias, evidenciando questões relacionadas à iniciação esportiva e aos caminhos percorridos na busca pela concretização de suas metas, especialmente, em âmbito mundial. O cenário vivenciado por elas (anos 1970 e 1980) era, significativamente, distinto do atual. Naquele contexto, não existia uma sistematização de ações voltadas ao esporte paralímpico no país e o seu desenvolvimento ocorria de maneira amadora. Esta questão influenciou diretamente os percursos esportivos das mulheres atletas.

Um pioneiro do basquete em cadeira de rodas brasileiro: o percurso esportivo de Cláudio Araújo

Josiana Ayala Ledur (UFRGS), Alice Beatriz Assmann
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Os primórdios do basquete em cadeira esta atrelado ao fim da II Guerra Mundial (1939-1945), quando o neurocirurgião Ludwig Guttmann utilizou a prática esportiva para reabilitação médica e social de combatentes que sofreram lesões medulares e ficaram na condição de paraplégicos e tetraplégicos. Esta modalidade, esta presente no programa dos Jogos Paralímpicos desde sua primeira edição, ocorrida no ano de 1960, em Roma (Itália). No Brasil, a modalidade foi inserida pela iniciativa de Sérgio Del Grande e Robson Sampaio de Almeida que, no ano de 1958, criaram o Clube dos Paraplégicos, na cidade de São Paulo e o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. O atleta Cláudio Araújo começou a jogar basquete no Clube do Otimismo em 1966 aos quinze anos de idade. Participou de diversos campeonatos de nível mundial como, por exemplo, os Jogos Paralímpicos de 1972, em Heidelberg, na Alemanha, e da edição de 1976 em Toronto, no Canadá. Ao longo de 43 anos de uma trajetória vitoriosa no basquete, Cláudio Araújo representou a seleção nacional por quase duas décadas, destacando-se como um dos pioneiros do basquetebol brasileiro.

Entre Nisseis e Saneis: Uma Genealogia dos Medalhistas Olímpicos do Judô

Alexandre Velly Nunes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O judô brasileiro tem doze medalhas em Jogos Olímpicos dentre eles, Aurélio Miguel (1988-1996), Tiago Camilo (2000-2008) e Leandro Grilheiro (2004-2008). O objetivo deste estudo foi elaborar uma “árvore genealógica judoística” do judô brasileiro a partir das narrativas biográficas dos 12 medalhistas em Jogos Olímpicos e seus professores. Identificamos todos os formadores dos professores destes medalhistas, até encontrar os “genearcas”, imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil com condições de ensinar a modalidade. Eisei Maeda e Ryuzo Ogawa aparecem nesse processo como fundadores da modalidade no Brasil. O primeiro medalhista brasileiro, Chiaki Ishii teve sua formação no Japão e foi também um genearca, pois influenciou outros atletas e professores. Identificamos outros genearcas que tiveram papel de destaque nas origens do judô brasileiro: Soishiro Satake, em Manaus; Tokuzo Terazaki, Yasuishi Ono, Sobei Tani, Hizume Shingo e Teroyuki Endo, em São Paulo, Teruo Obata, em Porto Alegre e Michio Ninomiya em Brasília, deram origem a atletas que conquistaram medalhas em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

ESEFPA: em cena a formação do primeiro corpo docente

Raí Medeiros Veiga (Universidade do Estado do Pará)

O objetivo deste estudo é analisar os significados históricos que emergem da formação do primeiro corpo docente da Escola Superior de Educação Física do Pará (ESEFPa) enfocando os personagens que se tornaram bolsistas pelo Governo da época para frequentarem o curso de Educação Física da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ponto de partida para os procedimentos metodológicos foi uma pesquisa do estado da arte, a fim de conhecer o que se havia pesquisado sobre o assunto, em seguida, a pesquisa documental se fez presente na busca de dados sobre os professores-bolsistas e suas relações dentro da ESEFPa, e, por fim, a História Oral que orientará todo o processo de coleta de dados através de entrevistas.

29 – História oral e os estudos sobre memória, heranças sociais e usos do patrimônio cultural em contextos latino-americanos

Coordenadores: ILANIL COELHO (Doutor(a) – Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE), MARIA LAURA GILI (Doutor(a) – Universidad Nacional de Villa Maria – Córdoba, Argentina)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

A intergeracionalidade na memória de professores velhos

Jocirley de Oliveira (UFT – Universidade Federal do Tocantins)

Este trabalho tem como objetivo narrar às memórias de professores velhos que se dedicaram ao longo de suas carreiras trabalharem com alunos de diferentes idades. Esta pesquisa é composta por vários fios de memórias, um convite para entendermos a visão de professores, acima de 55 anos, de como ocorre na escola as relações intergeracionais. A abordagem metodológica utilizada foi a história oral temática perfazendo um total de 04 (quatro)

entrevistas com professores velhos. As entrevistas foram realizadas como forma de se aproximar do objeto de estudo. Os professores ao longo de suas carreiras passam por muitas experiências em sala de aula e ao atingirem a velhice trazem consigo muitas memórias docentes que sem dúvida os remetem a grandes reflexões intergeracionais, passando, portanto, a compreender melhor as necessidades educacionais da criança e do jovem, melhorando a prática em sala de aula. A pesquisa nos mostrou que as narrativas de memórias intergeracionais apresentadas pelos professores contribuem para o exercício da docência cidadã e profissional.

Pôster de trabalhos de Iniciação Científica

Manifestações Religiosas e Profanas no Sairé (1973-1996)

Nádia Lorena Sousa de Moraes (instituto de Ciências da Educação)

A origem do Sairé remonta ao século XVII e às práticas de catequese dos índios pelos jesuítas. Desde o século XVIII há registros da festa sendo realizada em Alter do Chão, que atualmente é distrito do município de Santarém/PA. Após algumas décadas de proibição, o Sairé foi retomado nos anos 70 e hoje em dia constitui uma das maiores manifestações folclóricas da Amazônia. Tendo em vista as transformações que vem ocorrendo na festa nas últimas décadas, a pesquisa propõe o estudo das manifestações sagradas e profanas presentes no Sairé entre os anos de 1973, ano da retomada da festa, e 1996, momento da introdução dos botos na celebração. Para isso, faz-se uso dos relatos orais de personagens-chave ligados ao recomeço da festa nos anos 70.

“Narrativas da terra, ancestralidade e ruralidade”: o uso das memórias no inventário do patrimônio imaterial afro-brasileiro em Santa Catarina

Fernanda Mara Borba (Universidade do Estado de Santa Catarina)

No âmbito do patrimônio cultural, destaca-se o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (2000) ao viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio, implementando a política do inventário, registro e salvaguarda. Nesse contexto, tem-se o Inventário Nacional de Referências Culturais que identifica os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, “constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social”. Na esfera catarinense e acerca da cultura afro-brasileira, foi desenvolvido pelo Iphan o Projeto “Comunidades Negras de Santa Catarina” com o intuito de “preservar a memória do povo afrodescendente no sul do país”, a partir da dimensão arqueológica, arquitetônica, paisagística e imaterial, utilizando-se da metodologia supracitada que reconhece e valoriza as memórias das comunidades envolvidas. Assim, este trabalho pretende discutir, especialmente, o uso de depoimentos orais no inventário do patrimônio imaterial afro-brasileiro em Santa Catarina incluído do Projeto, a partir da análise das publicações do Iphan e dos processos elaborados para essa política.

Memórias Polifônicas de Espaços Dissonantes: Histórias entrecruzadas do Theatro Nicodemus e Sociedade Harmonia Lyra – Joinville/SC

Pedro Romão Mickucz (Univille)

Ao pesquisarmos dois dos teatros que foram concebidos para apresentações de orquestras na cidade Joinville/SC – Theatro Nicodemus e Sociedade Harmonia Lyra, evidenciamos memórias que até então não haviam sido entrecruzadas. Esses espaços que ou-

trora dividiam e disputavam públicos, hoje dão vozes, usos e lugares a sujeitos que não os frequentavam até então. Os espaços aqui analisados foram marcados por conflitos e convívios que a cidade convivia e convive nos dias atuais – grupos intitulados de descendência “germânica” e que lutam pela preservação de suas memórias (Sociedade Harmonia Lyra) e grupos que estavam a margem desse espaço (Theatro Nicodemus). Assim, buscamos visibilizar narrativas de músicos e público que utilizavam/utilizam desses espaços. Os estudos aqui apresentados são obtidos através de relatos orais disponíveis na pesquisa em andamento “Hoje é dia de concerto: uma análise do Theatro Nicodemus e da sociedade Harmonia Lyra como espaços fomentadores do patrimônio musical de Joinville”. Esse trabalho é decorrente de discussões a partir do grupo de pesquisa “Imbricamentos de Linguagens” do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville.

O rock como estilo vida: cenas joinvilenses dos anos 90

Augusto Luciano Ginjo (Universidade da Região de Joinville – Univille)

Esse artigo é um fragmento de uma pesquisa em andamento que aborda cenas da Cultura Underground, em especial o rock, partindo de alguns subgêneros que compõe este estilo, na cidade de Joinville, localizada em Santa Catarina, durante a década de 1990, período em que uma grande quantidade de bandas surgem na cidade. Uma das principais características do movimento underground é a postura avessa aos costumes padronizados de alguma área, como no mundo da música. Esse movimento muitas vezes é reconhecido como “cena”, aqui entendido como um elemento que incluiu outros conceitos como “subcultura” ou “tribo” nas quais a música esteja presente, além de representar a relação da música com a geografia, espaço (STRAW, apud JUNIOR, 2012). Desta forma, a metodologia da História Oral surge como instrumento primordial nessa observação uma vez que o objeto central da pesquisa são as vozes de agentes participantes desse movimento como músicos e agitadores culturais. Pesquisa do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville, intitulada “Quando os príncipes descem do “zarco” para bater-cabeça: memórias da cena de rock underground em Joinville durante os anos 1990”.

Os museus sob o olhar das educadoras negras em Florianópolis: identidade, vivências e experiências nos espaços museais

Valdemar de Assis Lima (Universidade Federal de Santa Catarina)

A presente investigação das vivências e experiências das professoras negras nos museus é uma pesquisa em fase de desenvolvimento que se insere no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGE/UFSC, no curso de Mestrado. Os museus são laboratórios possíveis para o uso social da memória e podem contribuir sobremaneira para o processo educacional e favorecer a compreensão do devir das memórias de diferentes grupos, entendidas como reelaborações e ressignificações da dinâmica social. Essa pesquisa pretende problematizar a relação do espaço museal com as memórias das professoras do ensino fundamental ensejando a acessibilidade atitudinal por parte do museu para com estas. Referências BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas v. 1. 8ª ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo: Brasiliense, 1986.

O dito e o escrito, o imaginado e o partilhado: Oswaldo Rodrigues Cabral nas memórias de atores do patrimônio cultural em Santa Catarina

Janice Gonçalves (UDESC)

Com base em pesquisas efetuadas por mim e por outros pesquisadores, acerca do campo do patrimônio cultural em Santa Catarina, proponho analisar um aspecto bastante pontual – as referências frequentes a Oswaldo Rodrigues Cabral, em entrevistas concedidas por diferentes pessoas, em distintos momentos, e que se referem a ações de preservação levadas a efeito em território catarinense. Essas referências serão tomadas como ponto de partida para reflexões de caráter metodológico sobre: a necessária atenção a ser dada às redes de relacionamento da qual participaram e participam os entrevistados; a importância de considerar processos de recalque de tensões e conflitos na produção social de memória; a relevância de levar em conta os elementos circunstanciais dos relatos, em especial o momento das trajetórias dos entrevistados em que são concedidos; o papel das fontes orais na construção de uma memória acerca das ações de preservação em Santa Catarina, em particular, e no Brasil, de forma geral.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

As vozes dissonantes no processo de tombamento dos Roteiros Nacionais de Imigração de Santa Catarina
Daniela Pistorello (UNICAMP)

O objetivo da comunicação é apresentar de que forma as entrevistas realizadas com moradores dos bens tombados pelo projeto do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – o Roteiros Nacionais de Imigração – revelam, de forma geral, as tensões presentes nos processos de tombamento. O Projeto Roteiros, lançado em nível nacional em 2009, se constitui numa iniciativa que culminou com o tombamento de uma só vez, de 61 bens ligados ao patrimônio de alguns grupos étnicos que colonizaram o estado de Santa Catarina. O projeto criou, para o estado, uma identidade étnica baseada no patrimônio destes imigrantes que a apresentou como única, harmoniosa e consensual. Ideia esta que se confrontada com os relatos dos atores sociais do processo, evidenciaram a existência de vozes dissonantes das falas oficiais e autorizadas e por conseguinte, colocam em xeque a própria discussão acerca dos usos do patrimônio e da forma como é utilizado pelos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio no Brasil.

“Quando a cigarra começava a cantar”: nostalgia nos lugares de agruras

Alisson Sousa Castro (UDESC)

O presente trabalho é parte da pesquisa “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho leva: Percursos Históricos, usos e sentidos atribuídos ao Pelznickel em Guabiruba-SC” que teve por objetivo compreender a reinvenção do Pelznickel junto aos moradores praticantes desse modo de fazer no município de Guabiruba-SC entre os anos de 2005-2013. Neste texto, problematizo a forma como as narrativas orais auxiliam a entender as dinâmicas que implicam a ideia de um lugar praticado que tenham o Pelznickel como vetor memorial. Parte-se da distinção entre espaço e lugar elaborada por Michel de Certeau para pensar como estes tipos distintos de descrições impactam nos relatos orais.

Versões sobre o patrimônio cultural

Bibiana Werle (UDESC)

A noção de patrimônio cultural faz parte de uma daquelas expressões que, apesar de compreensíveis, são difíceis de serem explicadas. A partir de entrevistas realizadas com moradores de Florianópolis, no centro histórico do município, como atividade realizada durante a disciplina de Prática Curricular em Patrimônio Cultural, do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina, em 2014, este trabalho analisa os diferentes depoimentos coletados sobre questões que abordam a temática do patrimônio cultural. Entre as discussões sobre o tema, três problematizações fundamentais são abordadas: a associação do patrimônio cultural com o que é antigo e edificado; a recente inserção da temática nos currículos dos cursos de graduação em história; e os discursos midiáticos sobre o patrimônio cultural.

Em amparo às marcas do passado: os profissionais do patrimônio e a construção de uma ordem patrimonial em Joinville-SC

Diego Finder Machado (Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC)

Nas últimas décadas, diante das desilusões em relação ao futuro, temos vivenciado um renovado apreço pelo passado e seus vestígios. O receio do esquecimento tem impulsionado a defesa de um “dever de memória” que, no campo do patrimônio cultural, tem se manifestado na obrigação de proteger e preservar patrimônios de tipologias cada vez mais diversificadas. Neste contexto, os ataques contra o patrimônio cultural, especialmente quando colocam em risco a integridade de bens culturais tangíveis, geralmente são interpretados como manifestações de ignorância e estigmatizados enquanto atos de “vandalismo”. Esta comunicação, parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, pauta-se em entrevistas orais realizadas com profissionais do patrimônio que atuam ou atuaram em Joinville-SC, visando interpretar as maneiras como estes elaboraram práticas e representações em relação aos ataques contra o patrimônio cultural. Argumenta-se que vivemos na contemporaneidade a construção de versões e subversões de uma “ordem patrimonial”, algo especialmente perceptível em Joinville onde, em diferentes momentos de sua história, foram reativados discursos que a promoveram como “Cidade da Ordem”.

30 – Memórias de imigrantes e de seus descendentes

Coordenadores: ANTONIO DE RUGGIERO (Doutor(a) – PUC-RS), CLÁUDIA MUSA FAY (Doutor(a) – PUCRS)

02/05 – Segunda-feira (14:00 às 18:00)

Mulheres imigrantes e o desejo de outro mundo para os filhos

Francisco Alcides do Nascimento (Universidade Federal do Piauí)

A execução de um projeto que trata de Teresina nas décadas de 1970 e 1980 e o processo de intervenção de todos os construtores da cidade, aqui chamado de modernização. Tais intervenções afetaram de forma contundente famílias que já moravam na capital do Piauí, especialmente as que habitavam nas proximidades do centro, seja porque suas casas foram construídas em terrenos públicos ou privados, áreas de risco ou em locais planejados para ruas e avenidas, resultando na transferência delas as franjas da cidade. Mulhe-

res outras que transferiam seus filhos para Teresina, visando a continuidade dos estudos de seus rebentos. Estas mulheres foram ouvidas através de entrevistas que empregaram a metodologia da História Oral. A comunicação tem como principal fonte as entrevistas as quais acabamos de mencionar.

Alemães na Zona Sul de Porto Alegre: o veraneio de Helga Piccolo Landgraf (1940 – 1960)

Janete da Rocha Machado (PUCRS)

O bairro Tristeza, situado na Zona Sul de Porto Alegre, foi o primeiro a atrair veranistas para as temporadas de verão e férias. O local, à margem esquerda do Guaíba, viveu, a partir do final do século XIX, um desenvolvimento econômico motivado pela procura de um grande número de famílias, muitas delas oriundas de imigrantes alemães. Eram grupos que buscavam o descanso e o lazer à beira do lago. Águas limpas, contato com a natureza, e, principalmente, a possibilidade de disporem de um meio de transporte seguro e eficiente (o trem), foram fatores decisivos para este grupo escolherem o arrabalde como refúgio. Entre as famílias que descobriram a região, está a da primeira doutora em História do Rio Grande do Sul: a professora e historiadora Helga Piccolo Landgraf. Desta forma, a proposta desta pesquisa foi a de analisar, por meio da oralidade, o veraneio da família Piccolo, na primeira metade do século vinte.

O Ethos imigratório e a moral imigrante: relatos da imigração judaica sefarad para o sul do Brasil

Larissa Maria de Almeida Guimarães
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este trabalho abordará os relatos de imigração de mulheres judias turcas para o estado do Rio Grande do Sul. O Instituto Cultural Judaico Marc Chagall realizou nas décadas de 1980/90 uma série de entrevistas com imigrantes judeus e seus primeiros descendentes, abordando os processos migratórios que caracterizam a plural presença judaica no estado. Por meio dos relatos orais, a análise nos leva à constituição de um ethos (i)migratório formado, especialmente, por expectativas que compõem a moral imigrante enquanto uma ação socialmente referente. A guerra greco-turca torna-se o marco referencial para a imigração de judeus turcos para o Rio Grande do Sul a partir da segunda metade da década de 1910, com a estruturação de uma comunidade judaica sefarad no estado e de suas narrativas e discursos sobre o processo imigratório. Os relatos de saída da Turquia e chegada ao Brasil marcam o processo de construção da identidade diaspórica para muitos judeus, a qual admite a mudança e a reestruturação, a obtenção de uma nova nacionalidade e a organização progressiva da vida familiar, social e cultural na cidade de destino.

Memória e identidade de mulheres imigrantes artistas.

Sidinalva Maria dos Santos Wawzyniak
(Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR)

Esta pesquisa investigou o sentido subjetivo de pertencimento a partir das histórias tecidas pelas memórias das mulheres imigrantes artistas, com o objetivo de entender as traduções e as estratégias acionadas por elas na negociação de suas identidades e identificações estrangeiras. O processo migratório é um início de um percurso de a construção de novas histórias em um novo lugar com atores diversos. A busca de um lugar diferente tem como base projetos de vidas com a perspectiva de construção de uma vida melhor. Uma aventura que requer mudança de toda ordem, cultural, social, política e econômica. A cons-

trução da identidade possibilita uma visibilidade e uma marcação de um lugar. A identidade é uma categoria que estabelece diferença, demarca espaço e fronteiras entre as pessoas ou grupos sociais. As análises das narrativas construídas pelas mulheres imigrantes artistas apontam para uma diversidade de articulação na negociação das identidades e das formas de identificações. As diferentes formas de identificações das mulheres vão depender do contexto cultural, social e política o qual elas participam. Já que a identidade é estabelecida a partir da relação de alteridade.

Aspectos e repercussões da II Guerra Mundial nas “memórias” das imigrantes italianas Porto Alegre (1945-1955)

Egiselda Brum Charão (PUCRS)

O trabalho reflete sobre os fragmentos de memórias da II Guerra e as repercussões da mesma tomando como ponto de partida os depoimentos de mulheres imigrantes italianas que vieram para Porto Alegre entre 1945 e 1955. As suas lembranças fornecem informações sobre episódios do conflito que foram vivenciados tanto por elas como pelos familiares. A memória é fundamental, nesse caso; melhor dizer “memórias”, porque são memórias que se recolhe em depoimentos orais. E memórias são narrações de quem vivenciou processos socioculturais, enquanto memória, no singular, pode ser simplesmente a capacidade de reter fatos, ideias, impressões e retransmiti-las, através de diferentes suportes, como a escrita ou a voz. Nesse processo consideram-se os indivíduos, pois, quando eles partem de sua terra natal estão inseridos dentro de um projeto coletivo que não é vivido de forma homogênea por todos. Isso porque buscam objetivos pertinentes ao grupo familiar que vão se particularizando ou individualizando com o tempo. A metodologia aplicada foi a da História Oral Interdisciplinar que combina fontes obtidas a partir de História Oral com outros tipos de fontes.

Slava: Uma viagem narrativa do Oriente ao Ocidente

Jaqueline da Silva de Oliveira (PUCRS)

O presente trabalho abordará a trajetória da imigrante Slava Brick Dault, focando em sua chegada no Brasil e sua atuação como funcionária da empresa aérea Pan Am. Apesar de pertencer a uma família russa, oriunda da Sibéria, nasceu em Xangai na China, para onde sua família de origem judaica havia imigrado anos antes, fugindo da Revolução Russa. Quando a China também enfrenta uma revolução a família de Slava se obriga novamente a emigrar, o destino seria os EUA onde já se encontrava parte da família; mas Slava então com 16 anos era nascida na China, o que inviabilizou o plano, trazendo a família para o Brasil. A ideia era ficar apenas o tempo necessário para seguir rumo aos EUA, o que de fato ocorreu, mas Slava voltou. A importância da Pan Am na vida da depoente, se revela um dos pontos centrais na sua narrativa, foi nessa empresa o primeiro emprego ao chegar no Rio de Janeiro, e onde conheceu o segundo marido com quem viveu 40 anos. Serão abordadas ainda questões identitárias, visto que embora não negue sua herança judaica ou suas recordações da vida em Xangai, Slava se identifica como russa, e é essa origem que ela sobrepõe a todas as outras em sua narrativa sobre si mesma.

A construção de um instituto Roche de idiomas em Porto Alegre

Martha de Leão Lemieszek (PUCRS)

A importância da imigrante Madame Graziella Roche na formação do Instituto Roche fundado por sua família em Porto Alegre no ano de 1973. O Curso criado pelo Prof.

Alexandre Roche e por ela formou várias gerações de gaúchos, hoje ocupando as mais diversas posições na comunidade que lá aprenderam a língua a cultura, a literatura e temas franceses contemporâneos. Madame Graziella Roche hoje com 80 anos, continua na frente do Instituto. O objetivo desta comunicação é reconstruir o desenvolvimento do ensino da língua francesa em Porto Alegre. Baseados nos relatos orais.

Os reflexos da Segunda Guerra Mundial na população do Vale do Itajaí através dos relatos orais de imigrantes alemães

Geneci Guimarães de Oliveira (PUCRS)

A presente comunicação pretende abordar os reflexos provocados pela Segunda Guerra Mundial, sobretudo, naqueles imigrantes alemães e seus descendentes que habitavam a Região do Vale do Itajaí. Sabe-se, através das referências bibliográficas que tratam do assunto e, principalmente pelos relatos orais, as implicações nefastas sobre o cotidiano da população. O período que compreendeu os conflitos bélicos acarretaram insegurança e medo aos imigrantes.

03/05 – Terça-feira (14:00 às 18:00)

Reflexões sobre a memória e as representações sociais de imigrantes japoneses na Colônia Pirianito (Uraí-PR)

José Junio da Silva (Universidade Federal do Paraná)

O presente trabalho tem como objetivo produzir reflexões sobre as representações sociais de imigrantes japoneses e seus descendentes na cidade de Uraí-Pr, antiga Colônia Pirianito durante o transcorrer do século XX. Procura-se refletir sobre os feitos e representações sociais produzidas pelos mesmos durante a história da colônia e posteriormente da cidade. Por meio de entrevistas geracionais, buscam-se reflexões sobre a atuação do “grupo japonês” na produção cultural e material entre 1936 até meados da década de 1980. As fontes orais nos trouxeram informações sobre as sociabilidades do grupo, tanto no ambiente privado como público, percebidas, em particular, na constituição da associação comunitária (Shimboku-kai), nos casamentos endogâmicos e exogâmicos, na esfera econômica e na própria tradição familiar. Os entrevistados são todos residentes na cidade de Uraí e mantêm laços diretos ou indiretos com os imigrantes pioneiros.

Imigração italiana do Final do Sec XIX :o grande marco da vitivinicultura Rio-Grandense e Brasileira
Valdiney Cesario Ferreira (Vinisa Projetos treinamento e Desenvolvimento),
Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ/FGV)

Este trabalho tem como proposta compreender porque a imigração italiana do Final do Sec XIX se tornou o grande marco da vitivinicultura rio-grandense e brasileira. Para isso se propôs a reunir através de uma série de depoimentos orais de descendentes dos atores desse processo, atuais proprietários, presidentes e diretores de vinícolas familiares tradicionais, e de entidades representativas da indústria do vinho gaúcho, informações sobre a trajetória familiar desde o início da imigração até os dias de hoje. Através destes depoimentos objetiva-se e espera-se que seja possível: capturar a visão de mundo dos personagens envolvidos, identificar suas estratégias de sobrevivência, identificar os processos de tomada de decisão, captar os “valores” que orientaram as diferentes atuações familiares, entender as mudanças e as diferenças entre as gerações, e recuperar as memórias e as identidades.

Permanências e abandono da língua ucraniana em Prudentópolis – PR

Lourenço Resende da Costa (UFPR)

O objetivo nesse texto é demonstrar, a partir de algumas entrevistas, a importância atribuída à língua ucraniana no município de Prudentópolis-Pr, as dificuldades em torno de sua preservação e alguns fatores essenciais para que, ainda hoje, a língua não tenha sido abandonada. A religião e a família aparecem como as grandes responsáveis pela sua manutenção. No caso dos descendentes de ucranianos no Brasil a língua está intimamente ligada à religião, uma vez que eles professam o catolicismo de rito oriental e os textos sagrados estão escritos com o alfabeto cirílico e as celebrações são realizadas em ucraniano. A partir das entrevistas será possível tecer algumas considerações acerca do papel dessas instituições e também da escola no trabalho de manutenção da cultura e das tradições dos ucranianos, sendo a língua parte fundamental nesse processo. As pessoas entrevistadas residem em uma comunidade da zona rural, Linha Ligação, que fica localizada na região Norte de Prudentópolis a aproximadamente 60 quilômetros da área urbana.

O “apagamento repressivo” dos traços culturais de teuto-brasileiros em São Lourenço do Sul (1937-1945)

Cristiano Gehrke (Universidade Federal de Pelotas)

No Brasil, o período de 1937 a 1945 foi marcado pela política nacionalista do governo de Vargas. Prisões e violências diversas foram uma constante nestes anos. A população de origem teuta moradora do município de São Lourenço do Sul, sofreu de forma sistemática as consequências deste movimento que tinha como objetivo dissipar os elementos culturais que distinguiam este grupo do restante da população. O antropólogo britânico P. Connerton fez um basilar estudo sobre as diferentes formas de esquecimento que existem na sociedade. Neste sentido, valendo-nos da classificação proposta por este estudioso, pretendemos analisar no presente ensaio os efeitos traumáticos do período supra citado, sob a ótica do chamado “apagamento repressivo” bem como mapear quais permanências deste período ainda são visíveis na atualidade entre os descendentes de imigrantes germânicos que habitam aquela região. Este mapeamento faz uso de 17 depoimentos orais, que foram coletados ao longo da pesquisa de doutoramento do presente autor, e que tiveram por objetivo principal, identificar quais foram as violências cometidas, bem como as consequências que o uso sistemático e coercitivo desta, teve sobre este grupo.

A História Oral como possibilidade: memórias de imigrantes japoneses em Dourados-MS

Vivian Iwamoto (UFGD)

A imigração japonesa para o Brasil iniciou efetivamente em 1908, no contexto da expansão da cafeeira paulista. Nesse desenvolvimento econômico conflituoso, houve também relações de interdependência entre cultura local e tradição nipônica no que tange ao modo de comportamento habitual. A região do estado de Mato Grosso do Sul não esteve isenta dessa situação e recebeu uma população de imigrantes que atualmente abriga a terceira maior comunidade japonesa do Brasil. Sendo assim, a maioria dos japoneses se estabeleceu em Dourados nas décadas de 1940 e 1950 e, ainda, alguns residem no local juntamente com seus descendentes. Dessa forma, este trabalho, como parte de uma pesquisa em andamento, propõe uma reflexão acerca da educação desses imigrantes japoneses, sobretudo os que vieram para a região de Dourados-MS. A partir dos procedimentos metodológicos da História Oral e das contribuições da teoria de Norbert Elias (1980, 1994, 2011), buscamos compreender a educação e o modo de comportamento entre as gerações de japo-

neses e a comunidade local, tentando contribuir para maior visibilidade sobre a temática, uma vez que ainda há poucas investigações nesse sentido.

Encantos e desencantos na migração Portugal/Brasil

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira
(Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR)

Em todos os tempos, por diversas razões, os homens saíram de sua terra de origem, sozinhos ou em grupos, buscando novos desafios e oportunidades. Na constituição histórica do Brasil, sabe-se que a imigração portuguesa foi uma constante. Mesmo quando já havia declinado o processo migratório Portugal/Brasil, na segunda metade do século XX, ainda havia portugueses vindo e se instalando, dentre outros lugares, em uma cidade ao sul do país: Curitiba. O que esperavam encontrar e o que encontravam na terra escolhida? Alguns deles esperavam, entre outros propósitos, poder continuar a estudar. A não equivalência dos estudos realizados em Portugal, porém, frente à legislação brasileira, dificultava e, não raro, impedia a continuidade na formação escolar desses imigrantes. Com o emprego da história oral, a pesquisa discute questões ligadas à equivalência de estudos. Os dados foram colhidos junto a imigrantes vindos para Curitiba na segunda metade do século XX. Os resultados evidenciaram não só as dificuldades criadas no Brasil para os estrangeiros quanto ao reconhecimento dos estudos realizados fora do país, como também as alternativas buscadas por eles para superar essa dificuldade.

De Portugal para o Brasil: aspectos da trajetória de Maximiano Pombo Cirne através da oralidade (Século XX)

Biane Peverada Jaques (Universidade Federal de Pelotas)

Maximiano Pombo Cirne imigrou, com 12 anos de idade, do Distrito de Aveiro em Portugal no ano de 1922 com a mãe e a chamado de seu pai para o Brasil, na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul. Sendo assim, este trabalho possui por objetivo tratar acerca dos anos iniciais da trajetória pessoal e profissional de Maximiano. Abordando tanto a partida de Portugal quanto a chegada ao Brasil, bem como, entender seu processo de adaptação e naturalização apontando para alguns dos vieses profissionais adotados pelo mesmo posteriormente. Afinal, Maximiano atuou de forma ativa na comunidade portuguesa de Pelotas possuindo forte ligação, nos cargos de diretoria, inclusive com o Lions Clube, beneficência Portuguesa, e vice consulado de Portugal. A fonte principal utilizada para a realização da pesquisa consiste em duas entrevistas de história oral, uma com o filho de Maximiano e outra com um amigo dele. Dessa forma, pretende-se contribuir para o estudo acerca da imigração portuguesa no sul do estado durante o século XX.

Memórias de imigrantes: uma fonte para o estudo das estratégias de deslocamentos e integração nos núcleos de colonização do Rio Grande do Sul

Maíra Ines Vendrame (Unisinos)

O presente trabalho tem como proposta analisar alguns aspectos das memórias de dois imigrantes italianos saídos nas últimas décadas do século XIX do norte da Península Itálica. Ao chegarem ao Rio Grande do Sul, na companhia dos familiares, ambos se estabeleceram no quarto núcleo de colonização italiana, localizado na parte central do Estado. Em seguida, o primeiro deles, o italiano Júlio Lorenzoni, se transfere para a região nordeste do território sul-rio-grandense. No entanto, o segundo, o imigrante Andrea Pozzobon,

permanece por longo período no núcleo de Arroio Grande, Colônia Silveira Martins. Diferentemente da maioria dos conterrâneos, os dois italianos tinham certo nível de instrução, e, posteriormente, irão se dedicar a narrar a epopeia do deslocamento vivida por eles. Além das informações sobre o momento da partida, da viagem e instalação, escreveram sobre os diversos aspectos que passaram a compor a vida sociocultural e política das comunidades. Independentemente da singularidade das percepções e experiências, o que interessa analisar são as possibilidades de questionamentos que compreensões individuais permitem inferir para o entendimento de temas mais gerais.

Memórias de infância e educação: civilização de imigrantes japoneses

Joice Camila dos Santos Kochi (Universidade Federal da Grande Dourados),
Míria Izabel Campos (Universidade Federal da Grande Dourados)

O interesse pela educação japonesa do trabalho proposto partiu da história de vida de uma das autoras, pois esta pertence ao grupo através dos seus antepassados e recebeu toda educação formal no Japão. Nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo compreender como ocorreu a normatização do comportamento das crianças no âmbito familiar de imigrantes japoneses, buscando nas memórias daqueles que viveram a infância na terra do sol nascente, fragmentos acerca da educação recebida e diferenciada, com a perspectiva de encontrar diferenças no processo, considerando as características culturais de cada grupo e suas influências na educação das crianças. A metodologia utilizada foi a História Oral, quando foram ouvidas as memórias de idosos que hoje vivem na cidade de Dourados/MS, mas que viveram naquele país nas décadas de 1930 a 1940. Buscou-se com o estudo uma maior visibilidade deste povo na região, pois embora seja um grupo étnico com tantas diferenças, há uma forte ligação histórica com a sociedade brasileira, que possibilita aprendizagens e ensinamentos, porém carecem de mais investigações.

04/05 – Quarta-feira (14:00 às 16:30)

Carroceiros tropeiros e a moeda ambulante em uma colônia de imigração nas primeiras décadas do século XX no Paraná

Lucimara Koss (Universidade Federal do Paraná)

A intenção deste artigo é apresentar alguns aspectos da pesquisa de mestrado voltada para o comércio de tropas a curta distância. Um dos principais objetivos é demonstrar como colônias de imigração contribuíram para o desenvolvimento do mercado interno brasileiro. Para atingir esse propósito, foi selecionada a Colônia Federal Ivay. A mesma foi fundada por imigrantes europeus no Estado do Paraná na primeira década do século XX. Portanto, o estudo foge das pesquisas que dão ênfase as tropeadas que interligavam o Rio Grande do Sul a São Paulo, e traz contribuições relevantes sobre como as colônias que estavam fora dessas rotas também foram de fundamental importância para o desenvolvimento do comércio brasileiro.

As Atividades Empresariais do Grupo Logemann

Margareth Anne Camargo Contessa (Pontifícia Universidade Católica)

Através dessa comunicação queremos apresentar a trajetória empresarial do Engenheiro Frederico Logemann, nascido na Alemanha e imigrado no ano de 1912 para o Bra-

sil. Aqui chegando foi contratado para trabalhar em uma empresa que estava construindo uma ferrovia no planalto gaúcho. Depois disso se ocupou como agrimensor recebendo 1620 hectares próximos a cidade de Santa Rosa. Esta propriedade foi dividida em lotes de 25 hectares. Sendo cada lote vendido por quatro contos de reis com prazo de 4 anos para pagar sem juros. Os lotes foram vendidos para colonos alemães. Em 1937 passou a chamar-se Vila Horizonte e mais tarde Horizontina. A madeira era o primeiro capital de quem comprava um lote. Sendo o primeiro recurso obtido pelos colonos. Frederico construiu uma serraria. Começando desta forma as atividades da empresa evoluindo para o beneficiamento de madeira, moagem de trigo e serviços de mecânica na oficina. Fundando o moinho Horizontina. Através de depoimentos orais de seus descendentes foi possível traçar a sua biografia e analisar a questão relativa à imigração como fator de desenvolvimento empresarial na região.

O uso do italiano como língua litúrgica e de culto nas comunidades metodistas da região de colonização italiana do nordeste gaúcho (1887-1939)

Vicente Martins Dalla Chiesa (Tribunal Regional Federal)

A presente comunicação pretende analisar quatro diferentes fases na história da Igreja Metodista na região de colonização italiana do nordeste gaúcho, identificadas conforme o idioma utilizado no culto e nas demais atividades ligadas à igreja, no período de 1887, em que inicia a atividade metodista naquela região, até 1939, ano em que já estão em vigor algumas das medidas nacionalizadoras do Governo Vargas. Em seus inícios, as pequenas comunidades metodistas eram formadas essencialmente por pequenos proprietários rurais recentemente chegados da Itália, atendidos por pastores também nascidos naquele país, o que levava ao uso quase exclusivo do idioma italiano no culto e nas atividades da igreja. A partir dos primeiros anos do século XX, tem-se uma situação de bilinguismo italiano-português, com predomínio do uso do primeiro. Já o período ao redor de 1920 marca um crescimento progressivo do uso do português, que vai se tornar a língua de culto praticamente exclusiva a partir da segunda metade da década de 1930. Objetiva-se analisar as razões que levaram, em pouco mais de meio século, ao abandono da língua italiana pela Igreja Metodista e seus membros.

Memória, narrativa, história oral: um ensaio sobre identidade (étnica e religiosa) entre jovens luteranos de Imbituva-PR

Wanderley Maycon Lange (Universidade Estadual de Ponta Grossa)

A apresentação busca articular conhecimentos de Memória, Narrativa e História Oral. Seguem algumas considerações de questões teórico-metodológicas que abordam a relação entre história oral e memória. Também articulam-se memória, narrativa e subjetividade na produção do conhecimento histórico. A História Oral possibilita a investigação da experiência religiosa, a partir da memória dos sujeitos. Os entrevistados são jovens luteranos da Comunidade Evangélica Luterana de Imbituva PR. A partir das entrevistas e aporte teórico, busco interpretar a “representação” dos jovens acerca da identidade confessional religiosa na Comunidade, atualmente vinculada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em Imbituva, situada na região centro-sul do Estado do Paraná. busco compreender a partir da experiência religiosa dos sujeitos, evidenciados em seus depoimentos, que percebemos representações e relações estabelecidas com a instituição religiosa. É a memória coletiva dos imigrantes alemães-russos (Wolgadeutschen) e descendentes que dá

continuidade à tradição e fortalece a identidade do grupo. Evidenciou-se o forte vínculo estabelecido com a igreja (Deutschum) e suas tensões e conflitos.

Os trabalhadores súditos do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial em Pelotas através da memória de seus descendentes

Tamires Xavier Soares (PUC-RS)

Durante a II Guerra Mundial, os imigrantes alemães, italianos e japoneses, foram alvos de repressão no Brasil. Minha pesquisa de mestrado busca compreender que tipo de reclamações estes imigrantes ajuizavam na Justiça do Trabalho de Pelotas durante este período. Porém, para entender melhor o contexto e as especificidades de cada caso, procurei os familiares dos 10 trabalhadores envolvidos nos processos trabalhistas, encontrei 5 pessoas com as quais realizei entrevistas temáticas. Os entrevistados são filhos dos trabalhadores, uma vez que estes já faleceram. Devemos considerar que os entrevistados eram crianças durante a década de 40, no entanto, as lembranças dessa época são latentes, mas não traumáticas considerado a interpretação de Márcio S. Silva. Durante as entrevistas foram narradas várias experiências vivadas pelos entrevistados e seus familiares, deste modo, compreendo essas lembranças como memórias herdadas, segundo as concepções de Michael Pollak. Por fim, as entrevistas demonstraram uma perspectiva diferente, onde consegui ter melhor dimensão da vida familiar e práticas sociais dos envolvidos, ou seja, uma subjetividade que apenas a história oral é capaz de revelar.

Índice Onomástico

Adele de Miguel Marques, 45, 159
Adriana Aparecida Felini, 51, 287
Adriana Bozzetto, 46, 162
Adriana da Silva Oliveira, 25, 70
Adriana Maria Ribeiro, 48, 172
Agenor Sarraf Pacheco, 16, 29, 30, 89, 92
Alaíze dos Santos Conceição, 50, 182
Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira, 60, 224
Alejandra Luisa Magalhães Estevez, 47, 168
Alessandra Lima dos Santos, 24, 65
Alexandra Castro Conceição, 29, 88
Alexandre Alves, 36, 111
Alexandre Luz Alves, 40, 137
Alexandre Velly Nunes, 57, 215
Alexsandro Coelho Alencar, 33, 108
Alexsandro dos Santos Machado, 26, 74
Alice Beatriz Assmann, 57, 214
Alice Beatriz S. G. Lang, 18
Alice Rigoni Jacques, 52, 190
Alicia Moraes, 20
Aline Baliberdín, 50, 182
Aline Pereira de Holanda, 24, 68
Alisson Sousa Castro, 58, 218
Amilcar Aroucha Jimenes, 28, 85
Anna Beatriz Ereias Ensslin, 52, 191
Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, 31, 95
Ana Carolina de Oliveira Dionísio, 26, 77
Ana Carolina de Siqueira Ribas dos Reis, 33, 107
Ana Carolina Reis Pereira, 41, 141
Ana Cláudia Martins de Oliveira, 35, 116
Ana Claudia Molina Zaqueu Xavier, 32, 100
Ana Daisy Araújo Zagallo, 26, 75
Ana Flávia Nascimento Paes, 25, 71
Analaura Corradi, 30, 92
Ana Lúcia de Lima Pazos Vasquez, 49, 175
Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, 29, 89
Ana Maria de Almeida, 34, 109
Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus, 14, 31, 95
Ana Maria Smith Santos, 30, 92
Ana Rafaela Correia Ferreira, 33, 106
Ana Renata do Rosário de Lima Pantoja, 51, 183

Ana Rita Fonteles Duarte, 46, 165
Anderson Rodrigo Tavares Silva, 39, 134
André Luiz da Silva Lima, 47, 170
André Mendes Capraro, 41, 141
Andréa Casa Nova Maia, 26, 75
Andréia Rosa Alves, 45, 160
Andressa Krieser Bauermann, 26, 76
Angela Beatriz Pomatti, 42, 147
Ângela de Castro Gomes, 18
Angela Maria de Castro Gomes, 27, 79
Anna Carolina Galhart, 32, 102
Antônia Lucivânia da Silva, 22, 34, 111
Antonio de Ruggiero, 16, 59, 219
Antonio Torres Montenegro, 18, 27, 77, 82
Antônio Vicente Garnica, 15
Arlene Lucena de Medeiros, 44, 155
Arthur Versiani Machado, 53, 195
Artur Diego da Silva Alexandrino, 39, 131
Aryana Lima Costa, 35, 116
Assis Felipe Menin, 49, 176
Augusto Jackson de Jesus, 44, 156
Augusto Luciano Ginjo, 58, 217
Aúrea da Paz Pinheiro, 18
Áurea Maria Guimarães, 38, 126

Bárbara Silva Coelho, 42, 147
Benito Bisso Schmidt, 14, 27, 79
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, 21
Bianca Santos Bento da Silva, 29, 88
Biane Peverada Jaques, 60, 224
Bibiana Werle, 58, 219
Bolívar Kieling Júnior, 55, 201
Brenda Soares Bernardes, 56, 209
Bruna Camila Both, 32, 103
Bruna da Silva Cardoso, 36, 117
Bruna Fernanda Barros de Moraes, 45, 161
Bruna Maria de Oliveira, 39, 133
Bruna Wandekoken, 36, 120
Bruno Mendes de Jeus, 27, 78
Bruno Sérgio de Andrade, 34, 110

Caio de Carvalho Proença, 31, 97
Camila Goulart Narduchi, 31, 98
Camila Martins Braga, 27, 81
Camile Biscola do Vale, 45, 160
Carina da Silva Bentlin, 21

Carla Cristina Barbosa, 43, 153
Carla Marcela Spannenberg Machado dos Passos, 32, 102
Carla Monteiro de Souza, 24, 68
Carla Rejane Barz Redmer Schneid, 51, 187
Carla Simone Rodeghero, 14
Carlos José de Farias Pontes, 34, 111
Carlos Rey Perez, 57, 211
Carmélia Aparecida Silva Miranda, 41, 142
Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik, 35, 115
Carmen Beatriz Pereira Leal, 28, 83
Carmen Lília da Cunha Faro, 39, 132
Carmo Thum, 20, 50, 179
Carolina Dellamore Batista Scarpelli, 48, 173
Carolina do Amarante, 23, 62
Carolina Reichert Andres, 36, 120
Carolina Rodrigues de Lima, 36, 119
Caroline Beskow Quintana, 25, 72
Caroline Machado Cortelini Conceição, 34, 124
Célia Costa Cardoso, 47, 167
Célia Santana Silva, 43, 151
Celso Diniz Nobre, 23, 61
Charles d'Almeida Santana, 24, 68
Chéli Nunes Meira, 43, 149
Christiane Garcia Macedo, 39, 133
Cinara Isolde Koch Lewinski, 42, 146
Clarícia Otto, 53, 196
Claudete de Sousa Nogueira, 35, 113
Claudia Cristina da Silva Fontineles, 23, 24, 61, 66
Claudia Cristina Hoffmann, 47, 167
Cláudia Musa Fay, 16, 59, 219
Cláudio de Sá Machado Júnior, 52, 53, 189, 196
Claudio Gomes da Victoria, 29, 87
Claudimiro Ferreira de Oliveira, 32, 101
Cláudio Pereira Elmir, 36, 118
Claudira do Socorro Cirino Cardoso, 42, 145
Cleria Botelho da Costa, 46, 163
Cleusi Teresinha Bobato Stadler, 49, 178
Cleverton Luis Freitas de Oliveira, 55, 203
Clóvis Dias Massa, 36, 119
Cornelia Eckert, 25, 72
Cristiane Pereira Martins, 37, 122
Cristiane Siefert Neuenfeldt, 51, 185
Cristiano Gehrke, 59, 223

Daiana Corrêa Vieira, 38, 129
Dalila Müller, 42, 148

Dalila Rosa Hallal, 42, 148
Daniela de Campos, 34, 112
Daniela Patricia Ado Maldonado, 35, 117
Daniela Pistorello, 58, 218
Daniela Signorini Marcilio, 24, 67
Daniel Duarte Silveira, 33, 104
Daniella de Almeida Moura, 55, 202
Daniel Lopes Saraiva, 37, 122
Daniel Martins Valentini, 36, 118
Danilo Borges e Silva de Araújo, 48, 171
Danilo Braga, 30, 93
Danilo Mendes Gomes, 45, 161
Dante Guimaraens Guazzelli, 28, 82
Darlene Rosa da Silva, 38, 129
David Dantas Targino, 23, 62
Débora Richter Cicogna, 25, 70
Deilson do Carmo Trindade, 29, 86
Deisiane da Silva Bezerra, 52, 189
Dernival Venâncio Ramos Júnior, 54, 199
Deusirene Magalhães de Araújo, 44, 156
Dhênis Rosina, 56, 210
Diego Garcia Braga, 47, 167
Diego Finder Machado, 58, 219
Diego Jeangregório Martins Guimarães, 54, 199
Diogo Franco Rios, 32, 33, 100, 104
Dóris Bittencourt Almeida, 17, 52

Ederson Prestes Santos Lima, 31, 99
Edicléia Xavier da Costa, 32, 102
Edineia Koeler, 51, 186
Edna Ribeiro de Ávila, 20, 42, 148
Eduarda Borges da Silva, 41, 142
Eduardo dos Santos Chaves, 41, 143
Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos, 23, 63
Egiselda Brum Charão, 59, 221
Eliana Inge Pritsch, 29, 89
Eliete Grasiela Both, 33, 104
Elisane Ortiz de Tunes Pinto, 38, 129
Elison Antonio Paim, 42, 146
Elis Regina Barbosa Angelo, 24, 66
Elizângela Carrijo, 43, 151
Eloísa Pereira Barroso, 15, 46, 164
Emelí Lappe, 51, 188
Emerson Rolkouski, 33, 105
Emmanuela Harakassara, 44, 154
Eneusa Mariza Pinto Xavier, 50, 180

Erinaldo Cavalcanti, 28, 84
Erineu Foerste, 51, 184
Ester Liberato Pereira, 40, 136
Eudes Fernando Leite, 16, 26, 74
Evandro Francisco Marques Vargas, 38, 128
Everton de Albuquerque Cavalcanti, 40, 138
Éverton Reis Quevedo, 42, 147

Eduardo Cristiano Hass da Silva, 52, 190
Edna Silva Simões, 53, 195
Elaine Lourenço, 53, 196
Eudes Fernando Leite, 16, 26, 74

Fabiana Aparecida da Silva, 45, 158
Fabiana de Moura Maia Rodrigues, 53, 194
Fabiane da Silva Prestes, 29, 90
Fabiene Passamani Mariano, 56, 208
Fabio Augusto Scarpim, 38, 129
Fabio Bordignon, 33, 107
Fabricio Barreto Fuchs, 31, 96
Fátima e Silva de Freitas, 49, 175
Felipe Vargas da Fonseca, 55, 203
Fernanda Lédo Flôres, 41, 142
Fernanda Mara Borba, 58, 216
Fernando Afonso Nunes Filho, 26, 76
Filipe Santos Fernandes, 32, 100
Flávia da Rosa Melo, 31, 96
Francine Nogueira Lamy Garcia Pinho, 54, 197
Francisca Maria Neta, 21, 51, 184
Francisco Alcides do Nascimento, 59, 219
Francisco Canella, 47, 169
Francisco Marcos Mendes Nogueira, 24, 68
Fredy Enrique González, 33, 108

Gabriela Contão Carvalho, 30, 94
Gabriela Corrêa Lopresti, 50, 181
Gabriela de Carvalho Monteiro Gonçalves, 57, 210
Gabriela Lopes Batista, 42, 148
Gabriela Mathias de Castro, 27, 81
Gabriel Dienstmann, 31, 99
Gabielli Anny Carniello de Oliveira, 45, 158
Geneci Guimarães de Oliveira, 59, 222
Geni Rosa Duarte, 49, 177
Ganivaldo Antonio Alves, 24, 68
German Adolfo Ocampo Sterling, 49, 177
Gérson Wasen Fraga, 54, 198

Gisele Belusso, 39, 131
Gisele Bochi Palma Moser, 36, 115
Gislane Ferreira de Melo, 57, 213
Gislene Edwiges de Lacerda, 46, 164
Gladis Hoerlle, 49, 178
Graziella Fernanda Santos Queiroz, 35, 114
Gregório Belinato, 55, 203
Guilherme Dunchatt Zettermann, 43, 152
Gustavo Henrique Rasia, 40, 137
Gustavo Luís Rauber, 29, 89

Helaine da Silva Souza, 38, 127
Helder Remigio de Amorim, 28, 83
Helena Alpini Rosa, 30, 90
Helenice Pereira Sardenberg, 49, 176
Heliana da Silva Gabriel Velarde, 30, 94
Heloá Cristina Bueno dos Santos, 45, 162
Heloisa da Silva, 32, 103
Hiran de Moura Possas, 30, 91
Humberto da Silva Miranda, 28, 83

Idelma Santiago da Silva, 47, 169
Igor Chagas Monteiro, 40, 139
Ilanil Coelho, 58, 215
Ilca Pena Baia Sarraf, 31, 95
Ilsyane Do Rocio Kmitta, 26, 74
Ione Maria do Carmo, 50, 183
Irenilda Maria da Silva, 48, 171
Isabel Guillen, 14
Isabela Lisboa Berté, 40, 135
Isabella Ferreira Cardoso, 50, 180
Isis Martins de Oliveira, 45, 160
Ivan Costa Lima, 55, 205
Ivete Maria Baraldi, 32, 100, 103
Ivonete Cristina Silva Campos, 34, 112

Jaime Cuellar Velarde, 30, 94
Jaime Valim Mansan, 46, 164
Janaine Trombini, 27, 78
Janete da Rocha Machado, 59, 220
Janice Gonçalves, 58, 218
Janice Zarpellon Mazo, 57, 214
Jaqueline da Silva de Oliveira, 59, 221
Jayson Azevedo Marsella de Almeida Pedrosa Vaz Guimarães, 44, 156
Jennyfer Thais Alves Ferreira, 23, 63
Jeronimo da Silva e Silva, 29, 30, 89, 94

Jeruza da Rosa da Rocha, 50, 181
Jéssica Leine de Souza, 45, 159
Joana Batista de Souza, 25, 73
Joana Maria Pedro, 19, 46, 165
João Aluizio Piranha Dias, 28, 86
João Carlos Tedesco, 17
João Marcelo Barbosa Dergan, 26, 74
João Marinho da Rocha, 28, 85
João Paulo Alves Costa, 56, 207
João Paulo Lucena, 27, 81
João Pedro Ramalho Martins, 47, 168
João Victor da Fonseca Oliveira, 53, 194
Jocirley de Oliveira, 58, 215
Jocyleia Santana dos Santos, 35, 117
Joelciléa de Lima Ayres, 29, 86
Joice Camila dos Santos Kochi, 60, 225
Jordana Wruck Timm, 37, 125
Jorge Pagliarini Junior, 49, 175
José Adelson Lopes Peixoto, 51, 184
José Bezerra de Brito Neto, 36, 119
José Edimar de Souza, 37, 38, 124, 130
José Jorge Andrade Damasceno, 24, 66
José Junio da Silva, 59, 222
José Walter Nunes, 50, 179
Josiana Ayala Ledur, 57, 214
Jovelina Lenir Carlini da Rocha, 47, 169
Juan Andrés Bresciano, 14
Júliana Fernandes Lorenzoni, 50, 180
Júliana Muylaert Mager, 31, 97
Juliano Custódio Sobrinho, 34, 112
Júlio Cláudio da Silva, 15, 28, 29, 84, 87
Júlio Ernesto Souza de Oliveira, 46, 166
Juniele Rabêlo de Almeida, 15, 41, 140
Jusamara Vieira Souza, 37, 123

Karla Magda Rodrigues Ferreira, 43, 150
Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot, 25, 70
Karlene Sayanne Ferreira Araújo, 48, 173
Katani Maria Nascimento Monteiro, 31, 97
Kátia Guerchi Gonzales, 34, 109
Katia Rubio, 56, 57, 210, 211
Kênia Souza Rios, 15
Kristina R. Llewellyn, 14

Lara Moncay Reginato, 31, 98
Larissa Maria de Almeida Guimarães, 59, 220

Larissa Plamer Teixeira, 25, 72
Larissa Verônica Martins Jeber, 53, 194
Laura Lívia da Fonseca, 39, 134
Laura Nogueira Oliveira, 52, 189
Leandro Garcia Pinho, 38, 128
Leandro Maciel Silva, 26, 75
Leandro Seawright Alonso, 41, 144
Leila Maria Prates Teixeira Mussi, 40, 136
Leno José Barata Souza, 41, 140
Leonardo Braga Borowski, 54, 197
Leonor Carolina Baptista Schwartzmann, 56, 208
Leticia Castilho Alvares, 39, 133
Leticia de Carvalho Santos, 25, 69
Letissia Crestani, 43, 151
Lindomar Lili Sebastião, 48, 171
Lilia Neves Gonçalves, 35, 114
Lizmari Crestiane Merlin Greca, 33, 104
Lorena Almeida Gill, 55, 201
Lourenço Resende da Costa, 59, 223
Lourival dos Santos, 42, 145
Lucas Andrade Sá Corrêa, 48, 173
Lucas Costa Grimaldi, 53, 195
Lucélia Nárjera de Araújo, 25, 71
Lúcia Grinberg, 14
Lúcia Helena Pereira Teixeira, 37, 123
Luciana Alves Mentges, 42, 147
Luciana Carlos Geroleti, 54, 200
Luciana Ferreira Angelo, 56, 57, 212
Luciana Hartmann, 15
Luciana Prass, 15
Luciana Vivian da Cunha, 35, 116
Luciane Maria Micheletti Tonon, 57, 213
Luciane Sgarbi Grazziotin, 14
Luciano da Silva Pereira, 48, 170
Luciano Py de Oliveira, 36, 120
Luciene Rivoire, 30, 93
Lucília Neves Delgado, 15
Lucimara Koss, 60, 225
Ludmila Mourão, 40, 139
Luís Fernando da Silva Laroque, 29, 90
Luiza Aguiar dos Anjos, 40, 138
Luiz Henrique dos Santos Blume, 41, 40
Luzia Aparecida de Souza, 33, 108
Luziano Pereira Mendes de Lima, 55, 204

Madalena Pedroso Aulicino, 24, 67

Magda de Abreu Vicente, 52, 190
Magno Michell Marçal Braga, 34, 113
Maíra Ines Vendrame, 60, 224
Maise Alves dos Santos, 37, 124
Manoela de Calazans Gonçalves, 53, 193
Manoel Caetano do Nascimento Júnior, 35, 114
Maralice Maschio, 50, 183
Marcelo Bezerra de Moraes, 33, 106
Marcelo de Sousa Neto, 23, 24, 61, 66
Marcelo Flório, 37, 122
Marcelo Góes Tavares, 51, 187
Marcelo José dos Santos, 44, 157
Marcelo Vianna, 27, 80
Marcia Costa Graichen Murbach, 32, 101
Márcia Maria da Graça Costa, 45, 158
Márcia Ramos de Oliveira, 36, 121
Márcio Ananias Ferreira Vilela, 27, 79
Márcio José Pereira, 44, 155
Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello, 36, 121
Marcos Luiz Hinterholz, 51, 191
Marco Aurelio Santana, 47, 168
Marcos Fábio Freire Montysuma, 35, 115
Marcos Gonçalves, 49, 178
Marcus Vinicius de Oliveira da Silva, 32, 99
Margareth Anne Camargo Contessa, 60, 225
Maria Alice Zimmermann, 57, 211
Maria Aparecida Lima dos Santos, 41, 145
Maria Beatriz Vieira Branco Ozorio, 55, 205
Maria Catarina Chitolina Zanini, 17
Maria Célia da Silva Gonçalves, 46, 163
Maria Cristina Dadalto, 55, 206
Maria Cristina dos Santos Louzada, 38, 130
Maria Cristina Rosa, 39, 134
Maria da Gloria Marroni, 56, 209
Maria Dalva Fontenele Cerqueira, 24, 65
Maria de Fátima Guimarães, 42, 146
Maria de Lourdes Leoncio Macedo, 38, 128
Maria Ednéia Martins Salandim, 33, 106
Maria Elena Bernardes, 37, 123
Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, 32, 100
Maria Giseuda de Barros Machado, 48, 172
Maria Grigorova Georgieva, 37, 123
Maria Helenice Barroso, 46, 163
María Inés Valdivia Acuña, 46, 163
Maria Izilda Santos de Matos, 56, 208
Maria Jorge dos Santos Leite, 44, 154

Maria Laura Gili, 58, 215
Maria Laura Magalhães Gomes, 33, 106
Maria Luisa Oliveira da Cunha, 39, 132
Maria Paula Nascimento Araujo, 20, 34, 110
Maria Rosa Barros, 44, 157
Maria Sílvia Duarte Hadler, 43, 149
Maria Teresa Cauduro, 27, 80
Maria Thereza Oliveira Souza, 40, 138
Marieta de Moares Ferreira, 14
Mariluci Cardoso de Vargas, 46, 165
Marina Almeida Martins, 43, 150
Marina Haizenreder Ertzogue, 26, 75
Marina Luz Rotava Paim, 43, 150
Maristel Pereira Nogueira, 39, 135
Marlene Almeida de Ataíde, 44, 156
Marli de Almeida, 46, 166
Marlise de Medeiros Nunes de Pieri, 43, 153
Marlos Bezerra de Mello, 37, 125
Marluza Marques Harres, 19, 54, 198
Marta Gouveia de Oliveira Rovai, 41, 140, 143
Martha de Leão Lemieszek, 59, 221
Mateus Trevisan França, 40, 137
Matheus Monteiro Feitosa, 25, 72
Mauro Passos, 36, 121
Mayara Cunha da Conceição, 45, 161
Méri Frotscher, 16, 48, 49, 174, 177
Michele Gonçalves Cardoso, 56, 209
Michelle Aline Barreto, 40, 135
Milton Melo dos Reis Filho, 27, 79
Míria Izabel Campos, 60, 225
Mônica Martins da Silva, 44, 154
Mônica Nickel, 51, 185
Munah Maleque Felicio, 56, 206
Murilo Silva Rezende, 35, 115

Nádia Lorena Sousa de Moraes, 58, 216
Nair Sutil, 43, 152
Nara Nörnberg, 38, 128
Natália Kohatsu Quintilio, 57, 211
Nathalia Teixeira Larrea, 33, 108
Nayjla Lane Ramos Gonçalves, 38, 126
Neilton de Sousa Ferreira Junior, 57, 212
Nelly de Freitas Moreli Rocha, 56, 208
Nelson de Lima Junior, 54, 198
Neucimeire Santos de Souza, 31, 95
Nilson Campos Saldanha, 28, 85

Noris Beatriz Costa Ney, 50, 181
Noris Mara Pacheco Martins Leal, 44, 155
Olga Von Simson, 15
Ozias Paese Neves, 55, 204

Pablo Francisco de Andrade Porfirio, 27, 28, 79, 82
Pablo Porfirio, 14
Pamela Siqueira Joras, 40, 140
Patrícia Carla Mucelin, 31, 98
Patricia da Silva Barbosa, 31, 95
Patricia Reinheimer, 56, 206
Patricia Rodrigues da Silva, 55, 206
Patrícia Weiduschadt, 38, 130
Paula Ritter, 41, 143
Paulo Roberto Rodrigues Simões, 45, 162
Paulo Tiago Fontenele Cardoso, 23, 64
Pedro Mülbersted Pereira, 43, 149
Pedro Pio Fontineles Filho, 23, 64
Pedro Romão Mickucz, 58, 216
Pedro Vagner Silva, 23, 62
Pere Petit, 29, 87
Priscila Paz Godoy, 48, 171

Rafaela Bertoldi, 40, 136
Rafael Campos Veloso, 57, 213
Rafael do Nascimento Lima, 45, 159
Rafaele Costa Flexa, 51, 184
Rafael Orlando de Oliveira, 41, 141
Rafael Sancho Carvalho da Silva, 36, 120
Raí Medeiros Veiga, 57, 215
Raimundo Nonato Gomes dos Santos, 23, 63
Raphael Chaves Ferreira, 54, 201
Raquel de Melo Giacomini, 53, 196
Raquel Santos Schwonke, 53, 194
Regina Beatriz Guimarães Neto, 28, 84
Regina Magna Bonifácio de Araújo, 38, 126
Regina Weber, 17, 49, 174
Renan Rubim Caldas, 39, 131
Renata Aparecida Zandomenighi, 33, 105
Renata Brião de Castro, 38, 130
Renato Muchiuti Aranha, 24, 69
Rhuan Targino Zaleski Trindade, 26, 77
Ricardo Franklin de Freitas Mussi, 40, 136
Ricardo Santhiago, 36, 37, 118, 121, 123
Rita de Cássia Almeida Santos, 48, 172
Robenilson Nascimento dos Santos, 48, 172

Roberta da Silva Morais, 46, 163
Roberta Navas Battistella, 52, 188
Robson Laverdi, 26, 77
Robson Vasconcelos Garcia, 44, 157
Rodrigo Cribari Prado, 49, 176
Rodrigo de Azevedo Weimer, 54, 198
Rodrigo de Souza Wanzeler, 30, 92
Romilda Belchior da Costa, 29, 87
Rosângela da Silva Quintela, 29, 88
Roseli Boschilia, 48, 50, 174, 177
Rosiane Marli Antonio Damazio, 52, 192
Roswithia Weber, 23, 61
Ruberval Rodrigues de Sousa, 30, 93

Sádia Maria Soares Azevedo Rocha, 38, 127
Salânia Maria Barbosa Melo, 25, 73
Samira Moratti Frazão, 42, 145
Samuel Carvalheira de Maupeou, 54, 198
Samuel Silva Rodrigues de Oliveira, 42, 144
Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes, 43, 151
Sara Farias, 14
Sara Oliveira Farias, 55, 203
Seila Alves Pugas, 32, 102
Sidinalva Maria dos Santos Wawzyniak, 59, 220
Sidney José do Carmo, 24, 67
Silvana Maria Gomes da Rocha, 56, 207
Silvana Santos Bispo, 50, 183
Silvana Vilodre Goellner, 15, 39, 132
Silvania Rubert, 47, 166
Silvanio Coelho Mota, 55, 204
Silvia Margarita Reyes Corea, 30, 91
Simone da Silva Simões, 44, 157
Soeli Regina da Silva Lima, 47, 168
Sofia Robin Ávila da Silva, 30, 93
Stéffano Muniz Figueiredo Costa, 28, 84
Suélen de Souza Andres, 40, 136
Suellen dos Santos Ramos, 40, 139
Suely Ramos da Silva, 53, 192
Suzana Bitencourt, 43, 152
Syrleá Marques Pereira, 55, 206

Tais Alves de Souza, 45, 159
Tânia Cavalcante Pires, 45, 160
Tania Maria Fernandes, 23, 64
Tânia Maria Gomes da Silva, 54, 200
Tamires Xavier Soares, 60, 227

Tarcila Kuhn Alves de Paula, 27, 78
Tatiana de Oliveira Santana, 51, 185
Tatiane Vedoin Viero, 52, 191
Tatyana de Amaral Maia, 31, 96
Telma Bessa Sales, 22, 41, 140
Temis Gomes Parente, 19, 29, 89
Thais Kalile Zschaber Nogueira, 43, 150
Thayanne Tavares Freitas, 30, 91
Thiago Ferreira dos Santos, 37, 125
Thiago Reisdorfer, 49, 179
Tiago Arcanjo Orben, 54, 200
Tuany Defaveri Begossi, 57, 214

Valdemar de Assis Lima, 58, 217
Valdiney Cesario Ferreira, 59, 222
Valesca Brasil Costa, 37, 124
Valeska Alessandra de Lima, 53, 193
Vanderlei Machado, 48, 174
Vanessa da Luz Oliveira, 25, 73
Vanessa Massoni da Rocha, 42, 146
Vanessa Matheus Cavalcante, 19
Venize Nazaré Ramos Rodrigues, 29, 86
Véra Lucia Maciel Barroso, 20, 24, 69
Verena Alberti, 14, 34, 71, 97, 110, 115, 184, 197
Veruska Lauriana da Silva de Carvalho, 52, 192
Vicente Martins Dalla Chiesa, 60, 226
Vinicius Marcelo Silva, 42, 147
Vinícius Sanches Tizzo, 32, 103
Virginia Litwinczik, 51, 186
Viviane Aparecida Bagio, 33, 105
Vivian Iwamoto, 60, 223

Wanderley Maycon Lange, 60, 226
Walace Rodrigues, 50, 179
Walmir da Silva Pereira, 29, 89
William Douglas de Almeida, 57, 212
Williane Barreto Moreira, 34, 109
Willian Lazaretti da Conceição, 38, 126
Wilma Aparecida de Castro Ribeiro Alves de Melo, 45, 159
Witembergue Gomes Zaparoli, 35, 113

Yomara F. C. de Oliveira Fagionato, 43, 151
Yuria Santamaria Pismel, 25, 73